

CAROLINA MATSUO

O SUMIÇO DE BEATRIZ



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O SUMIÇO DE BEATRIZ

Brasil e Venezuela vencem disputa comercial contra EUA sobre gasolina
OMC aceitou queixas de que Governo americano estava discriminando o

Brasil e Venezuela vão unir empresas de petróleo

O SUMIÇO DE BEATRIZ

CAROLINA MATSUO

CONFIDENTIAL



1ª edição

São Paulo|2014

Carolina Akemi Sepulveda Matsuo

Brasil
----- Fronteira política
----- Fronteira de fato
★ Capital Federal
● Capital Estadual

mudará emenda do petróleo

Copyright © 2014 de Carolina Matsuo

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, sem a permissão expressa e por escrito da autora.

O conteúdo desta obra está registrada na Fundação Biblioteca Nacional, e os respectivos direitos autorais pertencem exclusivamente à autora.

Este e-book não pode ser revendido e nem compartilhado com outras pessoas.

Capa

Paulo Gonçalves Magalhães

Diagramação

Carolina A. S. Matsuo

Revisão

Luana Bilhalva da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro,SP, Brasil)

Matsuo, Carolina
O sumiço de Beatriz [livro eletrônico] /
Carolina Matsuo. -- 1. ed. -- São Paulo :
Ed. do Autor, 2014.
1000 KB; e-PUB

1. Ficção brasileira I. Título.

14-07183

CDD - 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Página de informações sobre o livro e autora

Leia as novidades em

<https://www.facebook.com/OSumicodeBeatriz>

*Para todos aqueles que tiveram esperança,
superaram seus medos e
seguiram em frente.*

Nota da Autora

O Sumiço de Beatriz é uma obra de ficção. A descrição do cenário foi baseada em fatos, mas seus eventos foram inventados para efeitos dramáticos. Como por exemplo, os acontecimentos históricos não seguem a mesma ordem cronológica da realidade quando descritos no livro, assim como aspectos geográficos da cidade do interior foram romantizados. Dessa forma, qualquer semelhança com pessoas, eventos ou locais reais é mera coincidência.

Índice

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Glossário](#)

Capítulo Um

Retalhando as folhagens secas do outono e estilhaçando os pequenos gravetos que estavam em sua frente, uma bala disparada de uma SIG Sauer P226 atinge um dos vários troféus expostos em cima da estante da sala de estar.

Por uma pequena porta que dava para o porão, Beatriz descia ligeiramente a escada composta por estreitos degraus que nem se deu conta do cheiro de mofo e da madeira apodrecida. A cada passo, o ranger das madeiras tornava-se mais alto, até o momento em que ela ouviu um forte estalo do degrau abrindo-se ao meio. Instantes depois, ela sentiu uma ardência aguda no seu tornozelo esquerdo, o que a fez perder o equilíbrio e cair escada abaixo quebrando os demais degraus.

O barulho provocado pelo tombo direcionou a atenção dos quatro homens armados, que percorriam os cômodos compostos por um mobiliário de estilo clássico perseguindo Beatriz. Desviavam-se dos móveis distribuídos com graça e dotados de tanta beleza que faziam lembrar o movimento Rococó. Com agilidade, Christian saiu da cozinha e atravessou a sala de estar encontrando-se com André e Pedro, que saíram dos quartos superiores e pularam, num piscar de olhos, a escada do mezanino situada em cima da porta do porão. Enquanto isso, Julius andava pesadamente,

vindo ao encontro dos três, por um extenso corredor que interligava o *hall* de entrada com os fundos da casa.

Ao escutar os passos aproximando-se da porta, Beatriz, ainda caída no chão, procurava ao seu redor, em meio à luz fraca, uma maneira de sair de lá. Havia muita poeira assentada nos móveis, nas antigas máquinas de costura, em um guarda-roupa cheio de figurinos, antes usados em peças teatrais, e numa pequena janela, onde o vidro de transparente se tornou opaco e quase deixou de ser notado.

Um forte impacto estremeceu as estruturas das paredes de madeira, assim como a estante cheia de livros rodeada por uma mesa de xadrez e o lustre de cristal pendurado no centro do mezanino da sala de estar. Julius havia arrombado a porta do porão.

Assustada e com um corte oriundo de uma lasca de madeira enfincada no seu tornozelo esquerdo, ela avistou a madeira partida dos degraus pendurada pelas nervuras. Levantou-se com dor e arrancou um pedaço suspenso da madeira para poder quebrar a vidraça. Subiu em cima da mesa e bastou um golpe na janela para que a luz pudesse tomar conta do ambiente.

Nesse momento, Julius, um homem de pele morena e cabelos pretos, com a barba por fazer, alto e com peso acima de cento e cinquenta quilos, veio abaixo quando desceu o primeiro degrau da escada. Extremamente aflita, Beatriz subiu em cima de uma das caixas de madeira que estava sobre a mesa, suspendeu seu corpo com os dois braços e passou pela janela, caindo no chão do lado de fora da casa. Em seguida, olhou para dentro do porão, notando que em cima de uma das caixas de madeira estava sua antiga maleta de trabalho e tentou alcançá-la estendendo o seu braço

esquerdo. Mas logo viu André saltar a escada em segundos e, em meio aos tiros dados por ele, conseguiu puxar a maleta rapidamente e correu.

Gotas de sangue foram derramadas no gramado do jardim pelo corte no tornozelo que ainda estava com as farpas de madeira, dificultando a fuga até a margem do rio distante apenas cinquenta metros, contundo os arbustos e as árvores distribuídas pelo caminho obstruíam a mira da HK45 segurada por Pedro, que acompanhava a fuga pela janela da sala.

Correndo ao limite do seu corpo, Beatriz chega à margem do rio. Desatracou o Romano, sua lancha de casco branco, com faixas em vermelho e dourado; e o empurrou para dentro da correnteza. Em poucos segundos, ela saltou para dentro do barco, ofegante e com finos tremores nas mãos. Puxou rapidamente o cordão de arranque do motor de popa, mas foi surpreendida pelo esforço em vão. O manípulo despedaçou e o motor não ligou.

Embarcada no meio do rio e com seu corpo tomado pela adrenalina, procurou desesperadamente algum instrumento que pudesse ajudá-la a substituir o manípulo. Abriu sua maleta e pegou dois pincéis grandes de madeira, revestidos de metal usados como ferramenta para maquiagem, e com a extremidade da corda que estava presa no manípulo, ela os amarrou fortemente e em seguida, puxou o cordão de partida, enquanto o Romano era alvejado pelos tiros da P226 de Christian que corria atrás dela.

Em meio aos tiros, a lancha disparou sobre a água após sucessivas tentativas de acioná-la, porém, o tanque de combustível foi atingido, não permitindo que pudesse fugir para muito longe.

Deixando o pequeno chalé de arquitetura suíça para trás juntamente com seus perseguidores, Beatriz, um pouco mais calma, começou a cuidar

do corte em seu tornozelo, que embora não fosse profundo, ainda tinha algumas farpas enfiadas o que provocava muita dor ao movimentá-lo.

Dentro de sua maleta, podia-se encontrar desde acessórios para costura, aos de cabelo e maquiagens, que foram usados em seus antigos trabalhos de figurinista e maquiadora. Beatriz pegou uma pinça para tirar as farpas, algodões e um adstringente, que apesar de estar com o prazo de validade vencido, foi usado para estancar o sangramento do corte.

O Romano percorria pelo rio que atravessa a formosa Vila Abernécia, e sua correnteza trazia consigo construções europeias à sua margem, junto à vegetação campestre da Serra da Mantiqueira. O vento gelado que batia continuamente no rosto de Beatriz estremecia seu corpo de frio, fazendo com que ela desejasse uma bebida quente para se aquecer.

Enquanto ela enviava uma mensagem pelo celular ao seu amigo Tomaz, o motor começou a falhar devido ao vazamento do tanque, obrigando-a atracar o Romano próximo ao centro da charmosa cidade de Campos do Jordão.

Cuidadosamente, saltou para as margens do rio e, através dos arbustos, avistou uma travessa com várias boutiques de roupas e acessórios expondo os produtos em liquidação à beira da calçada. Próximo à esquina, havia uma presença bastante notável. Julius trombava seu imenso corpo com os turistas, que davam meia volta e reclamavam, mas sua expressão ameaçadora os intimidavam, fazendo com que logo se afastassem. Enquanto isso, Pedro ficava de tocaia na sacada do hotel de frente para uma praça, a qual estava cheia de pessoas assistindo uma banda no coreto.

O badalar dos sinos às sete horas da noite encerrava a missa do dia. A quantidade de pessoas que saía da igreja e tumultuava a praça dificultava tanto a observação de Pedro para qualquer movimento suspeito quanto a de

André e Christian que andavam nas proximidades. Nesse instante, aproveitando a oportunidade para se misturar no meio da multidão, Beatriz correu em direção as boutiques, apanhando ligeiramente uma boina, um sobretudo, um par de botas e um cachecol, deixando em troca uma quantidade de dinheiro. Vestiu-se com a agilidade de um ilusionista e saiu da travessa sem ser notada pelos homens que a procuravam.

“Me espere no Tradicional Café, às vinte horas. Bia.”

De forma concisa, a mensagem chegou a Tomaz. Um homem de físico atraente, nos seus 30 anos idade, de pele clara, com cabelos castanhos curtos cacheados e dono de um belo par de olhos verdes. Seus pais deram-lhe os traços europeus e uma grande habilidade culinária. Sua mãe faleceu poucos meses após ter contraído um caso grave de malária quando visitou os avós em Marrocos, e Tomaz, ainda criança, foi criado por seu pai, de descendência portuguesa.

Dotado de disciplina e carisma herdados dos pais, Tomaz era uma pessoa apaixonada por essência, amigo de infância de Beatriz e dono do Tradicional Café, antiga padaria de seu pai. Ele coordenava desde os trabalhos da cozinha até a forma de atendimento com os clientes, fazendo com que os doces, os quitutes e as tradicionais bebidas quentes fossem servidos no momento certo.

Ansiosamente, enquanto Tomaz aguardava sua amiga que não via desde o dia da festa de inauguração do Tradicional Café, há mais de dois anos, recordava que na comemoração estavam os seus amigos do curso de gastronomia, a maioria embebedada após doses de tequila e uísque,

cantarolavam músicas bregas e dançavam Macarena em cima das mesas. Além deles, os antigos funcionários da padaria parabenizavam seu pai pela reforma e por poderem ter voltado a trabalhar. Sentada na mesma mesa que seu pai estava tia Giselda, uma senhora solteira de olhos pretos, cabelos castanho-claro até a altura do queixo e com uma boa forma física que fazia com que ela aparentasse menos idade. Ao lado dela estava Beatriz, sua sobrinha, que usava um vestido salmão de crochê tornando sua beleza tão graciosa que ele mal conseguia tirar os olhos dela. Uma vez ou outra, seus olhares se cruzavam no meio do Tradicional. Ela o olhava com seus doces olhos negros, enquanto ele retribuía com um largo sorriso de contentamento ao vê-la ignorar as aventureiras tentativas dos seus amigos alcoolizados em conquistá-la.

O Tradicional Café começou a encher, já havia passado das oito horas da noite e os clientes entravam para se abrigar do frio e se acomodar, enquanto isso, Tomaz batia repetidamente a caneta no balcão e olhava fixamente para a porta de entrada. Alguma coisa havia de ter acontecido, Beatriz tinha uma pontualidade britânica e não se atrasaria tanto, e por isso, a ansiedade de antes se transformava em preocupação. Tomaz resolveu discar o número que pertencia à mensagem, mas não obteve resposta. Saiu de trás do balcão e passou por entre as mesas, sendo cumprimentado pelos seus clientes mais antigos. O caminho a se percorrer até a porta de entrada do Tradicional era uma das tarefas mais demoradas para Tomaz, mesmo que o ambiente do Café não fosse tão grande, usava seu carisma para cumprimentar cada uma das pessoas das mesas que o abordava.

Quando finalmente chegou à porta de entrada, observou alguns policiais circulando pela rua e outros entrando em estabelecimentos comerciais, prática que não era comum naquele lugar. De repente, em meio à música

ambiente de *Sound of Silence* de Simon & Garfunkel e do barulho das pessoas conversando, uma voz suave tocou os ouvidos de Tomaz:

– *Serveur, mon chocolat chaud.*

Ao virar-se, Tomaz fica surpreso ao ver uma elegante mulher de sobretudo e botas pretas. Usava um cachecol marrom, que combinava com a pele bronzeada de sol, e uma boina azul escura, que encobria os seus cabelos. Com a cabeça um pouco inclinada, fazia com que escondesse um dos seus olhos.

– Oh, perdão. Irei buscar seu chocolate quente! – disse Tomaz envergonhado, mas sem tirar os olhos dela. – Sente-se nesta mesa, por fav... Bia?! Bia!!!

– Shhh, preciso falar com você! Venha! – Beatriz puxou Tomaz pelo braço levando-o para a cozinha.

– Bia! Que saudades!! – abraçava-a calorosamente. Tudo bem com você e com a tia Giselda?

Os ombros de Beatriz caíram e seu olhar perdeu o brilho afundando-se em melancolia. Tomaz, em desespero à reação da sua amiga, apoiou-se na mesa da cozinha, abaixou a cabeça e perguntou, aguardando uma má notícia:

– O que aconteceu com a Tia Giselda?

– A culpa foi toda minha, Tom. – com os olhos marejados, ela se sentou na cadeira e levou as mãos em seu rosto.

– A tia está doente??

– Tinha muita fumaça e estava muito quente, o fogo tomou conta do lugar... – contava ela, balançando a cabeça.

– Ela se queimou? Diga, Bia! – disse ele, angustiado.

Beatriz se levantou da cadeira subitamente e exclamou em desespero:

– Tomaz, a tia foi morta!!

Levando as duas mãos à cabeça, sem acreditar, Tomaz andava inquietamente de um lado para o outro.

– Eu não estou entendendo... O que você está me dizendo, Bia?! Como?! Por quê?! Isso não faz sentido... Quem mataria sua tia, a mulher mais bondosa e correta que eu já conheci? Vamos até o escritório.

Atravessando a cozinha, desviavam-se dos funcionários que estavam a todo o vapor atendendo aos pedidos e passaram em frente a grandes armários brancos com suportes, onde guardavam as panelas, copos, pratos, dentre outros acessórios de cozinha, além de vários livros de receitas da culinária internacional.

Tomaz abriu ligeiramente a porta do seu escritório e pediu para que ela se sentasse na pequena poltrona ao lado da mesa.

– Bia, o que está acontecendo? – perguntou Tomaz, segurando as mãos dela e olhando fixamente em seus olhos.

Após um profundo suspiro, ela se lembrou da época do colégio em que a tia Giselda lhe ajudou a desenhar e costurar as roupas; e a maquiagem os colegas para uma peça teatral que tinha um roteiro de terror.

– Tom, lembra-se de quando os zumbis invadiram o palco e desceram na plateia com os corpos todos ensanguentados? Tinham pais que não reconheciam seus próprios filhos!

Sem entender, Tomaz notou que não fazia sentido o que Beatriz estava dizendo diante da situação. Enquanto ela contava sobre a época de colégio, ele recordava do susto que havia levado quando viu seus colegas vestidos e maquiados como zumbis. Lembrava que a diretora teve que censurar a apresentação para a turma mais nova por conta do impacto que estava causando nos alunos.

– Apesar de não termos ganhado o concurso de melhor peça, eu recebi o prêmio de melhor maquiagem, foi quando eu percebi no que eu era realmente boa, você lembra disso?

Ele olhava preocupadamente para Beatriz e pensou que a morte da tia Giselda tivesse a deixada extremamente abalada, por isso preferiu deixá-la falar.

– Com o incentivo da minha tia, eu fiz faculdade de moda, onde eu aprendi a desenhar tecnicamente as roupas e confeccioná-las. Como os professores gostavam da minha criatividade, indicavam-me para fazer alguns trabalhos com figurino no teatro e cinema. Em um desses trabalhos, havia um maquiador que era péssimo, então eu pedi permissão para que eu tentasse fazer a maquiagem. O produtor gostou tanto que depois disso aperfeiçoei minha técnica, especializando-me em maquiagem e em tecidos, morando em Milão e em Paris nos últimos dois anos.

Beatriz pegou sua maleta e a colocou no chão a frente de Tomaz.

– Está vendo essa maleta?

– Parece ser bem antiga, o que tem dentro? – perguntou ele, angustiado.

– Eu a tenho desde a época da faculdade e eu a carregava comigo quando fazia alguns trabalhos. Ganhei vários concursos de maquiagem e prêmios de figurino usando essa maleta, acho que ela me dá sorte de alguma maneira. – Beatriz a abriu. – Aqui dentro tem maquiagens, pentes, agulhas, carretel de linha... Mas você é cozinheiro, não precisará de nada disso. – olhou para Tomaz dando um sorriso discreto.

Ainda intrigado sobre o que estava acontecendo e mais preocupado com Beatriz, ele tentou acalmá-la.

– Talvez eu pudesse usar esses algodões, caso eu me corte com alguma faca. – disse Tomaz pegando um pedaço de algodão de dentro da maleta. –

E... Bia... Por que você está vestida assim? Com essa maquiagem, com essas roupas... Mal pude reconhecê-la.

– Eu cheguei aqui com a minha lancha e com quatros homens me perseguindo até o... – ela foi interrompida quando um dos cozinheiros bateu a porta do escritório.

– Com licença senhor Tomaz, há dois policiais no balcão que estão deixando nossos clientes temerosos.

– Bia, espere aqui, por favor. Voltarei logo. – disse ele ao deixar o escritório.

Cismada, ela saiu logo atrás dele e ficou na cozinha, atrás da porta que dava para o salão. O Tradicional estava cheio de pessoas naquela noite, os termômetros registravam dez graus Celsius e ainda era final de outono. Garçons passavam com as bandejas de um lado ao outro e os clientes acomodados no balcão de estilo americano encobriam a visão de Beatriz que vigiava pela pequena janela circular da porta.

Enquanto Tomaz se aproximava do balcão, as duas pessoas que se identificaram como sendo policiais viraram-se de frente para ele, alguns garçons que estavam no salão se afastaram, e, por um momento, a visão de Beatriz foi desobstruída, permitindo-a reconhecer André. Um homem de estatura média, magro, com cabelos loiros de corte baixo, estilo usado nas forças armadas; e ao lado dele estava Christian, o mais novo dos quatro homens. Tinha 33 anos de idade, branco, com cabelos lisos e pretos, dotado de um corpo atlético e ágil, pertenceu ao grupo de atiradores do exército, antes de ser rebaixado por falta de disciplina.

Assustada, agachou-se imediatamente. Pensava em alguma maneira de avisar seu amigo sobre aqueles homens.

– Pois não, em que posso ajudá-los? – Tomaz perguntou desconfiado da aparência dos dois ‘policiais’ que utilizavam casacos pretos, calças jeans e seguravam um tipo de óculos especial.

– Estamos procurando por um sujeito que anda assaltando alguns estabelecimentos comerciais da vizinhança, por isso temos que entrar e verificar se está tudo em ordem. – respondeu André olhando por cima do ombro de Tomaz.

– O Tradicional não foi assaltado nenhuma vez desde a inauguração e não ouvi nenhum comentário na vizinhança sobre isso. – respondeu desviando o olhar para a porta de entrada, Tomaz estranhou os dois homens do lado de fora na calçada.

Um homem de pele morena, cabelos longos pretos, presos num rabo de cavalo na nuca, com traços característicos de mestiços de branco com índio estava parado na porta da frente e observava o movimento da rua. Fumava um charuto fininho que exalava um marcante aroma picante de baunilha para dentro do Tradicional. Enquanto o outro homem de porte maior, com os braços cruzados, encostava-se no carro.

– Temos que entrar e verificar se o seu Café está seguro. – disse Christian impacientemente.

– Com licença, senhor Tomaz. – interrompeu o garçom servindo uma xícara de café aos três. – Café Arábica com tiras de limão. – disse ele, retirando as xícaras da bandeja e acomodando-as no balcão.

Enquanto André e Christian pegavam as xícaras de café, o garçom ajeitava sutilmente os guardanapos do lado dos pires, deixando no de Tomaz uma pequena mensagem escrita quase que imperceptível. Após tomar o café, Tomaz pegou o guardanapo e viu a mensagem de Beatriz, que

denunciou os dois homens a sua frente. De repente seu coração disparou, mas se esforçou para aparentar tranquilidade.

– Queremos ver a cozinha. – disse André, levantando-se do balcão e indo em direção à porta.

– Não são necessários esses óculos especiais para entrar na cozinha. Vocês não podem entrar vestidos assim! – disse Tomaz, exaltadamente aos dois homens que, bruscamente, empurram a porta da cozinha derrubando um garçom e assustando os clientes do Tradicional.

Enquanto Christian colocava seus óculos especiais para percorrer a cozinha, Tomaz desesperadamente tentava impedir que André chegasse à porta do escritório, colocando-se no meio do caminho, mas foi agredido com um golpe no estômago que o levou ao chão.

Na tentativa de golpear André, um dos garçons pegou uma faca em cima da mesa, mas foi surpreendido por Christian que sacou a arma por debaixo do casaco e o ameaçou.

Com os funcionários da cozinha rendidos e Tomaz no chão, André abriu a porta do escritório, violentamente, com sua arma em punho. Nesse momento, Tomaz, ainda com muita dor, virou-se de joelhos para a porta e olhou para dentro do escritório com os olhos cerrados e desesperançosos. Ao mesmo tempo, ouvia suas coisas sendo reviradas e esperava o momento em ver sua amiga sendo puxada por André para fora.

Pensando em ser o seu último suspiro, Tomaz temia a fúria de André, que o encarava apontando a pistola .22 TCM para sua cabeça. Impaciente, ele o derrubou com uma coronhada na cabeça.

Sem sucesso de encontrar Beatriz, os dois homens saíram rapidamente pela porta dos fundos e partiram no carro com Pedro e Julius.

Alguns dos cozinheiros conseguiram acordar Tomaz, que se levantava cambaleante e desnordeado.

– Senhor Tomaz, você está bem? – perguntou um dos cozinheiros.

– Bia... – disse ele, apoiando-se na parede e na mesa para se levantar. Em seguida, andou até o escritório. – Eles a levaram!!! – gritou em desespero.

– Fique calmo. Aqueles homens não levaram nada do Tradicional e todos nós estamos bem. Eles saíram correndo logo depois que um deles o acertou. – disse Gabriel, maître e amigo de Tomaz.

– Não a levaram?! Nenhum de vocês viu uma mulher de boina azul sair daqui de dentro? – Tomaz perguntou com preocupação.

– Ela me pediu para que eu lhe entregasse a mensagem com o café, depois disso eu não a vi mais. – respondeu o garçom.

– Eles não eram policiais, não é, senhor? – perguntou uma auxiliar de cozinha.

– Mas também não eram ladrões... Eles não levaram nada! – disse o cozinheiro.

Um pouco mais tranquilo em saber que Beatriz não foi sequestrada, Tomaz tentou acalmar os seus funcionários para voltar à rotina de trabalho. Ordenou aos garçons para que oferecessem Cappuccino como cortesia aos clientes, mesmo de não terem notado a agitação na cozinha. Saiu do Tradicional Café pela porta dos fundos e ao andar pelas ruas, notou que não havia mais policiais rondando por ali, como horas antes.

Chegando perto da praça que estava quase deserta por causa do frio que fazia, viu uma viatura da polícia parada de frente à igreja e resolveu ir até os dois policiais para avisá-los sobre o ocorrido no Tradicional. Enquanto caminhava em direção a eles, um Audi Q3 com a pintura e vidros tão

escuros que mal se conseguia ver através deles veio em alta velocidade e freou, cantando os pneus, parando atrás da viatura, assustando alguns pedestres que se afastaram do lugar. Tomaz ficou receoso e correu para se esconder no meio dos arbustos. Ainda que um pouco distante deles, ele viu um homem descer do carro. Era alto e estava com os cabelos presos, muito parecido com o homem que estava na frente da porta de entrada do seu Café. Ele se distanciou do carro e foi para trás da igreja. Em seguida dele, desceu outro homem, loiro e esguio, que foi em direção aos policiais. De repente, ele sacou a arma e apontou para o policial que estava dentro da viatura, ouvia-o ameaçando, mas antes que pudesse puxar o gatilho, outro homem desceu do carro pela porta de trás e rapidamente o desarmou. Tomaz sem sombra de dúvidas os reconheceu.

As poucas pessoas que andavam pela praça não perceberam o que estava acontecendo. Christian tinha uma agilidade impressionante, desarmou André e o jogou para dentro do carro tão rápido que quase não foi acompanhado pelos olhos de Tomaz. O Audi acelerou deixando a praça e logo atrás dele, a viatura da polícia foi embora ao som das doze badaladas dos sinos da igreja.

– Homens, policiais... ou melhor, falsos policiais invadindo meu Café, vasculhando minhas coisas. Ladrões? Mas que não roubam nada e possuem contato com outros policiais militares. Por que diabos estão atrás da Bia...? – pensava Tomaz ao voltar para o Tradicional.

Já passava da meia noite e os funcionários do Café começavam a fechar as portas, esperando o último cliente sair e Tomaz aparecer.

– Chef!! Estávamos preocupados, como você está? – disse uma das auxiliares de cozinha quando o viu entrar pela porta dos fundos.

– Eu preciso de um café bem forte antes de ir para casa! – disse ele, sentando-se na cadeira.

– Eu pego uma xícara para você. – falou prontamente Gabriel.

– Todos passaram por um grande susto hoje. Podem ir descansar que eu termino de fechar o Café.

– Não quer que eu fique? – perguntou seu amigo.

– Eu já estou saindo... Obrigado por tranquilizar o pessoal na cozinha!
– agradeceu Tomaz dando um abraço em Gabriel.

Minutos depois, ao chegar à sua casa, exausto, ele ficou esperançoso em ver a secretária eletrônica apontando uma mensagem:

– Viva, Tom... estás em casa? Estás bem? Filho, quero avisar-te que devo ficar em Lisboa mais algumas semaninhas, por isso não me vás buscar ao aeroporto amanhã cedo. A tua avó deve voltar ao hospital para fazer novos exames e eu vou acompanhá-la. Abraços!

Desapontado por não ter sido uma mensagem de Beatriz, mas tranquilo por seu pai ficar longe dessa situação, se deitou no sofá da sala e logo caiu no sono, dormindo até a manhã seguinte.

Triiiiiim... triiiiiim...

– Alô!! – Tomaz atende o telefone após dar um salto de susto de cima do sofá.

– Tomaz, já são mais de sete horas da manhã! Você perdeu a hora e já têm clientes aqui na porta do Tradicional esperando você vir abrir. – alertou Gabriel.

– Nossa!! Já estou indo! – desligou o telefone e correu para lá.

Com dores em todo o corpo, ele chegou ao Tradicional Café em alguns minutos. Abriu o estabelecimento com o pedido de desculpas pelo atraso aos seus funcionários, e pessoalmente, cumprimentou seus fregueses da

manhã, que foram muito compreensivos. Foi até seu escritório e começou a arrumar a bagunça que André havia deixado. Parecia que um tufão havia entrado pela janela. Suas gavetas de documentos, livros, até o quadro da parede, estavam todos espalhados pelo chão. Cacos de vidro e de porcelana provenientes das xícaras e dos copos que antes estavam em cima da mesa, além dos porta-retratos da estante, foram todos destruídos. Ele se abaixou e retirou do meio dos cacos, uma foto de formatura do colégio em que ele estava ao lado de seu pai, junto com a tia Giselda e Beatriz. Sentou-se na poltrona e, enquanto observava a foto, perguntava a si mesmo sobre o que havia acontecido na noite passada.

– Ah... Tia Giselda, sempre foi uma mulher elegante, de bom coração, como veio a falecer? Meu pai ficará tão triste quando souber. Bia... Irreconhecível, mas linda. O que você estava querendo me dizer? Você estava sentada bem aqui, na minha frente... E estava me contando sobre... sobre... Minha nossa!! – Tomaz se levantou e levou as mãos à cabeça. – Ela disse que a tia Giselda foi morta, morta! Como eu sou burro! Era isso que ela estava tentando me dizer, que a tia Giselda foi morta por aqueles homens?! Homens que se passavam por policiais... Que me apontaram uma arma na cabeça e ainda ameaçava atirar nos meus funcionários?! – disse ele, desesperado.

Inquieto, Tomaz chamou Gabriel, que é o seu braço direito no Tradicional, e o avisou que ia ter de se ausentar por alguns dias.

Passando-o todas as informações necessárias e despedindo-se dos seus funcionários, Tomaz deixou o Café às pressas, e determinado, saiu em busca de respostas à procura de Beatriz.

Capítulo Dois

Toc... toc... toc...

Na varanda de entrada, cercada por enormes colunas que imitavam o Panteão de Roma, Tomaz batia com a aldrava na porta de madeira de dois metros e meio de altura, cujo som ecoava pela imensa casa branca situada numa tranquila cidade do interior paulista. Aproximou-se das janelas ao lado da porta na tentativa de enxergar a parte interna, mas as cortinas o atrapalharam. Foi para a lateral da casa e quando começou a andar ao redor dela, sentiu pisar em pequenos grãos. Olhou para baixo e viu o gramado cheio de cacos de vidros provenientes da janela quebrada ao seu lado. Alguns passos a diante, não só encontrou mais vidros quebrados, como também um peso para papel trabalhado em aço e um castiçal de ferro ornamentado com uma das quatro pequenas lanças pontiagudas manchada de sangue. Tomaz notou que a porta dos fundos estava destravada e entrou pela sala de jantar da casa que frequentava desde criança.

Enquanto olhava para um grande espelho que refletia a mesa de jantar, lembrava os natais que havia passado ali, com seu pai, tia Giselda e Beatriz. Ao andar vagorosamente pela casa, passando em frente à porta do escritório da tia Giselda, observou a bagunça que estava por lá. Encontrou

manchas de sangue em cima da mesa e a janela quebrada, fazendo-o deduzir que fosse por onde os objetos de aço haviam sido arremessados.

Tia Giselda tinha uma imensa estante de livros naquele lugar. Os livros de história da arte, de tecelagem e de costura, que antes dominavam as prateleiras, agora estavam, mais da metade, espalhados pelo chão. Ao lado do escritório estava a sala dedicada à sua família, onde podia se encontrar uma grande árvore genealógica montada na parede ou o que havia restado dela.

– Hugo Vico, 1893... Giulia Teresa, 1913... – Tomaz falava ao olhar para o chão mal conseguindo decifrar os nomes dos descendentes italianos.

Os nomes dos familiares, que antes eram expostos organizadamente na parede, juntos com as respectivas fotos, anos dos nascimentos e os lugares de onde viveram, encontravam-se rasgados e espalhados pelo chão. Além da árvore genealógica destruída, também compartilhava daquele espaço os prêmios nacionais e internacionais de alta costura, os quais Giselda ganhou quando era mais nova, e alguns retratos antigos da família.

Na estante de madeira, de frente para a parede onde ficava a árvore genealógica, havia muitos álbuns de fotos, alguns organizados por anos e outros pelo sobrenome. Logo ao lado da estante, Tomaz observou um livro aberto sobre o pedestal de um metro e vinte de altura esculpido em madeira. Aproximou-se e notou os versículos escritos, contudo, estranhou os nomes e a caligrafia que ele desconhecia do livro sagrado católico. Pegou-o e olhou para capa, descobrindo que se tratava do Torá. Por alguns minutos, ele ficou pensativo, pois não se recordava de ter visto Giselda mudar de religião. Em seguida, colocou-o de volta ao pedestal e se virou para a estante, pegando o álbum mais fino que havia. Curioso, abriu aquele com a data de 1896 marcada na capa.

Com as folhas amareladas e manchadas pelo mofo, além das bordas corroídas, o pequeno álbum mostrava a sua fragilidade. Tomaz virava com cuidado página por página, que continham uma coletânea de informações dos ascendentes, neste caso, sobre a Família Vico.

– Martina Vico nasceu na cidade de Nápoles, Itália (1896-1961). Casou-se em 1910 na mesma cidade com Hugo Dominique Vico (1893-1947), ex-soldado do exército italiano sobrevivente da Guerra Turco-Italiana. – Tomaz observava a foto de Hugo repousando na cama ao lado de Martina que segurava a mão do marido.

Seguindo a sequência, viu uma foto tirada de longe, na qual Hugo estava em pé ao lado de Martina em frente à porta do hospital, rodeado de amigos e familiares.

Ao virar a página, viu uma imagem que o deixou impressionado. Sem a metade do braço esquerdo, Hugo estava sentado numa cadeira, apoiando a cabeça do filho pequeno com o braço direito, enquanto ficava com a metade do outro braço sobre uma manta de algodão que cobria a criança. Ao lado dele estava sua esposa sentada no banco de um grande tear mecânico, que era usado por ela para a confecção de tecidos.

Martina tinha habilidade em trabalhar no tear e por isso fazia tapetes e colchas para a família, assim como também para serem vendidos nas feiras de rua, o que garantia o sustento da família e que, anos mais tarde, permitiu abrir uma fábrica de tecidos.

Tomaz fechou o álbum e pegou outro, com as mesmas características do anterior, poucas páginas, folhas amareladas, porém, com o nome Tullio escrito na capa.

– Único filho do casamento de Hugo e Martina, Tullio Vico nasceu em Nápoles (1911-1981), herdeiro da fábrica de tecidos Vico e casado em

Florença com a secretária Giulia Teresa (1913-1980), meses depois de terem se conhecido na fábrica, onde Tullio trabalhava com o pai.

Havia várias fotografias da família reunida em frente à fábrica de tecidos Vico. Em uma delas estava Tullio com sua esposa e uma menininha à frente deles, sua filha.

Tomaz cuidadosamente virava as páginas do álbum, descobrindo um pouco mais sobre a família de sua amiga. Nesse álbum havia mais fotos do que no anterior e quanto mais recentes eram as datas, mais grosso eles ficavam. Devolveu-o para a estante e dessa vez pegou o álbum de Angelina (1957-1989).

– Angelina Maria Romano, filha caçula de Francesca e Giacomo Romano, natural de São Paulo, era professora de língua italiana e instrutora de montanhismo. Casada com Marco Gomes (1956-1989), descendente de portugueses, preferiu manter o sobrenome italiano ao registrar a filha Beatriz. Herdeira da empresa de tecidos Romtex juntamente com sua irmã Giselda.

Diferente dos álbuns mais antigos, esse não havia muitas fotografias que registravam toda a família com os filhos e os avós. O que mais chamava a atenção de Tomaz eram os retratos das lindas paisagens e dos vários lugares por onde Marco e Angelina se aventuravam nas escaladas. As fotos da natureza, das montanhas, da vegetação, do pôr do sol nos quatro continentes em que estiveram competiam com a grande quantidade de fotos de Beatriz quando era bebê.

Tomaz fechou o álbum e retirou da estante o de Francesca Romano.

– Francesca Romano. Seu nome de batismo era Francesca Vico, nascida em 1930, na cidade de Milão, filha de Giulia e Tullio Vico e herdeira da empresa de tecidos Vico. Casou-se com Giacomo Romano (1929-2003) em

1945, na cidade de Milão. Imigraram para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial e tiveram duas filhas, Angelina e Giselda Romano. Em 1949, na cidade de São Paulo, trouxeram o conhecimento técnico utilizado na sua fábrica Vico da Itália, além de equipamentos e máquinas de teares para tecelagem.

Tomaz fechou o álbum de fotografia de Francesca e procurou o de Beatriz. Percorreu os olhos sobre a estante e não encontrou o álbum da amiga. Olhou para o chão da sala e, no meio da bagunça, achou o álbum da tia Giselda. Sentou no chão e o abriu.

– Giselda Romano, nasceu na cidade de São Paulo, em 1955, é estilista, costureira, professora aposentada da Faculdade de Tecnologia e Design em Moda da cidade de Criciúma, em Santa Catarina, e ex-diretora da empresa Romtex. Fechada após o falecimento de sua irmã.

No álbum de Giselda havia muitas fotografias de modelos de roupas que ela mesma havia criado e produzido na empresa quando ainda estava aberta. Diferente da irmã, Giselda era mais apegada à família e, por isso, retratos dos avós, dos pais e da irmã tinham grande valor sentimental, em especial aos da sua sobrinha.

– Veja só! Sou eu com meu pai, Bia e Giselda na frente da antiga padaria! Puxa... Não lembrava dessa, tirada em 2001. – Tomaz foi observando as fotos com mais facilidade e clareza, por serem mais recentes e terem melhor qualidade. Algumas das fotografias estavam soltas pelo álbum, o que lhe causou certa estranheza, pois Giselda era bastante organizada com suas coisas. Pegou uma delas e viu que a foto havia sido tirada em fevereiro de 2003, em um dia ensolarado e com céu de brigadeiro. Giselda usava um vestido florido e protegia seus olhos da claridade com uma das mãos. Ao seu lado estava Beatriz, que vestia uma saída de praia

combinando com seu biquíni. Em meio das árvores da imagem, Tomaz avistou um chalé.

– Não me lembro de Bia ter me falado que ia para a Europa neste período, apesar da avó ainda viver na Itália... Talvez tenha ido fazer uma visita rápida. Hum... O que mais temos aqui... um Jet Ski passando pelo rio, jogando água na lancha parada na margem. Bem, esse rio parece limpo pelo menos. – disse ele, ao observar a foto.

Subitamente, Tomaz largou a fotografia, e assustado, levantou-se do chão após ter ouvido o toque estriduloso do telefone que ecoava na imensidão da casa. Saiu da sala e encontrou o telefone na sala de estar de estilo renascentista italiano, com uma mensagem na secretária:

– *Giza, querida! Não se esqueça de levar os salgados na quermesse hoje à noite, na Paróquia Santa Cruz. beijos, Joana.*

– Ninguém sabe que a tia Giselda faleceu ainda? – Tomaz se perguntou e anotou o nome da Paróquia no pequeno bloco de papel ao lado do telefone.

Saindo da sala de estar, Tomaz se deparou com uma larga escada em mármore branco, que levava aos outros cômodos da casa. Subiu degrau por degrau cuidadosamente, lembrando-se do enorme tombo que levou quando era criança, custando-lhe o braço direito engessado por três meses. Após subir um pé-direito duplo de aproximadamente cinco metros de altura, ele entrou no quarto de Beatriz.

As paredes de tom pastel alegravam o ambiente que ressaltava a cama larga, próxima à janela, com a cabeceira talhada em madeira e coberta com uma colcha de crochê. Perdeu a conta das vezes em que os dois escalavam o suporte quadrangular cheio de roseiras trepadeiras do lado de fora da casa e

entravam pela janela do quarto. Sentou na cama e pegou um porta-retratos que estava sobre o criado-mudo.

– Uma foto tão linda e ao mesmo tempo... tão... tão triste! – disse ele ao ver Beatriz nos braços dos pais Marco e Angelina, meses antes de terem sofrido um trágico acidente na tentativa de escalar o Monte Aconcágua.

Montanhistas com experiência, os dois faleceram no meio de uma forte nevasca, deixando Beatriz órfã aos quatro anos de idade.

Giselda conseguiu a guarda da sobrinha e a amava como se fosse sua filha. Vestia-se com elegância as roupas que ela mesma fazia e, por onde passava, era cortejada pelos homens da sua idade, contudo preferiu não se casar.

– Ela tem a coragem herdada dos pais, mas a habilidade... Ah! Possui uma grande aptidão com costura que com certeza veio da tia! Bia sempre foi tão bonita que devia ter feito sucesso quando estava na Itália. – dizia ele ao olhar uma fina garoa cair pela janela.

De repente, como uma descarga elétrica, Tomaz se levantou da cama e levou uma das mãos a cabeça.

– Espere! A Bia estava de biquíni... em pleno inverno na Itália? – pensava ele andando de um lado a outro.

Deixou correndo o quarto de Beatriz e desceu rapidamente as escadas. Entrou na sala que tinha os álbuns de família e pegou uma lupa que estava em cima da mesa. Ajoelhou-se no chão e voltou a observar a fotografia.

– De novo, vamos lá... É Fevereiro, muito sol, calor... e... – aproximando a lupa da lancha, Tomaz consegue ler o nome no barco. – Romano! Sim... Agora estou me lembrando. Bia estava tentando me contar o que aconteceu antes de sermos interrompidos pelo garçom. Ela chegou ao

Tradicional depois de tentar fugir daqueles homens, pegou a lancha... e... que rio é esse?!

Tomaz procurou no álbum da tia Giselda mais fotografias que pudessem dar alguma pista sobre o lugar. Continuou a achar bastante incomum as fotos que continham o chalé e a lancha estarem soltas. Sentou-se na cadeira e apoiou o álbum sobre a mesa bagunçada. Retirou aquelas fotos e assim pode observar cuidadosamente os seus detalhes.

Colocava ao lado do álbum as fotos que já havia examinado, e, somente quando terminou, Tomaz notara que além da mesa estar cheia de papéis espalhados e de cacos de vidro provenientes da janela estilhaçada, também havia sangue sobre ela. Percorreu com os olhos seguindo os traços de sangue deixados na lateral da mesa e pelo piso de madeira. Levantou-se e seguiu as gotas de sangue até chegar ao lugar onde havia maior concentração no chão. Ele se aproximou de um amontoado de livros e papéis e se agachou.

– A pessoa que esteve aqui provavelmente foi atacada pelo castiçal que está lá fora. – deduziu Tomaz, retirando alguns papéis de cima do monte. – Folheto da Solenidade de *Corpus Christi*... folheto litúrgico da Missa do Quinto Domingo da Páscoa... hum, são todos do ano passado.

Ao mexer no monte, ele encontrou uma pasta de documentos bastante manchada de sangue. Ansioso, Tomaz a abriu e observou que havia mais documentos da paróquia que Giselda frequentava.

– Giselda ajudava bastante na organização dos eventos católicos... Será que a pessoa estava atrás de algum documento da igreja? – perguntava-se, angustiado.

Ao mesmo tempo em que retirava a pasta do meio daquele amontoado, livros e papéis caíram ao lado abrindo um vão suficiente para que Tomaz

pudesse avistar parte de uma fotografia debaixo de toda aquela bagunça.

Ansioso, foi retirando apressadamente tudo que havia por cima, encontrando não só uma, mas três fotos cujas digitais estavam marcadas com sangue.

Pegou uma das fotos e viu o chalé no meio das árvores que sombreavam o lugar. Na outra, observou Beatriz sentada próxima ao motor da lancha e, logo atrás dela, a água do rio formando um rastro em V, cujas ondas se quebravam às margens atingindo a mata ciliar. Tomaz aproximou a foto do seu rosto.

– ...Essa foto é diferente das demais! – levantou-se do chão, pegou a lupa e examinou-a. – O que tem atrás destes galhos e destas árvores... – Aos poucos, a imagem foi se formando como num mosaico, e o coração de Tomaz disparou. – Esses sinos... e essa torre de igreja, o crucifixo no alto do lado da cúpula... Esse rio... Eu conheço esse lugar... Isso fica em Campos! – exclamou ele.

Saiu rapidamente da sala e foi em direção à porta de entrada da casa. Ao passar pelo corredor da sala de estar, lembrou-se de pegar o recado da secretária eletrônica que havia anotado num pedaço de papel deixado ao lado do telefone.

– Paróquia Santa Cruz, Joana. – disse ele, arrancando a folha de um pequeno bloco de anotações e se dando um tapa no meio da testa. – Já ia me esquecer! Giselda não mudou de religião, se ela está contribuindo para a festa na quermesse... E têm todos aqueles panfletos de missas espalhados pela casa. Quem sabe a Joana não me ajudaria a esclarecer por que a tia estaria usando o Torá.

Voltou à sala, pegou o livro sagrado e marcou a página com a foto da Beatriz na lancha. Saiu às pressas da casa de Giselda e pediu informações

sobre a localização da paróquia para a primeira pessoa que encontrou na rua. Como a cidade era pequena, Tomaz não sentiu dificuldades de encontrá-la. Virou algumas quadras e logo pode escutar a música e ver a claridade das lâmpadas da quermesse.

A construção com tijolos à vista dava graciosidade à pequena igreja católica que possuía um sino central debaixo da cruz montada no ápice do telhado. Enfeitada com bandeirolas coloridas, as lâmpadas penduradas sobre as barracas de doces e salgados e de brincadeiras infantis iluminavam a noite estrelada. Uma pequena fogueira acesa chamava a atenção das pessoas, que se aproximavam ainda mais para se aquecerem do frio.

– Com licença... por favor... – Tomaz chamou a dona da barraca de bebidas.

– Pois não querido, vinho quente ou quentão? O que vai querer? – perguntou uma mulher de meia idade, baixa, com um chapéu de palha na cabeça e que se movimentava com dificuldades dentro da pequena barraca.

– Estou procurando uma mulher chamada Joana, você a conhece?

– Claro querido, vá até o final desse corredor, a barraca de salgados fica do outro lado, você vai encontrar a Jô por lá. – disse ela, apontando com o dedo para o lado mais cheio da festa e rapidamente atendendo outro freguês.

Tomaz deu os primeiros passos ao longo do corredor, que começou a ficar bastante estreito. A quantidade de pessoas que transitavam por lá aumentava à medida que chegava mais próximo do horário da quadrilha. Tentava andar e se desviar das pessoas que ficavam paradas na frente das barracas de doces e bebidas, mas logo trombava com aquelas que transitavam em sentido contrário pelo mesmo corredor. Crianças correndo

empurravam as pessoas na tentativa de passar e uma delas se chocou com o braço de Tomaz derrubando o Torá no chão.

Com seu corpo esbarrando no meio de tanta gente, abaixou-se ligeiramente para apanhar o livro e ao se levantar sentiu um líquido queimando seu ombro esquerdo, escorrendo pelas costas e chegando ao seu braço. Irritado, sentiu um aroma de vinho pelo seu corpo.

Enquanto percorria os olhos em sua camiseta, que de azul-escuro tornou-se roxa, um pano úmido é posto em seu braço na tentativa de atenuar a dor.

– Ai, desculpa! Como eu sou desligada... hihhi. Deixa eu te ajudar... – falava a mulher com uma voz infantil aparentando uns vinte e dois anos de idade enquanto passava o pano no braço de Tomaz.

– Obrigado, mas deixa que eu... – ele parou de falar quando olhou a mulher ao seu lado, admirado.

De cabelo loiro repartido ao meio e com as tranças caídas nos ombros, completamente maquiada e esguia, a moça usava um curto e decotado vestido caipira, além de calçar uma sandália plataforma que a deixava uns quinze centímetros mais alta.

– Tipo... machucou muito? Como cê chama? – perguntava a mulher olhando fixamente para os olhos verdes.

– Tomaz. Está tudo bem... eu...

– Ah! Meu nome é Luciana, prazer! – passava uma das mãos pela trança.

– Pois, Luciana, eu...

– Ai Tomaz, sua camiseta está toda manchada. Tipo, eu tenho uma novinha na barraca, acho que vai caber direitinho em você! – falava Luciana enquanto olhava para o corpo de Tomaz.

– Não é necessário, eu estou procurando...

– Magina Tom, posso te chamar assim, né?! Vem comigo! – Luciana o puxou pelo braço e foi em direção à sua barraca logo em frente. – Você é tão forte Tom, o que você faz?

– Eu sou chef de cozinha, Luciana.

– Pode me chamar de Lu, fofo. Péra só um minutinho, eu vou pegar uma camiseta pra você. – disse ela ao se abaixar debaixo do balcão, ao mesmo tempo em que evidenciava seus seios ao expor o decote de seu vestido. – Tá aqui! É o seu tamanho! – ela retirou de dentro da sacola uma camiseta nova estampada com o símbolo do grupo acadêmico da faculdade de biologia. Entregou a camiseta ao Tomaz enquanto pegava na camiseta azul suja de vinho.

– Obrigado, irei me trocar depois. Eu estou procurando uma mulher chamada Joana, você a conhece?

– Ahh não, Tom, quê isso! Tipo assim, pode se vestir aqui! – ela puxava a camiseta dele para cima ajudando-o a retirá-la.

Com seus 1,87m de altura, de calça jeans e com o peito descoberto, as pessoas que transitavam na frente da barraca de Luciana viravam os olhos para admirar o corpo definido de Tomaz.

– Assim... Você é chef de cozinha com esse corpo?! Oh! – Luciana colocava a mão sobre os lábios.

Ao se virar para pegar a camiseta nova sobre o balcão, Tomaz percebeu que estava sendo observado pelas mulheres paradas em frente à barraca, muitas delas amigas de Luciana que tiravam fotos pelos celulares. Rapidamente, pegou a camiseta, mas foi abordado novamente pela moça.

– Meninas, saiam daqui...! – ordenou, dando uma risadinha para suas amigas da faculdade e ajudando Tomaz a vestir a camiseta nova.

Enquanto ajeitava a camiseta no corpo dele, ela passava suavemente suas mãos pelas costas e, em seguida, pelo peito indo em direção aos ombros fortes. Olhou fixamente para os profundos olhos verdes, e subitamente agarrou a gola da camiseta e o puxou contra seu corpo, deixando os lábios dele borrados com o batom vermelho que ela usava.

Aos gritos histéricos, amigas da Luciana registraram a cena com as câmeras fotográficas dos celulares e, imediatamente, Tomaz pegou nos braços finos da moça, afastando-a do seu corpo.

– Luciana, eu preciso ir! Você não conhece nenhuma mulher chamada Joana?

– Ai, Tom! Desculpa, péra que eu vou pegar um papelzinho para limpar seus lábios... – disse ela, dando uma nova risadinha, com uma irritante voz infantilizada. – Por que está atrás da Jô? Ela é velha e...

– Você a conhece! Leva-me até ela, por favor, Luciana. – pedia, impacientemente, segurando um dos braços da moça.

– Hum, ai, tá bom. Vem comigo! – com a cabeça semi-inclinada e passando uma das mãos na trança caída no ombro, Luciana pegou em uma das mãos de Tomaz e pediu para que a seguisse. Mesmo enfrentando o corredor cheio de gente, ela não perdia o rebolado e andava com um pé na frente do outro chamando a atenção do público masculino.

Após passarem pela multidão, finalmente, chegaram à barraca de tortas e salgados da dona Joana.

– Jôô...!! Jôô...!!! – gritou a moça ao lado de Tomaz.

– Calma menina! Tenho sessenta anos, mas não cheguei ainda no ensurdecimento. – falou a senhora de cabelos curtos grisalhos, magra, de pele negra e estatura média, limpando os seus óculos.

– Jô! Esse é o Tom. E Tom... Essa é a Jô! Tom-Jô, Jô-Tom! – Luciana apresentava-os com as mãos na cintura e mexendo com a cabeça de um lado ao outro. – Ele me pediu para que...

– Pois não meu filho, em que posso ajudá-lo? – a senhora perguntou num tom de voz calmo e sereno, interrompendo a moça.

– Muito prazer Dona Joana, sou amigo muito próximo da Dona Giselda. Eu poderia conversar com você em particular? – ele a cumprimentava estendendo sua mão. – Claro, vamos lá dentro da igreja. – falou Joana saindo da barraca. – Luciana! Cuida da barraca pra mim até eu voltar!

– Ai Jôôô...! Tá bom, eu cuido, mas tipo assim eu vou querer provar essa tortinha. – disse ela cortando um pedaço da torta salgada.

Joana e Tomaz entraram e sentaram em um dos bancos de madeira em frente ao altar. Com o Torá apoiado no colo, Tomaz tentava encontrar palavras para lhe contar o que havia acontecido com Giselda.

– Dona Joana, como ia te dizendo, eu sou um amigo muito próximo da família da Giselda, ela é como se fosse uma segunda mãe pra mim; e eu ouvi o recado que você deixou na secretária eletrônica hoje de tarde. Ela não pode trazer os salgados por que ela está...

– Ah, meu filho, eu tinha esquecido de que a Giza deixou o recado para mim. Eu sei... Ela foi viajar e não ia poder fazer os salgados para a quermesse. Mas ainda bem que deu tempo de eu passar na padaria e encomendar antes do início da festa.

– Como...? O que você disse? Dona Giselda foi viajar? Quando? Pra onde? Está havendo algum mal-entendido. – perguntava Tomaz agitado, com seu coração palpitando.

– Calma, Tomaz. Eu fico muito agradecida com a sua preocupação em querer me comunicar e me desculpe pelo meu esquecimento, eu deveria ter

voltado a ligar. Giza esteve aqui na paróquia uns dois dias atrás e avisou que não ia poder comparecer na quermesse... – contou a senhora, calmamente segurando uma das mãos de Tomaz.

– Ela não disse para onde ia viajar? – perguntou ansioso.

– Não, não... Ela parecia estar bastante agitada, saiu às pressas e não disse para onde ia. – Joana levou uma das mãos no queixo pensativa. – Mas está tudo bem com ela, não é? Deus a abençoe! Ela é uma grande colaboradora e ajuda bastante na organização das missas. É uma mulher de bom coração! Mas e você, Tomaz, não parece ser um homem tão religioso, ainda está com as marcas de batom da Luciana no seu rosto. Por que está andando com o Torá nas mãos? – perguntou ela, retirando um lenço da sua bolsa e removendo as marcas de batom do rosto dele.

– Dona Joana, a senhora poderia me ajudar? Encontrei esse livro na casa da Giselda, por que ela usaria o Torá ao invés da Bíblia católica?

– Tem certeza de que é dela? – Joana perguntou com um ar curioso.

– Hum, por quê?

– Nós utilizamos nas missas o Novo Testamento, ou seja, indica os livros da Bíblia escritos depois do nascimento de Cristo. Diferente do Torá, que contém desde a criação do mundo até os mandamentos e leis que teriam sido dadas a Moisés para que entregasse e ensinasse ao povo de Israel.

– O que isso significa? – perguntava Tomaz curioso.

– É um livro usado por judeus e não por católicos.

– Por judeus... – Tomaz ficou pensativo por um instante.

De repente, uma música alta e animada entrava na paróquia e tomava conta da quermesse. Havia chegado o auge da festa.

Segurando as duas mãos de Tomaz, Joana se despedia:

– Tomaz, eu preciso voltar para a barraca. Espero ter ajudado você!

– Dona Joana, eu te acompanharei até lá. Muito obrigado pelas informações. – disse ele, levantando-se do banco.

Quando voltaram para a barraca, viram uma concentração de pessoas fazendo um círculo para ver a quadrilha, deixando os corredores um pouco mais tranquilos de se andar.

– Dê lembranças à Giza quando ela voltar de viagem! – disse a senhora entrando em sua barraca. – E leve esses salgados com você, deve estar com fome. – entregou-lhe um prato com um pedaço de torta e uns bolinhos de carne.

– Ah sim, claro! Foi um prazer conhecê-la e muito obrigado pelos salgados! – com um sorriso, Tomaz se despediu de Joana.

– Tom!! Tom...!! – gritou Luciana gesticulando com as mãos. – Péra... Você não vai embora sem deixar o número do seu celular, né? Anota o meu, é 724...

– Luciana, aqui está... – disse ele enquanto entregava o cartão do Tradicional Café – ...o meu e-mail. – ele se despediu piscando um dos seus olhos verdes.

Pensativo sobre as informações que Joana lhe disse, Tomaz deixou a quermesse e voltou à formosa casa branca com seu carro, na pretensão de descobrir o que aconteceu com Giselda.

Cansado e com o corpo melado por causa do vinho quente que Luciana havia derramado, Tomaz tomou um banho e se aconchegou no sofá, ligando a televisão da sala de estar.

“...e a Interior News fará amanhã a cobertura completa do discurso do presidente Venezuelano sobre a sua indústria petrolífera e a parceria com a petrolífera brasileira. Agora a previsão do tempo para o final de semana...”

Apesar de ter ligado a televisão, Tomaz não prestava atenção nas notícias. Ainda não conseguia assimilar a ideia de que a Giselda estava viva depois da triste expressão de Beatriz no seu escritório.

– Bia não podia ter se enganado tanto sobre sua tia, que era praticamente a sua mãe! Lembro-me dela falando exaltadamente: “Tia Giselda está morta!”. E agora a pouco, Dona Joana me fala que tia Giselda apareceu na paróquia antes de ontem?! – pensava duvidosamente. Talvez a Dona Joana sofresse de alguma doença degenerativa, que a fizesse esquecer alguns acontecimentos mais recentes.

Tomaz desligou a televisão, subiu a escada alta e larga que dava para os quartos e se acomodou na cama do quarto de hóspedes. Aos poucos, seus pensamentos se tornavam mais leves e seu corpo mais relaxado, permitindo-o descansar um pouco mais depois de alguns dias de insônia.

Na manhã seguinte, uma fenda de luz, formada pelo pequeno vão entre as cortinas, imergia no quarto escuro tocando a face de Tomaz, fazendo-o despertar.

Ele se levantou e olhou pela janela o jardim em frente a casa. Até o momento não havia notado os vários jornais entregues dos dias anteriores espalhados pelo gramado. No momento em que abriu a porta de entrada para apanhá-los, sentiu a brisa matinal invadindo o *hall* de entrada, e quando andou no gramado, seus pés foram umedecidos pelas gotas orvalhadas da grama.

– O que temos aqui... Primeira página do jornal da semana passada... “Sobe o número de pessoas mortas depois da madrugada gelada na cidade gaúcha”. Puxa! E aqui no interior que não está fazendo menos de dezessete graus Celsius. “Venezuela pretende fechar parceria com a petrolífera

brasileira”...Hum, ontem estavam falando sobre isso. – pegou os jornais e entrou em casa.

Sentou-se no sofá da sala de estar e abriu todos eles. Em todas as primeiras páginas dos jornais observou que havia pelo menos uma notícia falando da parceria entre a Venezuela e o Brasil.

– E mais uma notícia sobre o assunto, “O projeto prevê investimentos de US\$ 10 bilhões na refinaria no nordeste brasileiro”.

De repente, o barulho estridente do telefone tocou mais uma vez nos ouvidos de Tomaz.

Sem atender ao telefone, assustado, mas curioso e com um fio de esperança em poder ser uma ligação da Beatriz, aguardou a secretária eletrônica:

– Alô... Giza? Querida, aqui é a Jô! Já voltou de viagem? Quero pedir desculpas por eu ter me esquecido do seu aviso. Tomaz, que rapaz educado e simpático, estava tão preocupado com você! Mas fica tranquila porque eu já conversei com ele. Deus te abençoe, amiga. Lembranças à sua sobrinha.

Desapontado, voltou a lembrar da noite anterior, saiu da casa e foi até uma padaria próxima dali.

– Por favor, eu gostaria de uma xícara de café com leite e um pão na chapa com manteiga. – Tomaz, sentado num banco alto de frente para o balcão, fez o pedido para o atendente.

Enquanto aguardava sair o pedido, olhava a quantidade de pessoas que entravam no estabelecimento. Senhoras levavam seus cães *Yorkshire* nos braços e um casal trazia consigo um *Pinscher* preso na corrente, que não parava de latir.

Apesar da padaria permitir a entrada dos cães para pedidos rápidos, era um lugar limpo e com arquitetura bem moderna. Estantes de vidros e

bastantes espelhos espalhados tornavam o ambiente mais claro e aparentava ser mais espaçoso. Tomaz olhou a porta de entrada através do espelho e viu uma bela moça loira com cabelos lisos compridos e óculos escuros acenando para dentro da padaria.

Ela empurrou a porta de vidro e entrou, andando com um passo atrás do outro e com o bumbum arrebitado, fazendo com que os homens da padaria olhassem para a loira que usava trajes esportivos: uma calça branca de lycra com um top vermelho e tênis rosa, indo em direção ao balcão. Sem sombra de dúvidas, Tomaz sabia de quem se tratava.

– To-om!! Bom diaaaaa! Tudo bem? – Luciana o cumprimentou e logo depois se sentou ao lado dele. – Ai, ontem você foi embora tão cedinho... Depois da quadrilha ainda teve tipo um montão de fogos de artifício!

– Bom dia, Luciana.

– Senhor, aqui está o seu pedido! – o atendente entregou o lanche ao Tomaz.

– Viu... Tom, o que você foi conversar com a Jô ontem, hein? Ai sabe, eu fiquei mô curiosa e...

– Luciana, você conhece a Jô desde quando? – perguntou ele, cortando-a.

– Ah, acho que... uns cinco anos quando eu comecei a participar das festas juninas. – disse ela, pensativa, com a cabeça inclinada e passando a mão nos cabelos.

– Ela tem o costume de esquecer as coisas? – perguntou ele, olhando para o noticiário que passava na televisão.

– Ai Tom, magina, a Jô, meu, é a velha mais lúcida que eu já conheci. Ela coordena tipo todos os eventos da paróquia junto com outra tia. Claro que a outra é muito mais bonita que a Jô, né?! Hihih... Mas às vezes ela

fica esquecidinha, acho que é muito trabalho. – contou ela, levantando os óculos na testa e olhando de cima abaixo a roupa amarrotada de Tomaz. – Por acaso cê dormiu assim?!

– Luciana, eu gostaria de ouvir o noticiário. Por favor, poderia aumentar o volume? – pediu para o rapaz que lhe atendeu.

Sem tirar os olhos da televisão, Tomaz ouvia o discurso que estava sendo apresentado na rede de notícias Interior News.

– “...Essa parceria está se tornando uma ‘pedra no sapato’ entre o meu país e o Brasil. A petrolífera venezuelana irá apresentar todas as verbas e garantias de crédito para honrar seus compromissos com a companhia brasileira. Com a condição de uma participação societária de 50% na refinaria do nordeste brasileiro...” – dizia com vigor o presidente venezuelano levantando um dos seus braços.

– “A petrolífera brasileira já deu início sozinha à construção da refinaria uma vez que a estatal Venezuela ainda não efetuou os pagamentos previstos. As duas companhias petrolíferas ainda não conseguiram entrar num acordo definitivo de parceria.” – comentava a repórter.

– “...Não vamos permitir que a Venezuela tenha uma participação societária de 50% nas terras brasileiras...” – falava o representante da companhia brasileira.

– “Com o orçamento previsto de US\$ 10 bilhões, e como objetivo a produção de diesel, que é um produto importado pelo Brasil, a refinaria terá capacidade para processar 100 mil barris diários de petróleo.” – comentava o repórter. – “A estatal da Venezuela tem até o final deste mês para apresentar ao banco as garantias financeiras”.

– Senhorita, o que vai pedir? – perguntou o atendente para Luciana.

– Brigada, moço. Eu tô de dieta, me dá só um suquinho de laranja. – respondeu ela com um sorriso no rosto.

– Essa discussão entre o Brasil e a Venezuela já está perdurando por semanas, não!?! – disse Tomaz ao rapaz.

– E não vai acabar tão cedo. – respondeu o atendente, colocando o suco em frente à moça e passando um pano sobre o balcão.

– Eu preciso ir, Luciana, foi um prazer revê-la! – Tomaz se levantou do banco e se despediu dela. – Ah! Rapaz, o suco de laranja é por minha conta! – deixou o dinheiro sobre o balcão e acenou com a mão.

– Ai, moço. Ele é um fofo, né? – disse ela, mordendo o canudo do copo. Mas logo se voltou a olhar para o atendente. Um rapaz de médio porte, forte, de pele morena e cabelos lisos, que chamou a atenção de Luciana. Através da troca de olhares pelos espelhos se criou uma sintonia entre os dois.

Durante a caminhada pelas ruas voltando da padaria, Tomaz tentava juntar as peças de um quebra-cabeça ainda incompleto. Pensava sobre o que Luciana contou de Joana confiando nas palavras dela.

– Bom, se Luciana estiver certa de que Dona Joana não tem nenhum problema de memória, então... Giselda está viva. Como que a Giselda sai para viajar e não avisa a Bia? Talvez ela tenha ido para aquele chalé... – pensou.

Andando às pressas, chegou rapidamente à casa de Giselda. Pegou o Torá e algumas fotos do chalé levando-os dentro do seu carro, um Veloster azul marinho.

Apreensivo, Tomaz voltou à sua cidade em busca daquele chalé.

Capítulo Três

O sol forte do início da tarde queimava as mãos de Tomaz enquanto dirigia, e esquentava quilômetros de asfaltos da rodovia que, ao longe, davam-lhe a sensação de estarem molhados. A luminosidade excessiva daquele período do dia lhe fazia semicerrar os olhos, que acompanhavam as curvas sinuosas da estrada. Esta era decorada pelos morros de eucaliptos e rasgava a vasta terra roxa que se dividia entre plantações de café e cana-de-açúcar.

Com os pensamentos focados nas palavras intrigantes de Joana, sem perceber, acelerava seu carro, fazendo com que as folhagens das plantações se transformassem numa extensa faixa verde rabiscada até o momento em que uma voz alta e feminina invadisse o interior do veículo, tirando-o do momento de meditação:

– *Por favor, reduza a velocidade a menos de 120 km/h.* – alertou o navegador GPS do seu carro.

Somente quando reduziu a velocidade foi que notou o quanto do caminho havia percorrido. Avistou um posto à frente e decidiu parar por alguns minutos antes de retomar a viagem.

O posto estava bem movimentado devido à sua localização, ficava próximo da interligação de duas rodovias, uma vindo do litoral e outra do

interior, e, dessa forma, recebia muitos ônibus de viagem que ocupavam todas as vagas reservadas a eles, enquanto várias das vagas de automóveis eram disputadas com as motos. Após alguns minutos, Tomaz pode encontrar um lugar vago e entrar na loja de conveniência.

Olhou ao seu redor e deu um longo suspiro. Havia filas para tudo, nos toaletes, na padaria, no Café, no restaurante, e principalmente, nos caixas.

– Já se passaram quatro horas e eu nem havia me dado conta... – exausto, falou olhando para seu relógio.

Lavou várias vezes o rosto com a água fria da torneira do toailete e sentou-se na cadeira do restaurante aproveitando para almoçar. Fez o pedido ao garçom, mas só depois de meia hora que seu prato chegou a sua mesa. Cansado, só percebeu que a conta estava errada quando foi pagá-la no caixa.

– Senhor, deu oitenta e três reais. – disse a moça do caixa.

– Desculpe, eu não entendi. – respondeu ele, olhando para o monitor do computador.

– São oitenta e três reais, senhor. – repetiu a moça.

– Como?! Oitenta e três reais por um bife de frango com batata sauté?

– Não senhor, aqui tem um salmão grelhado, uma taça de vinho branco e...

– Espere um pouco, eu não comi nada disso e, aliás, meu pedido era um bife ao molho madeira com fritas! – respondia exaltadamente para a moça.
– E eu...

De repente, Tomaz se deu conta de que além do seu prato ter vindo errado, ele comeu sem perceber.

– Vou chamar o supervisor para rever seu pedido senhor, ele está logo ali. – apontou para um balcão com uma longa fila de espera.

O desespero subiu aos olhos dele, depois de ver a quantidade de pessoas no balcão e a fila do caixa aumentando cada vez mais. Sacou rapidamente o cartão de crédito da carteira e pagou aquela conta.

Sentou-se no assento de seu carro e por alguns minutos tentou se recompor.

– O que está havendo comigo? Acorde!! Ainda há muitos quilômetros pela frente! – falava consigo mesmo batendo com a cabeça no volante. Ligou o rádio, respirou fundo, deu partida no Veloster e entrou na rodovia.

Seguindo viagem, ao chegar próximo à região serrana, com o clima mais ameno e uma grande nuvem cinza encobrindo o pôr do sol, as primeiras gotas de chuva se chocavam contra o para-brisa do carro. Brilhos repentinos de uma luz forte ofuscavam a vista dele que observava, pelo retrovisor, uma picape preta pedindo passagem.

Após a ultrapassagem, Tomaz avistou o veículo ao longe de forma distorcida devido à chuva que havia ficado mais forte ao subir a Serra da Mantiqueira. Ele se aproximou da picape que reduziu a velocidade por causa da chuva e, aos poucos, conseguiu ver os detalhes da parte traseira, pois se tornava mais nítidos a cada movimento do limpador de para-brisas.

– E essa picape, estava com tanta pressa e agora está aqui, com um... com um... Jet Ski na carroceria? – disse ele olhando um objeto volumoso em cima do carro. Chegando próximo à sua cidade, debaixo de uma garoa fina, Tomaz ultrapassou a picape e de relance, lembrou-se de que a havia visto parada também no estacionamento do posto da rodovia.

– Ah... Campos do Jordão! Temperatura, dezessete graus Celsius. – disse ele, com um sorriso no rosto ao passar pela entrada da cidade.

Indo em direção à sua casa, parou no posto para abastecer o tanque de combustível. Quando foi pagar, notou que a mesma picape de antes entrou

no posto e parou ao seu lado.

– Que coincidência! – falou ele, olhando os detalhes do carro. – Hum, roda de liga leve, *rack* de teto, para-choque traseiro cromado, estribos laterais... e... veio do litoral?! Com um Jet Ski?! – Tomaz ficou intrigado ao ver a placa do carro. – Bom... não há praia por aqui. Se ele trouxe consigo o Jet Ski, seria para navegar em algum trecho do rio. – Curioso, entrou no seu carro e esperou a picape sair para segui-la.

Após ter atravessado a cidade, finalmente, Tomaz a vê entrando na garagem de uma casa através de um portão automático basculante em madeira, o que lhe permitiu ver apenas uma parte do rio do lado de dentro. Com a escuridão da noite, não percebeu o caminho que havia percorrido ao seguir o carro, mas sabia que estava do lado do rio. Preferiu voltar para casa e refazer o trajeto de dia.

“Tomaz, como está? Quero lhe avisar que aqui no Tradicional Café as coisas andam bem. Alguns dos nossos clientes estão perguntando bastante sobre a sua ausência. Não se preocupe está tudo conforme você me pediu e aqueles dois homens não apareceram mais. Um abraço... espero revê-lo em breve.” – dizia a mensagem do maître gravada na secretária eletrônica.

– Ainda bem que aqueles bandidos não voltaram! – disse, aliviado. Pegou o telefone e retornou a ligação para o Tradicional.

– Tradicional Café, boa noite! – falou a atendente.

– Tati?! Aqui é o Tomaz, como vai? Por favor, chame o Gabriel para mim.

– Seu Tomaz! Claro! Aqui está tudo bem, aguarde só um minuto. – disse ela, indo chamar o maître.

– Alô, Tomaz?

– Gabriel! Recebi sua mensagem. Então as coisas andam bem por aí?

– Sim, como eu disse, há apenas alguns dos nossos clientes que perguntam sempre de você. Outra coisa... nossos cozinheiros estranharam os rabiscos que você fez no caderno de receitas. Tem alguma ideia de quando você pretende voltar?

– Ainda preciso resolver mais algumas coisas... mas aguarde firme, Gabriel! Em breve, estarei aí. Preciso ir, um abraço! – Tomaz desligou o telefone e foi descansar após a longa viagem.

No dia seguinte, o sol apareceu para elevar a temperatura da cidade. Uma manhã ensolarada, com o céu limpo e clima ameno, motivava as pessoas a saírem de casa para passear e fazer uma caminhada, dando-lhe a sensação de que a cidade estivesse cheia de turistas.

Tomaz saiu com seu carro e tentou fazer o mesmo trajeto da noite anterior. Quando chegou próximo ao centro, notou que algumas das ruas foram interditadas permitindo apenas o tráfego de pessoas.

– Ah! Esqueci! – batia com uma de suas mãos na cabeça. – De final de semana sempre interditam essas ruas do Centro... Vou ter que dar a volta pela igreja.

Com muita gente na rua, o trânsito de veículos ficou lento, causando congestionamento nos arredores e, principalmente, nas ruas próximas à igreja onde Tomaz estava parado com seu carro. Enquanto a via não fluía, observava pela janela direita do veículo uma travessa com várias boutiques de roupas e acessórios que já estavam com as portas abertas de manhã para atender aos clientes. À sua frente, a praça da igreja com várias barracas de

artesanatos ainda sendo montadas e algumas crianças rodeando os carrinhos de pipoca e algodão doce.

O carro andou mais alguns metros e parou. Olhou à sua esquerda, várias árvores sombreando as pessoas que faziam caminhada, algumas delas arriscavam uma corrida e outras usavam os próprios cachorros para se sentirem estimuladas em praticar esporte. Por um relance, no meio da multidão e das árvores, imaginou ter visto o contorno de uma popa. Andou mais à frente com o carro e com a visão menos obstruída, pode ter certeza de que se tratava de um barco. Nesse instante, Tomaz estacionou o carro em qualquer vão que o coubesse.

Ansioso, desceu do carro e andou apressadamente em direção ao barco desviando e se esbarrando com algumas pessoas na calçada. Entrou no meio dos arbustos e das árvores, cujos galhos estavam densamente fechados como se formasse uma parede. Ele empurrou os galhos e as folhagens, que deixaram suas mãos e seus braços arranhados, conseguindo passar entre eles e encontrar o barco. Seu coração disparou.

– Romano!!! – exclamou, com os olhos brilhando e um largo sorriso no rosto. Entrou na lancha de Beatriz e facilmente notou as marcas de balas no casco e no motor. Tentou ligá-la, mas não conseguiu, percebeu que o tanque estava furado.

– O rio...! Esse é o rio da fotografia! Como que eu nunca havia percebido a sua extensão? – admirou-se, olhando ao longe duas pessoas pescando no barco.

Saiu rapidamente da lancha e correu até seu carro. Ainda com o trânsito congestionado, mudou a sua rota sem fazer o trajeto da picape, desta vez, por uma via de terra sem trânsito que margeava o rio.

Após alguns minutos seguindo pela estrada, começaram aparecer as primeiras casas de veraneio que beiravam o rio. Depois de alguns quilômetros, a estrada chegou ao fim, e obrigatoriamente, fez com que Tomaz desviasse para dentro da cidade e parasse no primeiro semáforo.

– Chocolates Abernédia. – disse ele, após ter visto um toldo azul-marinho, escrito com letras clássicas em amarelo, o nome de uma loja de chocolates. Andou mais algumas quadras e logo chegou a um pequeno centro comercial.

Embora tenha sido obrigado a seguir caminho pelo interior da cidade, Tomaz procurou pelas ruas que mais se aproximavam das margens do rio. Em alguns lugares onde não havia nenhuma construção para obstruir a visão, conseguia ver o vasto curso do rio que se perdia de vista.

– Vila Abernédia... há tanto tempo que moro na região e nunca contemplei essa paisagem... aliás, dificilmente vinha para esses lados da cidade. – falou ele ao olhar, debaixo daquele Sol, alguns Jet Skis e pessoas pescando, além de uma embarcação maior fazendo passeio turístico com os visitantes.

Ao seguir em frente, Tomaz estranhou quando viu uma estreita rua de paralelepípedos que se tornava escura por causa da densa vegetação que a cercava, o que não combinava no meio daquele cenário hollywoodiano, de mansões com ruas asfaltadas e árvores esparsas.

Entrou cuidadosamente com seu carro naquela rua apertada torcendo para que não viesse nenhum veículo na direção contrária a ele. Com dificuldade em trafegar por ali, tinha muitos buracos e pequenos galhos caídos pelo caminho. Não muito longe, ele avistou um telhado de formato característico, indubitavelmente, ele havia encontrado o chalé.

– Que construção...! – admirou a arquitetura.

Surpreso por Beatriz e Giselda terem mantido segredo sobre aquele lugar, Tomaz estacionou seu carro de frente para o rio e, lentamente, abriu a porta da frente do chalé.

– Olá...? Bia...? Tia Giselda...? – ele chamou pelas amigas no *hall* de entrada.

Quando começou a andar na sala de estar, Tomaz vê um troféu caído no chão e a parede furada pelas balas da pistola. Ainda na mesma estante que estava o objeto, havia vários porta-retratos de Beatriz com seus pais e com a tia. Subindo o mezanino, parou em frente à porta do quarto, encontrando-o todo bagunçado. As gavetas com as roupas viradas disputavam o chão com muitos papéis e várias fotos, jogados por todo o espaço. Entrou e pegou uma foto do chão.

– Prêmio Nacional de Alta Costura... – falou ele ao ver Beatriz recebendo um troféu das mãos de uma modelo.

Pegou mais algumas fotos e alguns papéis sentando-se na cama. Viu várias fotos de Beatriz ao redor das modelos que participavam de desfiles de moda nacional e internacional, além de certificados de especialização em maquiagem fora do país.

– Nossa! O que é isso?! – estranhou ele. – É um... um zumbi? Que coisa mais horrível! Tomaz olhou a foto em que estava sua amiga ao lado de um zumbi ensanguentado sem a metade do cérebro. Pegou mais uma folha de papel caída no chão.

– E esse papel aqui... Especialização em efeitos especiais... em Los Angeles! – disse ele, admirado.

A cada papel que pegava mais surpreso ele ficava em ver os trabalhos realizados tanto na área de tecelagem quanto na de maquiagem; além da

quantidade de prêmios que ela ganhou no Brasil, Itália, França, Estados Unidos e Índia.

– Ah! Desse filme eu me lembro! – disse ele vendo a foto de Beatriz ao lado do pôster de estreia de um filme de época italiano. – Bia fez ótimos figurinos.

Levantou-se da cama e deu mais algumas vasculhadas pelo quarto. Olhou debaixo da cama e retirou o álbum de fotografias que não havia encontrado na casa da Giselda.

– Aqui está! Beatriz Di Maria Romano... – disse ele segurando o volumoso álbum. – Nasceu na cidade de São Paulo em 1985. Filha de Angelina e Marco... Olha! Meu pai segurando-a nos braços! E essa foto aqui... Tia Giselda e Bia em Milão assistindo ao desfile de moda. Fotos da colação de grau no colégio... da formatura na faculdade... fotos da tia Giselda com o professor e com a Bia... Taj Mahal... Museu ShipVikrant...

Tomaz fechou o álbum e andou pelos demais cômodos da casa. Desceu as escadas e logo debaixo dela, viu a porta do porão toda quebrada. Aproximou-se e percebeu que a escada de acesso estava destruída.

Percorreu a casa em busca de uma escada que pudesse ser utilizada para levá-lo até lá embaixo. Contudo, parou no final do extenso corredor, quando viu um pequeno escritório, também bastante bagunçado como o restante da casa. Entrou e pegou uma das folhas soltas que estavam sobre a mesa.

– Equações químicas? – disse ele examinando a folha e logo pegando outra. – Está parecendo mais com um processo químico... e nessa outra, descrição dos procedimentos, descrição dos compostos... – pegava mais uma folha, e mais outra. Ao mexer nos documentos em cima da mesa, Tomaz derrubou algumas folhas no chão. Quando se agachou para pegá-los, viu uma assinatura em um deles.

– Doutor Yaacov Baum. – disse ele, observando o documento.

Olhando à sua volta, percebeu uma grande quantidade de livros de química e física derrubados no chão. Andou em direção a eles e encontrou, pelo caminho, livros sobre tecelagem e sobre outros assuntos relacionados a efeitos especiais e alta costura.

– Mas, por que a Bia tem tantos livros de física e química? Lembro-me que ela queria distância dessas disciplinas no colégio e sempre pedia minha ajuda para estudar, principalmente com física porque ela nunca conseguia prestar atenção nas aulas. Isso por causa daquele professor que usava sempre uma camisa xadrez e uma calça marrom presa com um cinto abaixo da altura do peito, com os cabelos grisalhos bagunçados e com aqueles óculos de lente amarela... Bem, acho que não era só a Bia que não conseguia prestar atenção na matéria.

Tomaz pegou um dos livros de física derrubados no chão e ao abrir a primeira página, notou que havia o nome de Yaacov Baum escrito à caneta. Alcançou outro livro, desta vez de físico-química dos materiais e, da mesma forma, o nome estava escrito. Intrigado, mexeu naquele amontoado de livros e encontrou mais um álbum, este diferente daqueles que estavam na casa da tia Giselda.

– Nossa, é uma plantação de algodão... na Índia! – disse ele ao ler a descrição da imagem relatada no álbum – Tem outra aqui, imagem microscópica da seda capturada no laboratório de materiais da Universidade de Pequim.

Virava páginas e páginas que continham imagens das estruturas de vários tecidos até encontrar fotos mais familiares para os olhos de Tomaz.

– Mais uma foto de formatura... Ah! Esta aqui fui eu que tirei! A turma inteira na frente do portão de entrada da Faculdade de Moda e Design. E

essa outra... A tia Giselda passando bem na frente da câmera.

Ao observar as fotos, reconheceu o homem que estava do lado da tia Giselda. Um senhor branco com barba e de cabelos grisalhos que usava um paletó azul abotoado na altura da cintura, realçando sua barriga. Era mais alto que Giselda e estava em cima do palco de frente a um pedestal trabalhado em madeira.

Tomaz se lembrou de ter visto o mesmo homem em algumas fotos quando estava na casa de Giselda. Ao folhear o álbum, no momento em que procurava por alguma descrição sobre as fotos, viu o mesmo homem aparecer em várias ocasiões como em palestras e até mesmo em festas.

– Festa de Chanucá na casa do professor Yaacov! – leu a descrição ao lado da foto.

Intrigado, Tomaz se perguntava por que Beatriz traria consigo tantos livros de áreas do conhecimento que ela não gostava para aquele lugar.

Voltou a andar pelo chalé até que encontrou uma escada de alumínio articulada dentro da dispensa da cozinha. Tomaz a carregou até a porta do porão e, em seguida, abriu-a e subiu nela, descendo cuidadosamente cada degrau. Bastaram alguns minutos para que os olhos dele se acostumassem com a falta de claridade, mas logo conseguiu avistar um pequeno objeto branco retangular que lhe chamou a atenção naquele chão empoeirado.

Após descer da escada, olhou a bagunça em sua volta e pegou do chão o cartão de identificação que continha uma foto, um nome e um *chip*.

– Julius. – disse Tomaz – Quem é esse agora? Com essa cara... esse corpo... está parecendo com aquele troglodita que foi até o Tradicional Café.

Debaixo das madeiras quebradas da escada, ele reparou que havia algumas folhas de papel que não faziam parte daquele lugar. Tirou as

madeiras de cima e os pegou, alguns rasgados e outros amassados, mas que puderam ser lidos por ele.

– Outro relatório químico? E essa assinatura... é da Bia! – disse ele enquanto examinava o documento – Bia não poderia ser responsável em assinar um relatório desses... para essa empresa... IQN? – leu no rodapé da página o nome e o endereço da instituição de onde veio o relatório. – Mas, espere! O que está escrito aqui?! “...o composto químico quando aplicado nos materiais compostos das fibras do algodão, seda e nylon, foi capaz de alterar as características estruturais e físicas do tecido final, o que permitiu...”. Ah, não... não! Permitiu o que? – disse ele ansioso, procurando nas demais folhas se havia a continuação do relatório, mas não encontrou mais nada. – Julius... estava atrás destes relatórios? Mas, e quanto àqueles outros que estão no escritório, por que não levaram? – perguntou a si mesmo olhando para a vidraça da janela quebrada.

Aproximou-se da janela vendo parcialmente as árvores distribuídas pelo jardim e o rio que o levou até aquele chalé. A tímida iluminação do porão entrava pela janela quebrada e pelos buracos de bala que perfuraram a parede de madeira. Ele percebeu vários móveis cobertos por poeira, entre eles um grande guarda-roupa que o deixou ainda mais curioso. Abriu cuidadosamente para que não espalhasse muita poeira, mas em poucos minutos, seus olhos lacrimejavam e suas narinas ardiam.

– Nossa! *Cof... cof... cof...* quantas, quantas roupas aqui dentro... – abanava-se com as mãos com a intenção de tirar a poeira que encobria sua visão dentro do guarda roupa. – Hum, essa aqui... é um vestido... *cof, cof...* vestido de época. – retirava a roupa de dentro do guarda-roupa. – E essa aqui... parece um blazer, essa outra uma calça da década de 70, uma capa de Conde Drácula... e... o que é isso!? Vermes?! Ergh, um paletó

com... bom, essa roupa é de zumbi... hum, esta parece ser de piloto de avião, esta de faxineira... quantos figurinos! – impressionou-se com as roupas, e logo fechou o guarda-roupa.

Subiu a escada e deixou o porão. Entrou novamente no escritório e voltou a analisar as folhas de relatórios que estavam soltas pelo chão.

– Esses documentos foram assinados pelo professor Yaacov e este outro aqui... pela Bia... As datas são muito próximas e recentes. – falou ele ao comparar os relatórios. – Está faltando páginas, tem que estar por aqui... – Tomaz se agachou e começou procurar as páginas restantes.

Encontrou mais algumas delas, mas que não faziam conexão com as demais.

– Mais fórmulas químicas... – disse ele, sem esperança.

Enquanto olhava as páginas, de relance, viu o nome IQN sendo citado dentro do relatório.

“...os testes físico-químicos foram validados no laboratório da IQN. Sendo utilizados os seguintes materiais para o procedimento experimental descritos na tabela...” – leu parte do relatório do professor Yaacov. – “...o tecido de lã foi excluído por não apresentar boa característica...” – leu mais um trecho do mesmo relatório. – O professor estava na mesma pesquisa que a Bia, ambos citam processos químicos em tecidos. Está parecendo que o professor também trabalhava em conjunto com essa empresa.

Saiu do escritório e colocou a mão em seu bolso para pegar a chave do seu carro, mas retirou de lá o cartão de identificação. Olhou aquela fotografia 3x4 de Julius e observou que estava vestido com um uniforme militar. Virou o cartão notando em seu verso o brasão da IQN escrito em letras brancas foscas gravadas na superfície lisa branca e brilhante; e que ele não havia percebido quando estava sob a iluminação fraca do porão.

– Julius vestindo uniforme militar na IQN? – desconfiou. – Precisarei de um disfarce para conseguir entrar lá!

Desceu novamente as escadas de alumínio que havia colocado na porta do porão e buscou uma roupa dentro do guarda-roupa.

– Hum... o que mais tem aqui dentro... vestido de noiva, uniforme de cozinheiro... Nossa, esse aqui é chique, até eu usaria lá no Tradicional. Para qual trabalho será que ela fez...? Teatro, talvez? Que mais... gari, pintor... e... ahá! Sabia que tinha visto por aqui um uniforme militar. – disse ele retirando a roupa do guarda-roupa. Retirou o cartão do seu bolso e comparou o uniforme que estava em suas mãos com a roupa que Julius vestia na foto. Apesar de aparecer apenas o busto, ele arriscou e levou a roupa consigo, confiando no trabalho impecável de sua amiga.

Tomaz saiu do chalé e, ao passar pelo jardim, olhou para os troncos de algumas árvores que guardavam consigo as cicatrizes deixadas pela bala da pistola de Christian, o que o deixava ainda mais preocupado sobre o parecer de sua amiga.

Chegou ao seu Veloster e quando abriu a porta traseira para deixar o uniforme sobre o banco, viu o Torá. Entrou no carro e por alguns minutos ficou pensativo e em silêncio.

– Dona Joana disse que tia Giselda tinha ido viajar... e eu tinha uma esperança de encontrá-la aqui. – lamentou ao lembrar as palavras daquela senhora.

Antes de partir, Tomaz decidiu se vestir ali mesmo. Retirou o plástico empoeirado que protegia o uniforme e se despiu. Jogou sua calça jeans no banco traseiro e vestiu uma calça de algodão camuflado em tonalidades de verde. Tirou a camiseta dada por Luciana e a jogou no banco traseiro junto

com sua calça, notando o emblema da faculdade de biologia, em seguida, vestiu a camisa do uniforme.

Por alguns instantes, flashes da noite na quermesse vinham em sua mente:

– “...Tá aqui! É o seu tamanho!...”, “...Tom, essa é a Jô! Tom-Jô, Jô-Tom!...”, “Ah, meu filho... ela foi viajar e não ia poder fazer os salgados da quermesse...”, “...Tipo assim, pode se vestir aqui!...”, “...os judeus utilizam o Torá...”.

Nesse momento, uma descarga de adrenalina percorreu todo o seu corpo. Terminou de se vestir e, rapidamente, entrou no carro olhando para o livro sagrado em cima do banco.

Deu um profundo suspiro de despedida admirando o chalé e, vagarosamente, saiu do jardim; entrou na estreita rua sombreada pelas enormes copas das árvores e, em seguida, Tomaz seguiu caminho atravessando a formosa Vila Abernésia rumo à IQN.

Capítulo Quatro

Beep, beep!!! Beeeeeeep...!!!

– Aê mano, deixa nós passá!!! – gritou o motoboy na janela esquerda do Veloster.

– O quê?! – disse Tomaz após ter levado um susto.

– Vai pra lá mano! – disse o motoboy movimentando sua moto de um lado a outro querendo passar por um estreito espaço entre os dois carros que estavam parados no congestionamento da rodovia Ayrton Senna.

Beep, beep!! Beep, beep!!

– Aê mano, que tá pegando? – perguntou o motoboy detrás.

– Esse Mané ae... Sai da fita mano, pô! – gritou o primeiro motoboy, impaciente.

Logo que o veículo da frente se movimentou, Tomaz conseguiu ajeitar seu carro colocando-o um pouco mais para a direita, permitindo um espaço um pouco maior para a passagem das motos.

– Êêê, meu, até que enfim...! – disse o motoboy movimentando a cabeça de um lado para o outro, ao mesmo tempo em que gesticulava com seu braço esquerdo num movimento de ‘chega pra lá’.

– Esses caras são muito insensatos! Não tem como eu sair daqui e... ahhh... ainda bem que os carros começaram a se movimentar. – falou

Tomaz exausto, após horas atrás do volante.

Enquanto dirigia na lentidão da rodovia, avistou ao longe um helicóptero parado no ar e uma imensa camada de poluição em tonalidades de cinza como pano de fundo sobre o céu alaranjado de fim de tarde. Mais adiante, um cheiro desagradável invadiu o interior do seu carro e ao mesmo tempo, ouviu o barulho de um helicóptero se aproximando. Olhou momentaneamente para o céu e viu um helicóptero voando baixo seguindo o mesmo trajeto da Marginal Tietê.

– Com esse trânsito, o jeito é ir voando. Aliás... – olhou mais outro helicóptero cruzando o céu. – ...Nesta cidade parece que tem congestionamento até pelos ares.

Ligou o rádio do carro que logo sintonizou uma das rádios da cidade.

– “...e o metrô que circula na Linha Vermelha no sentido Sé – Corinthians Itaquera está parado esperando chegar o socorro para um homem que caiu nos trilhos da plataforma da estação do Brás. Vamos agora para as notícias do trânsito: Estamos sobrevoando a Marginal Tietê na altura do Sambódromo. Há congestionamento no local por conta de um veículo parado no meio da pista por falta de combustível; e o trânsito se estende por mais cinco quilômetros até a entrada da rodovia Presidente Dutra. Neste horário, a cidade tem no total em torno de 480 quilômetros de congestionamento...” – comunicou a locutora.

– Oh não. Os carros estão parando lá na frente... acho melhor eu mudar de pista. – disse ele, olhando para o retrovisor esquerdo. – Ei! Êeeeeeei...!!! Não tá me vendo não?! – gritou para o caminhão que o fechava sem dar sinal, fazendo com que Tomaz freasse bruscamente e jogasse seu carro para o lado contrário. – Que loucura essa cidade!

Beep, beeeeeeep!!! Crash!!!

– Meu retrovisor!! Motoqueiro dos infernos! *Foooooon fooooon...* – xingou, ao mesmo tempo em que apertava a buzina, após o motoqueiro bater com os pés em seu retrovisor esquerdo, deixando-o pendurado no carro.

Instantes depois, uma viatura da polícia apareceu logo atrás e presenciou o ocorrido. Emparelhou o carro com o Veloster e sinalizou para Tomaz abaixar o vidro.

– Está tudo bem? – perguntou o policial.

– O motoqueiro arrancou o meu retrovisor! – respondeu exaltadamente.

– Você pode... oh! Perdão, Capitão! Nós pegamos a chapa da moto e já avisamos a central, não se preocupe. – disse o policial prontamente, em seguida, saiu cruzando os veículos à frente.

Contente em ouvir que os policiais pegaram o número da chapa da moto, seguiu viagem na lentidão da Marginal.

– “...as afinidades culturais e por ser um país rico em fontes de energia. É de grande importância para o Brasil querer manter relações próximas e produtivas com a Venezuela, apesar do presidente venezuelano ter feito um acordo com a Bolívia nas últimas semanas. Isso está dificultando as reaproximações com o Brasil, que tem ações contrárias aos interesses bolivianos...” – relatou o jornalista da rádio.

– O que o presidente da Venezuela está querendo fazer? Agora que o acordo com as petrolíferas não vai sair do papel. – Tomaz colocou a mão no bolso da calça para pegar seu celular. – Alô?!

– Tomaz! Ei *brother*, aqui é o Gabriel, como está?

– Oi... Bem, eu estou em São Paulo. Como vão as coisas no Tradicional?

– Tudo bem. Hoje no almoço um dos nossos clientes pediu Pierogi, mas nossos auxiliares de cozinha não encontraram a receita naquele seu livro de receitas estrangeiras. Não pudemos servir o prato apesar de estar sendo oferecido no menu... – contou seu amigo, mas logo foi interrompido por Tomaz.

– Não encontraram?! Verifique o livro, Gabriel. Essa receita é clássica, eu lembro muito bem...

– Não está no livro, Tomaz. Você deve ter perdido algumas folhas e eu tive que oferecer outro prato ao cliente e...

– Eu não acredito, Gabriel!! Como que eu iria perder aquelas folhas? Elas estão todas coladas no livro! Pergunte ao pessoal da cozinha, alguém arrancou as folhas do livro! Preciso desligar agora, estou na Marginal do Tietê e a polícia está pedindo para eu encostar o carro. Logo que eu sair de São Paulo, voltarei ao Tradicional, abraço! – desligou o celular e rapidamente saiu da pista.

– E agora, mais essa! – resmungou ele olhando o policial se aproximando do carro. Aproveitou e abaixou o vidro da janela.

– Capitão! Por favor, venha comigo. – pediu o policial para Tomaz.

– Capitão?! Mas o que está acontecendo? – perguntou a si mesmo ao sair do carro.

No momento em que fechou a porta, viu sua imagem sendo refletida pelo vidro e pela lataria da porta do seu Veloster. Fardado da cabeça aos pés, com os broches da sua patente em seus ombros e escrito no peito Capitão Monteiro, Tomaz se deu conta de que estava usando um uniforme.

– Esse disfarce é muito bom! Confundi até esses policiais. – pensou ele.

– Senhor, pegamos o elemento que arrancou o seu retrovisor e também de outros veículos depois do seu. Vamos levá-lo à delegacia. – disse o policial, gesticulando as mãos para o outro policial.

– Ah... sim! Meus parabéns, rapaz, bom trabalho! – respondeu ele, com um discreto sorriso no rosto.

– Espere um minuto, por sorte estávamos levando o Cabo Silva na viatura. Ele se prontificou em colocar o retrovisor para o senhor. – disse o policial, chamando o cabo.

– Hum... Então eu vou ficar aguardando o Cabo... Cabo Silva consertar meu retrovisor. – respondeu receoso de que descobrissem seu disfarce, mas ao mesmo tempo cheio de contentamento pela apreensão do motoqueiro.

Alguns minutos depois, seu carro estava pronto para partir. Entrou na Marginal Tietê e seguiu caminho até o outro lado da cidade onde o GPS indicava o endereço de destino.

Tomaz estacionou o carro alguns metros distantes da portaria da IQN e ficou observando o movimento das pessoas que saíam e entravam pelo portão. Notou que a maioria delas usava uniforme militar, o que o levou a suspeitar de ser uma empresa militar privada.

– Por que será que Bia e o professor Yaacov se envolveram com os militares? – Tomaz estava intrigado. – Olha só... Aquele loiro filho da mãe que me deu uma coronhada na cabeça! – disse ele, ao ver André acompanhado por Pedro dentro do carro entrando na empresa.

Logo em seguida, viu entrando pelo portão o mesmo carro que estava parado na frente da igreja na noite em que Beatriz desapareceu. Tomaz reconheceu Christian no volante e Julius no banco de carona. Após ter ficado horas à espreita, percebeu que ninguém mais entrou ou saiu lá de dentro.

A IQN se situava às margens de uma comunidade carente separadas apenas por um córrego. Seus muros eram bem altos com cercas eletrificadas, possuía um portão de ferro todo fechado monitorado por câmeras de segurança e sentinelas. Na entrada havia uma escada larga com pequenos arbustos ao redor dela e uma porta de vidro fumê com um aparelho de identificação ao lado. Uma cabine com dois guardas faziam a segurança na porta de entrada da empresa.

Com receio de entrar durante a madrugada, Tomaz preferiu esperar amanhecer. Tentou dormir dentro do seu carro estacionado nas ruas escuras do bairro, mas várias vezes ele era despertado aos sustos no meio da noite quando ouvia alguns tiros e freadas de pneus.

Foom foooooom...!!!

– Hum?! O que é isso!? – acordou dando um sobressalto olhando para os lados.

Foooooom fooom...!!!

Tomaz olhou repentinamente no retrovisor e sua vista foi ofuscada pelos faróis altos do ônibus na traseira do carro. Neste momento, reparou a placa de sinalização refletindo claramente que o lugar que havia estacionado era uma parada de ônibus. Sentindo-se um pouco entorpecido, ligou o carro e saiu rapidamente do local, estacionando do outro lado da rua. Desconfiado, virou-se para olhar a lateral do ônibus e reparou que se tratava de um ônibus fretado, que tinha uma placa retangular de identificação escrito IQN.

Era por volta das sete horas da manhã quando as pessoas, a maioria delas uniformizadas e outras vestidas como civis, saíram do ônibus e entraram na empresa.

Neste momento, Tomaz viu uma oportunidade de entrar lá. Saiu rapidamente do carro, atravessou a rua e logo se misturou no meio das

peessoas que caminhavam para o portão de entrada. Quando estava subindo os degraus, suava frio. Olhou para a cabine de segurança e logo desviou o olhar quando um dos guardas o abordou:

– Senhor?

De cabeça baixa e sem tirar os olhos do chão, Tomaz retirou ligeiramente o cartão de identificação de Julius do seu bolso. Com as mãos trêmulas, o cartão caiu no chão e foi chutado involuntariamente pela pessoa de trás para perto da porta. Arriscou olhar de canto de olho e viu o guarda se aproximar. Abaixou-se e engatinhou até a porta desviando-se das pessoas que queriam entrar. De repente, quando viu a imagem daquele homem, em pé, olhando para ele, sendo refletida pela porta de vidro a sua frente, Tomaz entrou em pânico. Seus batimentos cardíacos aumentaram e numa reação de ato reflexo que nunca tivera antes, ele pegou o cartão de Julius e se levantou rápido do chão, passando-o de imediato no aparelho de identificação.

– Senhor?! – chamou o guarda.

– Si... sim... – ele se virou, ficando de frente a frente, ao mesmo tempo em que ouvia o barulho de abertura da porta.

– Oh!... Perdão Capitão! Como o senhor conhece as normas, não é permitido entrar com o uniforme desse jeito. – alertou o guarda.

Tomaz olhou para seu reflexo na porta e então percebeu que estava com a camisa desabotoada até um pouco abaixo do peito. Lembrando-se de que havia desabotoado sua roupa quando passou a noite em seu carro.

– Obrigado... – ajustou rapidamente seu uniforme e enfim entrou no prédio.

A IQN tinha apenas um andar e a sua construção tinha o formato retangular. Além disso, possuía um pequeno alojamento térreo capaz de comportar umas vinte pessoas, situado do lado de fora, ao lado do

estacionamento interno. Ao entrar, se via uma parede em madeira que sustentava o símbolo da IQN – Instituto Químico Nobel – cujo logotipo tinha sido construído em letras garrafais de acrílico. O chão era de mármore verde que refletia o balcão de vidro localizado no centro do *hall* por onde as pessoas eram recepcionadas. À esquerda, havia um corredor com pequenas placas penduradas na parede indicando os setores da empresa, e o corredor à sua direita, um pouco mais largo que o outro, onde estavam situados os laboratórios.

Para não levantar suspeita, logo que passou pela porta de entrada, Tomaz seguiu o fluxo das pessoas à sua frente. Percorreu um corredor passando em frente a uma escada, mas logo em seguida, deu meia volta e a subiu indo para o primeiro andar. Depois disso, entrou na primeira porta que encontrou aberta.

Com o coração acelerado, conseguiu parar um minuto e respirar. Olhou ao seu redor e viu que estava numa sala onde eram expostos quadros de ex-comandantes daquele Instituto. No centro da parede havia o símbolo do Exército Brasileiro ao lado da bandeira do Brasil; e na mesa de madeira à sua frente havia o mapa da América do Sul aberto com algumas demarcações.

De repente, Tomaz escutou os passos de alguém se aproximando. Sem saída, virou-se para a mesa, de costas para a porta, colocando as mãos em cima do mapa. Ao ouvir a porta se abrir, ele ficou imóvel e ofegante.

– O que você está fazendo aqui? – o homem parado em frente à porta, rudemente, perguntou com sua voz rouca.

Ainda de costas para a porta, Tomaz ergueu a cabeça e olhou para um dos quadros da parede conseguindo ver parcialmente o reflexo do homem

que entrou. Desviou um pouco mais seus olhos até que visualizou o imenso corpo atrás dele. Respirou fundo e utilizou o seu disfarce para enganá-lo.

– Você?! Você, porra nenhuma! – virou-se Tomaz encarando Julius. – Por acaso VOCÊ sabe com quem está falando?

– É... ahn...

– Eu sou Capitão! E EU pergunto o que VOCÊ está fazendo nesta sala. – disse exaltadamente.

– É... perdão... Capitão, eu... apenas vim cumprir ordens. Preciso levar aquele mapa na sala do Coronel... antes que ele chegue e... – Julius respondeu, acuado.

– Saia daqui! Eu mesmo levo aquele mapa na sala do Coronel. Por sorte não irei delatar esse desrespeito. – respondeu, apontando o dedo para a porta.

Julius saiu da sala e Tomaz fechou a porta apoiando-se atrás dela dando um profundo suspiro.

Enrolou o mapa que estava em cima da mesa e saiu à procura da sala do Coronel. Andou pelo corredor em passos rápidos e estava receoso em ser identificado pelas câmeras de segurança suspensas no teto.

Inesperadamente, surge andando em sua direção, uma mulher de pele morena carregando nos braços alguns documentos. Tomaz capciosamente deu passagem a ela e aproveitou para desviar o seu olhar para cima dos papéis que levava, dessa forma, conseguiu ver uma tarja com a escrita ‘Confidencial’ em vermelho endereçado ao Coronel. Parou em frente ao bebedouro e tomou alguns goles de água enquanto a observava distribuindo aqueles documentos nas portas do corredor. Logo que ela entregou a pasta confidencial, Tomaz rapidamente entrou naquela sala.

– Coronel Torres... – leu o nome gravado na placa sobre a mesa de madeira.

Atrás da mesa havia uma grande janela com cortinas por onde se podia ver toda a frente do Instituto.

Tomaz se aproximou da mesa e viu a pasta sobreposta em cima de outros documentos. Tirou um deles debaixo e folheou as páginas.

– É um dos relatórios do professor Yaacov... – disse ele, ao mesmo tempo em que se lembrava dos relatórios encontrados no chalé. – ...ou apenas parte dele. Se o relatório do professor está aqui, o de Bia também está. – folheou mais outras pastas até encontrar o nome da amiga. – Hum... aqui está.

Abriu o relatório de Beatriz e leu rapidamente um trecho que lhe parecia familiar, “Após o tratamento termoquímico realizado pelo professor Yaacov no tecido composto, foram feitas avaliações de resistência a variados tipos de lavagens, e posteriormente, submetidos a testes de corte e de costura...”.

Virava as páginas percorrendo os olhos de cima a baixo até o instante em que viu uma palavra que o deixou intrigado.

– “...os resultados experimentais mostraram maior resistência no tecido que não foi costurado e nem cortado. Em todos os testes, os sensores mantiveram-se intactos, sem perderem a sua função.” – leu.

A princípio sem compreender o que Beatriz queria dizer, Tomaz tentava se lembrar dos relatórios encontrados no chalé. Pegou a pasta de documentos do professor e examinou meticulosamente os relatórios, procurando o trecho que foi citado no relatório de Beatriz.

– O que ela quis dizer com esses sensores? – perguntou ele, intrigado.

Mesmo sem encontrá-lo, o que mais despertou a curiosidade de Tomaz foi ler a análise do professor Yaacov:

– “As alterações físico-químicas no tecido final fizeram com que as fibras ficassem sensíveis às reflexões de luz, o que permitiu com sucesso o efeito camaleão”.

Depois de ter lido alguns trechos dos relatórios de Beatriz e do Professor, percebeu que ainda faltava vários elementos que levassem a compreender o que estava acontecendo. Olhou em cima da mesa e viu o documento confidencial.

– O que seria tão confidencial além de terem conseguido desenvolver um tecido resistente e que tivesse o efeito de um camaleão? Alguma terceira guerra está por vir? – pensou ele ironicamente e, logo em seguida, abriu aquele documento.

Ao ler a primeira página, os olhos de Tomaz saltaram e suas mãos suavam ao notar que estava diante de uma peça crucial do quebra-cabeça. Beatriz e o professor Yaacov estavam desenvolvendo uma roupa tecnologicamente modificada na IQN.

– Bom dia, Coronel! – seu corpo estremeceu ao escutar duas vozes em uníssono próximo a porta.

– Pedro, Christian. Alguma notícia? – perguntou o Coronel.

– Podemos conversar na sala de reuniões? – perguntou Pedro ao Coronel.

Tomaz percebeu um leve sotaque castelhano na conversa, ouviu as vozes se distanciarem e aproveitou o pouco tempo que lhe restava para ler o máximo que podia. Por sorte, não eram muitas páginas, o que lhe permitiu terminar de ler e tirar fotos de alguns trechos do documento pelo seu celular.

Alguns minutos depois, Tomaz voltou a ouvir vozes ao longe e aproximando-se cada vez mais. Ajeitou rapidamente todos os documentos

em cima da mesa e estufou o peito, pensando em utilizar novamente o seu disfarce, só que desta vez, com o Coronel.

– ...faremos como eu disse. Volte à sala de monitoramento, Pedro. – ordenou o Coronel, e depois abriu a porta da sala.

Tomaz com postura ereta ao lado da mesa e com o mapa enrolado na mão aguardava o Coronel entrar na sala.

– Senhor! – Tomaz prestou continência. – Vim lhe entregar o mapa.

O Coronel Torres era um senhor moreno, forte, de ombros bem largos, aparentando a meia idade e altura próxima de um metro e setenta. Possuía alguns fios de cabelos brancos perdidos num corte de cabelo baixo. Seus olhos profundos e sua voz grossa intimidavam as pessoas diante de sua altura.

– Coloque em cima da mesa e depois pode se retirar. – ordenou Torres.

Sem titubear, saiu da sala do Coronel e, de relance, viu André entrando no corredor vindo em sua direção. Virou-se de costas para ele e acelerou os passos no sentido contrário. Infelizmente, a escada ficava do outro lado do corredor deixando-o sem saída. Pensou em alguma maneira de sair de lá antes que André o reconhecesse, mas andando até o final do extenso corredor, encontrou uma porta aberta e entrou.

Suando frio e com os batimentos a mil, Tomaz entrou na última sala daquele andar. Uma grande janela com persianas fechadas escurecia uma única mesa extensa de vidro e as doze cadeiras estofadas ao redor. Notou uma sombra no canto da sala onde o tapete estava bagunçado. Ao verificar, viu que se tratava de um alçapão no piso de madeira.

Abriu a porta e desceu uma escada que o levou para dentro do subsolo. Olhou a escuridão que estava ao seu redor, apenas conseguindo enxergar o lugar através de uma luminária industrial, que clareava uma quantidade de

recortes de notícias de jornal, fotos e mapas expostos em um mural, deixando-o ainda mais intrigado.

Aproximou-se de um dos recortes que destacava a foto do presidente brasileiro junto com o diretor da petrolífera venezuelana. Correu os olhos pelo mural, vendo muitas fotos de pessoas desconhecidas para ele, até encontrar as de Beatriz, da Giselda, do professor Yaacov e também uma foto do chalé.

Em cima de uma mesa redonda estavam mais documentos. Ele pegou um deles que tratava do apoio do presidente venezuelano à Bolívia. Ambos os países haviam fechado um acordo entre as estatais petrolíferas, sendo que o discurso do presidente boliviano era em utilizar as riquezas e os recursos naturais para desenvolver o país. Outro documento aberto por Tomaz mostrava as assinaturas do presidente brasileiro com o venezuelano para a construção da refinaria no nordeste do Brasil.

– Esse acordo entre o governo venezuelano e o boliviano vai contra os interesses do Brasil. Sendo que petróleo e demais derivados são enviados da Venezuela para abastecer o mercado interno boliviano e concorrer com o petróleo brasileiro. Então isso é um empecilho para fechar o acordo para a construção na refinaria do nordeste. – deduziu. – De qualquer forma, não entendo porque esses contratos estão aqui, nesse lugar.

Andou pela sala procurando por mais informações que o ajudassem a entender o que estava acontecendo. Foi ao passar por debaixo da escada que reconheceu as vozes de Pedro e de Julius vindo do andar de cima. Parado e com os batimentos cardíacos acelerados, Tomaz tentou prestar atenção à conversa.

– Precisaria de uma infinidade de sensores para cobrir todo esse corpo, Julius. – disse Pedro.

– Quem vai ser o escolhido para usar aquela roupa, você? Ianomâmi? Eu acho que não. Hahahaha...! – disse Julius de modo pejorativo.

– O mais cotado para usar a roupa é o Christian. – disse Pedro.

– André é mais ágil que Christian, quem vai usar é ele. Vamos fazer uma aposta? – perguntou Julius estendendo a mão para Pedro.

– Hei! O que vocês dois estão fazendo? – Tomaz ouviu a voz de outra pessoa entrando na conversa. Mas, desta vez, reconhecendo indubitavelmente que a voz era do homem que apontou a arma para sua cabeça.

– André, nós estávamos fazendo uma aposta. Quem você acha que vai ser o primeiro a testar a roupa? – perguntou Julius.

– Vocês dois estão discutindo isso?! Seus palermas! Aquela maluca queimou a roupa, esqueceram?! E ainda não sabemos por onde ela anda. O seu chefe está apertando o Coronel Torres. – disse André se referindo a Pedro. – Se nós não fizermos alguma coisa, nossas cabeças vão rolar. E a primeira vai ser a sua! – André apontou seu dedo para Julius.

– E quando pegarmos a garota? – perguntou Julius.

– Depois que ela entregar a roupa... a gente dá um fim nela. – disse Pedro, acendendo sua cigarrilha na boca.

– Vamos, Torres quer nos passar outra missão. – André chamou todos à sala de reunião.

Tomaz ouviu os pesados passos de Julius se distanciando e o barulho da porta se fechando. Sentou-se na cadeira, respirou profundamente e tentou se acalmar. Por alguns minutos tentava organizar as informações na sua mente. Voltou a olhar para o mural e abriu os demais documentos sobre a mesa, encontrando além dos tratados entre o Brasil, Venezuela e Bolívia, arquivos

de escuta e gravações de vídeo, uma lista de nomes de pessoas venezuelanas e planilhas financeiras.

Examinou uma das planilhas e admirou-se com a imensa quantidade de dinheiro que estava em jogo no acordo entre o Brasil e a Venezuela. Juntando isso ao documento confidencial lido na sala do Coronel, Tomaz começou a perceber o tamanho do problema em que Beatriz havia se envolvido.

– A Bia queimou a roupa. – Tomaz lembrou o que André disse. – A mesma roupa que foi criada por ela e pelo professor Yaacov a partir do tecido composto. Uma roupa de alto valor tecnológico para ser usada pelos militares... – pensou. – ...e agora, com todos esses acordos entre as petrolíferas dos países vizinhos... acordos estes que vão contra os interesses do governo brasileiro... é claro que eles utilizarão a roupa para fazer espionagem! – deduziu. – Com uma roupa daquelas, o poder de se camuflar em qualquer ambiente e a qualquer momento... e as únicas pessoas que detêm esse conhecimento são a Bia e o professor Yaacov.

Tomaz subiu a escada e abriu lentamente a porta verificando se havia gente na sala. Aproveitou que não ouviu mais nenhum barulho e saiu da sala de reuniões. Com os passos apressados, atravessou o corredor e conseguiu chegar à escada de saída. Desceu ligeiramente os degraus e andou em direção ao *hall*.

– Já está indo embora, Capitão?

Reconhecendo a voz com sotaque em castelhano, ele parou de andar subitamente em frente à porta principal. Ainda de costas para Pedro, pensou desesperadamente em alguma maneira de sair de lá.

– Não, eu estou procurando o Christian. Você sabe onde ele está? – respondeu o militar vindo em direção ao venezuelano.

Por um instante, Tomaz ergueu a cabeça e viu o homem que passava ao seu lado, notando que se tratava de outro Capitão.

Sem perder a chance, abriu a porta de vidro e passou pelos portões da IQN.

Correu em direção ao seu carro e logo deu a partida. Não muito longe dali, entrou novamente no trânsito da Marginal Tietê.

Dirigindo de volta para sua cidade, Tomaz continuava atônito com a proporção do problema. Pensava na importância das informações que havia descoberto naquela manhã e de como poderia ajudar Beatriz.

– Um carro desse aí... é difícil de perder de vista. – disse André para Julius.

– Azul e nesse modelo...

– Se ele andar muito acima da velocidade da rodovia... nós estamos perdidos. Por que você foi pegar logo esse carro 1.0?! Julius, você é uma anta! – disse André irritado.

– Só tinha esse disponível, não peguei o Q3 porque Christian irá usá-lo. Como eu ia imaginar que ele ia pegar a rodovia? – Julius deu de ombros.

– Você não é uma anta... você é uma ameba! – disse André irritado. – Capitão Monteiro... será que você não percebeu que não existe nenhum Capitão Monteiro na IQN?! O mais engraçado foi ver a sua cara. De cabeça baixa, acuado... sendo expulso da sala pelo “Capitão Monteiro”... hahahaha!

– Você e o Pedro estavam monitorando as câmeras e não fizeram nada! Podíamos ter pegado ele no momento que entrou! – disse Julius,

balançando a cabeça negativamente.

– Para tudo tem o momento certo. Ele deve estar pensando agora que saiu do Instituto sem ser notado. Por um lado até que tivemos sorte, se estivéssemos com o Q3 era capaz de sermos reconhecidos.

– Você podia ter estourado a cabeça dele lá no Café e ele não estaria sabendo das nossas informações!

– Vamos fazer como planejado pelo Coronel. Seguiremos o cozinheiro.

– E se ele não souber onde a mulher está? Estamos perdendo tempo com essa ideia do Coronel! – disse Julius, inquieto.

– Seguiremos o cozinheiro até que ele nos leve aquela garota. Depois que invadimos o chalé, eu e Christian entramos no Café. Percebemos que o cozinheiro estava bem relutante... ele deve saber de alguma coisa. – suspeitou André.

– Naquela noite, quando voltamos para o IQN, eu vi o Pedro mexendo naqueles documentos que estão no subsolo e... – contava Julius.

– Temos que tomar cuidado com aquele índio! Lembra-se de que ele está no grupo por conta do acordo entre o Coronel Torres e o Coronel León. Pedro está aqui para acompanhar o andamento desses tratados, e pelo jeito não está gostando muito. – alertou André.

– E agora que a Venezuela fechou o acordo com a Bolívia, dificultou ainda mais a parceria entre as petrolíferas daqui e a de lá. Esse dinheiro não vai sair logo... – disse Julius, percebendo o Veloster se distanciar. – André, pisa fundo porque iremos perdê-lo! – gritou.

– Estamos subindo a serra, não vamos chegar muito longe com esse carro... – olhou de cima a baixo para Julius – ...e nem com esse peso! Aaaahh!! Idiota! – André se irritou batendo com as duas mãos no volante.

– Mais uma palavra sobre mim... e eu acabo com você! – disse Julius, apontando sua arma.

De repente, André virou a direção bruscamente para um lado e para o outro, na intenção de derrapar o carro na pista e fazendo com que o corpo de Julius fosse jogado contra a porta. Neste instante, o celular de André tocou.

– Se você colocar a mão no seu bolso, eu atiro, cretino! – gritou Julius.

Com as mãos no volante, André deixou o celular tocar até parar. Alguns minutos depois, foi a vez do celular de Julius. Segurando a arma em uma das mãos, Julius atendeu o seu celular:

– Fala!

– Estamos saindo da IQN, onde vocês estão? – perguntou Christian.

– Subindo a serra, eu acho que o cozinheiro está voltando para a cidade dele. – respondeu Julius.

– Coloquei um rastreador no carro dele. Deixei o receptor aí no portaluvas antes de vocês saírem.

– Está aqui. – confirmou Julius pegando o receptor. – Nos vemos lá.

Guardou a arma e observou o carro de Tomaz se mover no mapa.

– Christian colocou um rastreador no carro. Podemos localizar o cozinheiro agora. – disse Julius a André.

– Excelente. O que está indicando no mapa? – perguntou André.

– Ele já chegou na cidade.

– Ok. Estamos pertos... vamos agir como planejado.

Depois de algumas horas de viagem, Tomaz chegou ao Tradicional Café.

Empurrou a porta da cozinha e deu de frente com o homem de estatura mediana e de descendência italiana. Tinha o corpo um pouco acima do peso e bochechas sobressalentes. Usava um chapéu comprido que escondia os cabelos castanhos ondulados e vestia uma roupa branca que, inesperadamente, recebeu alguns respingos do molho de tomate no fogo depois de ter se assustado com a voz do seu amigo.

– Olá Gabriel!

– Rá! Tomaz...! – disse ele, passando um pano na roupa para retirar as manchas do molho. – Mudou de profissão? – indagou ao vê-lo vestido com o uniforme militar.

– Não... é uma longa história... Como vão as coisas? – perguntou ele, entrando na cozinha.

– Chef! – disseram todos da cozinha com um grande sorriso no rosto.

– Estávamos com saudades do senhor! – disse uma auxiliar de cozinha.

– E também bastante preocupados. – disse um dos cozinheiros.

– Por que está vestido assim? – perguntou Tati.

– Bom, depois eu explico para vocês. O Gabriel coordenou vocês direito? Não mintam! – Tomaz olhou maliciosamente para Gabriel.

– Sim, sim... só estranhamos porque o senhor riscou o próprio livro de receitas... – respondeu o cozinheiro.

– O quê?! Deixa-me ver isto. – disse ele, incomodado.

Com o livro de receitas nas mãos, Tomaz deu uma rápida folheada e logo apareceram os primeiros rabiscos em caneta vermelha.

– Quem fez isso?!

– Não sabemos. Quando fui ver aquela receita de Pierogi... a página não estava mais lá. – respondeu o cozinheiro.

Chateado pelo o que havia acontecido com seu livro, Tomaz foi até seu escritório e o abriu novamente. Observou os círculos feitos em caneta vermelha que ora envolvia apenas uma letra de uma palavra, ora duas, chegando ao máximo de três letras. Examinou folha por folha notando que isso vinha se repetindo em várias outras páginas, além disso, percebeu que não só estava faltando a receita que o cozinheiro falou, mas também foram arrancadas várias outras páginas do seu livro, o que deixou-lhe furioso.

Enquanto pensava por alguns minutos sobre isso, de repente apareceram vagas lembranças na sua mente. Tomaz começou a reconhecer aqueles rabiscos.

– Hum... quando éramos crianças e a tia Giselda contava algum segredo para Bia, eu ficava curioso em saber o que era. Chantageava-a dizendo que ia acordar morto no dia seguinte... e que eu iria morrer triste se não soubesse... hahahaha. Então ela pegava um jornal e circulava as letras das palavras, dessa forma ela não me contava o segredo, mas queria que eu descobrisse. – Tomaz se lembrava com um sorriso no rosto. – E depois... no dia seguinte, logo que eu acordava, ia à casa da tia Giselda dando um grande abraço na Bia dizendo que ela havia me salvado!

Pegou um pedaço de papel e anotou todas as letras que estavam circuladas no livro de receitas colocando-as na ordem que aparecia no livro.

– E tem outra coisa, ela sabia como me irritar.

Com todas as letras anotadas, ele conseguiu decifrar a mensagem que Beatriz havia deixado.

Cuidado com os homens do café. Estão atrás de uma roupa que criei. Preciso resolver esse problema sozinha para que eles não machuquem mais

ninguém. Só assim terei paz. Desculpe.

– Não, Bia, não... eles irão matá-la! – disse ele, aflito.

Pegou o papel onde havia anotado a mensagem e o queimou. Saiu do Tradicional avisando Gabriel para substituí-lo mais uma vez. Pegou o carro e foi para sua casa.

– Veja, Julius. O cozinheiro está saindo. – disse André, dentro do carro parado a alguns metros do Café.

Depois que o seguiu até a casa, André estacionou o carro próximo ao Q3 que já havia chegado lá com Pedro e Christian.

– Puseram as escutas? – perguntou Julius.

– Já estão todas funcionando, agora é só aguardar. – respondeu Pedro.

Tomaz entrou na casa e foi tomar um banho. Ao retirar o uniforme, lembrou-se dos apuros que aquela roupa havia lhe livrado, pensando em depois de lavá-la, expor como uma recordação em sua parede.

– Acho que Bia não irá sentir falta dela. – disse ele.

– Sentir a falta de quem? – perguntou Christian.

– Com quem ele está falando? É pelo telefone? – perguntou Julius.

– O monitoramento do sinal do telefone está em *off* aqui no sistema, ele deve estar falando sozinho. – deduziu Pedro.

– André, veja se você consegue ter visão do que está acontecendo lá dentro. – ordenou Christian.

Habilidosamente, André subiu em cima das árvores e dos muros procurando a melhor maneira de espreitar a casa.

Um pouco mais descansado, Tomaz sentou no sofá e ligou a televisão.

– “...mesmo depois de um longo período de negociação, o diretor da petrolífera brasileira é relutante em aceitar as propostas da Venezuela antes da estatal apresentar suas garantias financeiras ao banco. Os presidentes de

ambos os países terão uma reunião amanhã de manhã sobre o assunto.” – relatou a jornalista do jornal noturno.

– Ainda isso. – irritou-se Pedro após ouvir a notícia pelo seu *headphone*.

– Precisamos dessa grana! – falou Julius.

– Shhhh!!! Calem a boca! Com quem ele está falando agora? – perguntou Christian.

– ...está tudo bem! E como vai os estudos? – perguntou Tomaz.

– Ai Tom. Assim não dá né? Tá me perguntando dos estudos. Aquele dia na padaria foi tão corridinho né? – disse Luciana.

– Eu tinha muita coisa para fazer, tive que voltar logo. – respondeu Tomaz.

– Nooossa Tom! Tipo... uma amiga minha A-DO-ROU quando te viu lá na quermesse. Já passei o seu contato pra ela, viu! Fofa... assim, te liguei pra saber quando você vai voltar pra cá... você tem que conhecer a minha amiga! – disse Luciana, empolgada.

– Tenho andado bastante ocupado e...

– Ahhh... se não vir logo, eu vou até aí. Beijinhos, fofo! – despediu-se.

– Alguém rastreou o número? – perguntou Julius.

– A chamada veio de uma cidade do interior. – disse Pedro. – Mas não acho que seja relevante o registro.

– Registraremos tudo! – ordenou Christian.

Tomaz desligou a televisão e deitou no sofá pensando na mensagem que Beatriz havia deixado para ele:

– Bia rasgou todo meu livro para chamar a minha atenção. Mas como que ela vai resolver isso sozinha?! Ah!! Tudo isso por causa dessa roupa que ela cri... espere... Ela não criou essa roupa sozinha.

Como se tivesse sido atingido por uma descarga elétrica, Tomaz levantou-se do sofá dizendo:

– O professor Yaacov!

– Professor Yaacov??? – Julius e Christian estranharam e disseram em uníssono.

– Mas... Yaacov está morto. – disse Pedro com o cigarro em seus lábios.

Após um longo tempo em silêncio, André se comunicou com Christian:

– Não consegui grande contato visual, mas o cozinheiro está apagando as luzes.

– Ok. Vamos revezar. André, volte para o carro e fique com Julius, vocês assumirão daqui 3 horas. Eu e Pedro ficaremos acordados.

Confiante nas suas deduções, Tomaz virava-se na cama de um lado a outro sem conseguir pegar no sono. Ansioso, estava certo de que sabia o paradeiro de Beatriz.

Capítulo Cinco

O barulho estridente do despertador na cabeceira da cama acorda Tomaz, que bate com sua mão direita em cima do aparelho para desligá-lo. Lentamente, abriu seus olhos e olhou para a janela que estava fechada apenas com os vidros. Viu as nuvens baixas, densas e acinzentadas que prometiam pancadas de chuva naquela manhã, fazendo com que desejasse ficar mais tempo debaixo das cobertas.

Contudo, levantou-se cambaleante da cama e caminhou até a cozinha. Com sono e ainda se sentindo cansado, foi preparar um café para ajudá-lo a despertar. Enquanto aquecia a água em uma chaleira, pegou o celular e tentou ligar para Beatriz.

Desde o dia que ela desapareceu do seu Café, Tomaz não conseguia relaxar e se sentia cada vez mais exausto. Mesmo após várias tentativas diárias de ligação, ainda não havia conseguido manter qualquer tipo de comunicação com a sua amiga, o que o deixava bastante apreensivo.

Terminou de preparar o café e, no instante em que se sentou à mesa da cozinha, o telefone tocou.

– Alô.

– Oi Tomaz, bom dia! Peço desculpas, mas eu não vou conseguir chegar a tempo para abrir o Tradicional, você poderia chegar mais cedo hoje? –

perguntou Gabriel, um pouco eufórico.

– É... claro. Aconteceu alguma coisa?

– Preciso desligar. Conversamos depois quando eu chegar, abraço.

Tomaz olhou para o relógio e viu que estava atrasado. Em alguns goles tomou o café e rapidamente trocou de roupa. Pegou o seu carro e em minutos estava em frente ao Tradicional.

Colocou a chave na fechadura da porta do Café e a girou de um lado para o outro sentindo pequenos agarramentos da chave na tranca. Forçou-a mais algumas vezes, mas não conseguiu abri-la. Decidiu então puxá-la da porta para recolocá-la, mas também nada adiantou. A chave havia emperrado.

Após alguns minutos de tentativa, Tomaz conseguiu destrancar a porta. No momento em que a empurrou, escutou um súbito barulho de metal. Alguma coisa havia sido derrubada no chão da cozinha.

Olhou a sua volta e não viu nada além das mesas e das cadeiras postas em seus lugares. Cuidadosamente, deu alguns passos em direção ao balcão, mas com receio em continuar, deu meia volta e foi até o seu carro pegar uma ferramenta. Quando ainda estava na rua voltando para o Tradicional, notou que já havia alguns clientes na porta, mas, por precaução, pediu para que eles aguardassem alguns minutos.

Com uma chave de roda na mão, Tomaz abriu a porta de entrada com cuidado e andou lentamente em direção à cozinha. Segurando a arma improvisada com as duas mãos em frente ao seu peito, ele parou em frente a porta da cozinha e a abriu com força, de uma só vez.

– Surpresaaaa...!!! – disseram todos os empregados do Tradicional, ao mesmo momento em que as luzes foram acesas.

Atônito, largou a chave de roda e tentou entender o que estava acontecendo. Deu um ligeiro sorriso e ao mesmo tempo notou alegria e ansiedade nos rostos de cada um deles. Saindo de dentro do escritório e empurrando um carrinho com um grande bolo em cima, Gabriel se aproximou de Tomaz e o cumprimentou com um abraço.

– Gabriel, que loucura é essa aqui?! Hoje não é meu aniversário e você sabe que...

– Tomaz, não é você quem está fazendo aniversário... é o Tradicional Café! Resolvi fazer uma surpresa para o nosso chef e chefe! – disse ele com um largo sorriso no rosto. – Pessoal, vamos voltar ao trabalho. Já temos clientes na porta. Como vocês sabem, de hoje em diante os dias serão bastante corridos. – avisou, de frente para todos.

Os empregados rapidamente tomaram seus postos e começaram a atender aos pedidos dos clientes, informando-os sobre as novidades daquela semana.

– Por que os dias vão ser corridos? – perguntou Tomaz incomodado.

– Ia conversar com você ontem, mas você ficou furioso depois que viu o seu livro de receitas rasgado. Você tem andado muito estressado com as coisas que ocorreram. Por isso, resolvi fazer uma surpresa... E isso não é tudo.

– O que falta eu saber, Gabriel?

– Sabe por que todos nós estamos ansiosos?! Veja a Tati lá no balcão, ela não tira aquele sorriso do rosto desde que contei a novidade.

– Conte-me logo. – disse impaciente.

– Ok. Bem... Ligaram aqui alguns dias atrás, do gabinete do prefeito. Disseram-me que a cidade irá receber uma das mais respeitadas orquestras do mundo e querem que o Tradicional receba-os num jantar com o prefeito!

– E você disse a eles que ia pensar a respeito, certo?! – disse ele, preocupado.

– Pensar a respeito... pensar a respeito do quê?! Temos espaço suficiente, será um evento apenas para convidados. Não seja pessimista, Tomaz! Nós vamos fazer esse jantar e sabe por quê?

– Sim... você já confirmou com eles que...

– Porra, *brother*! Nós vamos ser premiados como o melhor Café do Estado! – seu amigo respondeu sorridente e dando um tapa nas costas.

– O quê?! – espantou-se.

– É isso mesmo que você ouviu. Temos que preparar toda a equipe o quanto antes.

Tomaz olhou para os seus empregados e claramente notou o entusiasmo deles quando estavam trabalhando. Pegou o calendário e preocupadamente perguntou:

– Quantos dias nós temos?

– Uma semana.

– Uma semana?! Não vai dar tempo. – respondeu, angustiado.

– Qual é... Você tem que ficar aqui esse período. Vai ter que ajudar o pessoal na cozinha, eles não saberão fazer aqueles pratos mais sofisticados.

Após alguns minutos em silêncio, ele abriu um sorriso no rosto e estendeu sua mão dizendo:

– Irei selecionar os pratos ainda hoje e iniciaremos os treinamentos amanhã. – Ah! Obrigado! – Gabriel apertou a mão do seu amigo alegremente e saiu da cozinha em seguida.

De pé e estático, Tomaz assimilava a notícia por alguns minutos. Depois disso, andou até o balcão, onde recebeu cumprimentos de alguns dos seus clientes, que ficaram sabendo da novidade.

Naquela manhã foram distribuídos vários pedaços de bolo de aniversário em forma de agradecimentos aos fregueses. Mesmo que um lado de Tomaz estivesse feliz, ainda havia o outro em que a preocupação era estampada em seu semblante. Pensava no evento da cidade e ao mesmo tempo ficava chateado por ter que adiar a procura por Beatriz. Caminhou até a porta de entrada do Café e foi abordado por Tati, que segurava uma folha de papel colorida.

– Tomaz, veja! Eu terminei de atualizar o site do Tradicional e fiz esse modelo de convite para ser impresso na gráfica. O que acha?

– Orquestra Filarmônica de Berlim?!?! – disse ele, exaltadamente, após ler o convite.

– Mmm... a imprensa está divulgando várias vezes nos comerciais e... olha lá! Está passando novamente. – Tati apontou para a televisão.

Tomaz se virou e ficou surpreso com a propaganda da prefeitura para divulgar o Festival de Inverno, que teria como abertura o concerto de uma das orquestras mais famosas do mundo.

Saiu do Tradicional e caminhou pelas ruas vizinhas. Estava tão centrado a procura de sua amiga que ainda não havia notado os banners pendurados nos postes de energia, as montagens de palco para variados shows e entretenimentos, e as vitrines dos comércios se preparando para receber os turistas durante os próximos meses de inverno. Minutos depois, chegou até a praça e sentou em um dos bancos pensando em quantas coisas aconteceram no período que esteve longe do seu Café. Sentia-se distante e perdido frente aos acontecimentos, não conseguia tomar decisões para o seu empreendimento e seus empregados estavam mais confiantes com o auxílio da orientação do Gabriel, o que nunca havia acontecido antes. Tomaz

sempre esteve presente coordenando o Tradicional desde que seu pai se aposentou e, até aquele momento, nada o havia tirado de lá.

Após um momento de reflexão, Tomaz sentiu uma garoa fina cair em seus braços fazendo-o levantar do banco e voltar para o Café.

– André e Julius, estão na escuta? – perguntou Christian através do rádio.

– Estou na escuta. – respondeu André.

– Está chegando muita gente aqui na frente do Café. Deve ter acontecido alguma coisa, mandarei Pedro dar uma olhada. Por onde anda o cozinheiro? – perguntou Christian olhando para uma grande fila de espera que se formava na calçada.

– Ele está na praça. Por enquanto não temos nenhuma pista sobre a garota. – respondeu André.

– Vamos ter mais paciência e descobrir para onde ele nos levará. Não tomem nenhuma atitude imbecil sem as ordens do Coronel! – ordenou Christian.

– Afirmativo. – respondeu André desligando a chamada do rádio.

Do lado de fora do Café, Pedro se infiltrava na fila atrás de uma senhora pequena, que tinha cabelos curtos grisalhos e uma leve corcunda. Usava um vestido florido e imensos óculos, que abruptamente foram parar no chão, depois do seu neto ter dado um salto e batido com a mão no rosto da pobre senhora.

– Pare quieto, menino!!! – disse a senhora chamando a atenção do neto e segurando firmemente uma das mãos da criança. – Pegue meus óculos agora!

O menino cruzou os braços e ficou estático. Teimoso e com o rosto emburrado, não obedeceu às ordens da avó.

– Se não pegar meus óculos iremos embora! – ordenou a avó.

Com cara de choro, o menino pegou os óculos e os entregou batendo contra a mão da avó. Neste instante, ela o pegou pelo braço e segurou firmemente o menino que se esperneava e gritava. De repente, um dos chutes do garoto atingiu a perna de Pedro, que fumava sua cigarrilha.

– Peça desculpas para este senhor agora! – ordenou.

O pequeno menino se virou e olhou para Pedro, que retirava o charuto da boca e estreitava os olhos para ele.

– Não! – respondeu o garoto para a avó.

Pedro se agachou olhando fixamente para o menino.

– Índio feio cabeludo! – respondeu o garoto mostrando a língua para Pedro.

– Menino mal-educado!!! – a avó chamou a atenção do neto puxando-o a orelha. – Desculpe senhor, essas crianças de hoje em dia...

Pedro deu uma longa tragada e assoprou a fumaça no rosto do menino, em seguida se levantou e não percebeu que ele viu a arma no interior do seu casaco. Com medo, o garoto se escondeu atrás das pernas da avó com olhar assustado.

– Por que tem essa fila? – perguntou Pedro com seu sotaque castelhano à pequena senhora.

– Hoje é o aniversário do Tradicional Café. Há muitos anos que eu sou freguesa, aliás, desde a época que era apenas uma padaria. Quando tem comemoração, como o dia de hoje, eles oferecem pedaços de bolos que são uma delícia! E qualquer prato do cardápio sai pela metade do preço! Essa fila é para pegar o pedaço de bolo, e aquela outra, que já está se formando ali do outro lado da porta, é para conseguir uma mesa. – disse a senhora apontando com sua mão.

Pedro saiu da fila e parou na frente da porta do Café. Enquanto dava uma rápida olhada por dentro, o garoto cutucou a avó e contou sobre o que tinha visto. Desconfiada pelo comportamento de Pedro, a senhora começou a sinalizar com os braços para um posto policial móvel que estava a alguns metros dali. Em poucos minutos, um policial foi averiguar e aproximou-se da senhora.

– Pois não, está acontecendo alguma coisa?

– Meu neto viu aquele homem, que está na frente da porta, armado. – falou com a voz baixa.

– Qual homem?

– Aquele de cabelo comprido e com cara de índio. – denunciou a senhora apontando o dedo para Pedro.

– Fique tranquila, senhora. Irei verificar, obrigado. – respondeu o policial com o rádio nas mãos para contatar à base móvel.

Andou alguns metros em direção à porta e abordou o venezuelano.

– Ei senhor!

Pedro se virou e viu o policial se aproximando. Neste momento, colocou a mão no casaco e o policial sacou sua arma da cintura.

– Saia da frente da porta! – ordenou o policial com a arma em punho.

As pessoas que estavam em pé na calçada ficaram assustadas com a cena e se afastaram. Pedro retirou suas mãos do casaco segurando, em uma delas, um documento.

Enquanto pegava a sua cigarrilha da boca para jogar no chão, Christian apareceu e se pôs na frente do policial mostrando seu documento militar. O policial se acalmou e o verificou juntamente com o seu colega ao lado. Christian pegou o documento de Pedro e também entregou aos policiais. Enganados, os dois policiais se desculparam pelo mal-entendido e voltaram

para a base. As pessoas que estavam na rua se tranquilizaram e a fila se formou novamente.

– Venha! Vamos sair daqui. – disse Christian a Pedro saindo da frente do Café e indo em direção ao carro.

– O cozinheiro resolveu distribuir pedaços de bolos para os fregueses...
– contou Pedro entrando no Q3.

– Por nada?

– ...hoje é o aniversário do Café e...

– Então ele não vai sair para muito longe. – concluiu Christian ligando o rádio para se comunicar com André.

– Você não vai precisar disso. – disse Pedro ao ver Tomaz andando ao longe. – O cozinheiro está vindo logo ali.

Antes que entrasse em contato com André, Christian avistou o outro carro, que seguia Tomaz. Eles se aproximaram do Café e estacionaram o carro a uma distância suficiente para ainda manter contato visual com o local.

Subitamente, Tomaz parou de andar e olhou preocupadamente a quantidade de pessoas em frente à porta do seu estabelecimento. Naquele momento, pensou em como uma propaganda podia causar tanto efeito sobre as pessoas e como aquilo iria se repercutir nos próximos dias. Entrou no Tradicional e viu Gabriel se desdobrando para dar conta dos pedidos, ao mesmo tempo em que coordenava a cozinha. Foi então que percebeu o quanto seu amigo iria precisar da sua ajuda nos próximos dias. Decidido, Tomaz tomou seu posto. Voltou a comandar a cozinha e começou a selecionar as receitas que iam ser servidas no dia do evento.

Enquanto isso, do lado de fora do Café, depois de terem ficado horas à espreita, Julius e André foram se encontrar com Christian a alguns metros

dali. Encostaram o carro e entraram rapidamente dentro do Q3.

– Não conseguimos saber de nada até agora. – disse Julius após ter batido a porta traseira impacientemente.

– Hoje é aniversário do Café, por isso é capaz do cozinheiro não sair de lá de dentro tão cedo. Vamos esperar e ver para onde ele irá amanhã. – disse Christian.

Ao longo do dia, os quatro homens observavam o movimento não só do Tradicional, mas também dos outros comércios nos arredores. Durante a noite, as pessoas saíram às ruas para passear ou simplesmente para tomar uma bebida quente. Por volta das dez horas da noite, de repente, todas as luzes do Tradicional Café se apagaram e logo se ouviu as pessoas cantarolarem em uma só voz os parabéns.

Horas depois, os clientes deixaram o lugar. Alguns dos empregados estavam tão embebedados que mal conseguiam colocar a chave em seus veículos.

Gabriel, com sua moto Yamaha XT 660Z preta, ofereceu carona para Tati. Uma mulher bastante magra de cabelos longos castanhos e com um pouco mais de um metro e meio de altura. O seu tamanho dificultava que montasse na moto fazendo com que Gabriel gentilmente a ajudasse. Logo que deu a partida, ela o abraçou firmemente durante todo o percurso até a frente da portaria do prédio onde morava. Quando Gabriel a ajudou sair da moto, ele a segurou pela cintura e a envolveu com seus braços beijando-a intensamente. Em seguida, eles subiram até o apartamento e ele somente saiu de lá na manhã seguinte.

Tomaz, após trancar as portas do Tradicional, voltou para sua casa. Com seus livros de receitas nas mãos, sentou-se no sofá para selecionar os pratos que seriam servidos no evento. Pouco tempo depois, o telefone tocou.

- Alô?
- Viva Tom! Como estás, meu filho?
- Oi pai! Você vai adorar a novidade que tenho para te contar.
- Diga, ora pois.
- O Tradicional Café irá receber os membros da orquestra filarmônica de Berlim, num jantar com o prefeito!
- Pois, isso é perfeito! Combine com o Gabriel sobre o que irão servir.
- Sim, já estou fazendo isso. Temos apenas uma semana para organizarmos tudo. E tem mais outra coisa...
- Força! Sairá tudo bem. E agora vem a notícia ruim?
- Não... além dessa recepção, o Tradicional vai ser premiado como o melhor Café de São Paulo!
- Tom! Que maravilha! Parabéns... eu sei que você e o Gabriel estão trabalhando bastante no Tradicional e eu acho que depois desse evento, vocês deveriam se revezar e tirar umas férias. Venha visitar a sua avó aqui em Lisboa. Se você quiser eu fico no Café para você e...
- Pai, escuta. Esse mérito é todo do Gabriel. Foi ele quem fez os contatos para que esse evento se realizasse... e se for o caso, ele quem deveria tirar algumas férias. Estive resolvendo alguns problemas aqui, mas agora eu vou ficar mais tempo no Café.
- O que se passa?
- Não... não é nada. Quando retornar ao Brasil, nós conversamos. Preciso desligar pai, diga que eu estou mandando um abraço para minha avó. – Tomaz se despediu receoso em prolongar a conversa por ainda não saber o que dizer sobre Beatriz e Giselda.
- Como é que é?!?! Essa porra desse cozinheiro desistiu da garota?!?! – disse André se exaltando após ter escutado a conversa.

– Eu vou lá fazê-lo falar! – disse Julius, impacientemente, saindo do carro.

– Ninguém aqui vai a lugar nenhum. – Christian se colocou de pé na frente de Julius.

– Eu estava certo de que trabalhar com vocês seria uma perda de tempo. Irei informar ao Coronel sobre o tratado. – disse Pedro pegando seu celular.

– Largue essa porra de celular agora! – ordenou Christian com sua arma em punho.

Pedro olhou para trás e viu André de prontidão com sua mão direita encobrindo a arma. Temendo a atitude daqueles homens, ele o obedeceu.

– Qual é o seu plano? – perguntou ele, guardando o celular.

– André, tira a arma dele e depois entrem no carro. – ordenou Christian guardando sua arma. – Vamos discutir isso lá dentro.

– Antes de tudo, vou lembrar vocês que as nossas cabeças irão pelos ares se falharmos mais uma vez. Por isso, não façam nenhuma idiotice, controlem seus impulsos! – disse Christian, sem paciência, olhando para Julius e Pedro. – Como ouvimos, o cozinheiro vai ficar por aqui nesta semana e por isso não conseguiremos nenhuma pista da garota antes desse evento.

– Pressionar o cara não vai adiantar em nada, ele ainda não sabe onde ela está. Por isso vamos aproveitá-lo como isca até o último instante. – disse André para o grupo.

– Mas nosso tempo está acabando... – disse Julius, apreensivo.

– ...E irá se esgotar no momento em que o presidente de vocês conseguir fechar o acordo com a Venezuela. – completou Pedro acendendo o cigarro na boca.

– Então ainda temos bastante tempo. – disse André com tom sarcástico sobre o fechamento do acordo.

– Se não conseguirmos nada até o evento, utilizaremos a multidão para nos misturar, e após o jantar, pegamos o cozinheiro sem dar bandeira, para que os outros pensem que ele resolveu tirar aquelas férias... – disse Christian explicando seu plano.

– ...E se fizermos isso agora, os empregados irão notar. – concluiu André.

– Continuaremos vigiando durante esses dias. Lembrem-se, a única coisa que o Coronel quer é a garota. Só ela saberá onde estão os verdadeiros relatórios do projeto. André, fique aqui com Julius e tome conta das escutas. – ordenou Christian. – Eu e Pedro ficaremos lá fora.

Após ter escolhido os pratos, Tomaz estava ansioso em começar o treinamento dos seus empregados. No dia seguinte, apresentou todas as receitas para Gabriel e para todas as pessoas que iriam atuar na cozinha. Fez uma reunião com a Tati e com os garçons mostrando como deveriam recepcionar os convidados; e uma reunião geral para apresentar as funções que cada um iria desempenhar.

Durante a semana, aproveitavam os seus fregueses diários para treinar o atendimento e ofereciam novos pratos no cardápio para a cozinha se familiarizar. Devido a essa mudança, o Tradicional Café se tornou ainda mais conhecido por tantos elogios e indicações feitas pelos seus clientes. O planejamento proposto por Tomaz estava dando certo e quanto mais pessoas saíam satisfeitas, mais entusiasmados e ansiosos ficavam seus empregados.

Na noite anterior ao jantar de recepção, Tomaz e um dos cozinheiros fizeram a seleção e a compra dos ingredientes que faltavam, enquanto Gabriel e Tati providenciaram mais mesas, cadeiras e a decoração do Café.

Depois de tudo arrumado, fecharam as portas e voltaram para casa, cansados e apreensivos.

– Uaah...! Estou quebrado. – falou Tomaz deitando em sua cama e olhando para o teto. – Só mais um dia... só mais um, e então eu volto a procurar a Bia. – falava ele enquanto colocava suas mãos debaixo da cabeça e fechou os olhos.

Do lado de fora da casa, André e Julius se entreolharam e avisaram Christian.

– Acabamos de ouvir pelas escutas que o cozinheiro vai continuar as buscas depois do evento. – contou André.

– Hum... então ele vai facilitar pra gente. Aborte o plano de nos misturar. Continuaremos seguindo os passos do cozinheiro. – Christian ordenou ao grupo.

Na gélida manhã do grande dia, Tomaz chegou ao Tradicional exausto, assim como seus demais empregados que não conseguiram dormir de tanta ansiedade. Como de rotina, o Tradicional atendeu seus clientes até as dezoito horas e, em seguida, fecharam momentaneamente as portas para poderem decorar as mesas. Nada mais simples e elegante do que mesas redondas com toalhas brancas e um pequeno vaso de flores sobre ela, além de um castiçal pequeno e ornamentado contendo uma vela pronta para ser acesa.

A imprensa foi a primeira a chegar. Com suas câmeras e microfones focados em Gabriel, Tomaz aproveitou para checar os últimos preparativos

na cozinha. Pouco tempo depois, as janelas de madeira do Tradicional eram iluminadas repetidamente pelos flashes das máquinas fotográficas.

Pessoas da alta sociedade, artistas, músicos e políticos, que compunham a lista de convidados, começaram a entrar fazendo com que se aglomerasse uma multidão do lado de fora. De repente, um luxuoso carro com a pintura reluzente e vidros pretos estacionou em frente à porta, saindo o prefeito de dentro dele. Vindo logo em seguida, um ônibus de viagem que levava os músicos da orquestra sinfônica de Berlim. Após todos eles ter passado pela imprensa, acomodaram-se nas mesas reservadas a eles.

O jantar teve início após o pronunciamento do prefeito, que deu boas-vindas e agradeceu aos músicos por terem aceitado o convite de se apresentarem na cidade. Depois de uma salva de palmas, os garçons atenderam aos pedidos nas mesas sem parar por nem um segundo. Tomaz se desdobrava na cozinha assim como Gabriel atrás do balcão. Os pratos eram apreciados com muito gosto pelos convidados, que comentavam entre eles. Ao escutá-los, os garçons voltavam à cozinha com um largo sorriso no rosto espalhando as notícias aos seus colegas.

Além da boa culinária, os assuntos daquela noite também eram rodeados de acordos políticos. Algumas horas depois, batendo com uma colher na taça de champagne, o prefeito pediu um minuto a todos os convidados. Em pé, ele fez novamente um breve discurso, só que desta vez, homenageando o Tradicional Café.

Tomaz saiu de dentro da cozinha e todos deram uma salva de palmas. Com um sorriso no rosto, ele agradeceu a todos os presentes e apertou a mão do prefeito. Pensando que já havia acabado o discurso, no momento em que se virou, o prefeito lhe entregou um quadro prateado, gravado em letras douradas o título de melhor Café do Estado de São Paulo.

Emocionado, Tomaz fez um gesto com a mão chamando Gabriel, que se pôs ao lado dele, e juntos, posaram para as fotos. Lágrimas de felicidade escorriam pelo rosto de Tati, que estava em pé atrás do balcão observando a premiação. Os demais empregados que estavam na cozinha também saíram para presenciar aquele momento.

Com a cerimônia encerrada, todos começaram a se retirar do Tradicional e, minutos depois, só havia os empregados muito felizes com os resultados. Para comemorar, todos eles ficaram uma hora a mais brindando aquela conquista.

Novamente, muitos deles tiveram que ir embora de táxi e até mesmo Tomaz estava um pouco alto. Gabriel acompanhou seu amigo até a porta e lhe pediu a chave para que pudesse fechar o estabelecimento assim que saísse. Tomaz colocou a mão em seu bolso, ao mesmo tempo em que olhava ao redor da rua notando o movimento. Por um instante, ficou feliz que tudo havia saído como planejado e, principalmente, que seus empregados ficaram animados com o evento. No momento em que ia entregar as chaves para Gabriel, apareceu do outro lado da rua algo que era inesperado.

– Toooooom...!

– Quem é essa? – perguntou Gabriel, curioso.

Sem se virar, Tomaz respondeu com um sorriso:

– Luciana...

– Uau, que gata!

– ...ou melhor, Lu.

– Tooom...! Ai fofo, parabéeeeeeens! Deixa eu te dá um abraço! Quando eu vi a entrevista pela televisão, pensei: “Tenho que ver isso de perto!” – disse ela, ao lado de Tomaz.

– Luciana! Obrigado, mas eu devo tudo isso ao meu amigo aqui, Gabriel. – Tomaz apresentou-o.

– Ah... Oi, Gabriel. Prazer viu, me chamo Luciana... mas pode me chamar de Lu.

– O prazer é todo meu.

– Eu já estava indo embora e... – disse Tomaz indo em direção ao carro.

– Não, eu te levo. Você não está em condições de dirigir. Só espere mais alguns minutos para que eu termine de fechar o Café... – respondeu Gabriel, fechando a porta.

– Ai... tipo, eu levo ele!

– Hum...está bem, faça isso... – Gabriel olhou para seu amigo com um pequeno sorriso malicioso no rosto.

Tomaz entrou no carro preocupado.

– Luciana, você sabe dirigir?

– Duh... claro né Tom! – disse ela, balançando a cabeça e revirando os olhos. – Agora põe o cinto, fofo. – ordenou, ajeitando seus cabelos e se olhando no espelho retrovisor.

Cantando os pneus, o Veloster deixou a frente do Tradicional chamando a atenção das pessoas na rua. Chegou em casa e entrou com o carro na garagem.

– Vem, Tom, tchô preparar um chazinho pra você! – disse ela, puxando-o pelo braço.

Logo que ele abriu a porta da sua casa, Luciana o levou até o sofá. Ela foi até a cozinha e ficou surpresa com a bagunça que estava lá. Preparou um chá e trouxe para ele na sala.

– Tô-oom... aqui está o seu... ai, que nojooooooooo!! Uma barata!! – gritou, derramando o chá em cima dele.

– Aaaaaaaaah! Luciana!! Tome cuidado! – exclamou ele, imediatamente, tirando sua camisa.

– Alí, ali!! A barata correu pra debaixo do sofá! – apontou ela, subindo em cima da poltrona.

– Pronto, já matei... desça daí.

– Ai, que susto que levei! Mmm... tipo, desculpa pelo chá. Deixa que eu faço outro pra você!

– Não, não precisa. Eu acho melhor você... que horas são?

– Ai Tom! Tipo assim, você não quer que eu vá embora sozinha as duas da manhã, né!?

Tomaz sentou no sofá, encostou a cabeça e fechou os olhos. Luciana se aproximou por trás do sofá e começou a massagear os ombros dele.

– Você está muito tenso... deite aí. Vou fazer uma massagem nas suas costas.

Ainda exausto, Tomaz se rendeu à massagem e seguiu os conselhos de Luciana, que estava apagando as luzes da sala, deixando ligada apenas a do abajur ao lado do sofá.

– Tom... relaxa... – disse ela, massageando as costas dele. – ...relaaaxa... relaaaxa... – sussurrou no ouvido inclinando seu corpo para perto dele.

De maneira contínua, passando seus dedos delicadamente dos ombros até a cintura, Luciana levemente encostou seus lábios no pescoço de Tomaz, que ficou embriagado pelo doce perfume da moça. Cedendo aos encantos da moça, ele se virou e a puxou para si fazendo com que ela perdesse o equilíbrio e caísse em cima dele. Com a queda, ela bateu com pé no abajur, que veio ao chão, desativando uma das escutas. Sem se preocupar, Tomaz a envolveu em seus braços, beijando-a calorosamente.

– André, perdemos o sinal da escuta da sala! – disse Julius. - Não consigo ouvir nada nas outras, estão todas mudas.

– Onde eles estão? – perguntou André.

– Não sabemos, as luzes estão todas apagadas e não conseguimos contato visual. – disse Pedro.

– Ligue para o telefone da casa e fique de olho no painel. – ordenou Christian. – Pedro e eu observaremos pelo lado de fora.

Trim... trim...

– Nada. – disse André olhando para Julius.

Trim... trim...

Trim... trim...

Trim... trim...

Enquanto Tomaz se virava para alcançar o telefone, Luciana, na tentativa de puxá-lo de volta, deixava as marcas das suas compridas unhas nas costas dele.

– Ai Toooooom... deixa tocar... – reclamou, aborrecida.

Com o aparelho nas mãos, Tomaz desconectou o fio do telefone fazendo com que parasse de tocar. Voltou os olhos maliciosamente para Luciana e a levantou com seus braços, carregando-a em direção ao seu quarto. Contudo, antes de subirem a escada, ela se pôs em pé na frente dele; e a cada degrau, ela o seduzia despindo uma peça de roupa, o que o deixava mais eufórico. Quando chegou ao quarto, Tomaz a colocou suavemente em cima da sua cama e, em seguida, ela saltou loucamente para cima dele. Beijaram-se intensamente e mergulharam numa excitante noite.

– Ei, André! – disse Julius com um sorriso no rosto.

– ...conseguiu localizá-los?!

– Oh... yeah... Ouço claramente. Se a casa fosse de madeira ela já estaria no chão. – disse Julius dando risada. – Esse cara tem sorte mesmo. A gente bem que podia ganhar uma grana com isso...

– Dá próxima vez coloque as câmeras.

– Não é uma má ideia. – disse Julius concordando com André.

– Fechado. – disse André fechando sua mão e, em seguida, batendo-a contra a de Julius.

Capítulo Seis

O barulho do liquidificador desperta Tomaz, que demorou alguns minutos para entender o que estava acontecendo. Olhou para o lado e viu em cima da cadeira as roupas de Luciana. Levantou-se da cama sentindo uma forte dor de cabeça, em seguida, andou devagar até a cozinha. Chegando lá viu Luciana, vestindo apenas a sua camisa de botão que chegava até a metade das coxas, com as mãos no liquidificador.

– Bom dia... – disse ele com os olhos semicerrados e com uma das mãos na cabeça.

– Tooom!!! Bom dia!!! Fiz essas torradas e essa vitamina pra você.

– Ah... obrigado. Essa vitamina vai ser bem-vinda e... que música é essa?

– Música?

– É... não está ouvindo?

– Ai Tom! Hihih... como sou distraída. É meu celular!

– Está vindo da sala...

Luciana correu até lá e atendeu seu celular.

– Alô... Oi fofo!! Mas assim... tipo, eu vou demorar alguns minutinhos... Aiii brigada, hihih... tá bom... te encontro lá. – disse ela, desligando a chamada. – Tooom... Tooom... tipo... você vai pro Café

daqui a pouco, né?! Então... assim, você pode me dá uma carona até a praça?

Sentado junto à mesa e acabando de tomar sua vitamina, ele balançou a cabeça afirmativamente e, logo depois, foi tomar uma ducha para diminuir sua dor de cabeça enquanto Luciana se arrumava. Minutos depois, entraram no carro e seguiram até a praça.

– Aqui Tom, está ótimo! Viu... adorei a noite de ontem, fofo. – deu-lhe um beijo e saiu do carro.

Um breve sorriso se abriu no rosto de Tomaz, até o instante em que a viu com outro homem que a aguardava em um dos bancos da praça. Deu uma breve risada balançando a cabeça e partiu para o Café.

– Bom dia, Tomaz! Como está se sentindo hoje? – perguntou Tati, que estava de pé na porta de entrada.

– Bom dia Tati, estou bem...e... aconteceu alguma coisa?

– Nãããooo...comigo não, e com você? – perguntou com um largo sorriso no rosto.

– Já vi que o Gabriel andou contando coisas para você. Onde ele está?

– No escritório...

Quando Tomaz passou pela cozinha, notou que seus empregados o vigiavam com os olhos, ao mesmo tempo em que sorriam. Abriu a porta do escritório e viu Gabriel trabalhando na planilha de orçamentos.

– Tomaz!! – exclamou seu amigo, estendendo a mão.

– Você é foda.

– O que foi?

– Tudo bem que eu não saía com alguém já algum tempo, mas precisava espalhar para todo mundo?

– Eu não falei nada para eles, apenas comentei com a... Tati.

Olharam-se e fizeram um minuto de silêncio.

– Ok. Deixa pra lá.

– Mas, a propósito... como foi? – Gabriel perguntou dando uma risada.

– Como meu pai disse, preciso de férias...

– Tire um tempo para você, eu te cubro aqui.

– Eu abusei demais, todos aqueles dias atrás de Bia e...

– Pegue isso!

– Um espelho?

– Sim, agora olha para a tua cara. – ordenou Gabriel.

– O que tem? – Tomaz notou que não havia penteado o cabelo.

– Com certeza a sua aparência está pior do que a minha. – disse Gabriel levantando-se da mesa do escritório. – Vamos, acompanho você até o carro.

Ao lado do Veloster, ele deu um grande abraço em Gabriel.

– Obrigado, cara! Estou em dívida com você.

– Fica tranquilo, bro! E aproveite esses dias!

Deu partida no seu carro e voltou à sua casa às pressas. Durante o percurso, tentava se lembrar de tudo que havia descoberto sobre Beatriz, mas não conseguia se concentrar. Logo que entrou em casa, rapidamente pegou um papel e uma caneta e começou a anotar o que recordava, mas a ansiedade tirava seu foco.

– Aaah!! Concentre-se!! – gritou ele, batendo com as mãos na mesa. – O que eu me lembro... Dona Joana disse que tia Giselda a visitou; existe uma organização militar formada por bandidos que estão atrás de Bia; uma roupa de alta tecnologia foi desenvolvida... e... o código! – disse ele, tentando se lembrar da mensagem deixada por Beatriz.

– Código?! Que código? – André se perguntou após ter escutado Tomaz.

– O cozinheiro tá sabendo de algo. Se ele não fizer nada, entraremos e o pegamos. – Christian ordenou ao grupo.

– ...mas se for isso, a Bia irá precisar do professor Yaacov... – disse Tomaz, pensando no código.

– Yaacov... por acaso esse cara ressuscitou? – perguntou Pedro, ironicamente.

Com o seu computador, Tomaz fez uma busca pelo nome do professor na internet e, minutos depois, encontrou a faculdade onde ele trabalhava. Pegou a mochila, encheu-a com algumas roupas e com todas as pistas que havia encontrado. Tomaz estava determinado em ir até lá.

– Essas férias vão ser longas. Espero que o professor Yaacov me explique tudo o que está acontecendo. Só sairei daquela faculdade com todas as respostas! – disse ele fechando o zíper de sua mochila.

– Christian, o cozinheiro vai sair. Está indo para a faculdade do professor. – relatou Julius.

– Vocês dois já não tinham ido averiguar aquela faculdade? – Christian perguntou a André e Julius.

– Sim. O Coronel deu essa ordem um dia depois que entramos no Café. Examinamos a casa do professor e a faculdade, mas não encontramos nenhuma pista da garota. No dia em que voltamos, encontramos o cozinheiro dentro da IQN e... – André parou de falar quando foi interrompido por Christian.

– ...e então o Coronel mudou os planos. Ao invés de procurar a garota, íamos atrás do cozinheiro para usá-lo como isca.

– Exatamente.

– Vamos perder tempo indo atrás dele. Vamos pegá-lo quando ele sair de casa. – sugeriu Julius.

– Se fizermos isso agora, ele não irá falar sobre o código e ficará sabendo que estamos aqui, além disso, não podemos acabar com ele antes de encontrarmos Beatriz. Não esqueça de que a roupa é o nosso acordo. – disse Pedro, pegando um cigarro.

Dentro do carro, os quatro homens se entreolharam e ficaram alguns minutos em silêncio. Christian, pensativo, olhou para Pedro e Julius ordenando-os que voltassem à IQN para pegar novos planos com o Coronel. Chamou Julius para fora do carro e andaram alguns metros adiante para que os outros não pudessem escutar.

– Fique atento às ordens de Torres e procure saber como anda o acordo com o León. Estou ficando cheio desse Ianomâmi. – disse Christian ao Julius.

– Veja, o cozinheiro! – exclamou André ao ver o carro deixar a garagem. – Vamos Christian!

Enquanto Pedro e Julius voltavam para a capital, André e Christian seguiam discretamente Tomaz por toda a viagem até a cidade do interior paulista onde ficava a faculdade.

Horas se passaram até chegar em frente a um prédio de três andares, antigo e comprido, composto por uma sequência de janelas nas laterais e por um corredor aberto no seu centro por onde recebia o frescor da sombra das árvores que ficavam ao redor da construção. Próximo à entrada havia um extenso jardim onde as mesas de estudos ao ar livre se misturavam no meio das árvores e arbustos.

Tomaz estacionou o carro a alguns metros do prédio e andou até a porta de entrada. Olhou para o chão e viu um grande tapete felpudo pintado escrito “Bem-vindo à Faculdade de Química”. Seguiu até a secretaria, mas

encontrou as portas fechadas, e então, caminhou pelos andares do prédio a procura da sala do professor Yaacov.

Depois de alguns minutos, entrou em um corredor que tinham os nomes dos docentes escritos em uma pequena placa retangular de madeira pendurada nas portas. Deu alguns passos adiante e logo encontrou a sala.

De frente para uma porta branca com a placa em madeira gravada Yaacov Baum, Tomaz sentiu seu coração acelerar. Há quanto tempo estava esperando um momento desses, em que pudesse conversar abertamente e descobrir o que realmente estava acontecendo. A ansiedade se distribuía pelo seu corpo; ele deu um profundo suspiro e três batidas na porta.

Toc... toc... toc...

Segundos depois...

Toc... toc...toc...

Antes de tentar a terceira vez, ele encostou sua orelha na porta com o intuito de ouvir algum barulho saindo de dentro da sala, mas nem ao menos um ruído conseguiu escutar. No momento em que pegou na maçaneta da porta para tentar abri-la, um carrinho de limpeza se chocou com seu braço. Ele olhou para o lado e viu o carrinho com caixas de papelão empilhadas que mal se via a pessoa do outro lado.

– Ooops! – disse a faxineira quando sentiu que o carrinho havia batido em algo.

Quando ela desviou seu corpo para olhar a frente do carrinho, Tomaz estava de frente para ela.

– Oh!... de... desculpe... – disse a mulher, abaixando a cabeça.

– Não foi nada... você poderia me dar uma informação?

A mulher branca, com cabelos castanho-escuros presos em coque no alto da cabeça, que vestia uma calça e um avental cinza claro, usava luvas

de borrachas nas mãos e sapatos pretos, olhou para Tomaz e balançou a cabeça afirmativamente.

– Estou procurando pelo professor Yaacov, esta sala é a dele não é?

Alguns segundos se passaram até a mulher lhe dar uma resposta:

– Não é mais. O fessôr faleceu algumas semanas atrás.

– O que aconteceu?

– Eu preciso voltar a trabalhar. – disse a mulher, pronta para ir embora.

– Por favor, me conte! – insistiu ele.

A faxineira deu um longo suspiro e olhou para o chão entristecida.

– Desculpe a persistência, mas o professor era seu parente? – estranhou o comportamento da mulher.

– O fessôr era muito querido por nós tudo aqui. Ninguém sabe certo o que aconteceu. O corpo dele foi encontrado em uma estrada por aí.

– Nossa! – Tomaz ficou chocado. – E esta sala? Está vazia?

– Não... ainda tem coisa dele aí dentro. Eu preciso trabalhar... xáu. – respondeu a faxineira empurrando seu carrinho às pressas, em direção à saída do corredor.

A curiosidade de Tomaz se instigou ainda mais após ter ficado pasmo pelo o que a mulher havia lhe contado. Aproveitou o horário do meio-dia para almoçar e enquanto isso pensava em algum jeito de abrir aquela porta e procurar por mais pistas.

Entrou em um restaurante próximo da faculdade e se serviu. Ao se sentar, notou que uma moça, distante algumas mesas, olhava-o várias vezes de relance enquanto almoçava. De repente, ele parou e pensou por alguns instantes. Olhou novamente, levantou-se e foi até a mesa dela.

– Oi... Olá, como vai? – disse ele, segurando seu prato. – Posso me sentar aqui?

– Sim. Fique a vontade. – respondeu com um leve sotaque espanhol.
– Ah, não é do Brasil... De onde você é?
– Madri... Espanha.
– Prazer, sou Tomaz.
– Sara.
– Veio a estudos?
– Sim, intercâmbio. Sou estudante da faculdade de química.
– Eu vim fazer uma visita a um professor... o nome dele é Yaacov. Já ouviu falar nele?

– Não. Estou pouco tempo no Brasil. Eu tenho que ir... – disse ela, levantando-se da mesa.

– Ok... hum... prazer em conhecê-la!

Tomaz terminou de almoçar e voltou até a secretaria, que continuava fechada. Sentou-se em um dos bancos que havia na frente e aguardou.

Observou alguns professores, aparentando a meia idade, indo em direção às salas de aula, enquanto vários estudantes atrasados corriam pelo corredor. Alguns deles saíam para tomar água no bebedouro, mas fazia hora para retornarem a sala. Minutos depois, a secretaria abriu e, rapidamente, Tomaz se dirigiu ao balcão.

– Oi! Tudo bem?

– Pois não.

– Eu vim visitar o professor Yaacov Baum e...

– Senhor, sinto muito, mas o professor Baum faleceu há algumas semanas.

– O que aconteceu com ele?

– O corpo dele foi encontrado no meio do matagal próximo à rodovia, disseram que havia seis tiros no peito.

– Nossa!

– Todos nós ficamos chocados com o que aconteceu. O professor era muito querido aqui na faculdade.

– Sim, era mesmo... sabe, moça, o professor Baum tinha contato com meu professor de outra faculdade, e ele me pediu para que viesse até aqui e pegasse uns livros que estavam emprestados. Você teria aí a chave da sala dele?

– Não, somente com autorização do coordenador. Mas você é estudante de qual faculdade?

– Hum... física! Da faculdade de física!

– Ah sim, temos bastantes alunos da física que estão na pós-graduação e utilizam nossos laboratórios.

– Sim, claro! Eu e meu professor já fizemos trabalhos em conjunto com o professor Baum!

– Ah! Então você já teve acesso aos nossos laboratórios.

– Sim, sim!

– Mas talvez não nos novos.

– Novos?

– Não vai fazer nem seis meses que foram inaugurados. A sala do professor Baum vai ser desocupada e estamos colocando os trabalhos e os livros dele nas estantes desses laboratórios novos. Talvez os livros do seu professor estejam lá.

– E onde ficam?

– Bem, primeiro você precisaria ter um cadastro para acessar aqueles laboratórios. Mas é simples e fácil. Próximo às salas, terá uma pessoa que irá preencher todos os dados para você. É só mostrar a sua carteira de

identificação para que ela possa se cadastrar e liberar sua entrada. – orientou a recepcionista com um sorriso no rosto.

– Ah... claro!... Simples... e onde ficam os laboratórios?

– Do lado do prédio, saindo da porta principal à sua esquerda. Você verá uma construção de tijolos à vista.

– Hum, obrigado. – Tomaz deu um meio sorriso.

Ele saiu do prédio e sentou em um dos bancos do jardim pensando em como iria conseguir a identificação. Contudo, pouco tempo depois, viu andando em direção aos laboratórios, uma moça ruiva de cabelos curtos ondulados até um pouco acima da altura dos ombros usando calça jeans e um jaleco branco, que lhe chamou a atenção. Ele se levantou e, imediatamente, acenou com as mãos.

– Sara!!! – gritou ele.

A moça parou e olhou receosamente para trás. Quando viu Tomaz correndo em sua direção, ficou um pouco apreensiva.

– Sara! Oi! Ufa... Tudo bem?

– Sim.

– Você está indo para o laboratório? Posso te acompanhar?

– O laboratório é restrito a estudantes.

– Sim... mas é que... eu esqueci a minha identificação e...

– Acho melhor você ir embora. – ela abaixou a cabeça e seguiu adiante.

– É... Sara... espere, por favor.

A moça parou de andar e se virou para ele.

– Desculpe o incômodo. Mas é que... – parou de falar quando olhou para os lindos olhos verdes da moça. – ...é que... eu fiquei sabendo que o professor Baum faleceu e meu professor pediu para que eu pegasse alguns

livros que havia emprestado, mas eu não tenho acesso ao laboratório. Você poderia me ajudar?

– Acho que não.

– Eu não vou demorar... são apenas alguns trabalhos...

– Não há nada do professor Yaacov naqueles laboratórios.

– Eu não poderia dar uma olhada? Por favor, Sara. – insistiu.

– Ok. Vamos, mas depois eu terei coisas para fazer.

– Ah!! Obrigado!! Eu sairei rápido. – disse ele com um sorriso no rosto.

Ao chegar aos laboratórios, Sara passou seu cartão na máquina de identificação que fica ao lado da porta, desbloqueando-a. Tomaz entrou na sala e foi direto à estante com os livros. Procurou por todo o tipo de documento que tivesse o nome do professor, mas nada foi encontrado. Enquanto isso, não se deu conta de que Sara não estava mais lá. Ficou alguns minutos a mais vasculhando outros arquivos, mas não obteve nenhuma informação.

Ao sair do laboratório, notou que havia um rapaz atrás de um balcão no final do corredor e então foi até lá.

– Oi, com licença.

– Oi. – respondeu o rapaz sem tirar os olhos do jogo no computador.

– Me disseram que eu encontraria alguns documentos do professor Yaacov Baum aqui no laboratório.

– Os documentos do professor Baum não vieram para cá. Do que você precisa?

– Não vieram?!... eu... eu procuro por alguns trabalhos...

– Não foi você quem entrou com a ruiva naquela sala? – o rapaz perguntou apontando para o laboratório.

– Sim. Fui eu... – respondeu desconfiado.

– Então por que não pegou com ela?

– O quê?!

– Os trabalhos que você precisa... por que não pegou com ela?

– Ela tem alguns documentos do Yaacov?

– Sim. Quando vocês entraram, pensei que fossem colegas.

– Ah! Somos colegas sim, eu a conheci há alguns dias... mas não tivemos uma oportunidade para que me contasse algumas coisas.

– Entendi... ruiva e com aqueles olhos... dá para ficar bobo. – o rapaz riu. – Me disseram que ela é uma aluna de intercâmbio e que ia trabalhar com o professor, mas, infelizmente, quando ela chegou aqui o professor não estava mais. Não sabíamos o que havia acontecido, suspeitávamos que ele estivesse viajando para alguma conferência. Isso é bastante comum por aqui.

– E como ela tem os documentos? – ele perguntou inquieto.

– Ah, o coordenador liberou a sala do professor para que ela pudesse continuar seus estudos e não perdesse esse intercâmbio.

– Bem... é uma pena que tenha acontecido essa tragédia com o professor. – disse Tomaz, pensativo.

– Sim. Bom, é isso. Sobre aqueles documentos, acho que a melhor pessoa para te ajudar é a Sara.

– Ok. Obrigado! Falarei com ela.

Com o olhar vago, ele caminhou até as mesas do jardim e sentou por alguns minutos.

– O professor está morto... Bia não está aqui... e minhas deduções... todas erradas! – ele disse irritado, batendo com uma das mãos na mesa.

Tomaz precisava novamente encontrar com Sara, mas não tinha nenhum contato da moça. Ficou algum tempo por lá esperando que ela aparecesse,

no entanto, isso não aconteceu. Confuso com a situação, ele se levantou da mesa determinado a buscar mais respostas. Entrou no seu carro e saiu à procura de um hotel para se hospedar pensando que, definitivamente, aquelas “férias” seriam bem longas.

Capítulo Sete

Ainda era o início do inverno, mas poderia imaginá-lo mais rigoroso daqui a algumas semanas. Sentia um vento tão gelado tocar a pele do meu rosto ao ponto de machucá-la. Parecia trazer consigo lâminas microscópicas capazes de perfurar todos os ossos do meu corpo. Calafrios percorriam minha espinha e um frio intenso se espalhava pelas minhas costas. Era uma sensação desconfortante e insaciável que não se limitava a uma parte do meu corpo. Meus pés pareciam ter entrado em algum tipo de processo de criogenia, em que eu não conseguia distinguir se aquele desconforto era algum tipo de dor nos ossos ou formigamento nos dedos do pé.

Olhei para meus pés, mas não os via. Aquele lugar estava tão escuro que não se podia enxergar um objeto a meio palmo de distância dos olhos. Quando dei o primeiro passo para sair de lá, caí de imediato no chão. Não conseguia sentir meus pés e eles não respondiam ao meu comando. Arrastei-me por aquele chão gelado até esbarrar em algum móvel que pudesse utilizá-lo como apoio para me por de pé.

Tateei o objeto ao meu lado, macio, com partes felpudas e compostas por estruturas grandes e largas, que me fez imaginar algo seguro o bastante para suportar o peso do meu corpo. Do chão, ergui meus braços e segurei no braço do sofá. Com força, consegui erguer meu corpo, mas demorou alguns

segundos até que eu pudesse retomar o equilíbrio e ficar em pé. Sem coragem para olhar para baixo, sentia algumas fisgadas de dores nos ossos da canela. Percebi que o processo de congelamento começava a subir pelo meu corpo e que precisava aquecê-lo rapidamente.

Tentei andar lentamente, concentrando-me em erguer perna por perna sem perder o equilíbrio, ao mesmo tempo em que me apoiava sobre as costas do sofá. Os passos que dava eram lentos e me causavam a sensação de estar flutuando nas nuvens.

Nunca havia andado tão pouco em tanto tempo. Apenas alguns metros de distância que pareciam durar horas. Várias vezes meu corpo cambaleava, mas rapidamente conseguia me segurar em algo ou derrubava alguns objetos no chão. Era tamanha a escuridão que as paredes pareciam ter sido pintadas de preto, assim como qualquer outro objeto daquela casa. Por um momento, enquanto andava tateando a parede lisa e fria; e apoiando-me nos objetos ao redor, senti entre meus dedos da mão algo sobressalente imaginando que esta seria a oportunidade de saber onde eu estava. “Sim... sim! o interruptor!”. Ligeiramente, movimentei-o para cima e para baixo, ao mesmo tempo em que sentia um frio na barriga, fazendo-me persistir por uma, duas, três vezes, mas a escuridão permaneceu.

A ansiedade se transformou em um breve desalento. Continuei a andar à minha maneira e, por um instante, estranhei o silêncio que havia ali. Até aquele momento não havia me dado conta de que não se ouvia barulho algum. A minha concentração em me manter em pé e as dores nos pés eram tão grandes, que se alguma coisa fizesse barulho por lá, seriam os meus pensamentos.

Após alguns passos, senti um tecido macio tocando suavemente meu corpo, foi quando percebi que estava diante da janela. Uma angústia tomou

conta do meu corpo, movimenter a cortina de um lado a outro na tentativa de encontrar um raio de luz sequer. Passei a minha mão sobre a janela notando que as venezianas de madeira estavam fechadas. Então, eu fechei a mão e a bati contra ela, mas o movimento foi em vão. Nenhum som havia se propagado e a janela continuava fechada. Entrei em pânico. Havia eu perdido alguns dos meus sentidos?

Aquele silêncio estava ficando cada vez mais incômodo, era ensurdecedor e estava me irritando muito. Por um momento, percebi que havia esbarrado em um objeto e então o peguei firmemente, mas não conseguia discernir o que era; não era pesado e também não era tão leve. De qualquer forma, joguei-o com força, com raiva, joguei angustiadamente e gritei loucamente, contudo, perdi o equilíbrio e caí depois desse ato insano.

Dor. Era só isso o que eu sentia após ter batido com as costas e cabeça no chão. Abri os braços em sinal de cansaço e permaneci assim, até o momento em que senti uma corrente de ar glacial soprando próxima ao chão. Virei meu corpo de bruços e comecei a me arrastar em sentido contrário à corrente. Percebi que o piso mudava de textura, ora sentia-o liso, ora mais áspero, à medida que me rastejava até encontrar o vão por onde vinha aquele vento. Tateei cautelosamente o objeto à minha frente e, a cada movimento das minhas mãos, a imagem se formava na minha cabeça. A ansiedade aumentava não por eu supor o que estava na minha frente, mas por que eu não estava encontrando a maçaneta.

Virei meu corpo e sentei no chão. Arrastei-me para perto da parede e consegui alcançar a maçaneta. Movimenter-a, mas sem esperança. Mas para a minha surpresa, a porta se abriu.

Com o corpo tomado pela adrenalina, eu empurrei a porta com força e de uma só vez. Nesse momento, uma luz branca imergiu naquele ambiente

gélido e escuro, fazendo com que eu virasse meu rosto para proteger meus olhos.

Instantes depois, olhei para fora e me surpreendi com o que vi. Um imenso jardim florido, com árvores altas ao fundo compondo uma vegetação tão densa que era impossível de se ver através dela.

Voltei os olhos para meu corpo. A luz do sol finalmente havia quebrado aquela sensação gélida. Olhei para meus pés, que estavam intactos, mas ainda não podia senti-los. Na tentativa de me por em pé mais uma vez, enquanto procurava um apoio por perto, um rosto apareceu de relance no meu campo de visão. Voltei a olhar para fora. Havia muitas flores como em uma plantação. As cores eram bastante intensas e variadas, o que contrastava com a escuridão da floresta ao fundo. Mais uma vez corri os olhos sobre as flores e o rosto fez mais uma aparição. Senti meu coração disparar. Ele não estava naquele belíssimo jardim, mas entre as imensas árvores ao fundo. Estreitei meus olhos e permaneci olhando-o, não queria perdê-lo de vista. Não conseguia discernir se era um homem ou uma mulher, via apenas a silhueta de um rosto. Alguns minutos depois, em um piscar de olhos, ele desapareceu.

Permaneci como estava, imóvel, diante da porta, olhando para a floresta, e antes mesmo que eu pudesse pensar no que havia acontecido, vi alguém se levantar lentamente entre as flores e virar-se para mim. Entrei em desespero.

Usando um longo vestido branco de decote quadrado que destacava seu colo, uma mulher de cabelos pretos esvoaçantes, longos e ondulados, e de pele branca, se pôs em pé, olhando fixamente para mim. Meus batimentos cardíacos aceleraram e achei que seria a hora de sair de lá.

Apoiei-me nas paredes e na porta tentando angustiadamente ficar em pé, mas escorregava no chão. Enquanto aplicava minhas forças, exaustivamente e em vão para fugir, subitamente, percebi que a mulher andava entre as flores e vinha em minha direção. Não bastando isto, para o meu terror, vi algo passar correndo por trás dela. Um animal, supus. Era bastante rápido e fazia um movimento de zigue-zague pelo jardim.

Por um momento, ela parou de andar e arrancou uma rosa vermelha do seu lado. Segurou a flor com uma das mãos e a levantou num gesto de oferecimento. Neste instante, o rosto surgiu novamente da escuridão das árvores e, vagarosamente, saiu da vegetação flutuando pelas flores. O que antes parecia ser um animal veloz se transformou em um espectro de fumaça densa e preta, que vinha em minha direção ao mesmo tempo em que ateava fogo em todo o jardim.

Gritei o máximo que pude. Ainda não conseguia ouvir e nem sentir meus pés. Meu coração palpitava em pânico enquanto via a mulher de branco, em meio às chamas, com o rosto sereno, segurando a flor que se despedaçava. Além disso, sentia-me asfixiada a cada centímetro que aquele vulto se aproximava de mim e, em um piscar de olhos, ele me encarou e desapareceu diante dos meus olhos.

– Sara... Sara? Vamos, acorde... acorde. Anda, estamos atrasados! – disse Alex, cutucando-a com sua mão.

Subitamente, ela abriu os olhos assustada e, ao mesmo tempo, levantou seu tronco da cama, assustando-o.

– Alex... desculpe, eu... eu tive mais um daqueles pesadelos... meu coração está acelerado. – disse ela, colocando sua mão no peito.

– O que aconteceu dessa vez?

– Era um lugar cheio de flores e árvores, muito bonito... e de repente aparecia um rosto de fumaça.. apavorante! – ela contou ao mesmo tempo em que sentia um arrepio percorrer seus braços.

– Iih! De quem era o rosto? – perguntou Alex, curioso.

– Eu... eu não sei. Quando fixava meu olhar, ele ficava desfocado. Via-o incendiando tudo e, em seguida, veio em minha direção. – contou ela com a voz aflita.

– Fique calma, Sara, agora acabou. Mas vou te dizer, esses tipos de sonhos também me dão arrepios.

– Esse já é o terceiro. E em todos eles, eu não consigo gritar e nem ouvir nada. É desesperador, Alex.

– Você está tendo muitos pesadelos, querida. Chega de histórias de terror agora, senão eu é que vou ter pesadelos hoje à noite. Vai, levanta da cama! – disse ele abrindo a janela do quarto.

Sara estreitou os olhos por causa da claridade e, segundos depois, olhou para o atraente homem de coxas grossas usando calças jeans e uma camisa polo com a gola aberta, que evidenciava o peito e seus braços fortes. Apesar de não ser muito alto, nos seus um metro e sessenta e cinco de altura, cabelos lisos pretos e de pele morena, ele arrancava muitos suspiros das mulheres. Estava ele em pé, parado ao lado da cama, segurando uma bandeja e olhando para ela.

– O que você tem aí, Alex?

– Preparei o seu café. Estou vendo que hoje você está demorando demais para se levantar, então preferi adiantar. Vou deixar a bandeja em cima da mesa e ficarei te esperando lá na sala... 15 minutos! – disse ele, saindo do quarto.

Ainda incomodada com o sonho que teve, Sara tomou seu café e se arrumou sem se dar conta do tempo que gastou. Enquanto isso, vinha em sua mente, a imagem do semblante pacífico daquela mulher de branco.

Quando andou até a sala, viu Alex em pé com as duas mãos na cintura olhando-a aborrecido. Com o rosto fechado, abriu a porta da sala e saiu em direção ao carro, e então Sara apressou seus passos.

Durante o caminho para a faculdade, os dois ficaram em silêncio, mas o peso na consciência não a deixou calar.

– Desculpe, eu...

– Não quero saber... não quero! – disse ele, irritado.

– Eu perdi a hora... e eu esqueci, me desculpe.

– Você se esqueceu da reunião?! Como você foi esquecer?! Era a única maneira de você ter conversado com todos os professores para permanecer com os relatórios do professor Yaacov até conseguir terminar o seu trabalho.

– Sim, mas não sei o que deu em mim hoje de manhã... acho que são esses pesadelos que estão me atormentando e eu não estou conseguindo descansar.

– Como irei te ajudar sem os trabalhos do professor? Faz quatro dias que o coordenador está te procurando para que você entregue os trabalhos do Yaacov. – disse ele, preocupado com a situação.

– Alex... eu agradeço toda a sua ajuda! Por favor, me desculpe e não fique chateado. Eu irei conversar com o coordenador sobre isso, mas não agora. – respondeu ela se lamentando.

– Tudo bem, a gente vai conseguir! Mas evite circular próximo das salas dos professores! Vamos tentar adiantar o quanto pudermos esse trabalho! – disse ele, abrindo um sorriso no rosto.

Entusiasmada, Sara se virou e envolveu o banco do carro e Alex com seus braços, dando-o um caloroso abraço de felicidade.

– Obrigaaadaaaa...!!! Vamos Alex, acelera esse carro.

Minutos depois, após terem chegado à faculdade, Sara foi às pressas direto à sua sala enquanto que Alex entrava escondido em um dos laboratórios para pegar alguns instrumentos necessários antes de fazer um experimento.

Durante aquela manhã, temendo encontrar com o coordenador, Sara abriu, um a um, todos os documentos do Yaacov. Destacou as páginas de alguns trabalhos, escondendo-as em suas coisas e deixou os demais pertences do professor à mostra na sala.

Saiu cuidadosamente pelo corredor, olhando em todas as direções para que evitasse se encontrar com as demais pessoas. Cruzou pelo bonito jardim que rodeava o prédio e foi em direção ao lugar que Alex fazia o experimento.

Não muito distante da faculdade, Sara, andando em passos rápidos, distraída ao atravessar a rua e concentrada em suas tarefas, assustou-se com a freada do carro fazendo-a parar no meio da rua. Em estado de choque, continuou de pé e imóvel por alguns segundos. Virou-se de frente para o carro, que parou a um palmo de distância do seu corpo, e olhou para o homem que saiu de dentro, alarmado.

– Deus do céu!!! Você está bem????!!! Diga alguma coisa.

– Eu... sim...sim. – disse ela, balançando a cabeça.

– Venha comigo, vou pegar um copo d'água para você!

– Não... não é necessário, Tomaz...

– Você está tremendo! Vamos, venha aqui comigo. – disse ele, pegando na mão dela e levando-a até um quiosque perto dali.

Ele pediu um copo de água para ela, que permaneceu quieta até chegarem lá. Sentada no banco e um pouco mais calma, o silêncio foi quebrado após o seu último gole de água.

– Me desculpe... – disse ela, virando seu olhar para Tomaz.

– Estou preocupado com você, está tudo bem mesmo? Precisa de mais uma água? Eu quase te atropeliei! Foi por muito pouco.

– Sim, está tudo bem... obrigada. Hoje eu estou um pouco distraída.

– Distraída? Deve estar trabalhando demais, Sara. Eu também estava assim há alguns dias.

– Também estava trabalhando muito?

– Ah, é uma longa história... te contarei em outra oportunidade. – disse ele, abrindo um sorriso no rosto.

– Bom... é... eu preciso ir. Aceite novamente minhas desculpas. – disse ela se despedindo.

– Espere um minuto. Para onde você vai? Eu te levo até lá.

– Não é longe. Fica próximo da rua onde você quase me atropelou, vou a pé mesmo. – sorriu ao ir embora.

Enquanto estiveram no quiosque, Tomaz se conteve em perguntar dos trabalhos de Yaacov, devido ao encontro desastrado do dia. Voltou para pegar o carro e foi para a faculdade de química com a intenção de esperá-la por lá.

Após ter passado a noite inquieto, pensando nas informações que o rapaz do laboratório havia lhe contado no dia anterior, ele decidiu ir até a secretaria e pediu para conversar com o coordenador. Contudo, ouviu a secretária lhe dizer que o coordenador não teria tempo para atendê-lo naquele dia. Insatisfeito com a resposta, por várias vezes ele insistiu dizendo que era um assunto importante, mas a moça estava relutante e não o deixou

entrar na sala. Outra moça se levantou da mesa e andou até o balcão estranhando a demora da sua colega. Depois de ter pedido para que ela explicasse o que estava acontecendo, a segunda moça, mais condescendente do que a anterior, respondeu a Tomaz que não seria um bom momento de conversar com o coordenador, devido à tensa reunião que havia tido com os demais professores e, logo, pediu para que ele voltasse outro dia. Aceitando o fato, mas ainda insatisfeito, ele saiu da secretaria.

Caminhou pelo corredor do prédio da faculdade e parou em frente a um peitoril, por onde se podia ver grande parte do campus. Um terreno com vastas árvores que não só rodeavam os demais edifícios de ensino, como também acompanhavam as ruas principais. A beleza do colorido dos ipês-amarelos e rosas, que estavam distribuídos por todo o terreno; e a beleza dos jasmims e azaleias, que decoravam os jardins ao redor dos edifícios, era de atrair a atenção de qualquer um.

Enquanto admirava aquele cenário e via o movimento das pessoas, inesperadamente, ele avistou Sara andando ao lado de um homem. Acompanhou os passos dos dois lá de cima, sem tirar os olhos deles, até o momento que entraram no prédio.

Tomaz desceu rapidamente dois lances de escadas e chegou ao térreo se deparando com aqueles lindos olhos verdes.

– Sara! Oi...! – disse ele, com um sorriso no rosto, enquanto que seu corpo bloqueava a passagem da moça.

– Tomaz? Oi... o que está fazendo por aqui? – estranhou.

– Eu estou precisando conversar com você. É a respeito do seu trabalho. Você tem um tempo?

– Não... eu estou com um pouco de pressa. – ela respondeu dando alguns passos para frente ficando mais distante.

- Eu posso esperar. – insistiu ele tentando chegar mais perto.
- Outro dia.
- Me passa seu contato, qualquer coisa... pode ser o endereço, telefone, e-mail...
- Até mais Tomaz... – ela o interrompeu e se distanciou, acenando para ele.
- Espere! Você veio sozinha?... Sara! – ele gritou que ecoou pelo corredor.

Tomaz ficou circulando pelo prédio por horas esperando por ela, mas logo que anoiteceu, ele percebeu que havia poucas pessoas dentro do prédio, levando-o a suspeitar de que ela já havia saído.

Era por volta das dez horas da noite quando ele decidiu ir embora. No momento em que passava por detrás do edifício, indo em direção ao seu carro, ele a viu com um largo sorriso no rosto, saltando para abraçar o homem que andava com ela pelo campus de tarde. Eles entraram no carro e partiram logo em seguida, sem dar nenhuma chance para que conseguisse alcançá-los.

Ao chegar ao hotel, aborrecido e cansado, deitou-se na cama e se lembrou do olhar marcante da moça que havia lhe deixado sem forças. Tomaz pensava em alguma maneira de aproximar-se de Sara sem ser inconveniente e ao mesmo tempo em que ansiava por respostas.

Na manhã seguinte, ele ficou de prontidão junto às mesas do jardim da faculdade. Os estudantes começaram a chegar para assistirem as aulas e a alguns deles se reuniam ali para estudar ou para passar o tempo. Um trio, com uma moça e dois rapazes, sentou à mesa ao lado dele, onde pôde, sem intenção, escutar a conversa.

- ...Estou cansada! Vocês perderam a festa de ontem.

– Nem me fale. Minhas provas finais começam hoje, passei a madrugada estudando. – lamentou um dos rapazes.

– As minhas somente semana que vem! Mas tenho relatórios para entregar esta semana. – disse a moça.

– Estou contando os dias para entrar de férias. O que pretendem fazer? – perguntou o mesmo rapaz.

– Eu continuarei por aqui. Vou me matricular no curso de férias... espero que valha a pena. – respondeu o outro rapaz.

– Nossa, eu já havia esquecido. Eu também vou fazer o curso. Alguém sabe até quando é a inscrição? – perguntou a moça.

– Acho que até o final desta semana. Eu vou indo para a aula, mais tarde eu ligo para vocês. Ah, vai até a secretaria para se informar melhor dos cursos. – disse um dos rapazes indo em direção à entrada do prédio.

– Eu também tenho que ir para a aula. Boa sorte nas provas! – disse a moça pegando sua bolsa em cima da mesa e se despedindo.

– Obrigado! Com certeza vou precisar! – respondeu o outro rapaz sentado à mesa se preparando para estudar.

Com os estudantes entrando nas salas de aula, o movimento de pessoas começou a diminuir ao passar do tempo e Tomaz, permanecendo no mesmo lugar, olhou repetidamente de um lado a outro, causando certa estranheza no rapaz ao lado.

– Ei...

– Oi?

– Você está precisando de alguma ajuda? – perguntou o rapaz, desconfiado.

– Eu estou esperando uma amiga...

– Ela é de qual ano?

– Ela veio por intercâmbio. Talvez você a conheça... se chama Sara.

– Hum, não... acho que não. – disse o rapaz, pensativo.

– Ela é de Madri, tem o cabelo curto... mais ou menos por aqui... com tom avermelhado... – disse ele, gesticulando com suas mãos.

– É... eu não conheço... – respondeu o rapaz balançando a cabeça negativamente. – Espere, é aquela moça ali? – apontou com o dedo para o outro lado do jardim.

Tomaz virou seu rosto e avistou Sara andando em direção ao prédio junto com o mesmo homem do dia anterior e exclamou:

– Sim! Sim, é ela mesma! Muito obrigado.

Quando chegaram próximo à entrada do prédio, Tomaz saiu por detrás das árvores e apareceu ao lado dela.

– Sara!

Eles pararam e se viraram espantados.

– Tomaz! Oi...

– Oi! Dessa vez, sem acidentes...

– É... Tomaz, este é Alex. – ela apontou sua mão para o homem ao seu lado.

– Prazer Alex, eu sou Tomaz.

– Olá Tomaz. – Alex o cumprimentou com um aperto de mão. – Bem... Sara, eu tenho que ir, a gente conversa depois.

– Eu também tenho que ir...e... – disse ela antes de ser interrompida.

– ...Espere só um minuto antes de você ir, Sara. – disse ele, tocando no ombro dela.

Ela o olhou e balançou a cabeça, aceitando conversar. Andaram até o jardim e sentaram em uma das mesas, onde Tomaz, um pouco ansioso, iniciou o diálogo.

– Sara, desculpe se eu a assustei. Ontem, principalmente, depois do que aconteceu... você está bem, né?

– Eu estou bem, sim. A culpa foi minha, ontem eu estava muito distraída. Não fique mais preocupado com isso. – disse ela, abrindo um delicado sorriso.

– Pois, eu fico mais tranquilo. Eu também não queria tomar seu tempo, vejo você sempre bastante apressada, mas eu precisava te parar por apenas um minuto para perguntar uma coisa importante para mim. – disse ele, olhando nos olhos dela.

– Sim, sobre o que seria?

– São os trabalhos do professor Yaacov.

– Professor Yaacov? – tentou disfarçar.

– Me disseram que você tem acesso aos trabalhos e eu preciso muito deles...

– Do que você precisa? – perguntou ela, apreensiva.

– É algo importante, Sara... e eu preciso vê-los.

– Eu... eu não posso te passar. Preciso deles para terminar o que estou fazendo, desculpe. – disse ela abaixando a cabeça e levantando-se da mesa.

– Espere! Por que você não me disse isso a primeira vez que te perguntei?

– O coordenador está querendo que eu entregue todos os documentos do Yaacov, mas como eu te disse, preciso deles para terminar o que já iniciei.

– Ah, o coordenador. Ele parece ser uma pessoa bastante ocupada.

– Por que diz isso? – perguntou ela, curiosa.

– Estive ontem na secretaria para conversar com ele, mas não pode me atender. A secretária me contou que ele havia saído irritado de uma reunião e...

– ...desculpe, Tomaz, mas eu não vou deixar você com os trabalhos do Yaacov. Tenho que ir. – disse ela indo embora.

– Sara, deixe-me ao menos ver...um. – insistiu ele.

A moça continuou a andar sem virar para trás e ele se levantou na intenção de segui-la, contudo, foi abordado pelo mesmo rapaz que a havia reconhecido.

– Acho melhor você não ir atrás dela.

– O quê?! – disse ele, virando-se para o rapaz.

– Hum... Desculpe, eu não pude deixar de ouvir a conversa, mas... Aquela “mina” é muito gata!

– Você não ia gostar de ver o namorado dela.

– Bem, pelo menos não sou só eu que não vai gostar... – retrucou o rapaz, fazendo com que Tomaz se sentisse irritado.

– O que você quer?!

– Só pensei em ajudar. Você não é estudante daqui, é?

– Por quê? – Tomaz perguntou receoso.

– Aquela mulher não tem o direito de ficar com os trabalhos, mas, também, se eles estão sob a responsabilidade dela, ela não poderá entregá-los para você... nem estudante daqui você é!

– Você tem razão. – disse ele abrindo os olhos num momento de esclarecimento. – Muito obrigado! – apertou a mão do rapaz e saiu às pressas.

Com poucos equipamentos em mãos, Alex tentava ajudar Sara como podia fazendo os experimentos. Além de ter retirado alguns materiais do laboratório, ele os levava para outro, desativado e seguro o bastante para que ninguém notasse a presença dele lá. Sua formação em química naquela faculdade e seu temperamento extrovertido, alegre e comunicativo

renderam várias amizades, além de conhecer o campus como a palma da mão. Alex conseguia substituir os equipamentos de um laboratório para o outro, enquanto fazia o experimento, que não podia durar mais de vinte e quatro horas, e depois disso, eram restituídos. Dessa forma, a ausência deles era imperceptível.

Após ter passado a manhã e metade da tarde fazendo ensaios, Alex foi encontrar Sara em um café, um pouco distante do prédio da faculdade de química. Esperou alguns minutos e ela não apareceu. Estranhando a demora, levantou-se e foi em direção ao prédio da faculdade de química. Após caminhar alguns metros, deparou-se com ela vindo em sua direção.

Mais aliviado, Alex aguardou ela se aproximar e a recebeu com um grande abraço.

– Linda, eu estava preocupado com você! – disse ele sorrindo.

– Desculpe, Alex. É a segunda vez que Tomaz insiste em querer ver os trabalhos. – disse ela, abatida.

– Segunda vez? Segunda vez só hoje né, querida?! – disse ele com as mãos na cintura, pensativo. – Vamos... não se abale com isso. Tenho novidades para você.

– Sim, diga! – falou ela ansiosa.

– Não são notícias tão boas. Ontem, eu consegui alguns resultados com os experimentos, mas ainda não estão como você quer. E... os de hoje... estão uma catástrofe. Tem algo de errado que eu não sei o que é. Eu já os refiz várias vezes...

– Aconteceu a mesma coisa comigo. Segui todos os procedimentos para o ensaio com o material de hoje... mas eu não consegui continuar. Retorne comigo para a sala e vamos rever os relatórios.

Entraram no prédio e subiram o primeiro lance de escadas. Alex, imprevisivelmente, pegou na mão de Sara e a puxou para perto de si. Envolveu um dos seus braços na cintura dela, fazendo com que desacelerasse os passos. Continuaram andando pelo corredor com Alex encarando aquele homem acima de um metro e oitenta de altura que estava ao lado do balcão da secretaria.

De costas, Tomaz não havia notado a presença dos dois no corredor. Faltavam apenas alguns metros para que os dois conseguissem acessar outro lance de escadas e saíssem dali sem serem vistos por ele. Contudo, subitamente, um homem entre seus vinte e sete a trinta anos apareceu na frente de Alex, saindo de uma das salas do corredor. Surpreso, o homem arregalou os olhos e o cumprimentou com euforia, o que bastou para chamar atenção de Tomaz, que se virou de frente para eles.

– Alex!!! Quanto tempo eu não o vejo. – disse o homem dando-lhe um abraço.

– É... é... – balbuciou ele, enquanto olhava, por cima do ombro do homem, Tomaz se aproximando. – ...desde a época da faculdade...

– Como vai? O que veio fazer por aqui? – perguntou o colega, animado.

– Eu... eu vim conversar com o... com o... Euclides.

– Com o coordenador?!

– Sim, é...! Preciso ir antes que ele vá embora... – respondeu, afastando-se do colega, enquanto puxava a Sara para si e acenava com sua mão. – ...foi um prazer revê-lo!

Mais alguns passos a adiante e Tomaz estava na frente dos dois. Fixou a atenção em Sara e disse que realmente precisava ver aqueles trabalhos. Alex se pôs a frente dela, encarando-o impacientemente.

– Qual é a sua, cara?! Não entende o que ela diz para você?! Tem algum problema com o sotaque espanhol? Pois eu vou traduzir o que ela tem para dizer... – Alex respondeu agressivamente levantando sua mão, mas imediatamente foi interrompido por Sara.

– Não, Alex! – disse ela, segurando seu braço.

– Entendam que eu não quero confusão. É uma coisa importante! – disse Tomaz, nervoso.

– Venha, vamos embora! – disse ela, virando-se e puxando Alex com força pelo braço.

– Eu não vou desistir, Sara! – gritou Tomaz.

Ao chegar a sua sala, ela trancou a porta e, em seguida, festivamente abraçou Alex e disse:

– Obrigada!!! Você conseguiu...! Pelo menos por alguns dias acho que ele vai parar de vir atrás de mim!

– Eu espero que sim. – ele concordou assim que se lembrou do tamanho do homem que teve de encarar.

Sara pegou os documentos, que havia separado anteriormente para realizar o seu trabalho, e passaram relendo-os até o resto do dia. Enquanto isso, Tomaz aguardava na fila da secretaria para se matricular no curso de férias e depois disso, tentaria mais uma vez conversar com o coordenador.

Uma hora depois, após ter feito sua matrícula, a moça da secretaria, que o havia atendido anteriormente, voltou com um sorriso no rosto dizendo que o coordenador iria recebê-lo naquela tarde. Mais meia hora de espera até que a secretária o liberou para entrar.

– Com licença, professor Euclides. Eu sou Tomaz. – estendeu a mão para cumprimentar o coordenador.

– Uhum... – balbuciou o coordenador sentado em sua cadeira de braços cruzados, recusando o aperto de mão.

– Bem... eu vim aqui conversar com você sobre...

– Quem é você? – perguntou o professor, ainda com os braços cruzados, franzindo a testa e apontando seu nariz para o alto.

– Eu sou estudante da...

– ...minha secretária me contou que um sujeito queria conversar comigo, que era um assunto importante e que não era nenhum aluno. Eu só posso atender os alunos outro dia. Então, volte aqui depois quando eu estiver menos ocupado. – respondeu o professor apontando o dedo para a porta.

– Eu vim conversar com você sobre os documentos do professor Yaacov que estão com a Sara. – concluiu, irritado.

– Aquela infeliz já devia ter me devolvido! – exclamou Euclides.

Nesse momento, bateu a porta um homem de meia idade, com a pele de tom bege escuro, tinha os cabelos e barba preta e os olhos fundos e negros.

– Euclides, preciso falar com você! – disse o homem ao abrir a porta.

– Professor Raed Khalil, entre! Este é Tomaz, mais um aluno atrás dos trabalhos do Yaacov. – o coordenador apresentou os dois.

– Entrei na sala da aluna do Baum com a cópia da chave e, como havíamos combinado na reunião que ela não compareceu, agora os documentos estão comigo. – disse Raed com seu sotaque estrangeiro. – Depois apareça na minha sala, Euclides.

– Eu posso vê-los? – Tomaz, ansiosamente, perguntou para Raed, que o ignorou e saiu da sala.

Sem obter resposta, ele voltou a olhar o coordenador que estava com uma expressão bastante séria. Euclides se levantou da mesa e pediu para

que Tomaz se retirasse naquele momento.

Sem entender a atitude dos dois professores, ele saiu da sala e procurou, mais uma vez, por Sara. Dessa vez, não para pedir os trabalhos do Yaacov, mas para avisá-la que ela poderia se prejudicar devido à atitude de Raed Khalil.

Capítulo Oito

Uma voz grossa ecoava pelo corredor da IQN durante os trinta minutos em que Julius aguardava do lado de fora da sala de reuniões. Quando a porta se abriu, um senhor de pele morena escura, cabelos grisalhos, com altura próxima de um metro e sessenta saiu da sala acompanhado por Pedro, que fez um sinal com a cabeça para Julius entrar.

– Senhor!

– Acabei de ter uma reunião com o Coronel León, da Venezuela, junto com Pedro. – disse o Coronel segurando as mãos à frente do quadril.

– Sim, senhor.

– Ele não está satisfeito com a demora em encontrar a garota. Quero que você mande o Christian aparecer agora na minha sala! – ordenou o coronel.

– Senhor, o Christian não está. Ele continua na missão seguindo aquele sujeito.

– Hum... e o que descobriram até agora? – perguntou o coronel, cruzando os braços.

– Bem... antes de voltar para cá, ouvimos nas escutas o Tomaz falando sobre um código.

– Código? Que tipo de código?

– Sim... nós não conseguimos entender sobre o que ele estava falando. Então entramos na casa, mas não encontramos nada a respeito desse código. Lembro que logo depois dele ter mencionado isso, ele disse que ia atrás do professor Yaacov.

– Yaacov?! Eu não tinha mandado matá-lo? – perguntou o coronel, intrigado.

– Isso foi feito, Coronel.

– Então está me dizendo que... vocês ainda não sabem de nada?!

– Christian achou que aquele código poderia nos levar até a garota, por isso ele e André estão seguindo o cozinheiro, como foi ordenado.

– Onde eles estão agora?

– André entrou em contato comigo e disse que voltaram àquela faculdade onde o Yaacov era professor. Estivemos lá, logo depois que a garota sumiu daquele Café, mas não encontramos nenhuma pista dela.

– Continuem o que estão fazendo. Somente Beatriz sabe onde estão os verdadeiros relatórios do projeto. – ordenou o coronel sentando em uma das cadeiras.

– E o que faremos com o cozinheiro?

– Primeiro, encontrem a garota e peguem os relatórios. Depois, traga o sujeito e então veremos se ela irá dizer a verdade.

– Sim, senhor.

– O Coronel León não está nada paciente. Ele saiu de uma reunião em Caracas, com outras autoridades, e disse que a situação está ficando ainda mais tensa por lá. A rivalidade deles com a Colômbia piorou.

– O senhor quis dizer a rivalidade com as FARC?

– As FARC?! Pior... muito pior, vai além disso. Das palavras do Coronel León, “O maior problema são os ianques!”. De fato, agora o acordo

que fizemos com ele entra em jogo. – disse Torres, preocupado. – E vocês três... fiquem em alerta! – ordenou.

– Irei repassar para André e Christian sobre isso, senhor.

– Ah, Julius! Não se esqueçam de que Pedro é os olhos e ouvidos do Coronel León. Não demorem com isso, sim?! – alertou Torres com olhar intimidador.

– Sim, senhor. Avisarei os outros. – disse Julius saindo da sala em seguida.

Andando apressadamente pelo corredor, onde se ouvia repetidamente o barulho do salto alto tocando o piso de madeira, uma pequena mulher com cabelos compridos castanhos cacheados, usava um tailleur cor de chumbo e carregava consigo uma folha de papel em uma das mãos. Abria a porta de cada sala em que passava em frente, e de repente, em uma delas, saiu o forte senhor que acabou se chocando com ela e por pouco, não a derrubou no chão.

– Coronel Torres! – exclamou assustada sua secretária.

– Preste mais atenção por onde anda! – respondeu irritado.

– Desculpe Coronel. Eu estava te procurando. Precisava te entregar esta mensagem. – disse ela, mostrando-lhe o papel. – Chegou agora pouco no seu escritório.

Torres pegou o papel da mão da mulher e, no mesmo momento em que leu a mensagem, os olhos dele saltaram. Imediatamente ordenou que chamasse o Coronel León.

A expressão de preocupação estampada no rosto de Torres assustou a secretária, que percebendo a gravidade da situação, voltou ao escritório às pressas e, logo em seguida, tentou se comunicar com os seguranças para que localizassem o coronel venezuelano.

Meia hora se passou, e mesmo após os seguranças terem utilizado as câmeras de monitoramento e percorrido toda a IQN, eles ainda não haviam conseguido encontrá-lo. Estranhando a movimentação entre eles, Julius foi até a sala de segurança e se deparou com apenas um rapaz sentado em uma cadeira giratória, que não tirava os olhos dos monitores montados à sua frente. Concentrado em sua função, não se deu conta da presença do homem enorme atrás dele. Aquele silêncio durou apenas alguns minutos, até o momento em que Julius perguntou, com sua voz rouca, sobre o que estava acontecendo; e então o rapaz deu um salto da cadeira batendo com suas mãos no computador em cima da mesa, desligando os monitores.

– Oh não!!! – exclamou o rapaz levando suas duas mãos à cabeça.

– Cuidado, cara! Presta atenção no que está fazendo! – criticou Julius.

– Eu?! E você??? O que você está fazendo aqui dentro?! – disse ele exaltadamente. – Olhe o que você me fez fazer. Agora terei de reiniciar todo o sistema!

– Qual é! O que está acontecendo com todos vocês?!

– Estamos à procura do Coronel León... e você? Veio aqui só para perturbar? – redarguiu o rapaz.

– Coronel León?! Todo esse tumulto de vocês por causa dele? – perguntou Julius, apreensivo. – O que ele fez?

– São ordens do Torres. Já procuramos por toda a IQN. Os seguranças verificaram todas as salas e laboratórios, e até antes de você chegar, não havia visto o coronel León passar por nenhuma das câmeras de monitoramento.

– Hum... – balbuciou pensativo. – Aí, continuem procurando. – disse Julius saindo da sala.

A pequena mulher de *tailleur*, sentada atrás da mesa, ouvindo o ranger do piso de madeira ficar cada vez mais alto, ergueu seus olhos em direção ao *hall* e viu o imenso homem vindo em sua direção.

Julius andou mais alguns passos em direção à mesa dela com a intenção de entrar na sala do coronel. No entanto, Torres saiu da sala antes mesmo dele chegar até a secretária.

– Coronel!

– Já encontrou o Coronel León? – perguntou de maneira ríspida.

Julius sabia que uma resposta negativa naquele momento seria quase um suicídio. Pensou rapidamente em um lugar onde nenhum segurança soubesse e nem fosse notado pelas câmeras de monitoramento. Um lugar em que nem mesmo a secretária de Torres pudesse entrar e nenhuma pessoa, exceto uma ‘privilegiada’, soubesse da existência. Além disso, por um momento, lembrou-se de Pedro escoltando o León horas atrás.

– Por favor, Coronel, venha comigo!

Torres andou ao lado de Julius por alguns metros, distantes suficientes para que ninguém pudesse ouvi-los. Ele parou e virou-se para Julius, impacientemente. Quando ameaçou fazer uma pergunta, o gigante lhe respondeu no mesmo instante:

– Eles estão no subsolo.

– Eles?!

– Pedro e León. – disse Julius, temendo pela resposta.

Continuaram a andar com rapidez, sem nada a dizer um para o outro. Entraram na sala de reuniões e abriram o alçapão, que dava acesso ao subsolo. Ao descerem as escadas, os dois encontraram o Coronel León sentado na mesa e Pedro ao lado dele discutindo sobre o papel que estava segurando em uma das mãos.

A ampla área no subsolo era escura, não havia janelas e tinha um tamanho suficiente para comportar grandes quantidades de caixotes de madeira, e três salas com divisórias em *mdf* de até um metro e meio de altura. Seis tubulações para passagem de ar distribuídas pelo teto, com o pé-direito de quatro metros, ligavam o subsolo à superfície, já fora dos limites da empresa e a única claridade, naquele momento, vinha da luminária industrial em forma de cone que estava suspensa por um cabo no teto e iluminava o centro da mesa de madeira.

Os dois venezuelanos, ao notarem a presença de Torres e Julius, interromperam a conversa e os aguardaram, olhando eles se aproximarem da mesa.

– Coronel León... – disse Torres ao chegar do lado oposto da mesa em que se sentava o venezuelano. – ...então, Pedro lhe apresentou o nosso departamento?!

– É bem interessante, vocês fazerem tudo isso bem debaixo do nariz de outras autoridades. – respondeu León.

– Como você sabe, não é só este grupo que é a favor da política do seu presidente. – respondeu Torres, sentando-se à mesa.

– A favor...?! E estes relatórios?! Você não havia me dito que não estava com eles? – perguntou León jogando as folhas em cima da mesa.

– E não estou. Esses... não servem para nada! Somente a garota dirá onde estão.

– Péssimo. Melhor vocês correrem com isso. – disse León de maneira áspera, balançando discordantemente a cabeça.

– Eu recebi um comunicado de Caracas... as coisas pioraram por lá. Leia! – Torres entregou a mensagem para León. – O senhor precisa voltar imediatamente.

– Dios! – exclamou levantando-se da mesa.

– Peço um pouco mais de tempo para lhe poder entregar o que foi proposto, e em troca disso, você irá receber amanhã esse arsenal que se encontra à sua esquerda. – propôs Torres ao mesmo tempo em que Julius acendeu todas as luzes do subsolo.

León se virou para o pátio e viu os caixotes com as armas prontas para serem despachadas.

– Hum, parece que veio em boa hora.

– O carregamento chegou ontem e...

– Espere. Por onde essa carga toda entrou? – perguntou surpreso.

Julius foi à sala ao lado, onde havia duas estantes de madeira encostadas em uma das paredes principais. Empurrou uma delas para o lado, e assim o Coronel pode ver a entrada de um túnel subterrâneo, que passava por debaixo da IQN e tinha saída por dentro de um casebre, ao lado de outros, da comunidade.

– Pedro e Julius levarão você até o aeroclube. Providenciei o jato que estará o aguardando. Saiam por aí que falarei com os seguranças da empresa. – disse Torres, apontando sua mão para o túnel.

– Darei mais algum tempo a vocês. Avisarei as outras autoridades do meu país. – disse o Coronel León apertando a mão de Torres. - Estaremos aguardando essa mercadoria amanhã!

– Sem dúvida, Coronel! – disse Torres se despedindo.

Ao chegarem ao aeroclube, os três saíram do carro e viram o jato executivo Legacy 450 parado ao lado da pista, com a porta aberta. O piloto desceu e os cumprimentou. Em seguida, Pedro levou o Coronel León para dentro da aeronave e, minutos depois, juntou-se com Julius no carro. A porta do Legacy se fechou e o avião se preparou para decolar.

– O que está havendo, índio?! Por que levou o Coronel León no subsolo? – perguntou Julius, asperamente.

– O Coronel ainda não tinha visto os relatórios daquela garota, e pelo que eu ouvi vocês dizendo, eles não servem para nada. Mas ao contrário disso, são os únicos documentos que ainda podem consolidar o nosso acordo com vocês. E nós não estamos satisfeitos com o que apresentaram até agora. – respondeu Pedro acendendo o cigarro na boca.

– Temos as armas. Elas vão ser enviadas amanhã cedo.

– Não basta. Agora o buraco é mais embaixo.

Após o Legacy ter levantado voo rumo a Caracas, Julius e Pedro voltaram a IQN e foram até a sala do Coronel Torres.

– Senhor! – disseram os dois em uníssono.

– E o Coronel León?

– Partiu dentro do horário, Coronel! – afirmou Julius.

– Ótimo. Julius, notícias de Christian?

– Senhor, entrarei em contato com ele neste momento! – respondeu, saindo da sala e retirando o celular do bolso.

A secretária, assustando-se com o imenso homem andando apressadamente até o *hall*, observou atentamente que ele estava falando no celular. Julius, ao virar-se para a mesa, notou a curiosidade da pequena mulher e a olhou de maneira ameaçadora. Logo em seguida, com o celular na mão, entrou na primeira sala aberta que havia no corredor e continuou a conversa com Christian.

– Christian, eu preciso que você me conte o que está acontecendo aí. O Coronel está me pedindo informações.

– Conversou com ele?! O que ele disse? – perguntou, ansioso.

– Coronel León esteve aqui e...

– León?! Se levaram o Coronel até aí... então...

– Não estamos nada bem. – concluiu Julius. – Torres comentou que pioraram a rivalidade com os irmãos colombianos.

– As FARC!

– Não necessariamente.

– Hum... Entendi. – respondeu, pensativo.

– E... além disso, o Coronel León teve de retornar com urgência para Caracas.

– A batata está assando... – disse ele, preocupado. – Quais são as ordens?

– No momento não temos saída sem os relatórios. Então, temos de continuar com o que estamos fazendo. O cozinheiro deu mais pistas?

– Estivemos rondando a faculdade, mas nada de novo ainda. Acabamos de colocar as escutas no quarto dele.

– Ok. A mensagem foi entregue. Ah, e não faça nada com ele por enquanto.

– Positivo. – respondeu, desligando a chamada.

Sentado na cama do quarto do hotel onde estavam hospedados, Christian olhava com um olhar vago e pensativo para a parede bege à sua frente, enquanto André acabava de colocar as escutas a dois quartos dali.

Pouco tempo depois, André entrou pela porta estranhando o jeito de Christian sobre a cama. Fechou as cortinas brancas da janela e pegou uma plaquinha de não perturbe, pendurando-a na maçaneta de fora da porta. Em seguida, deu início à montagem de seu equipamento de escuta sobre uma estreita mesa retangular de madeira encostada na parede ao lado do banheiro.

O quarto estava tão silencioso que se podia escutar com nitidez o barulho vindo de fora. Apesar da rua não ser muito movimentada durante o dia, os dois bares localizados em esquinas opostas eram suficientes para enchê-la de carros durante a noite. Distribuídas em toda a sua extensão, havia árvores com copas largas que deixavam cair suas folhas avermelhadas, devido à estação do ano, por toda a calçada e, além de sombrear a rua, decoravam a entrada do modesto prédio largo de dez andares, onde ficava o *flat*.

Era início da noite e já se ouvia, do sétimo andar, a música ao vivo do *happy hour* no bar a menos de vinte metros dali.

Após minutos em silêncio e reflexão, Christian levantou-se bruscamente da cama, pegou o binóculo de dentro da mochila e foi até a janela, escondendo-se entre as duas metades da cortina. Através das lentes de longo alcance, olhou para o ambiente externo do bar, onde pode ver Tomaz sozinho comendo um lanche, sentado em uma das mesas.

– Pensei que você tivesse desistido de perseguir aquele cara enquanto eu colocava as escutas. – disse André, de costas para Christian, terminando sua montagem. – O que aconteceu com você?

– Estamos ficando encrencados. Julius me contou que o Coronel León esteve na IQN.

– O León?! – André se virou, espantado.

– Não entrou em detalhes, mas a situação piorou entre a Venezuela e a Colômbia.

– E o Coronel Torres?

– Dada a situação, o Coronel quer que nós prossigamos no que estamos fazendo. E no momento que você entrou, eu estava pensando sobre isso.

Mas, fica tranquilo, o cozinheiro não vai voltar tão cedo. Dê uma olhada, ele ainda está na mesa.

– Ok... – disse André com o ar de preocupação. – O que você pensou?

– E se a garota já estiver morta...?

– Hum... morta? Por quem?!

– Temos que ficar espertos com Pedro.

– Como assim?!

– Pense André... ligue os fatos, o que aconteceu naquele dia...

– ...Christian, o cozinheiro entrou no hotel. Pegue um dos *headphones*!

Alguns minutos depois, os dois ouviram o barulho do elevador e passos no corredor. Em seguida, escutaram os primeiros sons pelo equipamento de escuta. A porta bateu e Tomaz ligou a televisão do quarto. Segurando o controle remoto na mão esquerda, trocava de canal repetidamente e via de relance as novelas, seriados e telejornais que eram as programações mais transmitidas naquele horário. Impaciente, começou a andar de um lado a outro dentro do quarto, sentindo-se irritado ao pensar na conversa que havia tido com Euclides e com Sara.

Ficou surpreso com a atitude arrogante do coordenador e lembrou-se de que, apesar de ter frequentado a faculdade apenas na época em que estudava gastronomia, ainda não havia se deparado com um professor universitário que falasse e o olhasse de modo tão imponente.

Além disso, lembrou do encosto da cadeira, que flexionava para trás para suportar o pesado homem de rosto arredondado, com duas entradas nos cabelos pretos. Tinha as bochechas saltadas e as pálpebras dos olhos caídas, que realçavam ainda mais a pose de desprezo com os braços cruzados sobre a enorme barriga, fazendo com que ele ficasse ainda mais indignado. Mas tolerar tal comportamento não era o problema mais difícil para Tomaz.

Começou a pensar no motivo que levou Raed Khalil a entrar na sala de Sara e pegar os livros e trabalhos de Yaacov. Além disso, pensava que se o professor estava com tanta urgência em consegui-los, agora dificilmente iria cedê-los para ele, que, no momento, era apenas um estudante do curso de férias.

Apesar de tudo isso, naquele momento, não eram os comportamentos de Euclides e nem de Raed que o inquietavam, mas o de Sara.

Havia ficado horas esperando para tentar falar com ela mais uma vez. Encontrou a sala onde ela ficava e bateu varias vezes na porta, mas nada adiantou. Pensando que já tivesse saído de lá, foi à procura dela por toda a faculdade. Desta vez, sem precisar de outras pessoas, conseguiu entrar nos laboratórios, salas de aulas, salas de informática e acessar as bibliotecas daquele campus. Passou o dia à procura, e nesse período não encontrou nem ela e nem Alex. Ainda com esperança, ele retornou à sala dela e bateu novamente à porta. Sentou-se no banco próximo dali, e achou que pudesse aguardá-la até o início da noite. Mas, depois de algum tempo, voltou aborrecido para o *flat* pensando em alguma solução.

– Alô...

– Tomaz! Como vai, *brother*?!

– Gabriel?!

– E aí, onde você está? – o seu amigo perguntou com entusiasmo.

– Estou em um *flat*... tendo minhas férias! – respondeu ele, dando uma curta risada.

– Relaxa, cara. Vai curtir uma piscina, dê umas corridas, vai num barzinho à noite e encontre uma mina...

– Ok, Gabriel. – respondeu, fechando o sorriso e se aborrecendo, cortando o assunto do amigo.

– ...mas se você quiser algo mais agitado, vai para uma balada e puxe papo com...

– Está bem, Gabriel. – respondeu um pouco irritado, cortando novamente o assunto.

– ...e aquela sua amiga loiraça esteve aqui hoje de manhã. Não sei como você quase recusou o convite dela naquele dia... você me deve uma! Hehehe... Ela...

– Ok.

– Ei *brother*, o que está acontecendo? – perguntou Gabriel estranhando o comportamento de Tomaz. – Você está aí para curtir e parece mais estressado do que antes.

– Estou um pouco impaciente.

– Ah... Não me diga que você está pensando na Bia.

– Não comente nada com os outros aí.

– Porra *bro*! Eu estava pensando que você fosse tirar um tempo para você. Conhecendo novas minas que nem a Lu e...

– Me dá um tempo... – disse ele, desapontado.

– Hum?!

– É...

– Espere um pouco aí... você está me dizendo que... quem você conheceu?! – perguntou Gabriel com os olhos saltados de curiosidade.

– O quê?!... ninguém...

– Sério... – disse ele, sarcasticamente.

– Uhum...

– Qual é... – insistiu Gabriel.

– Cara, você está parecendo uma mulher. Curioso...

– Sou teu amigo há anos. Sei que tem alguma coisa pegando.

– Uma pessoa estava com umas coisas importantes e que eu precisava vê-las antes de retornar para Campos.

– Uma pessoa?! Você quis dizer... uma mulher, certo?! E pelo jeito é uma gata! Como a Luciana? – completou Gabriel.

– Não, definitivamente! Ela é totalmente diferente da Lu. É um pouco arrogante e uma pessoa muito difícil de lidar. Sempre me diz alguma desculpa para poder me afastar e... quando tenho alguma sorte, ou seja, que consigo encontrar com ela, e...

– E você está ficando maluco. – disse Gabriel dando uma breve risada.

– O quê?!

– ELA está te deixando louco!

– Está brincando?! Só se for louco de raiva.

– Uhum...

– Ela não teve um pingão de consideração, quando disse que seria importante eu ver os trabalhos que estão com ela. Desprezou totalmente o que eu disse. Mais do que isso, ela mentiu para mim. – contou Tomaz, impacientemente.

– Sei...

– Isso me irrita!

– Hum... e... por que você está me justificando tudo isso?!

– Eu não entendi.

– Eu só perguntei se ela é gata como a Luciana. Fisicamente, certo?!

– Eu...

– Fica tranquilo, *brother*! O Tradicional está começando a encher. Liguei para saber quando você vai voltar, mas... enfim, eu dou um jeito aqui. Falou.

De mau humor, após ter desligado a chamada, Tomaz jogou o celular na cama e ao mesmo tempo gritou exaltado, logo depois deu um soco na parede com sua mão direita, que estremeceu a janela do quarto.

Gabriel o conhecia há mais de dez anos e sabia que ele não estaria brincando com o assunto, ainda por cima quando mulher é o tema principal. De qualquer forma, depois de ter conversado com seu amigo, o que irritava Tomaz não era a petulância, a safadeza, o descaramento, e nem o espírito poligâmico de Gabriel, mas a certeza que ele tinha sobre suas suposições. E por isso, não conseguia discernir se sua ansiedade era fruto do desejo em encontrar mais informações sobre Beatriz ou se era pelos pensamentos frequentes em Sara.

Pensou que, desde o dia em que a conheceu, esteve sempre procurando por ela para colocar a mão nos trabalhos do professor. Mas ainda não havia se dado conta das reações que ela lhe estava causando. As cores, avermelhada do cabelo chanel ondulado e os verdes dos olhos, tornavam-se bastante intensas ao olhos de Tomaz, que o deixava rendido e hipnotizado quando se aproximava dela. Contudo, a forma de como se vestia, como se quisesse se esconder por debaixo das calças jeans e blusas largas de mangas compridas, aliada a um temperamento intenso e volúvel, fazia com que prendesse a atenção dele de forma ainda mais curiosa.

Após algum tempo de reflexão, Tomaz começou a notar que sua atração por Sara pudesse estar além dos interesses nos relatórios do Yaacov, mas também por um encantamento que ele ainda não podia explicar. Ele desligou a televisão, apagou as luzes e se deitou na cama.

– Eu só posso estar pirando. O Gabriel tinha que enfiar coisa na minha cabeça! Gostar de uma mulher arrogante como ela... – disse ele, relutante em aceitar suas conclusões. – Não, isso não tem nada a ver. Infelizmente, eu

tenho de conseguir ver os trabalhos do professor de alguma maneira, e é por isso que eu procurava por ela todo esse tempo. Mas, agora que ela não está com eles, preciso saber como consegui-los com o Raed Khalil. – balançou a cabeça dizendo com um pequeno sorriso no rosto “Gabriel... pô, ele é que é maluco!”.

Antes de cair no sono, por um instante, lembrou-se da atitude dos dois professores quando se referiu ao Yaacov, mas ainda não entendia o motivo deles não deixarem outros alunos terem acesso aos trabalhos, diferente dele, que a princípio, tinha outras intenções.

Apesar de ter tido o conhecimento de parte dos relatórios lidos na IQN e outros detalhes descobertos no chalé, Tomaz tinha ido até a faculdade com o intuito de pedir toda a explicação para Yaacov, porém, depois que soube da morte do professor, ele precisava encontrar mais respostas para entender o projeto e a participação real de Beatriz em tudo isso. Dessa forma, ele achava que as respostas poderiam ser encontradas nos demais relatórios.

Contudo, por se tratar de um projeto secreto, acreditava que Yaacov não iria deixá-lo à vista para qualquer pessoa ter acesso. Sara era a única pessoa que Tomaz conhecia e tinha tido contato com os trabalhos, por isso considerou como sendo a única que poderia ajudá-lo no momento. Ele teria que avisá-la sobre a atitude de Raed Khalil.

Depois de alguns minutos em completo silêncio, Christian tirou o fone de ouvido e olhou para André dizendo o que conseguiu compreender através do que havia capturado pelas escutas.

– Pelo jeito, os trabalhos do Yaacov estão nas mãos desse tal de Raed. Temos que entrar na sala desse cara.

– Ou então, estão nos enganando. – disse André, desconfiado.

– O quê?!

– Estive pensando agora sobre o que você me falou. Eu me lembro daquele dia que saímos do Café.

– Saímos pela porta dos fundos.

– Exato. E Julius nos resgatou junto com Pedro na rua de trás. – disse André, pensativo.

– E horas depois, nós fomos pegar informações com os policiais que estavam de sentinelas naquela praça...

– Sim, e nesse momento, Pedro saiu do carro.

– Ele tinha dito que ia mijar, e então você começou uma briga com um dos policiais. Depois disso, fomos embora e...

– Pedro só encontrou com a gente no dia seguinte. – concluiu André interrompendo Christian. – O que pretende fazer?

– Não temos provas, mas também não podemos descartar essas hipóteses. O cozinheiro nos deu mais uma informação hoje. Vamos averiguar esse Raed.

– A garota está morta, porra. – suspeitou André. – Pedro, aquele filho da puta!

Capítulo Nove

O barulho causado pelo rolamento do carrinho de limpeza sendo empurrado pelo corredor das salas dos professores ecoava por todo o andar. Contendo duas vassouras, um rodo, um esfregão, pá e sacos com lixo, além de vários tipos de panos e produtos de limpeza, baldes e rolos de papel higiênicos, dentre outros utensílios, o carrinho, que lembrava um carrinho de supermercado, estava tão carregado que ficava difícil de conduzi-lo pelos corredores da faculdade. As rodinhas mal conseguiam rolar devido ao peso excessivo. Contudo, era desse jeito que as faxineiras o deixava para que não precisassem ir e voltar várias vezes à pequena sala de limpeza. Economizavam o tempo e evitavam a fadiga muscular, entretanto, elas danificavam o carrinho; o segundo naquele mês.

A limpeza era feita de sala em sala. O professor saía para que a faxineira pudesse tirar o pó das estantes de livros, de arquivos e das estatuetas e condecorações postas como troféus em cima das mesas ou penduradas na parede; e também para facilitar a movimentação dos móveis enquanto limpava o chão.

Em uma das salas, os barulhos do varrer da vassoura, dos móveis sendo arrastados de um lado a outro e dos baldes, de lixo e de água, sendo empurrados ou colocados bruscamente no chão, incomodavam os

professores e os irritavam, pois sabiam que em breve teriam suas atividades interrompidas.

Novamente, escutava-se o carrinho percorrendo o corredor, onde seu som silenciou com o bater na porta.

Toc... toc...!

– Sim!

– Limpeza, sôr Clídes! – disse a mulher abrindo um palmo da porta.

– Espera um minuto! – gritou ele enquanto acabava de enviar um e-mail. Bloqueou o seu computador e desligou o monitor, e logo em seguida se dirigiu à porta, abrindo-a bruscamente. – Seja rápida, tenho ainda muita coisa para fazer hoje! – ordenou, saindo da sala e olhando a mulher, que abaixou a cabeça sem dizer uma palavra.

A faxineira entrou na sala empurrando o pesado carrinho. Fechou a porta e começou a faxina pelas estantes de madeira que tomavam toda a parede situada atrás da mesa. Tirou o pó de livros e mais livros técnicos, alguns deles já amarelados pela idade e outros mais novos e de autoria do próprio professor, ajeitando-os nas prateleiras. Havia muitas pastas com trabalhos de alunos e projetos próprios que eram colocados na parte inferior direita da estante; e ao lado dela, um arquivo de aço com quatro gavetas encostado à parede direita, que tinha em cima três troféus de vidros onde ela passava, cuidadosamente, a flanela.

Virou-se para trás e arrastou a cadeira para o lado da mesa, que estava cheia de papéis espalhados e alguns deles picotados. Enquanto juntava-os para o lado para passar um pano sobre a mesa, notou que eram notas fiscais de compras e orçamentos de projetos. Curiosa, mexeu nas demais folhas em cima da mesa e acabou encontrando além de relatórios de orçamento de materiais e equipamentos que ela desconhecia naquela faculdade, havia

também um papel onde estavam escritos os dados da conta de Raed Khalil e um imenso valor a ser depositado para ele. Surpresa, seus olhos ainda nunca haviam visto tantos zeros juntos.

De repente, ela escutou a voz de Euclides no corredor conversando com mais um homem e, de súbito, largou as folhas num susto que caíram espalhadas no chão. Agachou-se rapidamente, juntando-as de qualquer maneira e as colocou em cima da mesa. Olhou para o relógio redondo de aço escovado pendurado na parede esquerda sem ter notado que o tempo havia passado tão depressa; e o professor logo entraria naquela sala. Assim, pensou na primeira coisa que veio à cabeça para poder retardar o serviço. Foi até o carrinho de limpeza e vestiu as luvas de borracha e um par de galochas. Arregaçou as mangas da blusa acinzentada do uniforme e pegou o balde cheio de água esparramando-a no chão. Jogou grande quantidade de sabão e começou a esfregá-lo formando uma densa camada de espuma próxima da porta da sala.

A água começou a escorrer pelo corredor quando o professor andava em direção à sua sala. Irritado, ele apressou os passos e abriu a porta de madeira com tanta força que bateu no carrinho, fazendo-a rachar.

– O que está acontecendo aqui?!!! – gritou Euclides. – Por que diabos você está lavando a minha sala?!!!

– A sala tá muito suja, fessôr. Quanto tempo que alguém num lava? – perguntou a mulher de costas para ele com o esfregão nas mãos.

– Qual é o seu problema, você é surda?! Eu não mandei você ser breve?! Não era para lavar a minha sala! – ele disse agressivamente.

– Aaaahh não, sôr, dia de faxina é dia de faxina. Nós tem que fazê o que foi passado prá nós. Se tivé sujo, tem que limpá... e a sala do sôr...

com todo o respeito, tava tão suja que parecia um muquifo, só lavando mêmô.

– Ande logo com isso! Da próxima vez que eu voltar é melhor você não estar mais aqui dentro. Eu fui claro?! – respondeu rudemente para a faxineira, que balançava a cabeça afirmativamente e, em seguida, saiu pelo corredor deixando suas pegadas molhadas pelo chão.

A mulher deu uma ligeira olhada no corredor e voltou a fechar a porta. Jogou um balde de água no chão para tirar o excesso de sabão e em seguida abriu uma sacola com vários panos e os jogou de qualquer maneira sobre a poça d'água, conseguindo secá-la em poucos minutos. Assim, voltou para a mesa do professor e ajeitou os papéis que havia deixado cair. Indiscretamente, ela abriu as duas gavetas da mesa e encontrou mais papéis picados. Ela juntou todos eles e jogou no cesto de lixo, que foi posto no carrinho, mas logo substituído por um limpo. Passou o pano por cima do teclado do computador e do monitor, fazendo-o ligar, contudo, a tela estava bloqueada. Voltou a olhar para o relógio e percebeu que seu tempo estava se esgotando. Apanhou todos os panos do chão e materiais de limpeza com rapidez, colocando-os de volta ao carrinho e, em seguida, empurrou-o saindo daquela sala.

Um pouco apreensiva, a faxineira enxugou a água que havia escoado para o corredor e saiu às pressas empurrando o carrinho até chegar à sala de serviços gerais, onde ela descarregou os panos usados e jogou fora a água suja. Posteriormente, examinou se havia mais alguém dentro daquela sala para que ela, então, pudesse verificar o lixo do professor sem ser vista.

Inquieta, ela queria muito saber como Euclides era dono daquela imensa quantidade de dinheiro, logo, ela vasculhou os variados papéis, tanto os amassados quanto aqueles que estavam rasgados em pequenos pedaços e

encontrou, além dos pedidos de compras de materiais para o escritório, laboratórios de informática e utensílios para a limpeza, também havia partes do extrato da conta bancária.

Algum tempo depois, ajoelhada no chão, ouviu a conversa de duas pessoas se aproximando da sala e, imediatamente, pegou os papéis que achou importante e os colocou dentro de seu bolso, jogando os demais no lixo.

Apesar das duas pessoas não terem entrado na sala de serviços gerais, elas serviram para deixar a faxineira em alerta, que depois do susto, saiu às pressas pegando uma vassoura e alguns panos limpos.

Quando passava pela entrada do corredor das salas dos professores, ela parou subitamente ao ver Euclides entrando na sala de Raed Khalil. Olhou ao seu redor e entrou no corredor varrendo-o de modo dissimulado até chegar à frente da sala, por onde ela conseguia ouvir a conversa entre os dois professores.

– Você recebeu resposta do setor financeiro? – perguntou Raed, acendendo um pequeno charuto aromático.

– Sim, eles aprovaram o projeto de construção dos novos laboratórios. Fizemos a licitação e estão prontos para liberarem a verba! – respondeu Euclides entusiasmado. – Mas não vai vir só o dinheiro desse projeto. Também têm aqueles pedidos de computadores para a sala de informática, impressoras para alguns professores, máquina de Xerox para o departamento e mais alguns outros pedidos que fizemos no início deste semestre.

– E o Roger consegue isso para quando?

– Ele já conseguiu. O Roger tem os esquemas lá no financeiro e fora da universidade. Eu tive que molhar a mão dele quando escrevi os últimos

projetos, porque ele fez um bom trabalho. Dá uma olhada nisso. – Euclides retirou uma nota fiscal do bolso de seu paletó.

– Como conseguiu essa nota? – perguntou Raed soprando a fumaça do charuto, que já havia tomado completamente a sala.

– Com o Roger. Essa nota é de uma das compras dos carrinhos de limpeza no semestre passado. Eu faço essa solicitação quase todo mês, dá para ganhar uma grana com isso. Eu instruí as faxineiras a lavarem o carrinho uma vez por semana, com um preparado químico que eu fiz no laboratório, para “conservá-lo”, e disse para elas colocarem tudo dentro dele; dessa forma ficam mais pesados e não duram muito tempo. – disse ele, com um sorriso perverso no rosto.

– Elas serem desajeitadas e descuidadas com os materiais também contribui. – completou Raed dando uma gargalhada.

– Isso é o que menos importa, elas não ligam. Não é o dinheiro delas. – completou Euclides levantando-se da cadeira e colocando um pouco de café em sua xícara.

– E sobre o dinheiro da construção, quanto o Roger conseguiu?

– Só esse projeto, no mínimo, ele consegue desviar dois milhões de reais até o final do mês.

– Que vão para a minha conta, suponho! – afirmou Raed dando sua última tragada.

– Bem, nós combinamos meio a meio. Roger irá fazer a transferência assim que receber o dinheiro. – disse Euclides, deixando sua xícara em cima da mesa.

– Hum, excelente! – exclamou Raed cruzando os braços e jogando seu corpo para trás, fazendo com que o apoio das costas da cadeira giratória envergasse.

Fez-se um momento de silêncio e, de repente, os professores escutaram uma voz no corredor. Quando Euclides tentou retomar a conversa, Raed Khalil levou seu dedo à boca rapidamente, fazendo um sinal de silêncio. Cismados, a atenção dos dois professores se voltou para o corredor, onde puderam ouvir o barulho da vassoura varrendo o chão.

– Ah! Aquela faxineira, o que ela está fazendo desta vez!? – Euclides disse irritado.

– Shhhhh...! Quietos! Escute, tem mais alguém no corredor. – alertou Raed em voz baixa.

– Ei! Moça... Ei! – Tomaz a chamou e andou em direção à mulher.

A faxineira, que estava de costas, continuava de cabeça baixa varrendo o chão e só parou quando sentiu o toque dos dedos dele no seu ombro esquerdo.

– Oi, com licença.

– Oi. – respondeu a mulher, virando-se de frente para ele.

– Ahh... é você! Como vai? – perguntou ele de forma carismática.

– Tô bem... eu acho que já te vi por aqui...

– Sim, você me atropelou com o carrinho de limpeza outro dia. – disse ele, lembrando-se do ocorrido. – Qual é o seu nome?

– Ah, desculpa... eu chamo Beth.

– Imagina. Hoje eu que estou atrapalhando o seu serviço. Eu sou o Tomaz.

– Hoje é dia cheio, tem que fazê a limpeza das salas dos fessôres, dos banheiros...

– Eu vi você entrando em algumas dessas salas e por isso eu gostaria de saber se você poderia abrir aquela ali, a terceira sala da esquerda.

– Hum, a chave daquela porta num tá comigo e...

– O que está acontecendo?! – interrompeu Euclides abrindo a porta da sala dando de frente com Tomaz. – O que você está fazendo aqui? – perguntou rispidamente, encarando-o.

– Vim conversar com o professor.

– Eu estou ocupado agora!

– Com o outro professor. Ei, professor Raed! – disse Tomaz, acenando com a mão do lado de fora da sala.

– Agora não. – respondeu Raed sentado em sua cadeira.

– E você, mulher, limpe logo esse corredor! – exclamou Euclides fechando a porta logo em seguida.

– Nossa! O que acontece com os professores daqui?! – disse Tomaz, surpreso.

– É tudo assim, metido, achando que sabe de tudo. – respondeu a mulher se escorando no cabo da vassoura. – Tô indo embora.

Beth saiu daquele corredor e deixou os utensílios na sala de serviços gerais, depois disso, foi para um quiosque próximo dali onde ela poderia ficar sozinha. Retirou os papéis que estavam no bolso do seu paletó e os colocou em cima da mesa. Pegou um por um para examiná-los mais de perto e enquanto isso se lembrava da conversa que há pouco tempo acabara de ouvir.

Assim como Tomaz, ela não só ficou surpreendida com a atitude dos docentes, como também indignada em saber como estava corrompida aquela instituição, e nesse caso, tratando-se dos professores Euclides e Raed Khalil, os quais já exerceram elevados cargos ali.

O primeiro foi diretor da faculdade há poucos anos; e o segundo, veio de Dubai para o Brasil por meio de um convite de um antigo professor, para lecionar as primeiras aulas daquele instituto. Ajudou na elaboração dos

primeiros laboratórios, na seleção de docentes e chegou a se tornar o reitor da universidade anos mais tarde.

Dentre os vários papéis que estavam rasgados, ela pegou um que havia a descrição de uma numerosa quantia de dinheiro e o nome da corporação onde Euclides escondia suas reservas monetárias.

Uma vez que Beth era bastante curiosa e atenta, lembrava-se de ter visto inúmeras vezes na mídia representantes de governos de vários países envolvidos em incontáveis escândalos financeiros, portanto, não lhe causou grandes surpresas quando entendeu a maneira que Raed Khalil e Euclides tinham de não justificar o dinheiro adquirido ilicitamente. Logo que viu o símbolo e o nome da corporação, percebeu que se tratavam do mesmo banco que estava escrito no papel com os dados da conta de Raed; e assim, compreendeu que se tratava de uma conta na Suíça.

Sentada à mesa do quiosque, via que aquelas informações podiam ser usadas para denunciá-los ou até mesmo para chantageá-los. Mesmo que ainda não tivesse evidências, em um breve momento, teve uma ideia de como consegui-las. Recolheu todos os papéis e voltou para a faculdade.

No momento em que chegou, os corredores do prédio estavam cheios devido à entrada e à saída dos alunos e professores das salas de aula. Beth, de cabeça baixa, não gostaria de trombar nem mais uma vez com Raed e muito menos com Euclides naquele dia. Passou por ali em passos rápidos e desviou-se dos universitários até chegar à sala de serviços gerais, onde se deparou com uma jovem faxineira. A moça tinha dezenove anos de idade, mas era tão ingênua quanto uma pré-adolescente. Fazia um ano que Euclides havia dado o trabalho a ela, que só foi aprovada naquele emprego por causa de sua beleza e pelas roupas justas e curtas que usava. Não fazia questão de que ela usasse o uniforme padrão nos dias de limpeza em sua

sala porque ficava na porta observando os dotes da jovem enquanto ela trabalhava. Havia rumores entre as outras faxineiras de que ela já havia aceitado trabalhos de limpeza na casa de alguns professores, inclusive de Euclides, e que fazia serviços extras, quando as respectivas esposas não estavam em casa. Mesmo que incomodadas com o jeito vulgar da moça, suas colegas não tinham nada que pudesse provar aqueles boatos, e ficavam em silêncio quando estavam diante dela.

– Oi Beth, veio pegar o carrinho? – perguntou a jovem retocando seu batom vermelho ao segurar um pequeno espelho de bolsa.

– Não... eu... eu não estou passando muito bem. Preciso ir embora. Vim só pegá minhas coisa. – respondeu, pegando sua bolsa dentro do armário de ferro.

– Como faz pouco tempo que você está trabalhando aqui, estou te avisando que o carrinho é pra ser lavado toda semana. Os professores querem conservá-lo e dizem que a faculdade está gastando demais com os equipamentos de limpeza. Está se sentindo mal? – perguntou a moça ao ver sua colega, de pé ao seu lado, olhando-a com desdém.

– Sim, tô muito cansada e com enjoo.

– Eu também estou cansada, limpei as salas dos professores e...

– Cê limpo as salas dos fessores?!

– Na verdade não foram todas, foi só a do Euclides, que ele pediu.

– Oh... Não me diga!? – Beth disse de modo sarcástico.

– Sim, mas não deu nenhum trabalho, estava tudo limpo. Nem o cesto do lixo eu precisei trocar.

– Bom, é... eu já tô indo, antes qui eu vomite aqui mêmo! – disse Beth, saindo da sala.

No momento em que ela estava desviando dos estudantes no corredor, Euclides passou ao seu lado e a encarou quando viu a bolsa pendurada no seu ombro esquerdo.

– Aonde você vai?! – ele perguntou desconfiado.

– Quê?!... – gritou ela se chocando com os estudantes, na tentativa de fugir daquele homem.

– Ei! Volte aqui!! – exclamou o professor, parado no meio do corredor, chamando a atenção de todos à sua volta.

Sentado em uma das mesas do corredor, Tomaz, que estava aguardando o horário da sua aula do curso de férias, ouviu o berro do professor ao mesmo tempo em que viu Beth correndo na sua frente. Levantou-se da mesa e acompanhou com seus olhos os passos daquela mulher, que não olhou para trás nenhuma vez até sair do prédio da faculdade, desprezando a ordem do coordenador.

Vendo que Euclides estava parado no meio do corredor, Tomaz aproveitou para se aproximar, contudo Raed Khalil apareceu e sussurrou algo no ouvido do coordenador, depois disso, os dois professores deixaram o lugar.

Presumindo que aquela não seria uma boa hora para conversar com eles, Tomaz decidiu ir almoçar, pouco tempo depois, em um restaurante próximo da faculdade, que não era um dos lugares mais preferidos dos estudantes por cobrarem um preço bem alto nas refeições, comparado aos demais. Normalmente, os frequentadores eram os docentes e funcionários administrativos da universidade, o que tornava aquele lugar um ponto de encontro.

Enquanto almoçava, o noticiário da televisão prendeu a atenção não só dele como também de todos ali. A discussão entre os presidentes da

Venezuela e da Colômbia, trocando insultos entre si em rede internacional, foi suficiente para virar assunto da mesa ao lado, cujas duas pessoas discutiam tão alto que quase não era possível ouvir a televisão. Ao ver o presidente venezuelano, Tomaz se lembrou das notícias anteriores, em que ele aparecia negociando um acordo para construir a refinaria do nordeste brasileiro, assim como também, veio em um flash de memória os papéis que havia encontrado no subsolo da IQN com as assinaturas dos presidentes, tratando de tal acordo. Entretanto, ainda não entendia por que aqueles documentos estavam naquela empresa, como também não conseguia pensar com tanto barulho que os dois homens da mesa ao lado faziam. Irritado, olhou para o homem quarentão, calvo, barbudo e de óculos redondo ao seu lado que batia com a palma da mão na mesa enquanto pronunciava aos berros: “*Tirotijo!*”.

– Acho melhor você falar mais baixo. – alertou o segundo homem da mesa.

– Ah! Agora que o negócio vai ficar bom?! Quero ver aonde isso vai dar, esses dois países vão entrar em guerra. Aliás, a Colômbia já está em guerra civil há muito tempo com as FARC. Vamos ver como eles vão se comportar contra o armamento norte-americano. – o primeiro homem disse empolgado.

– Shhh... Deixe-me escutar o que a repórter está dizendo. – pediu Tomaz aborrecido com o homem.

“...e após um acordo multimilionário entre a Colômbia e os Estados Unidos, as tropas americanas chegarão em breve ao país para combater o narcotráfico da região”.

Logo que terminou a notícia, a conversa ao lado retomou o mesmo tom, e então Tomaz impacientemente se levantou e retornou à faculdade.

Mesmo que descrente em encontrar com Sara, persistiu e bateu à porta da sala dela. Alguns minutos depois, ela apareceu deixando um palmo da porta aberta.

– Sara?! Por favor, eu preciso conversar com você.

– Entre, Tomaz.

– Peço desculpas se eu estou sendo inconveniente. – disse ele ao entrar na sala e notar a moça de costas para ele.

– Eu não estou com os trabalhos do professor Yaacov, não adianta mais vir pedi-los para mim! – exclamou a moça encarando-o em seguida.

– Não, não, Sara! Eu não vim para isso. Eu sei que eles não estão com você. – respondeu ele brandamente tentando acalmá-la.

– O quê?

– Eu sei que eles não estão com você.

– O quê?! Você sabe?! – perguntou a moça, intrigada.

– Os trabalhos estão com o professor Raed Khalil.

– Raed? Como você sabe disso?

– Eu o vi comentando na sala de Euclides e... eu vim aqui porque... bem, achei melhor te avisar.

– Você já foi pedir para Raed deixar você ver alguns relatórios?

– No mesmo dia em que estive conversando com Euclides. Raed contou que entrou nesta sala com uma copia da chave e retirou todo o material.

– Então foi Khalil! – exclamou ela pensativa.

– Sinto muito, Sara. Eu sei que você depende daquelas pesquisas para fazer o seu trabalho e...

– Não deu tempo de tirar todas as cópias antes dele pegá-los, mas o que eu tenho aqui comigo são só esses. – disse ela, retirando de sua bolsa alguns relatórios.

- Posso?
- Sim, não são muitos...
- Estou vendo aqui... eles não estão completos.
- Não estão, tirei cópia apenas dos trechos que estou trabalhando, arranquei algumas folhas do original... mas eu precisarei dos demais.
- Hum... isso vai ser mais difícil do que eu pensei.
- O quê?
- É... na verdade, estou procurando informações sobre um projeto em que o professor Yaacov estava envolvido, e achei que eu pudesse encontrá-lo em alguns dos trabalhos que ele deixou aqui na faculdade. Mas, estou vendo que não vai ser fácil encontrá-los. – disse ele, folheando os relatórios em cima da mesa.

Depois de alguns minutos em silêncio, ouviram uma batida na porta. Alex entrou na sala e se espantou com Tomaz lendo os relatórios.

- O que esse cara está fazendo aqui?! – disse Alex, exaltado, para Sara.
- Ei, calma. Não grite com ela. – respondeu Tomaz, levantando-se da cadeira.
- Saia dessa sala, agora! – exclamou, chegando mais próximo de Tomaz. – O que ele está fazendo aqui, Sara?!
- Ei... ei!!! Qual é o problema?! – Tomaz disse irritado, encarando Alex.
- Por favor, é melhor você sair. – disse Sara, abrindo a porta logo em seguida.
- Eu só vim aqui para te avisar, Sara. Sinto muito. – disse Tomaz indo em direção à porta, ao mesmo tempo em que olhava para o rosto da moça.
- Eu... eu agradeço. – respondeu Sara, fechando a porta.

Capítulo Dez

– Está pronto para subir?

– Faça isso melhor do que você, Christian. – respondeu André se preparando para escalar o prédio da faculdade. – Quanto tempo eu tenho? – olhou para cima enquanto colocava a mão no seu cinturão que continha suas ferramentas.

– A troca de turno do vigia do prédio é a meia noite, mas o carro de patrulha da universidade passa de meia em meia hora. – Christian olhou para o relógio – Suba! quinze minutos até o próximo vigia aparecer. Manterei contato pelo rádio.

Com bastante facilidade e agilidade, André, que fez parte do grupo de montanhismo militar, mas foi expulso após se envolver em uma briga no batalhão e tentar a morte de um fuzileiro, escalou o prédio em poucos segundos até o terceiro andar. Abriu a janela sem dificuldades e logo em seguida entrou na maior sala daquele prédio. Três vezes maior do que as demais salas de professores, ela era grande o suficiente para caber um estante bar branco com frigobar, um sofá e mais duas poltronas com uma pequena mesa central, além de enormes estantes de madeira que ocupavam as duas paredes laterais da sala, cheias de livros e documentos. Na frente da janela estava uma comprida mesa de escritório, onde havia um amontoado

de papéis e um computador. O cheiro de fumo e o enorme quadro à sua frente, com a paisagem do Burj Al Arab sendo envolvido pelo mar, faziam parte da decoração do recinto.

André começou a procurar, em toda a sala, os relatórios de Yaacov. Sentou-se na cadeira executiva de cor branca toda acolchoada e vasculhou as gavetas embutidas na mesa de madeira. No momento em que pegou os papéis de cima da mesma para examiná-los, um inesperado barulho estridente quebrou o imenso silêncio, fazendo com que ele se assustasse e pegasse sua arma em milésimos de segundos, apontando para a máquina de fax. Pouco depois, viu a cópia de uma nota fiscal sendo instantaneamente impressa e, logo abaixo dele, uma mensagem que o fez apressar seus passos.

“Estarei em sua sala em dez minutos para conversarmos.”

– Khalil continua dentro do prédio?! – pensou ele. – Um barulho vindo da fechadura da porta fez com que André se escondesse rapidamente atrás do estante bar.

A porta abriu e as luzes se acenderam.

Raed andou em direção à sua mesa e sentou na cadeira pegando a mensagem de fax.

– Hum, bom trabalho Euclides! Metade do dinheiro já está na minha conta. Agora preciso pensar em como recuperar as partes perdidas do relatório daquele judeu, antes de enviar para Sharjah. – disse ele, pegando um cigarrilho em sua gaveta.

André, escondido atrás do estante bar, ficou intrigado após ter visto a quantidade de dinheiro que Khalil se referia e pensou no quanto ele estaria envolvido com os relatórios.

Minutos depois, alguém bateu na porta. André aproximou sua arma no peito e espiou pela fresta do estante bar um homem alto e gordo entrando na sala. Tinha o rosto arredondado e bochechas levemente rosadas, usava a camisa por dentro das calças o que acentuava mais ainda a sua barriga. Dirigiu-se à mesa e sentou-se na poltrona de frente para Raed Khalil.

– Foi liberada a verba do projeto para a construção dos novos laboratórios. – disse Euclides, cruzando seus braços em cima da barriga.

– E... quanto foi? – perguntou Raed, soltando a fumaça de seu cigarrilho.

– Está na nota que eu te enviei por fax.

– Isto?! Você está brincando! – exclamou Raed, surpreso. – Euclides... Euclides, isto foi tudo o que conseguiu?

– Eu sei que não é muito, mas...

– Não é muito?! Isto não paga nem meus cigarrilhos e nem minhas viagens a Meca! – Raed se levantou e andou até a poltrona colocando sua mão esquerda no ombro direito de Euclides. – Aqui tem um milhão; e o resto do dinheiro?

– Foi o que Roger conseguiu desviar. Eles vão liberar aos poucos o restante da verba do projeto. Veja, trouxe comigo os documentos de aprovação e de liberação. Agora é preciso ter paciência, Khalil.

– Está bem, Euclides. Mande o Roger ir mais rápido com isso. – disse Raed, olhando os documentos minuciosamente.

– A primeira parte do dinheiro já está na sua conta. Roger fez a transferência no final da tarde.

Por um momento, Raed parou de ler e ficou frente a frente com Euclides. Abaixou-se e o encarou, segurando com suas duas mãos

firmemente naqueles braços gordos, olhou-o dentro dos olhos de pálpebras caídas e falou com uma voz serena:

– Estarei aguardando o restante do dinheiro.

Fez-se alguns segundos de silêncio e Raed se levantou.

– Ainda me lembro do nosso acordo, Euclides. – dizia ele, enquanto andava pela sala. – Irei recordá-lo de que eu te coloquei aqui dentro... E em pouco tempo já era professor titular, coordenador e, este ano, eu te indiquei ao cargo na diretoria. Sendo assim... não me desaponte, Euclides.

– O que mais eu posso fazer, Khalil?

– Eu estava vendo os trabalhos do Yaacov... e eles não estão completos.

– Como?!

– Os relatórios que estavam com Sara... alguns deles estão sem as páginas. Preciso que pegue todo o material com ela.

– Sim, mas... por que ela faria isso? Eu emprestei o material que ela pediu quando entrou aqui para poder fazer a pesquisa dela. Infelizmente, o Yaacov não estava aqui para poder orientá-la, mas eu deixei o material todo à disposição para que ela não perdesse o intercâmbio. Até o momento que você me pediu todas as pesquisas de Yaacov.

– Qual é a pesquisa dela?

– É na área de síntese orgânica. – respondeu, levantando-se da poltrona.

– Você já viu algum relatório do trabalho dela?

– Como Yaacov não está aqui, ela me mostrou algumas vezes e depois ela disse que os enviava para o professor em Madri.

– Você vai pegar com ela aquelas partes que estão faltando, Euclides. – ordenou ele, sentando-se na sua cadeira.

– O que está acontecendo Raed? Por que tantas pessoas estão querendo os trabalhos do Baum? E você... por que está precisando deles? –

perguntou ele, intrigado.

– O Yaacov foi um grande pesquisador e o nome dele é referência nos trabalhos de química, e eu, como um pesquisador, também preciso deles para os meus trabalhos.

– O quê?! Vocês nunca se deram bem antes... – respondeu Euclides com desprezo.

– Apenas faça o que eu te pedi, ok? Pegue as páginas com a Sara.

– Você tem tanta certeza disso?! Como sabe que estão com ela? Ela não faria isso depois de eu ter confiado todo aquele material às mãos dela.

– E você, como sabe que não estão?! – respondeu, cruzando os braços na frente do corpo.

– Eu...

– Euclides... Confie em Alá, mas amarre o seu camelo. – ditou ele.

– Ok... eu falarei com ela, Khalil.

De repente, um barulho agudo e gritante ecoou por todo o estacionamento, fazendo com que Raed Khalil desse um pulo da cadeira.

– Meu carro! – exclamou ele saindo às pressas da sala junto com Euclides.

Aproveitando a situação, André saiu de trás do estante bar, correu e saltou pela janela se segurando firmemente à corda de escalada. Desceu rapidamente e se encontrou com Christian, que estava esperando dentro do carro, há alguns metros de distância do prédio. Com aparência serena, André entrou no Q3 e partiram sem serem notados pelos seguranças do campus. Enquanto voltavam para o flat, ao volante, Christian olhava frequentemente para seu parceiro, que estava com um olhar compenetrado e pensativo. Apreensivo, investiu incessantemente em fazer algumas

perguntas, mas ele se manteve calado durante o trajeto. Chegaram ao flat e André jogou a mochila na cama, sentando-se ao pé da mesma.

– Qual é o problema? – perguntou Christian, intrigado – O que aconteceu lá dentro?

– Por que você não para de me perguntar isso?

– Ah, até que enfim você abriu essa maldita boca!

– O quê?!

– Vai me dizer o que aconteceu lá dentro?

– O que aconteceu?! E você não escutou a conversa. – respondeu ironicamente.

– Conversa, conversa de quem?!

– Está de sacanagem comigo?! Quer dizer que você não ouviu nada do que aconteceu?! – exclamou André, levantando-se da cama e ficando de frente para Christian.

– Eu não pude escutar nada. Aconteceu alguma coisa com o seu microfone.

– Khalil entrou na sala e eu tive que me espremer para poder me esconder num vão entre a estante e a parede. O microfone ficou em contato com a minha roupa e meu corpo, por isso devia ter ruído atrapalhando o áudio.

– O Khalil estava na faculdade?! – Christian se surpreendeu – O que conseguiu?

– Não tive tempo suficiente para procurar na sala toda. Chegou outro homem que... – André parou de falar por alguns instantes. – Espere, por que ficou surpreso com Khalil?

– Você disse que ele apareceu lá.

– E você não sabia?!

- Depois que você subiu, eu não vi mais ninguém entrar no prédio.
- E por que você furou os pneus do carro dele?
- Eu não fiz isso, André. O carro de Khalil não estava lá.
- Como?! Se você não acionou o alarme para que eu pudesse sair de lá... quem fez isso?
- Mas o carro era de Khalil? Tem certeza?
- Sim! Eles saíram da sala por causa do alarme do carro.
- Hum, tem muita sujeira debaixo da *dishdasha*! Mas que diabos aconteceu lá dentro?
- Raed Khalil está com os relatórios do Yaacov Baum, mas algumas partes estão incompletas. Ele está sabendo de algo, porque pareceu bastante apreensivo ao falar com o outro cara.
- Quem?!
- Euclides. Khalil o chantageou. Parece que ele presta contas para o árabe e desviou um milhão de um projeto da faculdade.
- Um milhão?!
- E isso não é tudo, ainda tem mais para ele receber.
- Esse projeto não teria a ver com o nosso projeto, teria? – suspeitou Christian.
- Não, essa grana está vindo de outro lance. O que me deixou intrigado foi a reação de Khalil. Ele parecia estar bastante ansioso para ter os relatórios em mãos.
- Hum! Então vamos ficar de olho no árabe. Liguei para o Julius vir. – disse Christian, retirando o celular do bolso de sua jaqueta preta.
- Se os relatórios estão com o árabe... não precisamos mais do cozinheiro. – disse André, pegando a escuta do quarto de Tomaz.
- Consegue ouvir algo do outro lado?

– Somente a televisão. Ele deve estar dormindo.

– Tomaz só está querendo encontrar Beatriz, mas nós só precisamos dos verdadeiros relatórios do projeto para o acordo sair.

– Você tem razão, não vamos precisar do cozinheiro. Vamos atrás de Raed Khalil e acabamos com isso. – disse Christian, ligando para Julius.

– A não ser... – André parou de falar enquanto pensava em algo.

– Julius, os planos mudaram... – Christian foi interrompido.

De repente, o quarto se silenciou, fazendo com que chamasse a atenção de André. Ele olhou para Christian, que franzira as sobrancelhas de preocupação enquanto ouvia Julius ao celular. Apenas por um instante, Christian voltou a falar, ordenando que viesse encontrar com eles, mas logo em seguida desligou a chamada. Em fúria, Christian jogou seu celular longe e deu um soco na parede do quarto.

– Porra!!!

– Não precisaremos do Julius aqui, podemos seguir Khalil... – disse André, surpreso com a raiva do colega.

– Porra, porra!!! – exclamava num ataque de fúria.

– Mas que diabos! Diga!

– Teremos que continuar como estamos! Precisamos achar a garota... nem que ela já tenha virado pó.

– O que aconteceu?!

– O pesquisador que o Coronel Torres conseguiu para substituir o Yaacov Baum... está morto.

– Morto?! – André ficou intrigado.

– Julius disse que a ordem do Coronel é de encontrar a garota...

– Morto como, Christian?! A rotina dele estava sendo vigiada. Torres havia colocado dois caras para segui-lo da IQN até a casa dele.

– Foi na IQN. Suicídio.

– Hum...

– Julius encontrou o corpo dele caído no chão, em um dos laboratórios do subsolo.

– Mas por que o Coronel quer a garota?

– Isso me deixa puto! – segurando mais um ataque de fúria. – Puto!!

– Torres mandará alguém encontrar um novo pesquisador para substituir o outro, e nós pegamos os relatórios com Khalil. – concluiu André.

– Não.

– Então?

O celular de André tocou. Julius retornou a ligação.

– Pegue, é para você... – André passou o celular para Christian.

– Que porra que você não atende o celular, escroto! – exclamou Julius.

– Não importa. Apenas me diga que já saiu o relatório do legista.

– Como você pode desconfiar... foi envenenamento. – confirmou Julius

– Que porra!

– Eu te enviei o relatório por e-mail. Logo mais estarei aí. – Julius desligou o telefone.

– André, me passe o *notebook*!

Christian sentou-se na cama e rapidamente ligou o computador. O sinal da rede *wireless* do flat demorava a aparecer. O quarto estava longe da antena e o acesso ao seu e-mail estava lento. Pouco tempo depois, ele conseguiu visualizar o relatório médico, lendo aquilo que desconfiava desde o início.

– Então...?

– Veja você mesmo. – passou o notebook para André.

– Envenenamento... então... – pensava ele por um minuto.

– Isso não foi suicídio, André. – afirmou.

– O que está pensando? Torres não deu nenhuma ordem para...

– Pedro.

– Pedro? Agora você está achando que Pedro o matou?!

– Sim.

– Qual é? Você não se dá bem com o cara e sempre está acusando ele.

– Estou errado?!

– Por que estaria certo?

– Julius me contou que Torres também não sabe quem envenenou o pesquisador. Mas, o Coronel León ligou para ele logo depois que soube do ocorrido. Torres disse que ia encontrar outra pessoa, mas León não aceitou. – contou Christian, intrigado.

– Não aceitou? Então ele está desconfiado que nós estejamos armando para ele, como naquele dia em que Pedro o levou até o subsolo e mostrou aqueles relatórios falsos.

– Foi ele que mandou matar. Assim ele poderia colocar alguém da confiança dele para desenvolver o projeto e fechar o acordo... o que o Coronel Torres não irá aceitar. Por isso, a única pessoa que restou foi Beatriz.

– Mas... que porra! – exclamou André surpreso.

– Isso me deixa puto!

– Vamos dar um jeito no Pedro.

– Como? Pedro é os olhos e ouvidos do Coronel León. Se matarmos... estaremos fodidos com o Torres.

– Hum... então, continuamos com o cozinheiro?

– Continuamos com ele e, quando Julius chegar, também com Raed Khalil.

Saltou em frente da porta do quarto vestindo uma calça sarja laranja que se ajustava nas coxas e evidenciava as nádegas, além da camiseta branca com detalhe em “v” que mostrava sutilmente o peitoral trabalhado depois de meses de academia. E o cabelo? Com o visual moderno, levemente bagunçado e alguns fios postos no lugar certo, fixado com gel, faziam toda a diferença. Só havia um detalhe, o que iria colocar nos pés? – pensou Sara.

– Marrom, verde ou amarelo? – perguntou Alex, mostrando os três pares de sapatênis.

– É...

– Vou colocar o verde. – decidiu ele.

– Espere, Alex. Aonde você vai vestido assim? – perguntou Sara sem entender o que estava acontecendo.

– Querida, tínhamos combinado o almoço com o Túlio.

– Sim, mas... são sete horas da manhã! – respondeu ela, olhando para o relógio na cabeceira da cama.

– Deixarei minhas roupas prontas para quando voltarmos da faculdade!
– um largo sorriso abriu no rosto de Alex.

– O-ok... mas agora é melhor você se trocar, senão você não vai entrar no laboratório.

– Mais uma coisa, como eu estou? – Alex andou lentamente e parou em frente a ela, que apreciava a beleza de um semideus.

– Hum... *Perfecto!*

– Ótimo! Então levanta dessa cadeira e... – interrompeu, depois de olhar para a tela do computador. – O que é isso?

– Isso? Apenas o que eu preciso comprar para o projeto.

– Mas, tudo isso!? – Alex se surpreendeu com a lista que viu.

– E já fiz o pedido de compra! – respondeu ela, mostrando uma face peralta.

– O quê?!

– Chegará em três dias. Agora sim poderei adiantar o projeto!

– Mas... como você fez isso? Quer dizer... você... não, você não fez isso. Fez?

– Passei a noite sem dormir, Alex. Está feito!

– Uhuu...!! É isso aí!! – ele deu um salto de felicidade.

– Vamos Alex, troque de roupa! Estou mais animada para terminar isso! Irei te esperar dentro do carro.

Mesmo com roupas mais discretas, a beleza de Alex não foi ofuscada. A luz do sol pela manhã refletia uma cor canela e levemente avermelhada de sua pele, tornando os seus traços mais intensos. Entrou no carro deixando um aroma suave e amadeirado do seu perfume dentro dele.

Em pouco tempo chegaram à faculdade. Sara, bastante entusiasmada, dirigiu tão rápido que mal pode notar os radares de velocidade. Com o olhar compenetrado, andou apressadamente pelos corredores ao lado de Alex, que tentava acompanhá-la. Estava focada no projeto e queria avançá-lo o quanto antes. Subiu as escadas do prédio e logo chegou ao laboratório, que estava com a porta aberta a um palmo de distância. Empurrou-a lentamente e se espantou com Euclides apoiado em uma das mesas, fazendo seu ânimo esmaecer.

– Bom dia, Sara! – mostrou um sorriso simpático naquele rosto arredondado.

– Olá... professor.

- Chegou cedo hoje, não?
- Um pouco, sim. Estava sem sono e ansiosa para trabalhar.
- Oh! E como vai a sua pesquisa? – perguntou com desdém.
- Hum... está indo bem. Eu posso deixar um relatório dele hoje à tarde na sua mesa...
- Não será mais necessário.
- Não?
- Todos eles irão para o lixo! – respondeu ele de modo imponente, desapoian-do-se da mesa e ficando de pé com os braços cruzados na frente dela.
- O quê?! – espantou-se ela.
- Mas professor... – interferiu Alex.
- Por favor, Alex! Deixe Euclides falar, eu quero saber o que aconteceu.
- disse ela, encarando-o ferozmente.
- Sara, eu emprestei todo o material do professor Baum que me pediu. Por que foi estragá-lo?
- Eu não fiz isso.
- Por que rasgou as páginas?!
- Eu não fiz isso, eu...
- Não foi ela! – respondeu Alex irritado.
- Oh, não foi? Então me diga o que aconteceu. – Euclides puxou uma cadeira e sentou-se. – Não me diga que você rasgou todos aqueles relatórios. – disse ele com sarcasmo.
- Sim...
- Não! – exaltou-se ela.
- Sim, não... Sara, então? Não tenho a manhã toda.
- Eu estou com as páginas... – respondeu ela encarando Euclides.

– Ótimo, entregue-me! A-go-ra. – mostrou um sorriso sádico no rosto. – Ah! Já quase me esqueço. Quero que também me entregue todo o seu material.

– Como?! – disseram Alex e ela, indignados.

– Todo o material. As pesquisas, os relatórios... tudo!

– Mas eu preciso deles para continuar...

– Continuar? Continuar o quê?! Você vai voltar para a Espanha!

– Professor, você não pode fazer isso! – disse Alex exprimindo seu desespero.

– Eu não posso?! Você sabe o que eu posso ou não fazer, rapaz?! – olhou para ele, desafiando-o.

– Eu te entrego todo o material, mas Euclides... deixe-me ficar. – pediu ela, pensativa e sem esperanças.

– Você vai voltar, Sara.

– Eu... eu poderia mudar meus estudos. Para a tua área, o que acha? – disse ela, voltando seu olhar para Alex, com um entusiasmo repentino. – Começaria do zero. Um trabalho novo que levaria seu nome. Você poderia pedir mais bolsas se me aceitar como sua aluna... e... quanto mais bolsas, mais verbas virão para você.

Euclides levou a mão direita ao seu queixo e levantou a sobrancelha esquerda, fazendo com que a expressão do seu rosto mudasse subitamente. Os olhos ganharam um brilho momentâneo e, por alguns instantes, ficou pensativo. Enquanto isso, Sara olhava para Alex dando uma piscada de olho e um breve sorriso de canto.

– Sara, leve o que eu te pedi na minha sala em uma hora. – o professor se levantou da cadeira e se dirigiu à porta.

– O que isso quer dizer, Euclides? – perguntou Alex com um olhar impaciente.

– Em uma hora, Sara. – repetiu com ênfase e saiu da sala.

Em pé e em silêncio profundo, Sara mostrava-se distante e pensativa. Alex se aproximou e a tocou lentamente em seu braço esquerdo. Preocupado com o comportamento dela, pediu para que se sentasse, mas ela não se moveu nem ao menos um centímetro. Minutos se passaram, e o único barulho que permanecia era do refrigerador ao lado das bancadas de ensaios. Um sentimento angustiante cresceu dentro de Alex vendo-a daquele jeito. Prendeu o quanto pode a sua personalidade impulsiva, mas explodiu sem refletir a situação. Pretendia fazer algo que quebrasse aquele estado de meditação, mesmo que tal ato desrespeitasse aquele momento. Impaciente, Alex se afastou dela torcendo os lábios, expirando fortemente o ar pelo nariz, mas de maneira inesperada, Sara se moveu delicadamente, dando alguns passos à frente.

– Sara, eu sinto muito pelo o que aconteceu... você está chateada, mas...

– Ele caiu. – disse ela com um sorriso no rosto.

– O quê?! Caiu?

– Ele caiu, ele caiu!!! – repetia ela ao andar inquieta de um lado para o outro, contente com o que tinha em mente.

– Quem?! Do que você está falando?

– Euclides. Euclides caiu!

– Você acha que ele vai te aceitar como aluna? – perguntou, com desconfiança.

– *Gallo que no canta, algo tiene en la garganta.* Não reparou a expressão que ele fez quando falei das bolsas de estudos?! Ficou animado

com a ideia.

– Você tem certeza que quer fazer isso?

– Alex, *si no puedes vencerlo, únete a él.* – respondeu, preparando o material para entregar ao professor.

– Então vamos, garota! O tempo está correndo! – disse ele empolgado, ajudando-a agilizar as coisas.

Pontualmente, uma hora depois de Euclides ter deixado o laboratório, Sara entrou na sala carregando consigo, além das páginas rasgadas do relatório do Yaacov Baum, um cd, alguns livros e páginas impressas. Sem pedir, colocou-os todos em cima da mesa e ficou de pé olhando para o professor.

– Está tudo aqui? – Euclides pegou o cd e o balançou duas vezes.

– Sim, está tudo no cd.

– E as folhas que você rasgou... são essas? – perguntou ele, que não entendia da área do professor Yaacov.

– Sim, estão todas aí. – respondeu calmamente.

Por alguns instantes, os dois ficaram em silêncio. Sara o olhava sentado na cadeira estofada com os braços cruzados apoiados em cima da barriga, enquanto ele fitava a beleza da moça com os olhos semicerrados sendo afundados naquela face gorda.

– Bem, isto... – balançou novamente o cd – ...vai pro lixo. – jogou dentro do cesto ao lado da mesa. – Isto... – juntou todas as folhas impressas e as amassou, formando uma grande bola de papel – ...lixo!

Ao ver Euclides cumprir o que tinha falado anteriormente, Sara começou a ficar preocupada.

– E agora, isto aqui... – pegou as páginas rasgadas – ...vai para Raed.

– Raed? Por que o professor Raed está querendo isso? – perguntou de maneira inquieta.

– Não me faça perguntas, Sara. Estou prestes a te mandar para Espanha.

– Tudo isso é só por causa dessas folhas que eu rasguei?! Eu não tive tempo, Euclides. O professor Raed entrou no laboratório e tirou tudo de mim, o que eu pude salvar para fazer o meu trabalho foram apenas essas folhas. Está me mandando de volta só porque rasguei algumas páginas?

– Sem perguntas, Sara.

– O que tem demais nessas páginas? Professor Euclides, se você não tivesse jogado fora meu relatório, iria ver que essas equações do professor Yaacov não fazem sentido. Fiz o experimento e não encontrei resultado. Você sabe disso, não sabe?

– Do que está falando?

– Não tem conhecimento da área do Yaacov, não é? – provocou ela.

– Por que continua me fazendo perguntas? – disse ele irritado.

– E por isso, também não sabe por que Raed quer os trabalhos do Yaacov...

– Quer que eu te mande de volta, garota?! – gritou Euclides, fechando sua mão gorda e a batendo pesadamente contra a mesa.

– Você tem conhecimento na sua área, não tem professor? – cutucou-o novamente.

– Pare de falar asneiras, garota! Claro que eu tenho conhecimento! Como acha que cheguei até aqui?! – ele respondeu com arrogância.

– Mas no momento está com poucos alunos para suas pesquisas, não?!

– Você não sabe de nada!

– Você aceitaria a minha proposta? Professor, você ganharia mais verbas para os projetos e...

– Chega, Sara! Eu já tinha decidido isso. Você está me tirando do sério, não me faça mudar de ideia.

– Então...?

Euclides se levantou e andou em direção a estante com vários livros. Tirou dois deles da prateleira e os jogou em cima da mesa. Abriu a gaveta de arquivos e tirou mais algumas folhas impressas.

– Pegue! Vamos... pegue logo.

– O que é isso?

– São algumas referências que você terá que pesquisar, junto com esses livros aí em cima.

– Quer dizer que... obrigada professor Euclides! – disse ela com um sorriso no rosto. – Eu vou precisar de um tempo para pesquisar e estudar tudo isso. – disse ela, olhando para aquelas folhas. – Onde eu poderei ficar?

– Continue no mesmo lugar, mas se me enganar novamente... eu te mando de volta para Madri! Agora saia daqui. – disse ele, apontando para a porta.

– Eu avisarei sobre essas mudanças para o professor de lá. Não tomarei mais seu tempo.

– Ótimo, agora vá!

Sara delicadamente fechou a porta, correu e deu um salto pelo corredor. “Sabia!” pensou ela. “Ele, definitivamente, caiu!”.

Capítulo Onze

A rua do flat costumava ficar cheia na hora do almoço, fazendo com que os carros brigassem por uma vaga para estacionar. Além do grande movimento de carro, também havia várias pessoas transitando por lá, seja os moradores do bairro como os trabalhadores e empresários dos variados comércios ali perto. Todos eles buscavam saborear uma refeição de qualidade, em pelo menos um dos cinco bares e restaurantes distribuídos ao longo da rua.

– *Burrrrrrrp!!!* Mais um chopp! – Julius bateu com o caneco na mesa do bar.

– Já tem alguma pista da garota? – perguntou Pedro sentado à mesa diante de Christian e Julius.

– Melhor do que isso. Sabemos com quem estão os relatórios que precisamos. – Christian estreitou olhos para Pedro.

– Então vocês já os pegaram. – afirmou Pedro encarando Christian.

– Raed Khalil está com a maioria deles. Ainda não pegamos...

– Pff..! – Pedro se expressou impaciente – Raed Khalil... quem é esse?

– Ele é um professor da faculdade de química. Através da escuta do quarto do cozinheiro e da conversa que André ouviu quando esteve na sala dele, soubemos que está com os relatórios.

– Um professor. E até agora vocês não tem os malditos relatórios?! – disse Pedro com arrogância. – Por que essa demora?!

– Precisamos ir com cautela, já que não sabemos muito a respeito de Raed.

– Precisa saber mais que isso? Um maldito professor de faculdade e vocês não conseguem fazer nada a respeito?! – provocou Pedro.

Subitamente, Christian se levantou da cadeira, agarrou firmemente na gola da camisa de Pedro e o puxou para si, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio momentaneamente. Christian estava furioso e o encarou de tal forma que seus rostos quase se tocaram. Julius, percebendo que a situação ia piorar, levantou da cadeira e os separou, segurando o colega com força até que ele pudesse se acalmar.

Ainda nervoso, Christian saiu do bar e voltou para o flat, onde minutos mais tarde se encontrou com os dois.

– Temos que continuar a reunião. Vocês que se acalmem porque desta vez eu não vou separar ninguém. – disse Julius ao lado de Pedro fechando a porta do apartamento.

– Continuando o que eu estava dizendo lá no bar... O que temos que fazer agora é seguir Raed Khalil. Por isso, vocês dois descubram onde ele mora. Coloquem câmeras e escutas. – ordenou Christian.

– Onde está André? – Julius notou a ausência.

– Ele está na cola de Tomaz. – respondeu Christian um pouco mais calmo, mas ainda impaciente. – Continuaremos usando-o como isca. Temos que pegar a garota, não é mesmo Pedro?!

– Exato. São as ordens do Coronel Torres.

– Até algumas horas atrás nós não precisaríamos mais de Beatriz. Pegar os relatórios já era o suficiente. Mas o Coronel mudou as ordens, você sabia

disso, Pedro? – Christian perguntou ironicamente.

– Estamos sem o pesquisador.

– Sério?! – continuou com sua ironia.

– Suicídio.

– Hum... Suicídio mesmo? – Christian estreitou novamente os olhos para ele.

– Sim, exato.

– Sim?! Sim? Oh, não... não me venha com essa Pedro. – disse Christian se exaltando.

– Ele se envenenou. Está escrito no relatório médico.

– Diga! Foi você que matou aquele cara...!! – acusou Christian, irritado, apontando seu dedo para o venezuelano.

– É isso que está pensando? Enquanto temos que resolver todos aqueles problemas?! – respondeu Pedro com repulsa e não se moveu em nenhum instante.

– Todos esses problemas podiam ter sido reduzidos se você não tivesse complicado mais as coisas!

– Não sou eu quem está demorando a pegar os relatórios. Eu não estou no comando, apenas sigo ordens. Aliás, as tuas! – respondeu Pedro com aparência serena.

– Filho da puta! Fala! Beatriz está morta, não está?! – os dois se encararam novamente.

– O quê!? – exclamou Julius.

– Do que você está falando?! – Pedro se afastou de Christian.

– Você matou o pesquisador e matou Beatriz!

– Você está louco, cara?! – disse Julius sem entender a reação do colega.

– Qual é o seu problema?! Eu não matei a garota, caralho!

– Vou refrescar sua memória, porra! O que você foi fazer naquela noite que invadimos o Café? Você só voltou no dia seguinte.

– Cara, eu tinha ido mijar. Quando voltei para a praça, vocês não estavam mais lá. Depois disso, passei a noite no bar e fui para um hotel.

– E você quer que eu acredite nisso, porra!? Você era o único que poderia tê-la visto fugindo daquele Café. Eu entrei com André e Julius ficou no carro. Você era o único que tinha a vista para a rua.

– Que porra é essa, Pedro? O que você fez? – perguntou Julius, desconfiado.

– Christian... eu não a matei. Ela está viva.

– Viva aonde!!? Estamos dias atrás do cozinheiro e não temos nenhum registro que aponte o paradeiro da porra daquela garota! Entramos na conta bancária dela... e ela não fez gastos nenhum? Rastreamos as ligações e ela não liga para ninguém? Não viajou para nenhum lugar? Não encontramos nada, nada! – disse Christian exaltado e inquieto.

– Nós precisamos dela para fazer a roupa. Acha que eu seria estúpido em acabar com ela?!

– Existe uma possibilidade. Ela podia ter feito a roupa. – Julius levantou uma hipótese, que surpreendeu os dois no quarto.

– Ela não é química como o Yaacov. Não conseguiria fazer aqueles testes com os tecidos. – respondeu Christian um pouco mais calmo.

– Mas os dois trabalharam juntos por um longo tempo. Yaacov deve tê-la ensinado. – respondeu Pedro discordando de Christian. – Ela seria capaz de fazer os experimentos e confeccionar a roupa.

– Não em tão pouco tempo. – respondeu Christian com um olhar pensativo.

– E sem dinheiro. – disse Julius.

– Bom, eu encontrarei com André, e vocês dois ficarão atrás de Raed Khalil. – Christian abriu a porta do quarto e todos eles saíram rumo à faculdade.

Lentamente, pararam o carro ao lado do Q3, onde estava André acompanhando pelo binóculo, as idas e vindas de Tomaz dentro do prédio. Christian saiu do carro e se juntou ao colega.

– Conseguiu alguma coisa? – perguntou ele ao entrar no carro.

– Nada. – respondeu André passando o binóculo para Christian. – Euclides está no prédio e Raed atravessou a rua há dez minutos, chegou agora pouco.

Christian abaixou o vidro e gesticulou para Pedro, passando-lhes a informação de Raed Khalil.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Tomaz saiu do flat às oito horas. Durante toda a manhã, eu o vi passar várias vezes pelos três andares. – apontou para a parte aberta dos corredores do prédio, que dava ampla visão das portas das salas de aula. – Almoçou no mesmo restaurante de ontem e há uma hora, estava acompanhado por um homem e uma mulher ruiva.

– Hum, fique atento. Veja com que frequência ele se encontra com os dois.

– Hoje foi apenas uma vez.

– O que quer dizer? Você já os viu mais vezes juntos? – Christian ficou intrigado.

– Sim, mas não com frequência. Veja, o homem que lhe falei está saindo do prédio. – André alertou Christian.

Alex estava se sentindo bastante entusiasmado depois do almoço que teve com Túlio e Sara, pois foi um momento em que ela pode contar as

novidades sobre a conversa que havia tido pela manhã com Euclides. Passou pelo jardim na frente do prédio com o seu rosto estampado de alegria e carregava consigo uma pasta plástica transparente. Alex ia em direção a uma praça, que continha muitos arbustos e árvores com as copas bastante densas, mas há poucos metros antes de atravessar a rua, uma voz ao longe gritou o seu nome, fazendo com que ele parasse. Ao olhar ao seu redor, foi surpreendido, abruptamente, com um golpe em seu braço direito, o que lhe causou muita dor fazendo sua pasta cair no chão.

Ainda sem compreender o que aconteceu, Alex virou seu corpo e ficou admirado ao ver um homem forte de cabelo castanho encaracolado, agachado e juntando os papéis que se espalharam com a queda. Quando se deu conta, no momento em que Alex se abaixou para pegar suas coisas, o outro homem se levantou e lhe entregou as folhas.

– Obrigado, não precisava tê-las juntado. – Alex agradeceu sentindo as mãos ásperas do forte aperto de mão.

– Eu estava distraído e não o vi parar na minha frente. A culpa foi minha. – Christian se desculpou e, logo depois, saiu às pressas para despistar Alex.

Ainda parado no mesmo lugar, Alex ficou olhando ele ir embora até perdê-lo de vista. Em seguida, ouviu novamente seu nome, mas desta vez mais perto. Túlio chegou ao seu lado.

– Oi Alex... aconteceu alguma coisa? – Túlio perguntou com preocupação ao ver a expressão de dor.

– Não, apenas um homem que se chocou comigo. – respondeu ele, segurando seu braço direito.

– Deixe-me ver isso. Que pancada! – exclamou Túlio, após ter visto o hematoma que começava se formar. – Melhor ir à enfermaria. Ele te bateu

com o que? Um pedaço de pau?!

– Claro que não. Ele só era alto, forte, tinha as mãos como pedras, duras e ásperas e... e se vestia bem.

– Tem certeza que se chocou com corpo dele? Ele é feito de que? Aço?!

– Pare com isso. Se você não tivesse gritado meu nome, isso não teria acontecido. Vamos ali à praça, quero te mostrar algo.

Christian retornou ao carro, enquanto André estava acompanhando Túlio e Alex pelo binóculo.

– Ele está limpo. – confirmou Christian.

– Nada?

– O nome dele é Alex. Apenas um estudante de química. Não temos que nos preocupar com ele.

– E quanto à ruiva?

– Também é uma estudante. Vi uma fotografia tirada de uma *Polaroid*, enquanto juntava as coisas dele. Ela estava com Alex e mais outro cara.

– Aquele cara? – André apontou para Túlio e passou o binóculo para Christian.

– Afirmativo. – confirmou, ao ver Alex sentado no banco da praça retirando as folhas de dentro da pasta, enquanto Túlio abria sua bolsa e pegava a máquina fotográfica.

– Veja. Khalil está saindo. – alertou André.

– Eles ainda não sabem quem é Raed Khalil. – disse Christian, avisando Julius pelo rádio.

– Estou vendo ele. Iremos segui-lo. – Julius confirmou.

– Espero que Pedro não faça mais nenhuma merda. – criticou Christian.

– Você continua achando que ele envenenou o pesquisador, tsc...! – exclamou André, inquieto.

– Não é a isso que me referia. Pedro está ao ponto de encontrar com Raed e forçá-lo falar a qualquer custo, até conseguir os relatórios.

– Ele não pode fazer isso. – André se preocupou. – Estará jogando com a sorte. Khalil não me pareceu ser um simples professor universitário.

– Por que acha isso?

– Quando estive na sala, pude ver a maneira que ele pressionava Euclides. Como ele se locomovia e se dirigia para o outro... chantageando-o... aquilo pareceu ser bastante ameaçador.

– Hum... então Euclides é o servo dele. – disse Christian, pensativo.

– É o que parece. Também me lembro dele ter citado um nome... logo que entrou na sala.

– Nome? Que tipo de nome?

– Não me lembro bem. Hadiya... Azhar... Shadiyah... Sharifah... ele disse que ia enviar os relatórios para alguém. Por que ele faria isso?

– Hum, pelo jeito ele não sabe do que os relatórios se tratam, senão ele não os compartilharia. – Christian respondeu pensativo.

– Bom, descobriremos depois que Julius colocar as escutas e Pedro não atrapalhar.

– Julius, como está indo? – Christian se comunicou pelo celular.

– Raed já chegou em casa.

– Fica em alerta com Pedro. Não deixe que ele estrague tudo. – ordenou Christian.

– Está sob controle. – Julius desligou a chamada.

– E agora? Esperamos? – Pedro perguntou com ironia.

– Você não vai fazer nenhuma idiotice, vai?

– Já estou fazendo... ficando parado aqui. – Pedro acendeu um cigarrilho.

Anoiteceu e a rua estava deserta. Havia poucos carros estacionados debaixo de árvores, que possuíam as copas largas e densas. Algumas delas até se tocavam de um lado a outro da rua, formando-se um arco. Por causa disso, a iluminação dos postes não conseguia transpor a barreira de galhos e folhas fazendo com que a rua ficasse com pontos de imensa escuridão.

– Pedro... O portão da garagem... – alertou Julius.

– Quem está saindo? Consegue ver?

– Hum... espere... ele virar... – Julius observava pelo binóculo. – Afirmativo, é ele! Trocou de carro.

– Você segue Raed. Eu instalarei as câmeras. – Pedro pegou uma mochila e saiu do carro.

Sem portões, Pedro entrou no jardim da casa de Raed.

Os arbustos e pequenos coqueiros em volta de uma fonte d'água, em formato de concha semiaberta, e talhada em pedra granizo, aliada as colunas e capitéis trabalhados na varanda de entrada, além das formas de arcos em ferradura nas largas janelas, eram dotados da elegância da arquitetura árabe.

Cautelosamente, Pedro averiguou a casa e constatou que não havia ninguém lá. Manipulou a fechadura da porta e conseguiu abri-la com tranquilidade. Não só a parte externa da casa trazia consigo estruturas orientais, como também todos os outros cômodos. As paredes decoradas, ora por inscrições em árabe, ora por desenhos com arabescos, ressaltavam as cores dourado e roxo, além dos quadros com imagens paradisíacas, que lembrava a terra natal de Raed Khalil.

Com rapidez, Pedro vasculhou armários e gavetas e não encontrou nem vestígio dos relatórios, como também nenhum indicativo de que Raed possuísse algum familiar. Leu alguns documentos que havia encontrado em

cima da mesa e dentro de caixas, mas nada que pudesse comprometer a reputação daquele professor universitário. Instalou as câmeras e as escutas, saindo da casa logo em seguida.

Enquanto isso, Julius parava o carro no meio-fio e observava Raed entrar em uma casa de chá. Saiu do carro e entrou no recinto que possuía uma decoração oriental misturando bambus e madeiras. Havia almofadas bordadas distribuídas nos bancos, tapetes espalhados pelo chão e cortinas que separavam alguns ambientes, além dos adornos que suportavam pequenas velas acesas em cima das mesas.

Julius andou pelo lugar a procura do professor, mas não conseguiu encontrá-lo em meio de tantos casais que lotavam o ambiente. Um garçom veio atendê-lo e sugeriu uma mesa na parte externa da casa, apontando-a com seu braço esquerdo. Nesse momento, Julius viu Raed e sentou-se à mesa.

Com dificuldade, ele observou o professor através dos pequenos furos da cortina em vermelho e preto, que lembrava um mosaico. Ele estava um pouco longe da mesa de Raed, e a iluminação fraca, que romantizava o lugar, também não o ajudou. Apesar disso, Julius notou a larga expressão de felicidade no rosto do professor. Muitos sorrisos e troca de olhares para uma mulher, que estava sentada à frente dele, e usava um lenço sobre a cabeça. Julius não conseguia identificar quem era, já que estava sentada de costas para ele, contudo, deduziu de ser alguém mais íntimo devido ao beijo de despedida que lhe deu, após uma hora dentro da casa de chá, Raed se levantou da mesa largando umas notas para pagar a conta, e depois disso, saiu desacompanhado de lá. Julius se apressou e o seguiu.

Minutos depois, Raed entrou com o carro na garagem da sua casa, enquanto Julius parava o carro com a distância suficiente para ter uma boa

observação. Pedro, que estava escondido debaixo de uma das árvores, correu e entrou no carro.

– Está feito. – Pedro pegou uma maleta preta, utilizada como uma estação de controle e a abriu.

– E os relatórios? Achou algo lá dentro?

– Nada além de contas a pagar e algumas caixas com charutos. O que me pareceu dele ser um velho professor solitário e bem-sucedido.

– Solitário? – Julius ficou intrigado.

– Não encontrei documentos e nem ao menos uma foto de família. E você onde esteve?

– Em uma casa de chá.

– Pff... – expressou Pedro com deboche.

– Ele foi se encontrar com uma mulher... e ficaram em torno de uma hora conversando.

– Uma mulher?

– Eles me pareciam bastante íntimos. Um velho solitário talvez precise de uma namorada. – Julius disse com ironia.

– Não acho que devêssemos nos preocupar com isso. Vamos ver o que conseguimos com isso aqui. – disse Pedro, esperando aparecer a imagem do professor na tela do computador.

– Pedro, não é o Raed ali? – Julius apontou para o jardim.

– Sim... é ele.

– Que porra ele está fazendo?!

– Hum... parece que... ele está com uma mangueira?! – disse Pedro, surpreso.

– Ele está regando as plantas. – disse Julius, com desprezo.

– É esse o cara que Christian e André temem tanto?! – Pedro deu uma gargalhada.

Raed terminou de regar o jardim, assim como fazia uma vez por semana, e depois entrou na casa. Ele era uma pessoa sozinha, austera na maioria das vezes, fechado e encontrava nas plantas uma forma de lhe proporcionar maior tranquilidade. Contudo, esse comportamento ríspido ficou mais ameno, após ter se rendido aos encantos de uma mulher.

Era tarde da noite e Raed fez uma ligação.

– Oi, Madij?! Acorde, tenho algo que você possa se interessar. – disse Raed com entusiasmo.

– Raed Khalil! Estava aguardando a sua ligação.

– Está sozinho? – Raed ficou receoso.

– Sim, o que é?

– Algo novo.

– Vai me mandar um novo carregamento? Mísseis dessa vez? – Madij sorriu.

– Uma roupa.

– O que, Khalil?! – Madij ficou surpreso.

– Estou vendendo uma roupa.

– Rá!... está de brincadeira.

– E você vai pagar caro por ela, Madij.

– Khalil, não estamos precisando de roupas, mas de armas! – respondeu, impaciente.

– Então imagine uma roupa em que as fibras do tecido, depois de tratadas e reestruturadas, são capazes de suportar elevados esforços e se ajustasse ao corpo através do calor humano. Além de possuir microcâmeras distribuídas estrategicamente por toda roupa, fazendo com que reproduzisse

a imagem do ambiente atual nas fibras modificadas, que funciona como uma tela, e assim tornando a pessoa invisível a olho nu.

– Invisível?! O que está querendo me dizer? – Madij ficou sem entender.

– Como quiser chamar. Invisível, oculto, escondido...

– Está maluco, Khalil?!

– O que você acha de uma roupa em que, sem ser visto, pudesse se infiltrar nos lugares mais seguros do mundo, Área 51? Pentágono?... – Khalil foi interrompido.

– ... ou até mesmo, planejar um ataque terrorista. – completou Madij.

– Acho que agora você entendeu.

– Quanto?

– 10 milhões de dólares.

– O quê?! Com essa grana eu conseguiria mais armas na zona de guerra. – disse Madij, impressionado com o valor.

– Mas você estaria desperdiçando munição. Com a roupa você conseguiria combater seus alvos com maior precisão.

– Quero que você me mostre antes de eu falar com a Al-Qaeda.

– Ela ainda terá de ser desenvolvida.

– Khalil, está me dizendo que não está com ela?

– Mandarei para Sharjah assim que tiver tudo necessário para desenvolvê-la. Tenho pessoas que poderão fazer isso rapidamente.

– Faça isso e então virá aqui me mostrar pessoalmente.

– Você é o intermediador. Não quero contato com membros da Al-Qaeda. – disse Raed, cauteloso.

– Quanto tempo?

– Entrarei novamente em contato, Madij. Pela irmandade muçulmana, vocês são minha prioridade.

– Até logo, Raed. – e a chamada foi finalizada.

Por alguns minutos, após ter ouvido a conversa, Julius e Pedro olharam desconfiados um para o outro e mantiveram silêncio.

Pedro pensava em quão errado esteve ao julgar Raed Khalil como uma pessoa inócua, enquanto na mente de Julius ecoava apenas uma palavra: Al-Qaeda. A última coisa que eles queriam naquele momento era comprar uma briga com terroristas islâmicos.

– Que porra, o que vamos fazer? – Julius estava angustiado.

– Vamos entrar, pressionar Raed e matá-lo! – Pedro pegou a arma e se preparou para sair do carro.

– Você está louco, cara?! Vai vir gente atrás dele. Aliás, de nós! Quer fuder com tudo, porra?! – Julius segurou nos braços de Pedro, impedindo com que ele saísse.

– Está bem, está certo! Merda! – irritou-se.

– Continuamos a observar e seguimos Raed pela manhã. Então encontraremos com André e Christian na faculdade e contaremos tudo a eles. – disse Julius ainda surpreso.

O dia estava amanhecendo com a temperatura bem baixa e a claridade ainda era tímida, fazendo com que qualquer pessoa desejasse ficar mais tempo na cama. Contudo, Raed despertou e se preparou para a sua reza islâmica, *Salat Fajr*, a primeira das cinco no dia. Entrou em um cômodo pequeno com as janelas de vidro tão grandes que tomavam quase toda a parede de formato poliédrico. Abriu as cortinas e andou até a pia ornamentada, que possuía uma cuba transparente de acrílico arredondado, parecendo uma pequena tigela. Encheu-a com água suficiente para que

pudesse fazer sua ablução e, em seguida, disse as palavras “*Bismi Lahi Ararmani Rahim*”.

Enxaguou a boca, lavou o nariz e com sua mão direita, lavou o rosto desde a raiz do cabelo até o queixo, molhando-a por completo. Logo depois, em um movimento de cima para baixo, lavou o antebraço e a mão direita, utilizando a mão esquerda; e analogamente repetiu o movimento para o outro lado. Passou sua mão direita em cima da cabeça, de trás para frente. Posteriormente, utilizando a mesma água de ablução, lavou o seu pé-direito passando sua mão direita dos dedos ao tornozelo; e o mesmo movimento se repetiu usando a mão esquerda no pé esquerdo.

Raed Khalil terminou o ritual de purificação e, em pé, virado para Meca, com as pernas unidas, braços ao lado do corpo e suas mãos viradas para os lados, iniciou a oração ao pronunciar, “*Nauaitu ân uçalli fardas’fajr, uájeb qôrbatan ilal’Láh Taála*”. Em seguida, ergueu os braços com as palmas para cima até que os polegares tocassem os lóbulos das orelhas e disse: “*Allahu Akbar*”. Ainda em pé, colocou sua mão direita sobre a esquerda até a altura próxima do abdômen, indicando um gesto de submissão; em seguida, recitou: “*Surat Al-Fátiha*”, e os versículos do Alcorão. Terminada a primeira recitação, Raed iniciou outra surata. Depois disso, inclinou seu corpo para frente, com as costas retas e cabeça no mesmo nível dela, colocando as mãos abertas sobre os joelhos. Nessa posição, pronunciou três vezes: “*Subhana Rabbi’l Azím ua be-ramider*”. Levantou o corpo e disse: “*Semialarru liman ramidar*”. Pouco depois, Raed se ajoelhou e curvou seu corpo até tocar a testa e o nariz no chão, em posição de prostração, e pronunciou: “*Subhana Rabbi Alá ua be-ramider*”, por três vezes. Levantou seu tronco e se sentou no pé esquerdo, colocando seu pé-direito para fora com os dedos tocando o chão, e suas mãos sobre as coxas e

joelhos. Nessa posição, ele disse: “*Allahu Akbar*” e, em seguida, voltou para a posição anterior de prostração pronunciando, novamente, “*Subhana Rabbi Alá ua be-ramider*”. Ao final, Raed se sentou e disse mais uma vez, “*Allahu Akbar*”. Virou o rosto para a direita e depois para a esquerda, e em ambos os lados pronunciou “*Assalámu Alaikum Warahmatulláh*”.

Depois do término da reza, Julius olhou para Pedro expressando preocupação.

- Ele é muçulmano. Pode ser um terrorista...
- Ele não é terrorista.
- Como pode ter certeza?! – disse Julius, apreensivo.
- Não percebeu o que ele está querendo fazer?
- Com Madij?!
- Estou me referindo à roupa. Ele não quer a roupa para ele, ele quer vendê-la.
- Hum... mas ele quer vender para Al-Qaeda.
- Pela irmandade muçulmana.
- Por isso acho que ele é um terrorista. – disse Julius, convencido.
- Não... Raed Khalil é um mercador de armas. – concluiu Pedro.

Capítulo Doze

– Vamos Sara, não tinha marcado horário com Euclides? – Alex a apressava enquanto a esperava em frente à banca de jornal.

– Aqui está senhor, pelo jornal. – disse ela, pagando o jornaleiro.

– O que diz aí? – Alex olhou para o rolo de páginas na mão dela.

– Hum, tempo ameno até o final da tarde... – disse ela num tom satírico.

– Pode parar, você entendeu o que eu quis dizer. – Alex a olhou com desdém. Sara deu uma breve risada e continuaram a caminhar até a faculdade de química.

Naquela manhã do meio do inverno, com a claridade do sol ainda suave e a brisa fresca, as calçadas eram alegradas com azaleias, hortênsias e camélias, e o ar era levemente aromatizado pelos jasmims. Essa combinação de cores e aromas das plantas e folhagens ficava ainda mais bela ao lado de uma dúzia de cerejeiras floridas, que faziam qualquer passeio, pelo campus da universidade, tornar-se muito mais cativante.

Logo que entraram pelo jardim da faculdade de química, Alex avistou Tomaz que parou próximo da porta de entrada após ter visto os dois se aproximarem.

– Bom dia! – Tomaz deu um sorriso.

– Bom dia Tomaz, como vai? – disse ela sem parar de andar.

– Estou bem, posso conversar com você um minuto?

– É... sim, claro. – Sara olhou para Alex como se quisesse dizer algo.

– Não se esqueça do horário com Euclides, Sara. – avisou Alex saindo pelo corredor logo depois.

– Eu te acompanho. – disse Tomaz andando a passos largos.

Quando chegaram ao laboratório, Sara abriu um armário de ferro e colocou o jornal na prateleira de cima, em seguida, olhou para Tomaz atrás dela, que observava toda a sua movimentação.

– Puxa, você está colecionando jornais? – brincou ele ao estranhar a quantidade de jornal que havia dentro do armário.

– Ah, não... eu apenas leio para melhorar o meu português. – ela respondeu apressada, pegando os papéis que Euclides havia lhe dado.

– Posso ver? É de hoje, né?

– O quê?

– O jornal.

– Hum... sim... claro.

Tomaz se aproximou do armário e, no momento em que pegou o jornal, inesperadamente deixou cair as folhas de notícias anteriores que estavam soltas nas prateleiras. Ele se abaixou para recolhê-las, mas logo em seguida, Sara o ajudou.

– Desculpe...

– Deixe que eu faço isso. – disse Sara, recolhendo-as rapidamente do chão.

– Aqui estão as outras. Desculpe, eu não queria atrapalhá-la.

– Sobre o que você queria conversar?

– Ah, sim... eu... – ele parou de falar depois que viu uma das folhas caída no chão. – Nossa! Desde quando está acontecendo isso?! – surpreendeu-se.

– Hum? Isso o quê?

– A Venezuela não está mais interessada na refinaria do nordeste?! – surpreendeu-se ao ler o título da reportagem.

– Eu não sei... eu...

– O que será que aconteceu?! – disse ele, procurando por mais informações em outras páginas.

– Hum...

– Aqui diz que as estatais não conseguem entrar num acordo para a construção da refinaria. De quando é esse jornal?

– Algumas semanas, eu acho.

– Este é de ontem. – disse ele ao pegar uma das páginas do chão, e começou a ler. – Bem... O presidente da Venezuela está querendo procrastinar o acordo com a refinaria do nordeste, depois que ela apresentou a aliança estratégica com a Bolívia para aumentar a produção de gás natural.

– Você parece interessado por esse assunto. – Sara o olhou com preocupação.

– Não. É... na verdade, eu estou acompanhando essas notícias. Desculpe, estou te incomodando, não é?!

– Eu tenho que ir conversar com o professor Euclides... você ia falar algo comigo? – disse ela, segurando a lista que Euclides lhe dera.

– Oh, sim. Eu ia perguntar se você conseguiria conversar com o professor Raed Khalil por mim. Ele não me deixa nem entrar na sala dele,

quanto mais pedir alguma coisa. Estou querendo ver aqueles relatórios, não me importa que seja na frente dele.

– Hum... – Sara expôs um rosto melancólico.

– O que foi? Eu disse algo que te magoou? Sara, eu não quero te atrapalhar. Eu entendo se não puder.

– Eu... sinto muito, Tomaz.

– Por quê?

– Eu não tenho mais nada... – ela olhou para o chão e deu uma leve torcida nos lábios.

– O quê?! Como não tem mais nada?! – disse ele, espantado.

– Euclides pediu para que eu entregasse tudo o que eu tinha. E a essa altura, ele já deve ter dado as folhas do professor Yaacov para o Raed.

– Está de brincadeira! Esses dois deviam ser denunciados. Como podem fazer isso com os alunos?! – disse ele, indignado. – Eu vou fazer isso, Sara. Vou denunciar Euclides e Raed Khalil!

– Não! Não faça isso, por favor! – expressou um olhar desesperado.

– Eu não te entendo. Qual é o problema?

– Ele me deixou ficar no Brasil. Se ele sair, eu volto para a Espanha.

– Oh... desculpe. Eu não estava sabendo disso.

– Sim. Eu tenho que ir. Preciso conversar com ele agora. – Sara abriu a porta da sala.

– Ok, mas quando tudo isso acabar... você deve denunciar esses caras. Obrigado por emprestar o jornal de hoje. – Tomaz saiu e Sara trancou a porta.

Do lado de fora do prédio, Christian percorria com os olhos pelas ruas ao redor da faculdade, enquanto André tentava observar a movimentação

com o binóculo. Então, sutilmente, o carro de Julius apareceu no seu campo de visão.

– Eles chegaram. - avisou André.

– Ok. Então Khalil aparecerá em breve... Olhe ali, é o carro dele. – Christian apontou para um Honda City cor de chumbo entrando no estacionamento.

– André, Christian, onde vocês estão? – perguntou Pedro ao entrar em contato pelo rádio.

– Aqui é o André, estamos a trezentos metros à esquerda da faculdade de química, em frente ao quiosque da praça.

– Hum, ok. Já vi vocês. – Pedro desligou a chamada.

– Que diabos eles estão fazendo? Não deveriam estar seguindo o professor?! – André se irritou vendo o Palio preto contornar a praça. – Eles estão vindo aqui.

– Onde está Raed? – perguntou Christian, preocupado.

– Ele entrou no prédio. – André deu de ombros ao observar com o binóculo.

– Abra a porta, estão atrás da gente. – ordenou.

– Senhores... – disse Julius ao entrar no Q3.

– Temos um pequeno problema. – completou Pedro ao fechar a porta do carro.

– Por que não estão lá, seguindo o professor? – André ficou intrigado.

– Precisamos conversar. Achamos melhor contar a vocês sobre o que aconteceu. – disse Pedro olhando para Julius que se mostrava preocupado.

– Diga, Julius? – Christian o olhou aguardando uma resposta.

– Como André tinha desconfiado... ele não é só um professor universitário.

– Depois que vi como ele agiu naquela noite com Euclides, achei que devíamos esperar mais um pouco. Além disso, eu ouvi dizer que ele ia enviar os relatórios para uma pessoa... mas não estou me lembrando do nome. – disse André tentando se recordar.

– Madij. – respondeu Pedro.

– Hum?

– Madij. Não é esse o nome? – Pedro repetiu.

– Madij?! Não. Mas quem é esse? – André ficou curioso.

– Ontem à noite o professor saiu de casa com um Ford Fusion preto. Demorou um pouco para sabermos se era ele quem estava dentro do carro. Os vidros tinham uma película preta, mas não era muito escurecida. – contava Julius.

– Hum... esse não é o carro em que o alarme foi acionado naquela noite? – lembrou André.

– Exato. – confirmou Christian com uma expressão pensativa. – Por que ele trocava de carro?

– Eu o segui. Ele se encontrou com uma mulher numa casa de chá. Pareciam ser íntimos. Depois voltou para casa e fez uma ligação para Madij.

– Quem diabos é Madij?! – André insistiu.

– Madij é um comprador de armas e um agente intermediador de um grupo terrorista islâmico. – respondeu Pedro.

– Grupo terrorista islâmico? Do que diabos vocês estão falando? – Christian ficou apreensivo.

– Madij e Raed estavam negociando a roupa para ser usada por algum membro da Al-Qaeda.

– O quê?! – André ficou surpreso.

– Segundo Raed, pela irmandade muçulmana, vender para Madij é a prioridade. – disse Pedro olhando os rostos de preocupação.

– Espere. Como ele tem a roupa? – perguntou Christian.

– Ele ainda não tem. Não tem os relatórios completos, mas disse que tinha gente em Sharjah para desenvolvê-la. – respondeu Julius.

– Sharjah! É esse o nome que o professor disse na sala. – exclamou André.

– Não é uma pessoa, André. Sharjah é um emirado. Durante a madrugada, algumas aeronaves Antonov, vindas da Rússia, pousavam lá com carregamentos de armas e munições, e depois eram redistribuídas para outras aeronaves, de porte menor, e em seguida, mandadas para uma zona de guerra, no Iraque e Afeganistão principalmente. – explicou Christian pensando na situação.

– Tem razão. O que vamos fazer? – André ficou pensativo.

– Temos que descobrir onde Khalil guardou esses relatórios e então os pegamos antes que ele envie para os Emirados Árabes. – disse Christian.

– Mas ele ainda não tem todos os relatórios. – disse Julius.

– Então vocês vão continuar seguindo-o até que ele tenha todos em mãos. Depois disso, fechamos o cerco com Raed. – determinou Christian. – Se fizermos algo agora só vai piorar as coisas.

– Ok. Voltaremos para o carro. – respondeu Julius, ao mesmo tempo em que saía com Pedro do Q3.

Os dois retornaram para o Palio e o estacionaram em um lugar que não obstruísse a visão para a sala de Raed Khalil.

Horas se passaram até o aparecimento de Tomaz fora do prédio, sendo a segunda vez naquele dia. Caminhou em direção à mesma praça na qual estiveram Alex e Túlio, carregando consigo o jornal emprestado por Sara.

Sentou-se em um dos bancos moldados em concreto debaixo da sombra das árvores e começou a ler.

Por um instante, lembrou-se do momento em que ele esteve apreensivo na sala de Sara e quase lhe contou sobre a intriga que havia descoberto; e de estar indiretamente envolvido. Dessa forma, ele procurou um lugar que pudesse ficar sozinho. Onde tivesse poucas pessoas transitando a sua volta, que o permitisse se concentrar nas informações publicadas nos jornais dos últimos dias e tentasse recordar o que tinha acontecido na IQN.

Lembrava-se de que enquanto estava naquele subsolo escuro, onde apenas uma iluminaria industrial clareava o lugar, ele havia encontrado alguns documentos que o deixaram intrigado. Um deles era referente a um acordo entre a Venezuela e a Bolívia, e o outro, eram as assinaturas dos presidentes brasileiro e venezuelano, referente à proposta de construção da refinaria no nordeste do Brasil.

Há pouco tempo havia lido, nas notícias mais recentes, que o presidente venezuelano estava querendo adiar esse acordo com o Brasil depois que ele apresentou a aliança estratégica com a Bolívia para aumentar a produção de gás natural. Contudo, Tomaz ainda não conseguia entender o que estava acontecendo, pois sabia que tal acordo já havia sido assinado. As notícias demoraram tantas semanas para saírem na mídia? Perguntava a si mesmo. Ao ler o jornal daquele dia, ele recordou de algumas informações já vistas em dias anteriores, porém algumas dúvidas surgiam em sua mente.

O Brasil tinha a refinaria instalada, por alguns anos, na Bolívia, fazendo com que proporcionasse para aquele país, onde a maioria da população é pobre, o aumento do PIB e da geração de empregos. Além do petróleo, o Brasil é bem visto pelos norte-americanos quanto a produção do bioetanol. Dessa maneira, o Brasil fez um acordo com os Estados Unidos para a

produção do biocombustível na América Central, o que provocou críticas por parte do presidente venezuelano, já que são regiões influenciadas pela Venezuela sob acordos de fornecimento de petróleo e derivados a preços subsidiados. Ofendida, a Venezuela propôs uma aliança com a Bolívia, em que abasteceria o mercado interno boliviano e concorreria com o petróleo brasileiro. Além disso, ela apoiou um decreto que estatizaria as reservas de gás e petróleo daquele país, inclusive a refinaria brasileira instalada lá.

Tomaz havia lido também, em notícias anteriores, que o decreto determinava, além do controle, produção, transporte, refino, distribuição, comercialização e industrialização dos hidrocarbonetos, a refinaria brasileira deveria pagar 80% do lucro ao governo boliviano e ficar com apenas 20%.

– Como que o governo venezuelano quer fazer um acordo com o Brasil se ao mesmo tempo apoia ações contrárias aos interesses do nosso país? A Venezuela não está postergando o acordo com o Brasil por causa disso, como está dizendo as notícias. Não pode ser. – falou ele expressando-se indignação. – Por que esses acordos estariam na IQN? No mesmo lugar em que Beatriz e Yaacov trabalhavam? – perguntava-se angustiado.

Tomaz se esforçava para encontrar uma relação do envolvimento de sua amiga com toda essa história. Refletiu e continuou acreditando que a partir desses acordos entre as petrolíferas dos países vizinhos, contra os interesses do nosso governo, Beatriz e Yaacov foram forçados a desenvolver uma roupa, de alto valor tecnológico, para espionagem.

Com o jornal sobre o seu colo, folheou as outras páginas procurando por mais notícias que informassem a relação entre aqueles países e, ao mesmo tempo, pensava que Beatriz e o professor Yaacov eram os únicos que

estavam sabendo de todos esses acontecimentos, antes deles virem à tona. Tomaz deu um profundo suspiro de lamentação.

– Estou aqui há dias e não consegui nada. A mensagem que ela deixou através de código no meu livro de receitas, aliás, meu melhor livro de receitas, só me levou a pensar que ela viria atrás do professor Yaacov para ajudá-la. Mas... e o que eu descobri? Yaacov está morto. E Beatriz? – perguntava-se sem esperança de vê-la novamente. – Estou sem Yaacov, sem Beatriz e sem os relatórios. Malditos relatórios! – exclamou com raiva. Relatórios que podiam me mostrar às respostas para entender a real participação dela em tudo isso e saciar a minha angústia. Mas as únicas pessoas que tiveram contato com eles e que poderiam me ajudar são Sara e Raed Khalil. Então, o que eu tenho? Sara com um namorado guarda-costas e um professor mal-intencionado. – pensou ele com sarcasmo.

Antes de guardar o jornal, enquanto dava uma última olhada sobre as páginas, de repente, viu o anúncio sobre a instalação de tropas americanas na Colômbia. Achou estranho e, ao mesmo tempo, estúpido em pensar que algum país da América do Sul entraria em guerra contra os Estados Unidos. Tomaz deu de ombros. Terminou de arrumar o jornal para devolvê-lo a Sara e retornou para a faculdade de química.

Empurrando o carrinho de limpeza, que estava pesado e com alguns respingos de água suja na lateral, Beth se dirigia à sala de Raed Khalil se preparando para mais uma má recepção.

– É... licença, fessôr Raed. – Beth abriu a porta da sala com cautela, mesmo depois de ter batido sem obter resposta.

– Agora não. – ele respondeu rudemente.

– Mmmm... licença fessôr, mi disculpe, mas eu preciso limpar sua sala. – disse ela observando, através de um palmo de porta aberta, o professor

sentado na cadeira branca estofada fumando um dos charutos aromáticos.

– O que tem de errado na minha sala? Você vê algo de errado na minha sala?

– É... eu... – Beth foi interrompida.

– Claro que não Khalil. Essa mulher é de encher a paciência.

Beth abriu um pouco mais a porta, a ponto de conseguir ver o homem gordo sentado esparramado na poltrona em frente da mesa de Raed.

– Não, fessôr, qué isso. Não tem nada di errado na sua sala. – ela respondeu temerosa.

– Bom, se você está aqui então já terminou de limpar a minha sala, certo? Poderei voltar ao meu trabalho. – Euclides se levantou da poltrona segurando alguns papéis em sua mão direita.

– Sim, fessôr Clídes. Já fiz todo meu serviço. A única sala qui falta é essa aqui. Depois o meu expediente termina.

– Vamos Khalil, deixe que ela faça o serviço antes que vá embora. – Euclides colocou os papéis em cima da mesa e abriu a porta. – Entre mulher! – Beth empurrou o carrinho e entrou. – Khalil, te vejo amanhã de manhã. – disse ele saindo da sala.

Enquanto Beth manobrava o carrinho de limpeza, não tirava os olhos das folhas que Euclides deixou em cima da mesa. Imaginava serem mais documentos fraudulentos que eram usados para aumentar o desempenho monetário da conta bancária deles. Apesar de ter descoberto a índole imoral e antiética dos dois, Beth buscou por provas que pudessem colocá-los atrás das grades. Transpirava raiva, suspirava vingança pelos maus tratos que recebeu e, ao mesmo tempo, temia Euclides e Raed Khalil de desconfiarem do que ela já tinha conhecimento.

Abaixou-se para pegar o balde com água de dentro do carrinho e mergulhou um pano de chão. Pegou a vassoura e, disfarçadamente olhava para Raed com frequência. Aproximou-se da mesa e forçou seus olhos na tentativa de ler o que estava escrito naquelas folhas. Inesperadamente, Raed se virou e jogou bruscamente um livro em cima delas, desconfiando da intromissão da faxineira. O professor mandou que ela se afastasse e fosse limpar outro lugar da sala. Apesar de estar assustada com a situação, Beth notou que aquelas folhas estavam um pouco rasgadas, mas conseguiu ver, mesmo com dificuldade, de que não se tratava de outra conta bancária, ou algum tipo de nota fiscal como anteriormente. O que tinha visto eram as folhas do relatório do professor Yaacov Baum.

Beth voltou para perto do carrinho e se abaixou para pegar o pano imergido dentro do balde. No momento em que o torcia, observava Raed pegando um peso de papel elíptico, esculpido em madeira, e depois o abriu com a mesma facilidade de se abrir um porta-joia. Retirou uma chave de dentro dele e a colocou dentro do bolso de seu casaco de lã. Em seguida, pegou aquelas folhas debaixo do livro e as enrolou, formando uma espécie de canudo, escondendo-as dentro do seu casaco e se preparando para sair.

Após ver isso, Beth desconfiou da atitude grosseira de Raed ao jogar os livros em cima daquelas folhas para escondê-las. Pensava que aquele comportamento não era justificável, após a tentativa de ver apenas folhas rasgadas. Contudo, considerou que elas seriam de grande valor, ao ponto de serem guardadas a sete chaves.

Assim, no momento em que o professor saiu, Beth recolheu rapidamente o seu material de limpeza e os jogou de qualquer maneira dentro do carrinho, esquecendo-se do balde. Saiu da sala empurrando o carrinho pelo corredor das salas dos professores as pressas, e então o

colocou em um canto do corredor central. Ela andou ligeiramente para não perder o professor de vista e, cuidadosamente, para que ele não percebesse que estava sendo seguido. Queria tanto descobrir para onde Raed levaria aqueles papéis, pensando que aquela seria sua única chance de ter provas legítimas contra eles.

Raed saiu do prédio e Beth o seguiu pertinazmente. Passou pelo jardim, atravessou a rua e continuou andando até chegar à praça, onde estava André e Christian dentro do carro. Beth, mantendo-se distante do professor, mas com os olhos focados nele, aproveitava os arbustos e troncos de árvores, além dos muros de outros prédios para se esconder. Encolhida atrás de uma mureta, ela observou o professor entrando na praça, o que dificultou um pouco a sua visão, devido à sombra e a quantidade de árvores plantada lá. No momento em que saiu de trás da mureta, ela se chocou com Tomaz.

Reconhecendo a faxineira, ele tentou se desculpar pelo o que ocorreu, mas ela não lhe deu atenção e continuou seguindo o professor. Desconfiado com a atitude da mulher, Tomaz foi atrás dela.

Ora ela parava e se agachava atrás de um arbusto, ora ela corria e se escondia atrás de um banco. Eles atravessaram a praça, dobraram algumas esquinas e andaram mais alguns quarteirões, fazendo com que, por alguns minutos, eles conseguissem sair do campo de visão dos membros da IQN.

Quando Beth viu o professor entrar numa casa abandonada, ela se escondeu e o observou de longe. O lugar, que antigamente funcionava como um dos laboratórios pertencentes à faculdade de química, estava desativado há anos e esperava investimentos para que pudesse ser demolido e ser substituído por uma construção mais moderna, com equipamentos mais avançados e de alta tecnologia.

– Ei... Beth, né?! – Tomaz sussurrava o nome da faxineira, que se virou assustada. – Desculpe... não queria te assustar.

– Shhh!

– É... está tudo bem?

– O que cê quer?! – ela sussurrou.

– Eu vi você passar com tanta pressa, está fugindo de algo? Lá dentro do prédio, eu só te vejo fugindo daqueles professores. Aconteceu alguma coisa? – Tomaz estava intrigado.

– Saia daqui antes que cê estragui tudo. – respondeu ela concentrada ao observar a casa.

– Como assim?

– Ei, se esconde! Ele tá saindo da casa! – alertou ela.

– Ele?

– Rápido! Se esconde! – Beth o empurrou para dentro dos arbustos ao lado da casa.

– Me esconder de quem?!

– Shhh...!! Fica quieto! – ela levou o dedo em frente aos lábios.

– Oh! Você... você está perseguindo Raed Khalil?! – exclamou ao vê-lo saindo da casa.

– É o que parece procê?! – ela respondeu com ironia.

– Mas... por quê?

– Cuidado para ele não ti vê! – alertou ela.

– O que ele te fez?

– Vem! Raed tá voltando pra faculdade. – disse ela seguindo-o novamente. – Eu te explico depois.

Beth acompanhou o professor até vê-lo entrar na sala. Em seguida, bateu a porta e pediu permissão para pegar o balde que havia deixado lá

dentro. Dessa maneira, ela entrou e percorreu os olhos em Raed e em cima da mesa, imaginando que ele certamente escondeu aquelas folhas dentro da casa abandonada.

Com o balde na mão, ela saiu da sala pensando em alguma maneira de conseguir pegar a chave sem que ele percebesse. Quando dobrou o corredor, viu Tomaz a esperando com olhar curioso em saber o que havia acontecido.

Sem paciência, Beth passou por ele e foi guardar o balde na sala de serviços.

– Desculpe Beth. Eu sei que está me evitando. – Tomaz insistia.

– É... já acabô meu expediente hoje. Eu preciso ir embora. – respondeu ela tentando se esquivar.

– Por favor, Beth. Se você souber de alguma informação sobre aquele professor... Me diga.

– Por quê?

– Ele está com documentos que eu preciso ver. Qualquer informação que eu saiba a respeito dele eu poderia usar para poder convencê-lo a me atender.

– Ele não é o tipo de fessôr que cê pensa que ele é.

– Bom, até aí... ele não é o único. Euclides parece ser um aliado.

– Tome cuidado com esses dois. – alertou a faxineira.

– Por que o estava perseguindo?

– Tá bom. Vô ti contar. – Beth deu um profundo suspiro.

– Sou todo ouvidos.

– Mas não aqui... – a faxineira olhou para um lado a outro do corredor.

– Vem, vamo até o jardim.

Sentaram em uma das mesas e então ela começou a contar ao mesmo tempo em que se sentia aliviada em compartilhar aquela informação.

– Está me dizendo que Raed e Euclides desviam verbas da faculdade para benefício próprio?! – disse ele surpreso.

– Shh...! Fala mais baixo.

– Está brincando! Apesar de que... bem... das coisas que eu já vi, pode-se esperar qualquer coisa.

– Eu preciso de provas pra colocá eles tudo na cadeia! Vão me pagar. – Beth falou furiosa.

– Como descobriu isso?

– Eu... eu tava limpando a sala dele... e...eu vi umas nota fiscal suja e dinheiro... muito dinheiro.

– Hum... quanto?

– Milhões.

– Milhões?! – Tomaz ficou surpreso.

– Raed tá escondendo alguma coisa dentro daquela casa. Seja o qui for, vai ser a forma de conseguir me vingar e fazer eles pagar por tudo os maus trato.

– Você tem que ter cuidado, Beth.. ou você pode se dar mal.

– Bom... eu... eu preciso ir pra casa.

– Agradeço muito por essas informações. Estarei torcendo para que você consiga as suas provas.

– Brigada Tomaz, tô mais aliviada, xáu. – Beth se despediu e foi embora.

Capítulo Treze

Tomaz ficou por volta de uma hora sentado em uma das mesas do jardim da faculdade de química, inconformado com tanta falcatrua que os dois professores haviam cometido. Desacreditava ao pensar que em uma universidade de alto nível de pesquisa, educação e tecnologia possuísse pessoas tão corruptas e, ao mesmo tempo, intelectuais. No entanto, era surpreendido com a astúcia e garra de uma faxineira, que queria justiça por fraudar e furtar as rendas públicas, e acima de tudo, vingança pela discriminação e pelo abuso de autoridade de Raed Khalil e Euclides.

Torcia para que Beth conseguisse comprovar aqueles atos ilícitos, pois tanto levaria a faculdade a se desenvolver, quanto se sentiria melhor consigo mesma.

– Pelo menos uma pessoa está fazendo isso – pensou ele.

Estava pronto para se levantar e ir embora, quando viu Alex e mais um rapaz se aproximando. Eles caminhavam juntos e conversavam bastante sorridentes, e então Tomaz preferiu virar seu corpo, fingindo que não os tinha visto para evitar qualquer desentendimento com Alex. Todavia, uma voz gentil se expandiu, fluindo entre os arbustos e flores daquele jardim.

– Oh! É você! Você... você é o Tomaz, certo?!

– Shhh!! – Alex deu um cutucão em Túlio.

– Está falando comigo? – Tomaz se virou e olhou para o detentor daquela voz.

– Sim! É... quer dizer, você se chama Tomaz?

– Quem é você? – Tomaz o olhou desconfiado.

– Túlio! Muito prazer. – estendeu a mão enquanto olhava fixamente para os penetrantes olhos verdes.

– Sim... me chamo Tomaz. Como vai, Alex?

– Eu... eu preciso ir. – respondeu ele sem cumprimentá-lo, virou-se e foi embora.

– Perdão. O Alex não está sendo muito educado esses dias... – disse Túlio balançando a cabeça negativamente, enquanto via Alex entrando no prédio.

– Só esses dias? – Tomaz perguntou com ironia.

– Bem... ele está passando por alguns problemas, sabe? Posso me sentar aqui com você?

– Eu também já estava de saída, mas tudo bem. Pode se sentar.

– Obrigado. Fizemos uma caminhada longa agora. Viemos lá do outro lado do Campus andando até aqui. – Túlio tentava se abanar com uma das mãos.

– Hum... desculpe a pergunta, mas como sabia meu nome?

– Por Alex. Ele me contou a seu respeito e...

– Por Alex?!?! – Tomaz se espantou.

– É... Sim... tem algum problema? – Túlio não entendeu a reação de Tomaz.

– Sim! Quer dizer... não! Quer dizer... esqueça.

– Pensando bem, não foi só por Alex. Mas Sara também me falou a seu respeito.

- Sara?!
- Sim... conhece ela, certo?!
- Claro... é...
- Quando me disseram dos seus olhos, eu não acreditei até vê-los.
- O quê?! – Tomaz ficou perplexo.
- Eu quero dizer... isso é para ser uma coisa boa. Aqui ou acolá, sempre comentam de você. Diziam que seus olhos eram da cor do mar, em um tom esverdeado de hipnotizar qualquer um.
- Diziam?!
- Fiquei curioso em conhecê-lo. E com toda a sinceridade, eles tinham razão.
- Tinham?! Os dois falavam de mim para você? Sara também? – Tomaz continuava sem entender.
- Sim, por quê? Ah! Tive uma ideia. Apareça na lanchonete, aquela que abriu recentemente. Iremos tomar alguma coisa lá hoje à noite. O que acha?
- Qual?
- Hum, esqueci que você não é daqui. Bem, a lanchonete fica a uma... duas... três quadras da praça central. Conhece a praça?
- Aquela bem arbórea... um pouco escura?
- Sim. Você cruza a praça e vira a primeira à direita, depois esquerda e por último à direita. – Túlio gesticulava com as mãos.
- Tudo bem, está ótimo! – concordou ele, mas ainda desconfiado.
- Certo, eu os avisarei. – Túlio respondeu empolgado.
- Uma pergunta. Alex não deve gostar disso, não?!
- Disso...?
- Sobre a Sara comentar a meu respeito...eu não acho que...
- Oh! – Túlio levou as mãos à boca como se levasse um grande susto.

– O que foi?! Está tudo bem? – Tomaz se preocupou com a reação dele.

– Oh meu Deus... eu... eu preciso ir! Desculpe. Esqueça tudo o que te disse! – disse ele em desespero.

– Mas... o que aconteceu?!

– Foi um prazer conhecê-lo! – levantou-se e saiu apressadamente de lá.

Confuso por não ter entendido o que havia deixado Túlio tão assustado, Tomaz começou a pensar se já o havia visto algum dia, seja na companhia de Alex e Sara ou sozinho, vagando pela faculdade, entretanto, não se lembrou de nada parecido. Nem por fisionomia e muito menos pelo jeito, sendo este uma característica marcante daquele homem.

Túlio era magro, de estatura mediana, próxima de um metro e setenta de altura. Era branco de cabelos castanho-escuros curtos e lisos. Seus olhos eram pretos e estavam atrás de um belo par de óculos, sutilmente quadrados, da Gucci. Tinha o costume de usar uma boina cinza do tipo italiana e um colete xadrez de lã. Fisicamente, não era um homem que arrancasse olhares do público feminino, como ocorria com Alex, contudo, a atenção era voltada pelo estilo de roupa que vestia e pelo perfume que deixava no ambiente por onde ele passava. Além da postura ereta e da cabeça erguida quando andava, a voz fina e suave, e as pernas cruzadas quando estava sentado realçavam seu jeito delicado de ser.

Tomaz olhou para o jornal em cima da mesa e se lembrou de que precisava devolvê-lo a Sara. Apesar do sol já estar se pondo, ainda tinha esperanças de encontrá-la em sua sala. Apressou-se. Entrou no prédio, subiu as escadas e bateu na porta do laboratório. Sem resposta, mexeu na maçaneta, mas ela estava trancada. E então supôs que ela já havia ido embora devido ao encontro com Túlio e Alex à noite na lanchonete. Como ainda era cedo para ir até lá, ele decidiu voltar para o *flat*.

Após ter saído da universidade, enquanto ele dirigia pelas ruas da cidade, teve de parar o carro respeitando a sinalização do semáforo, em um cruzamento bastante movimentado. Segundos depois, subitamente, Tomaz escutou a frenagem dos pneus de algum carro atrás dele e logo depois, o barulho de vidros se estilhaçando. Assustado, ele olhou para todos os lados pensando que tivesse sido o carro de trás, mas nada viu. O semáforo abriu e então, antes de partir, checkou os seus dois espelhos laterais. Com o movimento dos carros ao seu lado, a imagem do Q3 preto apareceu no seu espelho direito com uma distância de cinco carros.

Sentiu uma fisgada no estômago e seu coração disparou. Enquanto ele ficava com o carro parado no meio da rua, em meio a buzinas e xingamentos, ele tentava identificar se era o mesmo Q3 que semanas atrás tinha parado na frente do seu Café.

Abriu a porta do carro e se pôs de pé no meio da rua. Ao olhar para trás, viu que havia ocorrido um acidente. Um Passat 79, sem as polainas e o para-choque dianteiro, com o capô preso com um arame de aço e com a lataria das portas inacabadas, amassadas e sem pintar, havia batido na lateral frontal direita do Q3 fazendo com que quebrasse a lanterna.

Nesse momento, Tomaz olhou para o Q3 e, rapidamente, André engatou a ré, invadiu a pista oposta, dando meia volta para fugir. Um senhor de óculos e barrigudo saiu do Passat se segurando na porta para que ele não caísse. Completamente alcoolizado, ele deu meia dúzia de passos com dificuldade, trançando as pernas e, em seguida, levantou o braço xingando André e Christian.

Assustado, Tomaz entrou no Veloster e continuou seguindo em direção ao *flat*. Devido à blindagem preta dos vidros do Q3, não foi possível identificar as pessoas que estavam dentro dele, mas Tomaz ficou

desconfiado que pudesse estar sendo seguido, por isso, passou constantemente a olhar para os seus espelhos retrovisores.

O *flat* possuía garagem no subsolo, onde podia estacionar seu carro com tranquilidade. Ele subiu até o seu apartamento e ficou espiando a rua pela janela. Era início da noite e a rua começava a ficar movimentada por causa dos bares. Ele arrastou uma cadeira e se sentou de frente para janela, observando todo o movimento da rua. Estava bem atento, por algumas vezes estreitava os olhos para examinar os rostos das pessoas que andavam pela calçada, mas o alcance de sua visão não passava de apenas alguns metros da entrada do prédio.

Tomaz ficou nessa paranoia por quase uma hora. Saiu a pé para examinar o quarteirão, mas não viu nenhum Q3 passar por ali e nem estava por aquelas redondezas. Também não viu nenhum dos homens da IQN naquele lugar, fazendo-o pensar que aquele acidente há pouco tempo talvez fosse apenas uma infeliz coincidência.

Olhou para seu relógio de pulso e apressou seus passos. Decidiu se encontrar com Sara, Túlio e Alex, pensando que poderia ser uma chance de vê-la e de entender a estranha reação que Túlio teve durante a tarde. Pegou a chave do carro e partiu para o lugar marcado.

Quando entrou no campus universitário, Tomaz tentou se recordar das instruções que Túlio havia lhe passado. Sabia que ficava próximo da praça onde ele estivera naquele dia. Percorreu alguns quarteirões pelos arredores dela até o momento em que avistou uma lanchonete na esquina.

Muitos jovens marcavam presença em frente ao estabelecimento. Grupos de pessoas conversando, bebendo e fumando se formavam na calçada, mas logos invadiam a rua dificultando a passagem dos carros.

Minutos depois, Tomaz conseguiu estacionar a distância de uma quadra do local. Enquanto se aproximava da lanchonete, olhava de um lado para o outro, procurando pelos três, ao mesmo tempo em que se desviava de um pequeno grupo de mulheres que começou a encará-lo insistentemente. De repente, uma das mulheres do grupo que já estava bêbada, saltou na frente dele, bloqueando sua passagem. Enquanto ela balançava seu corpo e rebolava com a música ambiente, segurando uma lata de cerveja na mão, ele se sentia embaraçado, tanto por ela ser feia demais, quanto por ele não querer ser rude. Entretanto, para conseguir sair de lá, ele entrou no ritmo, interagindo-se com a moça e, ao mesmo tempo, esquivando-se sutilmente ao contornar o corpo dela. Em seguida, finalmente, ele entrou na lanchonete.

Com a aparência de um quiosque praiano, o estabelecimento ficava em uma esquina, sendo que a entrada era de frente para o prédio da faculdade de artes. Tinha o telhado circular com a estrutura em madeira aparente e cobertura de piaçava. O ambiente era iluminado por lâmpadas dispostas sobre rodas de carroça que eram suspensas por correntes, além de algumas luminárias externas colocadas no gramado entre as mesas do lado de fora. O chão da parte interna era cimentado e acompanhava o diâmetro da circunferência do telhado, sendo que no centro do círculo havia o balcão, também de forma circular. Do lado de fora, o chão era alternado em cascalho e gramado, por onde as mesas e cadeiras de madeira eram distribuídas, até próximo da cerca decorada em madeira, que separava a calçada do terreno da lanchonete.

A música do local se alternava entre as apresentações de uma banda *indie rock* e outra de reggae. Apesar da maioria dos frequentadores terem

um estilo alternativo, a arquitetura, o sabor dos lanches e o preço atraíam e agradavam todos os públicos.

Tomaz andou alguns metros no cascalho e logo viu a mesa do lado da cerca de madeira, onde estavam sentados Túlio e Alex. Aproximou-se; e quando parou em frente à mesa, a expressão de Alex se fechou com um olhar de reprovação para Túlio.

– Oi Alex... Túlio... como vão?

– Tomaz! Sente-se. – disse Túlio de maneira cortês. – Que bom que você apareceu, não é Alex?! – Alex virou o rosto para outro lado.

– Obrigado pelo convite Túlio. Ainda não havia reparado este lugar... quanto tempo faz que abriu?

– Ah, faz uns dois meses.

– Hum, está bem cheio. Costumam frequentar aqui?

– A maioria das... Ai! – Túlio faz um gesto de dor depois da pisada no pé que Alex lhe deu.

– E... onde está a Sara? – perguntou Tomaz, receoso.

– Ela foi até ali... no balcão. – respondeu Túlio apontando para o centro da lanchonete.

Alguns minutos se passaram e os três ficaram calados na mesa. Alex olhava para os lados procurando por Sara, enquanto Túlio observava Tomaz, que prestava atenção em todo o ambiente.

De repente, Sara chegou à mesa segurando dois cachorros quentes, um em cada mão.

– Puxa, como estava cheio para pedir o... Tomaz!? – disse ela, surpresa.

– Oi Sara! – ele se levantou da cadeira para cumprimentá-la.

– Espere. Aqui está, Túlio. – entregou um dos cachorros quentes e colocou o outro sobre a mesa. Em seguida, cumprimentou-o estendendo sua

mão e dando um beijo no rosto.

– Hummm.. A-DO-REI! – exclamou Túlio depois de ter dado uma mordida em seu sanduíche. Alex o olhou de modo repreensivo.

– Que bom! Estou faminta!

– Eles estão com uma aparência muito boa. Talvez eu pegue um para mim. E você Alex? Não vai comer?

– Agora não.

– É... então, não sabia que você frequentava aqui. – Sara deu um chute na perna de Alex para que ele deixasse de ficar com o rosto emburrado.

– Na verdade, eu vim a convite de Túlio...

– *Cof, cof...* o quê?! – Sara se engasgou com o que ele disse. – Túlio te convidou? Como vocês se conhecem? Quando foi isso? – ficou assustada.

– Está... está tudo bem com você? – Tomaz perguntou com preocupação.

– Sim, ela está ótima! – respondeu Alex com um sorriso no rosto. – Deve ter sido esse molho que ela sempre coloca no lanche. Eles abusam um pouco na pimenta aqui, não é Sara!? – ela balançou a cabeça positivamente. – Túlio e eu nos esquecemos de contar a ela sobre como vocês dois se conheceram. Mas foi uma coincidência, não foi? – Alex olhou para Túlio.

– Oh... sim! Sim! Estávamos chegando à faculdade e então esse homem enorme... é... quer dizer... ele estava sentado lá no jardim e... – Túlio se engasgava ao contar sua versão.

– Ele estava no jardim e então eu falei para Túlio que aquele era o Tomaz, que sempre estava nos encontrando lá na faculdade. – explicou Alex.

– De qualquer forma, eu agradeço o convite do Túlio. Estou sozinho aqui na cidade e eu também estava precisando sair um pouco. Eu ainda

estou com o seu jornal, Sara.

– Não se preocupe com isso. – ela olhou para Alex como se quisesse dizer algo e, em seguida, deu sua última mordida no lanche.

– Desculpe, o jornal era seu, Alex? – Tomaz percebeu a comunicação entre os dois.

– Não... não! Sara tem vários outros... para poder aprimorar o português, não é?! – Alex sorriu para ela.

– Eu tentei devolvê-lo hoje no final da tarde, mas achei que já tivesse ido embora. Mas amanhã eu te entrego, sem falta. – respondeu ele.

– Oooohh... essa música é muito boa! Vamos dançar! – Túlio se levantou da cadeira e incentivou os demais da mesa.

– Eu não sei dançar reggae, obrigado. – disse Tomaz.

– Que desânimo de vocês. Pelo jeito eu terei que ir sozinho. – Túlio se juntou a outras pessoas que estavam dançando debaixo da parte coberta da lanchonete.

– Esse lugar é bem animado. Estou até tendo ideias para montar algo desse tipo. – disse Tomaz apreciando o ambiente.

– Se montar em um lugar onde tem um público jovem, provavelmente dará certo. – Alex o incentivou.

– Estou acostumado com clientes de mais idade. Eu tenho um Café, que antes era a padaria do meu pai, então somos conhecidos há bastante tempo na região.

– É... ficou mais fácil. – disse Alex.

– Nem tanto. Eu modifiquei toda a arquitetura da antiga padaria. Isso me custou uma grana.

– O que você fez lá? – Alex estava curioso.

– Queria uma arquitetura com a aparência dos Cafés europeus. Puxei toldos na calçada e também coloquei algumas mesas do lado de fora. Além disso, eu modifiquei o cardápio colocando pratos mais sofisticados e aprimorei aqueles que já estavam lá. Tenho opções da culinária do mundo inteiro, claro que não todos os pratos, porque não é um restaurante específico, além disso, são servidos vários quitutes. O problema maior foi subir o valor dos pratos, já que passei a usar alimentos de melhor qualidade, contratar chefes de cozinha e auxiliares, mais pessoas especializadas para o atendimento e ter redecorado o ambiente, entretanto, os clientes mais antigos não gostaram dos valores.

– Nossa, parabéns por esse empreendimento! – Alex ficou surpreso e olhou para Sara que ficou calada o tempo todo.

– Obrigado. Mas agora, vendo tudo isso aqui. Estou tendo algumas ideias. Ele é bem localizado, não?!

– Sim... fica a aproximadamente três quadras da praça central, onde tem dois restaurantes que geralmente almoçamos. Ali na esquina é o prédio da faculdade de letras. Se você for reto, umas oito a nove quadras, vai ver o ginásio de esportes. No prédio da frente fica a faculdade de artes e atrás dele a faculdade de filosofia. Aqui, quase em frente, será construída uma unidade da faculdade de química. Dizem que terão vários laboratórios modernos. – explicava Alex ao mesmo tempo em que apontava com o dedo todos aqueles lugares.

Por um instante, Tomaz viu a casa, na esquina quase de frente para lanchonete, por onde esteve naquela tarde e ficou pasmo por apenas tê-la percebido naquele momento.

– Mas, aquela casa... ela está abandonada, certo?

– Sim, já era para ter sido demolida. Aquela placa de obra na frente está desde o ano passado. Devem estar aguardando liberarem a verba.

– Não Alex, essa verba já foi distribuída para as cabeças da universidade. – comentou Tomaz indignado.

– Como o reitor, vice-reitor, diretores... – completava Alex.

– Ou até mesmo coordenadores e professores. – disse Tomaz recordando o que Beth havia lhe contado.

– Mas esses últimos só ficam com as migalhas. – disse Alex com sátira.

– Migalhas? Eu não acho que alguém como Euclides se contentaria com pouco. – respondeu Sara após alguns minutos sem dizer nada.

– Nem Raed. – Tomaz completou.

– Raed Khalil? – Sara ficou curiosa ao ouvi-lo citar o nome daquele professor.

– Ele e Euclides fazem uma bela dupla, não acham? – Tomaz, sendo irônico, deu um meio sorriso de canto de rosto.

– Ele tem razão, Sara. Khalil é ex-reitor, ex-diretor... e agora ele é professor pesquisador. Veio dos Emirados Árabes, fundou aquela faculdade, sem questionar o conhecimento dele na área da química; imagina a quantidade de contatos que ele deve ter. Aliás, não só aqui no Brasil. – contou Alex.

– A área dele é a mesma de Euclides?

– Ele já deu aula, há alguns anos na mesma área, mas a especialidade dele é outra. – respondeu Alex.

– A mesma especialidade do professor Yaacov, talvez?

– Não. – Sara foi ríspida.

– Na verdade, Raed Khalil e Yaacov Baum nunca se deram bem. Desde quando eu ingressei na faculdade, passei os anos vendo a rivalidade dos

dois professores. Depois que me formei, alguns dos meus amigos continuavam comentando a respeito deles. – contou Alex.

– Por quê?

– Nunca soubemos o real motivo. – respondeu ele.

– Bem... Se eles não se davam bem, por que Khalil quer tanto as coisas do Yaacov?

– Essa é outra questão que também não sabemos. – Sara respondeu e logo em seguida olhou para Alex.

– Bem... de qualquer forma, a construção da nova unidade de laboratórios da faculdade deve demorar a sair, já que a verba que chega, ao invés de ir para o projeto, vai para os bolsos desses caras. – disse Alex olhando para a casa abandonada. – Podia pelo menos demoli-la. Veja o estado que está.

– Durante a noite parece ser pior do que durante o dia. É uma casa bem antiga, não?! Com aquelas árvores secas na frente das janelas de vidros quebrados, até parece ser um cenário de filme de terror. – comentou Tomaz ao observar a casa.

– Me dá calafrios só de passar na frente. – Alex tremeu seu corpo.

– Não acredito que vocês dois estão com medo! – Sara deu um pequeno sorriso, zombando da situação.

– Não Sara... eu... – Alex foi interrompido.

– Oh! Meu Deus. Ei!! – gritou Tomaz, levantando-se inesperadamente da cadeira, derrubando-a no chão.

– O quê?! O que foi? – Sara se assustou.

– Ei!! Senhora!!

– O que está acontecendo, Tomaz? – perguntou Alex sem entender a situação.

– Aqui! Senhora!! – Tomaz gesticulava com os braços por cima da cerca de madeira.

– Nossa, quem você está vendo?! Não consigo enxergar nada com tanta gente na nossa frente. – disse ela tentando olhar entre os vãos da cerca e das pessoas em pé na calçada do lado de fora da lanchonete.

– Eu muito menos. Veja a minha altura comparada a dele. – respondeu Alex.

– Senhora!! Giselda!! Aqui, tia Giselda!!!

– Tia...? – disse Alex e, em seguida, olhou para Sara.

– Desculpe, mas eu preciso falar com aquela senhora. – Tomaz saiu às pressas passando por cima da cadeira e correu até a saída da lanchonete.

Parado na calçada, ele procurava, em meio da multidão, a senhora que estava andando do outro lado da rua. Bastaram alguns instantes, para que ele a avistasse. Vestindo um sobretudo preto e calças jeans, a senhora com os cabelos até a altura do queixo atravessava a rua. Tomaz empurrou algumas pessoas que estavam na sua frente atrapalhando o caminho, e correu em direção a ela. Quando percebeu que ia perdê-la de vista, depois que a viu entrar no meio das árvores de frente a casa abandonada, Tomaz gritou em desespero o nome de Giselda.

Na frente da casa, ela parou e se virou, e nesse momento, Tomaz pode ver o rosto delicado daquela mulher, que tinha o tom da pele, sutilmente exaltada pela cor dos cabelos castanhos claro. Ele ergueu seu braço esquerdo e gesticulou para ela. Assustada, a senhora correu para trás daquela casa e Tomaz gritou pedindo para que ela o esperasse, mas naquele lugar tanto escuro como sombrio, ele a perdeu de vista. Deu algumas voltas ao redor da casa e pelas ruas próximas dali, mas não pôde encontrá-la.

Escondido nos arbustos próximo da faculdade de letras, André vigiava Tomaz, enquanto Christian se misturava na multidão do lado de fora. Ambos viram-no correr, mas não conseguiram entender o que estava acontecendo. No momento em que ele balançou o braço como um sinal, André imediatamente pegou seu binóculo e procurou pela pessoa com quem ele estava tentando se comunicar, mas nada avistou. Da mesma forma, Christian, percebendo a situação, desviou-se ligeiramente das pessoas e ao mesmo tempo, tomou o cuidado para não ser visto, contudo também não conseguiu ver para quem Tomaz estava acenando.

Desapontado e espantado, ele voltou para a lanchonete com a imagem daquela senhora, que conhecia desde pequeno, em sua mente. A elegante mulher de meia idade, alta, esguia e de olhos tão pretos e intensos. Ele não estaria tão errado pela aparência de Giselda, tinha a certeza de que a havia visto. Mas por que ela correu depois de ter ouvido chamar seu nome e de tê-lo visto? Ou seria uma aparição? Estaria ficando louco? Perguntava-se.

– Ei, por onde esteve? – Túlio apoiou sua mão esquerda no ombro direito de Tomaz. – Pensei que estivesse lá na mesa.

– Não, eu... fui dar uma volta. – disse ele ainda pensativo.

– Nossa, que desânimo. O que aconteceu? – perguntou Túlio reparando na expressão do rosto de Tomaz.

– Pensei ter visto uma pessoa... mas... e você? O que está fazendo aqui fora? Não estava dançando reggae lá dentro?

– Sim, sim. Vim ver alguns amigos aqui. Vamos entrar? Estou vendo Alex sozinho ali. – Túlio se colocou na ponta dos pés, escorando-se em Tomaz, enquanto esticava seu pescoço para conseguir ver Alex.

Era próximo da meia-noite e a lanchonete ficava cada vez mais cheia. Depois do término do horário das aulas noturnas, os estudantes saciavam a

fome e encontravam com os amigos antes de voltarem para suas casas.

Depois de alguns minutos tentando passar pelos grupos de estudantes, os dois encontraram com Alex bebendo sozinho na mesa.

– Olha só quem eu encontrei pelo caminho. – disse Túlio apontando para Tomaz.

– Nossa, cara. O que aconteceu com você? – Alex estava curioso.

– Me desculpe ter saído daquele jeito. É que eu vi uma pessoa que... era como se fosse uma mãe para mim.

– Conseguiu falar com ela? – Alex ficou ansioso.

– Não, ela... ela desapareceu ali, na frente da casa! – respondeu ele, impaciente.

– Oh... tem certeza que era a pessoa que você achou que fosse? – perguntou Túlio.

– Sim, era ela. Com certeza, era Giselda!

– Giselda? O que foi que eu perdi? – Túlio estava um pouco confuso.

– Espere, onde está Sara? – Tomaz notou a ausência da moça.

– Ela teve que ir embora. Trabalhará cedo amanhã. Deixou um abraço para você. – respondeu Alex.

– Hum, eu também preciso ir. Bom, acho que nos vemos pela faculdade. Até logo. – disse ele se despedindo.

– O que aconteceu com você, Alex? Não era para você ser o cara ciumento e mal-humorado? – Túlio perguntou ironicamente. – Agora está tratando-o como seu amigo?

– Estou fazendo isso pela Sara, você sabe disso.

– Eu sei. Quantas dessas cervejas você já tomou?! – Túlio ficou surpreso.

– Eu perdi a conta.

– Vou pedir mais uma garrafa. – disse ele erguendo seu braço para chamar o garçom.

Caminhando até o carro, Tomaz estava atordoado. Tinha certeza de ter visto Giselda, mas ao mesmo tempo não entendia por que ela havia fugido.

Quando entrou no Veloster, de repente uma criança apareceu batendo no vidro, fazendo com que ele levasse um susto. O menino vestia trapos de roupas e seu corpo estava tão sujo que não era possível distinguir a cor da sua pele. Bateu mais duas vezes no vidro do carro e pediu dinheiro para comprar comida.

Tomaz colocou a mão no bolso de sua calça e não encontrou a carteira. Procurou no bolso de sua jaqueta, mas nenhum volume tinha nela. Examinou todos os cantos e vãos do seu carro e nada. Então, saiu preocupado do carro e voltou à lanchonete.

Antes de entrar, ao lado da cerca de madeira, Tomaz olhou para a mesa em que estavam Túlio e Alex bastante animados tomando mais uma cerveja. Estranhando o comportamento de Túlio, ele esperou um pouco do lado de fora e continuou observando. Por um instante, Tomaz viu ele se levantar da cadeira e deslizar a mão, do ombro direito ao esquerdo de Alex, depois disso, mexeu no cabelo, fazendo com que ficasse levemente despenteado. Em seguida, Túlio pediu, incessantemente, para que Alex o acompanhasse na pista de dança. Contudo, Alex ficou relutante e permaneceu sentado na cadeira. Aproveitando o momento, Tomaz foi em direção a eles atrás da sua carteira. Quando viram ele se aproximar, os dois se assustaram, entreolharam-se e não disseram nada.

– Desculpe atrapalhar vocês... eu só vim pegar a minha carteira. – disse ele, quando a encontrou no canto da mesa, atrás de um porta-guardanapos e de várias garrafas de cervejas.

– Nossa, cara. Nem tinha visto ela aí. – respondeu Alex, já bêbado.

– Vai com calma aí, rapaz. Espero que não tenha que dirigir depois. – alertou ele.

– Obrigado Tomaz. Eu vou levá-lo desta vez. – respondeu Túlio dando uma piscada de olho.

– Tudo bem, então... até! – ele acenou e foi embora.

Segundos depois, Alex pegou o caneco e virou toda a cerveja de uma só vez. Bateu com ela em cima da mesa e se levantou da cadeira logo em seguida.

– Vamos para a pista! – disse Alex para Túlio; e juntos caminharam até a pista de dança.

Capítulo Quatorze

Dirigindo de volta para o *flat*, Tomaz continuava tão pasmo por ter visto Giselda que tudo o que havia acontecido naquele dia se tornou irrelevante. Perguntava-se por qual motivo ela teria corrido dele, mas ao mesmo tempo, estava receoso se realmente a tinha visto. Entretanto, lembrou-se do comentário de dona Joana e então pensou:

– Por que Bia diria, com tanta convicção, que sua tia estava morta? Ela estava tão nervosa e assustada aquele dia que... será que Bia enlouqueceu?! Ou então eu...

Tomaz bateu sua mão contra o volante e mexeu a cabeça de um lado para o outro exclamando de que não havia ficado louco.

Pouco tempo depois, ao chegar próximo ao edifício, Tomaz procurou pelo Q3 nas redondezas, mas não o encontrou e nem se deu conta de que estava sendo seguido por André e Christian. Depois de terem trocado de carro com Julius por causa do incidente com o homem bêbado, os dois homens da IQN o observaram entrar na garagem e, logo depois, fizeram o mesmo.

No estacionamento, Tomaz saiu do Veloster e foi em direção ao elevador passando em frente a um Palio preto, com os vidros tão escuros que fez com que a presença dos dois homens passasse despercebida.

Apesar de ter chegado exausto no apartamento, ele se deitou na cama, mas não conseguiu pegar no sono, pois ainda tinha a sua mente atormentada pelos vários acontecimentos daquele dia.

Depois de alguns minutos observando Tomaz pelas câmeras, que foram instaladas após o retorno de Julius da IQN; e sem ter obtido nenhuma informação relevante, Christian contatou Pedro pelo rádio.

– Pedro, vocês descobriram mais a respeito de Khalil?

– Nada ainda. Ele fez a última oração do dia, e agora ele parece estar inquieto. Está andando pela casa, mas sem fazer nada. – respondeu Pedro, enquanto o observava através da tela do seu *notebook*.

– Está bem, fiquem atentos. Liguem-me quando souberem de algo. – desligou a chamada.

– E você? O que acha, Julius? – perguntou Pedro, desconfiado.

– Estaria aguardando alguém?

– A mulher da casa de chá?!

– Não é apenas a mulher da casa de chá, mas alguém mais íntimo.

– Tem razão, pode ser. – Pedro observou a rua que estava deserta.

– Veja Pedro, Khalil está ligando para alguém. Consegue o número?

– Hum... não é no Brasil...

– *Salaam Aleikum*, Amjad Ali!

– *Alaikum As-Salaam*, Raed! Que surpresa é essa, meu amigo! Quanto tempo faz?!

– Cinco anos que não nos vemos?

– Hum, por volta disso. Apesar de eu ter ido ano passado para Sharjah, na universidade. – respondeu Raed Khalil.

– Veio para Sharjah e não teve tempo para uma visita? Mas que trabalho é esse?!

– Continuo na universidade aqui no Brasil, com as pesquisas, você sabe.

– Aqui também, mas estou mais tranquilo. Acabei de finalizar um projeto em conjunto com uma universidade em Dubai.

– Bom ouvir isso, Amjad. Eu precisarei de uma ajuda sua em um projeto que você vai se interessar.

– Que tipo de projeto? – Amjad ficou curioso.

– Uma roupa em que as fibras são modificadas quimicamente e são capazes de projetar a imagem do ambiente. – respondeu ele, empolgado.

– Uma roupa, Khalil? Não vejo nem qual o seu interesse nisso.

– Eu pretendo vendê-la.

– Uma roupa?! – Amjad continuava sem entender.

– Uma roupa de alta tecnologia que te camuflaria de qualquer coisa.

– Oh! Mas... como você conseguiu isso?! – disse ele perplexo.

– Amjad, isso é uma longa história. O mais importante é que eu tenho o projeto e preciso da tua ajuda para desenvolvê-la.

– Preciso de um tempo, Khalil... eu preciso pensar a respeito...

– Você fica com a metade do dinheiro da venda, o que acha? – insistiu Raed.

– Mas eu não disse que aceitaria...

– Se você souber que já tenho um comprador, você irá aceitar.

– Quem?

– Conversei com um agente intermediador da Al-Qaeda. Ele se interessou pela roupa e quer vê-la, mas antes eu preciso que você a faça.

– Eu... – Amjad foi interrompido.

– Pense bem Amjad. É sua chance de vingar a morte de sua família por aqueles americanos. – Raed tentou convencê-lo.

– Está certo, Khalil. Envia-me o projeto e logo eu direi o tempo que demorarei para desenvolvê-la.

– Excelente, Amjad! Entrarei em contato em breve.

– Fico aguardando, Khalil. *Ma'a salama!* – Amjad se despediu.

Menos apreensivo, Raed desligou a chamada e foi deitar em sua cama. Ficou alguns minutos pensando no seu plano e em seguida, pegou no sono.

Enquanto isso, Julius notou que Pedro olhava para a tela do computador, mas de fato não prestava atenção. Estava com o olhar longe e pensativo.

– Ei, cara. O que foi? – perguntou desconfiado.

– Eu vou entrar e pegar esses relatórios! – respondeu Pedro se preparando para sair do Q3.

– Vai pressioná-lo e depois? Vai matar Raed Khalil?!

– É isso mesmo que eu vou fazer. – Pedro abriu a porta do carro.

– Espere! Você realmente acha que ele vai falar onde estão os relatórios? Estamos observando Khalil e até agora ele parecia bastante devoto ao islamismo. E com quem ele tem contato? Parou para pensar?! São pessoas fanáticas, Pedro. Ele vai preferir morrer a entregar aqueles papéis. Seremos expostos! Não vai fazer nenhuma merda agora, porra! – Julius ficou irritado e Pedro voltou atrás.

– Merda! – exclamou batendo a porta do carro.

– Pega leve, está certo?! – advertiu Julius.

– O que sabemos agora é que tem mais um homem envolvido.

– Amjad.

– A ligação foi feita para Sharjah. Próximo do horário do outro telefonema, para Madij.

– Tem razão. – disse Julius observando as chamadas registradas. – Mas dessa vez, ele parecia estar um pouco nervoso.

– Preocupado, eu diria.

– O que você acha?

– Amjad é o homem de confiança dele, para ter se envolvido no projeto e aceitado desenvolvê-lo.

– E Khalil estava ansioso porque temia que Amjad recusasse a proposta.

– Exato. Contudo, Khalil tinha astúcia para convencê-lo.

– Precisamos pegar aqueles relatórios o quanto antes! – aflito, Julius pegou o celular para contatar Christian.

– O que eu estava tentando fazer!? – respondeu Pedro, com hostilidade.

– Mas não do seu modo.

Pedro o olhou de canto de olho, impaciente, e acendeu um cigarrilho.

– Christian, nós conseguimos uma confirmação de Khalil. Todos os relatórios estão com ele. Mas, temos que pegá-los antes que ele mande para um cara, chamado Amjad, que irá fazer a roupa.

– Ok. Vocês viram se ele levou para dentro da casa?

– Não tiramos os olhos da tela, ele não trouxe nada para cá.

– Hum... vasculhem toda a sala dele, novamente. Em alguns minutos, André chegará aí para pegar o venezuelano. Os dois irão para a faculdade, enquanto isso, você ficará atento com Khalil.

– Afirmativo, Christian. – Julius desligou a chamada.

Não sabia definir o que apavorava mais. Andar sozinha pelas ruas da faculdade durante a noite, rodeada de árvores e arbustos que poderiam ser

confundidos por algo extremamente assustador criado pela mente humana ou ficar parada observando aquela casa desativada envolvida por altos troncos de árvores secos e por galhos e folhas que cobriam todo o chão de terra batida. As janelas de vidro empoeiradas, algumas delas quebradas, e as paredes sem tinta com os tijolos à vista, além das vigas de madeira expostas que faziam a cobertura frontal, onde o telhado estava quebrado, não perdia para nenhum cenário de filme de terror japonês.

Havia chegado até ali e não poderia me abalar com coisas criadas pela minha imaginação, mesmo que eu tivesse ouvido falar muitas histórias daquela casa. Algumas pessoas contavam que já ouviram barulhos de passos e de objetos caindo no chão, correntes e portas rangendo, sem haver ninguém lá dentro. Outras dizem terem visto aparições, só por ter curiosidade em olhar pela janela do lado de fora.

Seja o que for, eu não poderia perder a oportunidade de pegar o que Raed Khalil guardava a sete chaves. Sentei atrás do arbusto e esperei um momento em que não houvesse tantas pessoas na frente da lanchonete. Não queria causar alarde e seria um grande erro se alguém me visse. Não tinha a intenção de virar notícia do dia seguinte, e a faculdade inteira souber quem havia pegado os documentos do professor Raed Khalil. Sem dúvida, as pessoas apontariam os dedos para mim como se estivéssemos em séculos passados, querendo me ver queimando na fogueira. Posso até ouvir as vozes “Foi ela, a faxineira!”.

Olhei para o relógio e já passava da uma da manhã. A lanchonete estava fechando e muitos jovens estavam bêbados. Achei que seria esse o momento. Então, levantei e corri para a lateral da casa. Olhei ao redor, e agradei por aquela escuridão me ajudar naquele momento aflito; ninguém havia notado a minha presença. Meu coração batia tão forte que era audível

sem precisar de qualquer estetoscópio. Andava devagar para não fazer muito barulho ao pisar nas folhas secas, até que consegui chegar à porta da frente. Coloquei a chave e forcei a tranca, mas nada adiantou. Olhei para trás e me assustei com um jovem bêbado sozinho, no meio da rua, observando-me. Cambaleou meia dúzia de passos em minha direção, e então me imaginei num filme de zumbi de quinta. Entrei em desespero e corri para trás da casa para me esconder. Tentei me acalmar e voltei a olhar para a rua, mas o jovem não estava mais lá. Por um lado foi bom, não teria testemunhas, por outro, preferi não saber como ele desapareceu e nem pensar se a minha mente começou a me pregar peças. Respirei fundo e tentei me concentrar. Logo que comecei a andar ao redor da casa, encontrei uma porta na lateral dos fundos. Testei a chave e ela perfeitamente se encaixou.

Liguei a lanterna e me surpreendi com o que vi.

A casa era pequena, mas não podia imaginar que pudesse estar tão bagunçada. Havia grandes quantidades de computadores e aparelhos de informática antigos, empilhados junto às mesas e as cadeiras quebradas. Equipamentos e máquinas que estavam desativados eram jogados em um cômodo, cobertos por teias de aranhas e muito pó. Estantes antigas com a estrutura em aço estavam encostadas uma ao lado da outra em uma parte da casa, além de alguns gabinetes de madeira mofados e apodrecidos.

Abri e vasculhei todas as gavetas e compartimentos por onde a lanterna pode iluminar, percorri todos os lugares daquela casa e revirei os objetos que estavam jogados no chão, mas o que eu havia encontrado era apenas muita sujeira. Parei por um instante e pensei, “Ter trazido aqueles papéis para cá, onde ninguém procuraria, além de colocar a chave desta casa dentro de um peso de papel, já não seria o suficiente para escondê-los?!”

Então, passei a expandir o meu foco direcionando a lanterna para os móveis mais expostos, como as prateleiras e estantes sem portas, sem minudência. Quando estava voltando para o primeiro cômodo em que entrei, a lanterna iluminou uma pequena caixa retangular de madeira em cima de uma bancada próxima à porta de entrada que havia passado despercebida. Andei até ela e notei que estava limpa. Tão limpa que era possível distinguir a gravura em sua madeira, diferente de qualquer outro objeto colocado naquele lugar.

Meu coração acelerou. Abri a caixa e vi todos os papéis lá dentro. Rapidamente, peguei todos eles e os dobrei o suficiente para caber dentro do bolso do meu casaco. Fechei a caixa e tranquei a porta como antes estavam. Em seguida, pulei os arbustos e corri até onde meu fôlego pudesse aguentar.

– Pedro, os vigias passam por aqui a cada meia hora. Eu vou subir e mantemos contato pelo rádio. – disse André colocando as câmeras e os microfones dentro da sua mochila.

– Ok. Desta vez, Julius está com o árabe. Terá mais tempo para procurar. – Pedro passou uma lanterna para André.

– Fique atento com qualquer um, até com a tua sombra. – alertou.

Todos os corredores da faculdade de química possuíam portas com travas eletrônicas, sendo possível acessá-las apenas com a digitação do código de cadastramento ou através da leitura magnética do cartão de acesso. Além disso, o interior do prédio era vigiado por dois homens durante toda a noite. Assim, aliando as habilidades de André, os dois

decidiram que escalar o prédio seria a maneira mais fácil e rápida de se entrar na sala de Raed Khalil.

Assim como na primeira vez, André escalou o prédio, destravou a janela da sala e entrou. Iluminou a comprida mesa de madeira e verificou os papéis em cima dela, mas eram apenas trabalhos de alunos. Focou nas duas estantes que estavam cheias de livros técnicos e de pastas de documentos. Retirou as pastas e as colocou em cima da mesa, em seguida, abriu cada uma delas, encontrando mais e mais papéis sem importância. Dirigiu-se para o estante bar e verificou todas as prateleiras e armários de cima a baixo, mas não havia nada menos que as garrafas Lagavulin e Johnnie Walker, além de variados tipos de chá, água e biscoitos.

Ficou surpreso ao notar que as garrafas ainda estavam com o lacre e as xícaras de chá estavam usadas, contudo, logo se lembrou da religião de Raed, fazendo-o pensar que as bebidas fossem para os visitantes. André se virou e sua lanterna clareou a parede que continha o quadro enorme com o Burj Al Arab. Chegou bem próximo dele e tentou movê-lo. No momento em que conseguiu afastá-lo alguns centímetros da parede, um envelope pardo caiu no chão. Esperançoso, André o abriu ligeiramente, descobrindo alguns comprovantes bancários da conta na Suíça. Ao observar o valor contido neles, ficou intrigado, como da outra vez, mas logo os colocou de volta e continuou a procurar pelos relatórios. Minutos se passaram e André havia vasculhado todos os móveis da sala, onde não encontrou nenhum sinal dos relatórios de Yaacov Baum.

– André, está na escuta?!

– Afirmativo, prossiga.

– Uma mulher está entrando no prédio. Está cumprimentando um dos vigias.

– Estudante?

– Não consigo ver muito bem daqui, mudarei de posição, mas ficarei de olho. – Pedro se dirigiu para um lugar onde pudesse ter uma visão mais ampla tanto internamente quanto do exterior.

– Se ela conseguir passar pelas portas dos corredores, então deve ser uma estudante.

– Espere... – alertou Pedro enquanto observava, através do binóculo, as janelas de vidro e os corredores externos a procura da mulher. – Achei. Ela já está no segundo andar.

– Ok, então não vamos nos preocupar com ela. Algum sinal de Raed Khalil ou de Euclides?

– André, ela não está com nenhuma mochila... não parece ser estudante. Está se dirigindo para o último andar agora.

– Consegue ter visão do andar? – André começou a se preocupar.

– Não, está muito difícil, muito escuro. Vejo só as sombras de quando ela passa pelo corredor pela parte externa. Por que alguém ficaria andando no escuro pelo prédio todo?!

– Fique atento se Euclides aparecer...

– André, saia daí!!! Agora!!! – exclamou ao notar a claridade de uma lanterna aparecendo pelos buracos de passagem de ar do corredor, onde tinha as salas dos professores.

– Estou ouvindo algo! – respondeu ele, apreensivo.

– Saia!!!

– Alguém está na porta. – André, rapidamente correu para trás do estante bar ao ouvir o barulho da tranca.

Através do vão entre a parede e a estante, André viu a porta ser aberta lentamente e, segundos depois, pode observar o contorno do corpo de uma

mulher que carregava uma pequena lanterna em sua mão direita. Ela andou até a mesa do professor e retirou algo do bolso de seu casaco, mas que André não conseguia enxergar. No meio da escuridão e sem que ele percebesse, Beth devolveu a chave e, naquele momento, notou algumas pastas de documentos em cima da mesa. Tendo o conhecimento do comportamento metódico de Raed, ela desconfiou que alguém tivesse entrado lá e, imediatamente, mirou sua lanterna para a estante que estava com alguns lugares vazios. Sentindo-se aflita, ela deixou o local rapidamente.

Depois disso, André saiu detrás do estante bar e começou a instalar as câmeras e escutas em alguns pontos da sala.

– André? Tudo ok?

– Afirmativo. Ela esteve aqui.

– Conseguiu vê-la?

– Nada que pudesse identificá-la...

– Estou a vendo sair do prédio correndo... Mas acho que nunca a vi antes.

– O que faria uma mulher, há essa hora, percorrer os corredores no escuro, usando apenas uma pequena lanterna, ao invés de ligar o interruptor? – perguntou André enquanto colocava as pastas de volta na estante.

– Permanecer no anonimato.

– Mas ela cumprimentou o vigia, certo?

– Eu a vi sinalizar logo na frente do prédio. Ela deve conhecer o vigia.

– Ela pode conhecer o vigia, mas não queria que ele soubesse aonde ia.

Por isso ficou no escuro o tempo todo. – supôs André.

– E só utilizou a lanterna quando sabia que não havia ninguém por perto... – disse Pedro, pensativo.

– Ela deve saber algo sobre Khalil... algo podre, eu digo.

– Se ela for alguma professora ou algum funcionário daqui e souber um quarto do que sabemos... isso é o suficiente para querer tramar alguma coisa.

– Sim, pelo jeito, ela deve estar conspirando contra o árabe. Estou descendo. Me aguarde na praça, estou indo para lá! – André finalizou a instalação dos equipamentos e saltou pela janela.

Enquanto Pedro aguardava dentro do carro, André fazia presunções da mulher que havia visto. Pouco tempo depois, a porta do carro se abriu.

– Pronto.

– Relatórios?

– Não tem nada lá. – respondeu André, pegando o seu celular. – Chris, nós estamos voltando. – contactou o parceiro.

– O que conseguiu?

– Os relatórios não estão aqui.

– Verificou dentro da casa?

– Não tiramos os olhos dele. Ele não levou para lá.

– E aquela casa que ele foi hoje de manhã?

– A casa abandonada?

– Sim, nós o vimos saindo de lá, quando estávamos seguindo o cozinheiro.

– Ok. Estamos indo. – André finalizou a chamada.

– Como pude ter esquecido!!! Merda! – irritado, bateu com o punho em cima do porta-luvas do carro. – Vamos entrar naquela casa perto da praça, Pedro!

– Ok, vamos lá.

Pelo horário da madrugada, não se via mais pessoas nas ruas da universidade. Pedro dirigiu até aquela casa com os faróis desligados para não chamar a atenção da vigilância.

A escuridão ajudava aos dois a se esconderem e a entrar na casa sem serem percebidos. Pedro arrombou a tranca de uma das janelas laterais, por onde conseguiram entrar. Demoraram alguns minutos lá dentro. Reviraram os móveis, vasculharam todas as gavetas, caixas, gabinetes ou qualquer outra coisa que estivesse fechada e não encontraram nada. Pedro começou a ficar impaciente.

– Vamos embora, não tem nada aqui!

– Tem razão, Pedro. Não está aqui. Aonde aquele árabe enfiou aqueles relatórios! Merda!

– Nosso tempo está acabando. Ele irá enviá-los para Sharjah a qualquer momento.

– Vamos voltar. Conversarei com o Christian sobre o que vimos.

– Ok, mas para mim... isso continua sendo uma perda de tempo. – disse Pedro, inconformado.

– Não é você quem decide isso. Se você tivesse feito a merda que queria, de coagir Raed antes de sabermos quem ele era, ia ter nos metido numa briga que você não sairia vivo para contar a história depois. – disse André, irritado. – Concordo que nós precisamos pressionar o árabe... mas no momento certo, pois quando fizermos, ele não terá mais volta.

– Amanhã, André. Esperarei até amanhã.

Capítulo Quinze

Trim...trim...

– Raed.

– Olá Khalil. Como vai?

– Oi querida! Tenho algo para te contar. – disse ele entusiasmado.

– O que é?

– Não, não vou dizer agora...

– Por que não? Está me deixando curiosa...

– Hum... o que você acha de jantarmos hoje?

– Me diga sobre o que é. – insistiu ela.

– Irei te dizer... se aceitar o jantar. – Raed deu um pequeno sorriso.

– Hum, finalizou alguma pesquisa e agora quer sair para comemorar, é isso? – tentou adivinhar.

– Querida, hoje à noite eu te contarei.

– Bom, então... eu te ligo mais tarde para combinarmos, ok? Liguei para saber se estava tudo bem.

– Perfeito. Então, até mais tarde! – Raed se despediu segurando seu casaco em um dos braços, pronto para ir à faculdade.

– Vamos Julius. Hoje nós pegaremos aqueles malditos relatórios. – disse Pedro aguardando a saída de Raed Khalil.

– Hoje?!

– Uma hora dessas, Christian já deve estar por dentro do que aconteceu ontem. Não podemos mais esperar.

– O árabe parece ter acordado contente hoje, não?! E essa mulher? Acha que ela está envolvida?

– Localizou a chamada?

– Hum... sim. Aqui está. – Julius olhou o endereço através do computador. – O lugar fica no centro da cidade. Ela discou de um telefone público.

– Se ela tivesse envolvida nisso, ele já a teria comunicado. – Pedro ficou pensativo.

– Só um *affaire* então?!

– Julius, dê uma olhada no lugar enquanto eu sigo o árabe. – disse Pedro logo que viu o carro de Raed Khalil deixar a garagem.

– Ok. Estou indo. – Julius saiu do Q3 e pegou um táxi.

Com apenas alguns estabelecimentos abertos, o centro comercial da cidade demorava a acordar. As padarias e bancas de jornal atendiam a freguesia, enquanto as lojas de móveis e vestuários só eram abertas mais tarde. As calçadas eram bem largas, ornamentadas em ladrilhos, capazes de suportar o grande movimento de pessoas sem se tornar desconfortável.

Julius deixou o táxi assim que chegou ao endereço. Andou a rua inteira, onde havia apenas quatro telefones públicos, um em cada esquina. Verificou todos eles até descobrir o telefone. Em seguida, ele andou pelas ruas ao redor na expectativa de encontrar um local de hospedagem, contudo não encontrou nada além de casas comerciais, fazendo-o pensar em excluir as hipóteses de envolvimento daquela mulher. Então, ele pegou novamente o táxi e, minutos depois, encontrou-se com Pedro na faculdade.

– Encontrou algo sobre aquela mulher? – perguntou o venezuelano, logo depois que Julius entrou no carro.

– *Cof, cof... cof!!* Porra, Pedro. Está maluco?! Como consegue ficar aqui dentro com tanta fumaça!?

– O vidro está aberto.

– Aberto!? Por esse vão que você deixou não passa nem o seu cigarro. – disse Julius abaixando todo o vidro da janela do carro.

– E a mulher?

– Não encontrei a mulher, mas o telefone que ela usou fica numa rua comercial, não há nenhuma hospedaria por perto, por isso, eu acho que ela deve trabalhar em algum dos estabelecimentos. Não vamos gastar nosso tempo com ela!

– Ok, então hoje à noite iremos entrar na casa do árabe!

– Christian...

– Christian já deu a ordem. Se Khalil não sair daqui com os relatórios, iremos pressioná-lo na casa dele.

– E quanto ao cozinheiro, o que eles disseram?

– Ele não sabe onde a Beatriz está, aliás, quem aqui sabe?!

– Depois que tivermos os relatórios, o Coronel Torres contratará um pesquisador para fazer a roupa.

– Não.

– Não, o quê?!

– O Coronel León não vai aceitar outro pesquisador brasileiro, depois da tentativa de fraude de vocês!

– Fraude?! Você que levou o seu Coronel lá no subsolo e mostrou aqueles relatórios...

– ...Falsos. – completou Pedro.

– Mas foram as únicas coisas que Yaacov e Beatriz nos deixaram. Não fomos nós que falsificamos aqueles relatórios! – ele se exaltou.

Pedro olhou para o Julius com desdém, ao mesmo tempo em que dava uma longa tragada em sua cigarrilha.

– Ooh... – liberou a fumaça pela boca.

– Qual é o seu problema?

– Isso me deixa enjoado...

– Jogue isso fora. Quantos desse você já fumou?

– Estou me referindo a você. Esse papo está me dando ânsia de vômito.

– Vai se foder. Você que mostrou ao Coronel León aqueles documentos.

– Se são falsos, por que eles estavam lá?! Fui designado a acompanhar toda essa negociação. Apesar de ter avisado ao León sobre a reputação de vocês, eu ainda não tinha como provar, até o momento em que vi aqueles relatórios no subsolo. Vocês estavam com aquele documento o tempo todo lá embaixo e diziam que não havia nada?! O que eu mostrei ao Coronel só comprova que não devemos apostar tudo em vocês.

– Christian estava certo. Foi você quem matou o pesquisador.

– O Coronel Torres não aceitou colocar um pesquisador venezuelano para desenvolver a roupa. Nós também não vamos aceitar o de vocês.

– Então você não matou a garota... – Julius disse pensativo.

– Está maluco?! Ninguém sabe onde ela está; e com esse impasse, ela é a única que poderá fazer a roupa.

– E o cozinheiro não está progredindo. Eu já volto, fique atento com Khalil. – Julius saiu do carro.

Enquanto Tomaz estava em pé na parte aberta do corredor do prédio conversando com o rapaz de boina cinza, que gesticulava as mãos o tempo todo, Christian o observava através das lentes do seu binóculo e André

retornava a casa abandonada para procurar os relatórios, aproveitando a luz do dia a seu favor.

Antes mesmo de perceber que o rapaz na frente de Tomaz era o mesmo que possuía a máquina Polaroid, Christian levou um susto pela maneira súbita e bruta de que Julius abriu a porta do Pálio.

– Que diabos! Por que não está com Pedro? – disse Christian, irritado, olhando para aquele corpo enorme que tinha dificuldades para sentar no banco. – Como consegue caber aqui dentro?! – a parte direita do carro se rebaixou.

– Você tinha razão. – disse Julius fechando a porta.

– Do que diabos você está falando?

– Pedro.

– O que ele fez?!

– Ele se livrou do pesquisador. Ele disse isso para mim.

– Filho da puta! E da garota também, suponho.

– Não. Eles planejaram matar o pesquisador porque pensaram que estavam sendo enganados depois que o León viu os relatórios falsos. Por isso, não aceitarão que o Coronel Torres coloque outro pesquisador para fazer a roupa, se não for um venezuelano.

– Eu sabia. Foi o que eu disse! E o Coronel não vai querer nenhum vizinho vigiando o desenvolvimento da roupa.

– Exatamente. Por isso, ele precisa da garota. Você estava certo em ter desconfiado dele naquele momento.

– Fique na cola de Pedro hoje à noite para que ele não faça nenhuma besteira antes da hora.

– O que faremos com o cozinheiro? Mesmo que peguemos os relatórios com Raed, como vamos fazer se ninguém sabe onde ela está?

– O Coronel Torres tem outro plano para isso. Mas o que interessa agora é o que estamos armando para hoje. Fizemos uma reunião quando chegamos aqui. Você encontrou a mulher com quem o árabe está saindo?

– Não, a chamada foi rastreada e eu encontrei o telefone público que ela usou, mas ela não estava em nenhum lugar por perto.

– Ele comentou sobre o projeto da roupa com essa mulher?

– Não disse nada. Até onde sabemos, ela não parece ser uma ameaça para nós.

– É muçulmana?

– Quando a vi de relance, não usava roupas características. – respondeu Julius tentando se lembrar da mulher na casa de chá.

– Sobre hoje à noite, você ficará com Pedro do lado de fora da casa. Vigiarão se haverá aproximação de alguém suspeito, enquanto isso, eu entrarei na casa com André e cuidarei do árabe.

– Entendido. – disse Julius abrindo a porta do carro.

– Mais uma coisa... fica de olho naquele ianomâmi!

– Pode deixar. – Julius empurrou a porta rudemente e quando saiu do carro, de repente seu corpo se chocou contra uma senhora, fazendo com que ela se desequilibrasse e deixasse cair alguns livros e o jornal que levava em uma das mãos.

– Seu bruto! Olha o que você fez!?! – disse a senhora de maneira irritada.

Julius a olhou com desprezo e quase pisou nas coisas que estavam espalhadas no chão.

– Vamos! Pegue o que você derrubou! – exigiu ela, apontando com seu dedo para baixo.

Julius olhou para o chão e viu o jornal, que destacava em primeira página uma notícia que seria um refresco para os olhos de Christian. Então ele se abaixou rapidamente, pegou o jornal e o segurou contra o vidro o carro.

– *Toc, toc...* Dá uma olhada nisso, Chris! – bateu duas vezes na janela com sua pesada mão.

– Ei, seu mal-educado! Esse jornal é meu! – resmungou a senhora. – Vou chamar a polícia!

– Calma, senhora. – Christian saiu do carro apresentando sua identificação militar, mas mal conseguia ser visto pela mulher idosa que usava um grosso par de lentes.

– Esse homem é um grosso, mal educado! – ela apontava para Julius.

– Ok... ok... já entendi. Vamos resolver esse problema. – Christian se virou para Julius e retirou sua carteira do bolso da calça – Julius, saia daqui agora. – cochichou ele.

– Ei... brutamontes! Aonde você vai?! – gritou a mulher.

– Fique calma, senhora. Estou resolvendo o problema aqui. Então pare de berrar. – disse Christian recolhendo os pertences dela que estavam no chão.

– Isso não vai ficar assim, eu irei denunciar aquele homem! – ela continuava resmungando.

– Não, você não vai. Aqui estão as suas coisas, senhora. – entregou em mãos. E este dinheiro é pelo jornal. – Christian deu uma nota para mulher que a fez ficar calada. – Não quero ouvir mais nenhum pio. Agora saia da minha frente.

A senhora não pensou duas vezes. Pegou o dinheiro e as suas coisas e depois saiu de lá rapidamente. Logo em seguida, Christian voltou para

dentro do carro com o jornal nas mãos.

Cansado por não ter tido uma boa noite de sono, devido à imagem de Giselda que vinha em sua mente a todo o momento, Tomaz tentou esporecer. Fez uma pequena corrida pela manhã, onde podia sentir em sua pele o ar frio e o frescor das gotas orvalhadas que caíam das folhas das árvores. Em seguida, foi para a faculdade e não demorou muito para que suas lembranças da noite anterior voltassem à tona quando encontrou com Túlio no corredor.

Sempre muito bem educado e animado, Túlio o cumprimentou, porém não conversaram. Saiu em seguida andando apressadamente, o que não era uma atitude muito comum quando se tratava dele. Estranhando o comportamento do rapaz, Tomaz perguntou em voz alta se havia acontecido alguma coisa, mas não obteve resposta.

Estupefato, ele não entendeu o que havia acabado de acontecer. Contudo, pouco tempo depois, suspeitou de que aquela atitude fosse consequência de ter observado a demonstração de afeto por Alex na lanchonete. Mesmo que talvez não seja um problema para Túlio, o acontecimento na noite anterior poderia causar uma grande confusão se viesse aos ouvidos de Sara. Dessa maneira, não era de se surpreender se Tomaz não encontrasse o parceiro de Sara naquela manhã.

Durante a tarde, procurou por ela que também não apareceu, fazendo levantar a hipótese de que a notícia já havia se espalhado. Além disso, tentou conversar com os professores Euclides e Raed Khalil, que lhe davam a resposta de estarem em uma reunião que duraria até o final do expediente.

Apesar das aulas de férias terem terminado, Tomaz ainda conseguia ter acesso a alguns lugares da faculdade. Seu cartão de identificação não havia expirado, o que lhe dava mais algum tempo para conseguir informações sobre os relatórios e, conseqüentemente, sobre Beatriz.

Mesmo pressupondo que talvez não fosse mais ver sua amiga novamente, ele só iria ter sossego quando conseguisse entender o envolvimento dela com a IQN. Pensou que as respostas para suas dúvidas seriam encontradas primeiro, através dos relatórios de Yaacov Baum; e em segundo, utilizando os conhecimentos de Sara, que teve um prévio acesso a eles. Por isso, não podia perdê-la de vista, embora nunca tivesse conhecido uma pessoa que fosse tão difícil de lidar. Não tinha conseguido nenhum contato dela, tendo de se contentar apenas com o número da porta do laboratório.

A tarde estava indo embora, assim como Tomaz, que se levantou do banco do corredor da faculdade, cansado de esperar. Os professores Euclides e Raed Khalil ainda não haviam saído da suposta reunião, e Sara, assim como Alex e Túlio, também não apareceu.

Enquanto andava em direção ao estacionamento, por um momento, sentiu um vazio. Fazia algum tempo que estava naquela cidade e até agora não havia conseguido o que queria, deixando-o desesperançoso. Entretanto, ele conheceu poucas pessoas ao acaso, que acabaram fazendo parte da sua vida durante sua estadia naquele lugar. De qualquer forma, a solidão se afluava quando começava a pensar em sua vida fora de lá. O que seria dele sem Beatriz e Giselda, que eram consideradas membros de sua família. Com seu pai cuidando da avó em Portugal, seus amigos, muitos deles casados e constituindo famílias, e ele administrando o Tradicional Café com Gabriel. Então, por um momento, ele percebeu que a atitude que havia

tomado em sair de sua cidade ia além da procura por Beatriz. Era uma busca por felicidade, paz interior e acima de tudo, por amor.

Através das câmeras instaladas na sala, Pedro pode observar Raed Khalil retirando a chave escondida de dentro do peso de papel e saindo da sala em seguida.

Minutos depois, Raed chegou a sua casa e foi às pressas tomar banho. Enquanto isso, Julius observava a rua deserta pela janela do Q3 e Pedro acompanhava os passos do árabe pelo computador. Após o banho e usando roupas limpas, Raed entrou na sala que possuía paredes poligonais de vidro, onde frequentemente rezava. Colocou a chave sobre um balcão e foi para o centro da sala, iniciando a oração islâmica. Quanto mais o tempo passava, mais apreensivo Pedro ficava. Acendeu um cigarro enquanto aguardava a chegada dos outros dois, entretanto, não teve tempo de terminá-lo.

– Eles estão vindo aí. – disse Julius ao ver o carro se aproximar no início da rua.

– Já era hora.

– Espere, o que Khalil está fazendo?! – disse Julius ao vê-lo andar apressadamente em direção à garagem.

– Que merda! – exclamou Pedro ao ver a mesma imagem.

– Ei, André! Pare o carro, agora! – Julius gritou e gesticulou sua mão direita depois de ter abaixado o vidro do carro.

– O que está acontecendo?! – Christian se comunicou pelo rádio.

– Ele está saindo, está saindo! – respondeu Julius.

– Veja Christian... a garagem. – apontou André.

No momento em que o portão basculante abria de baixo para cima, lentamente, a frente do Ford Fusion Preto aparecia.

– Mas que diabos... – disse André, surpreso.

– É o carro do alarme, André.

– Hum?

– No dia em que você entrou na sala de Khalil, o alarme de um carro foi acionado e eu não consegui identificar de quem era.

– Você disse que o carro não era do árabe. – lembrou ele.

– Não tínhamos identificado esse carro antes, ele sempre usa outro.

– Ei Christian, o que vamos fazer? – Julius contactou pelo rádio.

– Vamos segui-lo. Vocês já o tinham visto antes com esse carro?

– A última vez foi quando ele retornou a faculdade e depois teve um encontro com aquela mulher. – respondeu Julius, recordando daquele dia.

– O filho da mãe troca de carro! – exclamou batendo com a mão direita sobre o painel do carro. – Como eu não percebi isso antes?! Veremos onde ele está indo.

– Qual o problema dele trocar de carro? – perguntou Julius, dando de ombros.

– O dia em que André entrou na sala do árabe pela primeira vez, ele estava negociando o desvio das verbas da faculdade. Então naquele dia ele voltou para a casa, trocou de carro e voltou para lá, por isso eu não me dei conta que Raed tinha chegado ao prédio, e eu não pude avisar André, que quase foi visto. E o filho da mãe faz isso durante noite, onde não há mais ninguém na faculdade. – disse Christian, desconfiado.

– Está me dizendo que o árabe troca de carro para que não pudesse ser reconhecido caso alguém aparecesse ocasionalmente por lá? – Julius tentava entender.

– Correto.

– A outra vez que ele trocou de carro, ele foi se encontrar com a mulher na casa de chá. Mas ela não me parecia ser suspeita. – respondeu Julius, lembrando-se daquela noite.

– Talvez ela não seja, mas consegue perceber que ele utiliza outro carro quando vai tratar de assuntos pessoais?

– Tem razão... – Julius ficou pensativo.

– Ei, Chris... Veja! Ele está voltando para a faculdade. – alertou André.

– Fique mais distante. Talvez ele vá à sala dele.

André e Christian se olharam ao ver o carro passar direto pelo prédio, virar a rua e pouco depois, estacionar próximo da casa que está para ser demolida.

– Pedro, passe com o carro na frente da casa e pare na próxima esquina. Quero que você e Julius fiquem do lado de fora da casa. Fiquem entre as árvores e não deixe que ninguém os veja. – ordenou Christian via rádio.

– Pare o carro aqui, André. Não vamos nos aproximar tanto da lanchonete. – disse Christian observando Raed Khalil sair do carro.

– Ok, vamos lá! – André saiu do carro e, rapidamente, correu para o meio das árvores junto com Christian.

Agachados, atrás dos arbustos que acompanhavam a calçada, eles conseguiram percorrer um longo trajeto até chegarem ao jardim sem serem notados. Ficaram parados, por um instante, observando ele ir para os fundos da casa. André avisou Julius pelo rádio.

– Está indo na sua direção. Quando ele entrar, dê o sinal.

Raed retirou a chave e uma lanterna da parte interna do seu paletó. Abriu a porta dos fundos e entrou em seguida, deixando-a aberta com pelo menos um palmo de distância. Julius pegou uma caneta laser vermelha do

bolso de sua calça jeans e sinalizou entre as árvores. Então, de imediato, Christian e André correram em direção aos fundos e andaram vagarosamente rente a parede da casa.

Enquanto Christian chegava próximo à porta, André espiava com cuidado o interior, através dos buracos das janelas. Contudo, os focos de luz provenientes da lanterna de Raed atravessavam, timidamente, as janelas empoeiradas, fazendo com que André se virasse para se esconder. Pelo fato de antes ter conhecido a casa internamente, ele conseguia saber em qual cômodo o professor estava através da claridade da lanterna. Olhou por uma das janelas da casa e então se surpreendeu com o que viu. Raed estava espantado. Segurando uma pequena caixa de madeira aberta em uma das mãos, ele a sacudia com força e ao mesmo balançava a cabeça de um lado para o outro, enfurecido. Colocou uma das mãos na cabeça e foi abaixando o seu corpo até se sentar no chão. Christian, sem saber o que estava acontecendo, deu um sinal de que ia entrar na casa, mas André negou imediatamente.

– O que está havendo, André? – Christian ficou preocupado.

– Espere... não entre agora... não entre... – cochichou.

– Meus relatórios!!! – Raed Khalil gritou ao mesmo tempo em que jogou a caixa contra a parede. – Ahh!! O filho da puta que pegou vai me pagar!!!

– Abortar! Abortar! – ordenou Christian após ouvir os berros de Raed.

– Chris, ele está indo em direção à porta. Saia daí, agora! – alertou André.

No momento em que Raed saiu da casa, Christian correu para o mato se jogando no meio dos arbustos para conseguir se esconder.

Raed Khalil trancou a porta e olhou em todas as direções com o pressentimento de que tivesse sendo vigiado. Andou com fúria até a frente da casa e ficou, por alguns instantes, de pé, com as mãos na cintura, encarando as pessoas que estavam na lanchonete. Não se importava se alguém o havia visto naquele momento, estava com tanto ódio que queria, a todo custo, descobrir quem o havia roubado. Logo depois, entrou no seu carro e voltou desolado para sua casa.

Com a missão cancelada, os quatro homens seguiram o professor e se reuniram brevemente. Christian entrou no Q3 em silêncio e concentrado, analisando o que havia acontecido. Tentava entender como alguém sabia onde os relatórios estavam escondidos antes deles, já que Raed os guardava cuidadosamente e estava sendo vigiado a todo o momento.

– Alguém está um passo a nossa frente. – Christian quebrou o silêncio após pensar na situação.

– Estava bom para ser verdade. – comentou Pedro com sarcasmo. – Quase pegamos o árabe.

– Quem poderia saber onde estavam àqueles malditos relatórios?! – disse Julius, repugnado.

– Hum... Euclides? – Pedro deu seu palpite.

– Ele é submisso ao árabe. Aquele gordo não teria coragem de colocar toda sua carreira, seu dinheiro... em risco. – respondeu André, pensativo.

– Euclides e o cozinheiro sabiam que os relatórios estavam com Raed... mas Euclides não sabe nada sobre o projeto... – Christian levantou uma hipótese.

– ...e estávamos vigiando o cozinheiro. Ele nem chegou perto daqueles relatórios. – completou André.

– Mas havia uma mulher que estava usando as pesquisas de Yaacov. – lembrou Christian.

– Sara. – respondeu André. – Eu estava na sala esse dia. O árabe intimidou Euclides para que ele conseguisse os relatórios, e então, aquele gordo teve que ameaçá-la para que ela devolvesse todo o material.

– Hum... mas tem mais uma. A mulher com quem ele está saindo. – respondeu Christian, desconfiado.

– A mulher da casa de chá?! Mas em nenhum momento vimos o árabe falar a respeito dos relatórios com ela. Todos os contatos que ele fez foi para fora do Brasil. – respondeu Julius.

– Ainda não sabemos nada sobre ela. – Christian respondeu olhando para a tela do computador de monitoramento. – Ei, Julius. Pegue a escuta! Raed vai falar com alguém.

– Nada ainda. Não está completando a ligação. – respondeu ele, também de olho no árabe. – Mais uma tentativa... não. Não completa.

– Como assim?! Não completa? – perguntou Christian, impaciente.

– Tem alguma coisa errada com ele. – André notou que Raed estava inquieto. – Ele disca o número do telefone, mas desliga imediatamente. Veja.

– Está agitado. Os relatórios terem sumido está deixando-o maluco. Ainda mais depois dele ter negociado com Amjad Ali e... – Pedro foi interrompido quando o telefone de Raed Khalil tocou.

– De onde é a ligação Julius? – Christian não tirava os olhos da tela do computador.

– Ah! É aquela mulher! O número é de outro telefone público! Aqui está o endereço. – Julius anotou em um pedaço de papel e passou para Pedro.

– Vão agora, vocês dois! Quero saber quem é essa mulher. – ordenou Christian, apontando para André e Pedro.

– Qual o restaurante que nós vamos hoje, Khalil? – perguntou ela, sem notar a voz trêmula do árabe.

– Não vamos sair hoje. – respondeu ele de maneira seca.

– O que aconteceu? Combinamos hoje de manhã que...

– Não vamos mais sair!

– Por que está falando desse jeito?

– Eu não estou bem para sair hoje. Eu não...

– Khalil, o que aconteceu? Por favor... fale comigo. – insistia ela, preocupada.

– Eu fui roubado! – disse ele, exaltado.

– O quê?! Te machucaram?! Onde aconteceu isso? O que levaram?! – ficou apreensiva.

– Eu estou bem... eu... preciso ficar sozinho.

– Foi em sua casa, Raed? O que queriam?! – insistiu ela.

– Não, não! Levaram minhas pesquisas! Ah... se eu pego o filho da mãe que fez isso...

– Suas pesquisas? Você tem cópia delas, não?!

– Não! Eu não tenho! – exaltou-se. – Eu estava negociando-as... e ia levá-las para Sharjah... então eu pensei em você vir comigo para conhecer a minha terra natal... os Emirados Árabes. Isso era para ser uma surpresa... no jantar de hoje. Está tudo perdido, agora! – disse Raed, irritado – Me desculpe... eu só preciso ficar um tempo sozinho.

– O quê?! Eu não acredito nisso, Khalil... sinto muito! – lamentou ela.

– Querida, eu precisarei de um tempo para me recompor e... recuperar minha pesquisa, pode durar algumas semanas. – Raed estava inconsolável.

- Semanas?! – ela se assustou.
- Você sabe onde me encontrar. Estarei sempre na minha sala...
- Terá o tempo que precisar, Khalil. Sinto muito. – disse ela, desligando a chamada.

Capítulo Dezesseis

“Há mais de uma semana, o embaixador da Colômbia vem acusando a Venezuela, após ter apresentado supostas provas sobre a presença de guerrilheiros das FARC em território venezuelano, desgastando ainda mais as relações bilaterais entre os dois países.” – Christian via a reportagem pela televisão do apartamento, quando de repente, André abriu a porta.

– Não conseguimos chegar a tempo. A mulher já havia ido embora! Ela utilizou outro telefone público para fazer a ligação, desta vez, ficava a uma quadra do anterior. Não sei Chris, mas eu estou achando que dessa vez... o Julius possa estar certo. Talvez isso seja perda de tempo. – disse André parado ao lado da televisão e na frente de Christian.

– Conversei com o Coronel Torres logo que cheguei aqui. Contei a ele sobre as suspeitas que temos de Pedro e ele não ficou surpreso.

– O Coronel estava sabendo que Pedro armou a morte do pesquisador?

– Ele também tinha suspeitado, até o momento em que León telefonou alguns dias atrás admitindo o assassinato.

– É!? Por que ele falaria?! – André ficou surpreso.

– No telefonema, León alegou que estávamos o enganando, pois escondíamos partes do relatório do projeto da roupa na IQN sem ele saber;

e isso fez com que atrasasse o acordo. Mas, assim que o circo fechou para o lado venezuelano, ele veio pedir nosso apoio.

– Do que está falando? Um novo acordo? – perguntou sem entender o que estava acontecendo.

– Com essa iminência de guerra com a Colômbia, ele nos deu um pouco mais de tempo para conseguir os relatórios e Beatriz, em troca disso, ele está querendo mais armas para uso imediato.

– Mais quanto?

– Três vezes mais do que tinha sido enviado antes.

– Está de sacanagem!? O triplo!? O que o Coronel disse sobre isso?

– León está desesperado... e o Coronel sabe disso. Pois a briga não é só com a Colômbia, mas com os Estados Unidos.

– Que diabos!

– E o Coronel pretendia aproveitar esse momento de fraqueza da Venezuela para chantagear León.

– De que maneira?

– Com os relatórios em mãos e sem Beatriz, Torres havia planejado colocar outro pesquisador para fazer a roupa, em troca, enviaríamos o armamento que eles estão precisando.

– Mas estamos sem os relatórios. – disse André, preocupado.

– Não é só isso. Sem os relatórios, sem Beatriz... e o nosso tempo estava no limite.

– Por isso que Pedro estava surtando, querendo terminar com Raed Khalil... – disse André, pensativo.

– Agora, não temos nada. Apesar de que essa guerra entre vizinhos tenha vindo em boa hora. Ganhamos um pouco mais de tempo.

– Por que você disse que a briga é com os Estados Unidos?

– Não tem visto as notícias ultimamente, não é?! Olhe só... – Christian aumentou o volume da televisão e André se sentou na cama ao lado, estarecido.

– ...isso é uma mentira desmedida! Não vou tolerar essas acusações por que não estamos apoiando e nem temos nenhum guerrilheiro em território venezuelano. Isso sim é uma desculpa do nosso vizinho, para justificar a intervenção armada dos Estados Unidos! – em discurso, o presidente venezuelano dizia-se inconformado com as declarações colombianas.

– Mas Senhor presidente, o que você tem a dizer a respeito do dossiê do porta-voz e assessor das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia publicado pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres? – perguntou o repórter americano.

– O que eu tenho a dizer a você, repórter ianque, é que mesmo tê-lo lido do começo ao fim, não teve o atilamento de perceber que aquele dossiê está cheio de imprecisões e contém muitos erros factuais. – defendeu-se.

– Então, Senhor presidente. O dossiê publicado mostra muitas autoridades venezuelanas... – o repórter foi interrompido ao insistir no assunto.

– Não estou aqui para falar desse assunto. Esse documento é pouco confiável! – respondeu o presidente, em uma postura firme e com forte entonação na voz, encarando o rapaz.

– O Senhor presidente e outras autoridades venezuelanas pediram apoio as FARC para treinamento de milícias pró-governo? – o mesmo repórter americano voltou a questionar, mesmo após ter sido cortado.

– Do que é que você está falando, rapaz?! – respondeu o presidente, irritado.

– O dossiê informou que o presidente teria prometido doar duzentos milhões de dólares ao grupo por esse treinamento e para eliminar seus adversários políticos. – persistiu o repórter.

– Vai ao caralho, iaque de merda! Não estou ciente dessas acusações, essas mentiras! – respondeu o presidente, irritado, retirando-se da coletiva de imprensa.

– Após o presidente venezuelano ter se estranhado com o repórter americano durante a entrevista coletiva, ele foi escoltado até o aeroporto de Bogotá para voltar ao seu país, depois de dois dias de reunião com as autoridades colombianas. – disse um dos apresentadores do telejornal.

– Mesmo que o repórter tenha insistido falar sobre o dossiê, parece que o presidente não gostou do comportamento do americano. – comentou outro jornalista que dividia a mesa.

– Não gostou e soltou a língua. – a jornalista deu uma breve risada. – Embora ele talvez estivesse certo sobre as acusações. – ela olhou para o seu colega ao lado.

– Sim, ele estava certo. Até onde nós sabemos, o dossiê publicado pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, sobre o porta-voz e assessor das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, teve a legitimidade confirmada pela Interpol. – contou o jornalista.

– Além disso, em um trecho desse documento mostra um tratado de aliança entre o presidente venezuelano e as FARC, para o caso de dissensões com a Colômbia. Essa aliança permite que a guerrilha consiga armas de parceiros comerciais da Venezuela, através das exportações de petróleo. – relatou a apresentadora, passando o discurso para o seu colega.

– O dossiê mostra, em outro trecho, o empréstimo de grande quantidade de dinheiro que o presidente venezuelano fez às FARC para a compra de

armamentos. Além disso, é relatado um pedido feito do presidente e seu assessor de segurança à guerrilha, para assassinar o superintendente da agência de inteligência venezuelana. Insistimos para que dessem uma entrevista para o nosso jornal, mas o porta-voz do presidente não respondeu a nenhum dos nossos pedidos.

– A coisa está ficando preta para eles... e espero que não exploda para o nosso lado. – disse André, preocupado com as informações que foram divulgadas no telejornal.

– Se não cumprirmos o acordo... provavelmente exploda. Eles nos deram mais tempo. Não podemos desperdiçá-lo. – respondeu, pensativo.

– O que o presidente quis dizer sobre a intervenção armada dos Estados Unidos? – André pareceu preocupado.

– Como você pode estar tão alienado. Não se lembra?! – Christian ficou surpreso.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo?!

– Eu não acredito. – respondeu ele, inconformado.

– Ei, calma, calma... Ninguém me falou nada disso!

– Como não?! Não se lembra de quando o Coronel León esteve na IQN? Julius estava lá com Pedro e depois nos contou que o Coronel recebeu um comunicado urgente de Caracas tendo que retornar as pressas.

– Foi quando aconteceu aquela merda do Pedro ter mostrado os relatórios falsos para o Coronel. – disse André ao se lembrar da situação.

– No mesmo dia, o Coronel León retornou a Caracas por que a Colômbia havia anunciado um pacto multimilionário com os Estados Unidos para combater o narcotráfico.

– Isso é uma piada?! – André começou a rir.

– Hum... também não fazia muito sentido para mim, a princípio.

– Está me dizendo que um país, onde há meio século vive uma guerra civil entre a guerrilha e os paramilitares de direita e é responsável por mais de setenta por cento da produção de cocaína no mundo...

– ...está deixando que os Estados Unidos coloque suas tropas para combater o narcotráfico? Sim. E é uma completa hipocrisia. – respondeu Christian.

– Hipocrisia?! O governo colombiano utiliza o dinheiro proveniente do narcotráfico. – disse André com sarcasmo.

– Os Estados Unidos terem enviado as tropas para lá é uma justificativa para camuflar a intervenção deles no governo colombiano, a fim de estourar uma guerra contra a Venezuela.

– Além disso, com essa intervenção, os Estados Unidos, que já têm bases em Aruba, El Salvador e no Equador, conseguirá testar novos armamentos e desenvolver novas estratégias em terras estrangeiras...

– ...E quem sabe... comprar uma briga pelo petróleo da Venezuela. – concluiu Christian.

– Acho que compreendi a angústia do Coronel León. – André ficou pensativo.

– Por isso ele fez o acordo com o Torres. A urgência dele é que despachemos as armas, três vezes mais que o último carregamento, o quanto antes.

– Não estou gostando disso... uma hora vai estourar para o nosso lado. – disse André com mau pressentimento.

– Não é hora para se preocupar com isso. Temos que continuar procurando os relatórios e a garota. Estou pensando, o que foi passado despercebido? Alguém esteve a um passo na frente de nós e roubou os relatórios.

– E como que o árabe também não percebeu? Ele é bastante atento para que isso tenha passado despercebido.

– Julius terá que ver os vídeos de gravação novamente. Alguma coisa deve ter passado. Falaremos com ele amanhã. – Christian desligou a televisão.

Andando pelos cômodos da casa, Raed Khalil estava agitado, não conseguia dormir sem pensar em quem havia lhe roubado. A princípio, pensou em Euclides, que sabia o quanto ele cobiçava por aqueles documentos. Entretanto, não tinha conhecimento nem da área de pesquisa de Yaacov Baum e nem do valor que aqueles relatórios representavam.

– Aquele gordo não teria coragem de me roubar. Ele não seria louco de arriscar a carreira universitária dele; e ele sabe que do mesmo jeito que eu o coloquei aqui dentro... eu também o tiro. Eu troquei todas as fechaduras das portas de acesso daquela casa e ninguém mais tem a chave, aliás, quem iria lá? Está tudo para ser demolido. Não pode ser... – pensava ele enquanto andava pela casa. – Euclides não tem conhecimento nenhum, porque ele pegaria?! Hum... bem... ele pode não saber o que tinha naqueles relatórios... mas sabia que era valioso para mim. Será que ele pegaria aqueles relatórios para me chantagear por causa das verbas da construção dos laboratórios novos?! Não é possível!

Raed se sentou no sofá e ficou avaliando os fatos por alguns minutos. Contudo, de maneira inesperada, lembrou-se do estudante novo na faculdade que insistia em conversar com ele, mas nunca o deu a chance.

– Tomaz. Por que ele queria tanto as pesquisas do Baum?! – desconfiou ele. – De qualquer forma, como ele pegaria os relatórios? Não, não é isso. Tem alguma coisa errada com aquele rapaz.

Raed Khalil passou horas pensando nas possibilidades, mas estava chegando à conclusão de que o único que sabia da importância daqueles relatórios era ele mesmo.

– Hum, a aluna de Euclides também estava trabalhando com os relatórios e ficou relutante em devolvê-los. Bem, mas mesmo assim, ainda não era suficiente para ela ter o conhecimento do projeto. – receou. – Não... não posso suspeitar de Cintia. Ela... ela nem conhece o campus direito. Levei-a apenas uma vez para dar um passeio pela universidade. Comentei sobre o que eu estava pesquisando, mas que conhecimento ela teria sobre isso? Estou ficando louco! Ela nunca faria uma coisa dessas. Eu estava tão entusiasmado, planejando a viagem para levar o projeto ao Amjad e... era para eu tê-la convidado hoje no jantar. Iria adorar a surpresa de ir comigo para Sharjah. – pensou. – Ah! Que merda! Onde foi parar esses relatórios! – Raed exclamou, irritado.

No dia seguinte, ele andou furioso pelos corredores da faculdade com os passos firmes, olhando nos olhos de cada pessoa que se deparava com ele. Encarava-os insistentemente como se qualquer um fosse suspeito. Entrou em sua sala e, logo em seguida, ligou para a secretária comunicando que todas as suas aulas estariam suspensas naquele dia. Ele estava exausto e angustiado. Sentou-se em sua poltrona branca e olhou, fixamente, o enorme quadro de Burj Al Arab pendurado a sua frente. Enquanto uma fúria imergia dentro de si, pegou o telefone e chamou Euclides a sua sala.

– Khalil, recebeu meu e-mail? – perguntou Euclides logo depois que pegou um copo de uísque no estante bar e se sentou em uma das poltronas.

– Não estou com cabeça para abrir o computador. Irei direto ao assunto.
– O que quer dizer? Aconteceu alguma coisa? – perguntou Euclides ao estranhar a reação do professor.

– Os relatórios do Baum foram roubados.

– Roubados?! Como? Entrou alguém aqui?! – espantou-se.

– Ah... Euclides. Sabe que eu fiz sua carreira aqui dentro, não sabe?! As campanhas para a eleição da reitoria começarão em breve. Apesar de faltar alguns anos para me aposentar, acho que ainda causo uma boa influência nos eleitores ao te apoiar. – Raed colocou um pouco de chá em sua xícara e se sentou na poltrona de frente para Euclides.

– Do que está falando?

– Se eu te indiquei para o cargo de reitor, então você terá boas chances de vencer as eleições. Estamos sempre apoiando um ao outro, trabalhamos em outros “negócios” juntos, certo?! – Raed o olhava fixamente.

– Sim... você sempre foi o meu tutor aqui dentro.

– Mas... da mesma forma que eu fiz você crescer, eu também posso te arruinar.

– Arruinar?! Que merda de conversa é essa, Khalil?! – exclamou Euclides, intrigado.

– O restante da verba da construção dos laboratórios já era para estar em minha conta. Você sabe que setenta por cento desse dinheiro é meu. Além disso, você sabia que eu estava atrás daquelas pesquisas. Qualquer pessoa poderia usá-las para benefício próprio, não acha?!

– Está achando que eu roubei aqueles relatórios?! – Euclides ficou irritado.

– Você era o único que sabia o quanto eu precisava deles. E outra coisa, o que aconteceu com o resto do dinheiro?

– Está brincando comigo! – Euclides levantou-se da poltrona. – Diga Khalil, por que você queria tanto os documentos do Baum? O que têm neles de tão importante? Não me venha elogiar os trabalhos dele e nem dizer que estava usando-os em suas publicações científicas. Vocês dois eram como cão e gato. Não fui o único a presenciar a rixa entre vocês enquanto ele ainda estava vivo. Seja para o que for que esteja usando os documentos dele, eu não tenho nada a ver com isso. Eu não roubei aquelas pesquisas! Depois dele ter desconfiado de que nós dois estávamos manobrando secretamente as verbas que a faculdade recebia, Yaacov mudou da água para o vinho e algum tempo depois apareceu morto. Eu não pretendo ter o mesmo fim que ele, Khalil. – respondeu, angustiado.

– O que a sua aluna estrangeira sabe?

– Está falando de Sara?! Ela não sabe de nada! Eu anulei o trabalho anterior dela. Agora ela iniciará uma nova pesquisa, mas na minha área. Está desconfiado até dela?!

– De qualquer um. Me entregue o trabalho dela, eu quero dar uma olhada.

– Eu joguei tudo no lixo, pois estava expulsando-a daqui. Peguei as folhas que faltavam do relatório do Baum e entreguei a você. Não ficamos com nada daquele material.

Por alguns instantes, os dois ficaram em silêncio. Raed Khalil pensava sobre as respostas de Euclides e ao mesmo tempo o confrontava. Subitamente, três batidas na porta quebraram o momento de tensão, mas ambos continuaram se olhando sem dizer uma palavra. Foi dada mais três batidas insistentes na porta.

– Professor Raed?! Está aí? Posso conversar com você? – disse Tomaz aguardando atrás da porta.

– Euclides, o que aconteceu com o restante da verba?

– Ainda desconfia de mim, não é Khalil!? Então, abra o teu e-mail e tire suas próprias conclusões. Eu estou voltando para a minha sala. – Euclides abriu a porta e Raed chamou pelo nome de Tomaz.

A princípio, Tomaz achou ter ouvido coisas e deu meia volta para ir embora. Entretanto, antes que ele pudesse dar o primeiro passo, mais uma vez ouviu o seu nome. Virou-se e observou-o acenando com uma das mãos para que entrasse. Surpreso, ainda sem acreditar que aquilo estava acontecendo, ele abriu um sorriso no rosto e, finalmente, entrou na sala de Raed Khalil.

– Sente-se. Aceita uma bebida ou algum chá? – ofereceu o professor.

– Não... não, obrigado. – estranhou a hospitalidade.

– Pois então, o que veio conversar comigo? – Raed perguntou, dissimuladamente, com um sorriso no rosto.

– Professor Raed, desde quando eu cheguei nesta faculdade, eu tenho te procurado porque gostaria de pedir alguns trabalhos do professor Yaacov emprestado.

– Sim, e do que precisa?

– Hum... alguns trabalhos de... – Tomaz sem saber o que dizer, parou de falar por um instante e se lembrou da pesquisa de Sara. – ...de síntese orgânica.

– Seja mais específico. – pressionou, o professor.

– É... sobre polimerização. – Tomaz suava frio.

– Está trabalhando com polimerização?!

– Na verdade, professor Raed, eu trabalho em uma indústria alimentícia e meu chefe sugeriu que eu fizesse algumas disciplinas no curso de férias,

este mês, para que eu tivesse maiores conhecimentos sobre o assunto. – respondeu Tomaz tentando enganar o professor.

– Que tipo de projeto a empresa está desenvolvendo? – insistiu Raed.

– Desculpe professor, mas isso é assunto confidencial da empresa. O que eu posso lhe dizer é que é sobre alguns processos poliméricos. – respondeu, aparentando-se tranquilo diante do professor.

– Como conhece os trabalhos de Yaacov Baum? Sabe que ele morreu recentemente, não?!

– Eu soube. Muito triste. Ouvi dizer que a faculdade perdeu um dos seus maiores pesquisadores. Eu não conheço os trabalhos dele, professor Raed, apenas pesquisei sobre o assunto no banco de dados da biblioteca.

– Bem... está vendo aquelas grandes caixas de papelão ao lado da estante? Ali tem vários trabalhos de síntese orgânica que você precisa. Fique à vontade para procurar, mas espero que esteja com tempo por que isso deve demorar o dia todo.

Tomaz foi em direção às caixas e se sentou no chão. Abriu a primeira e retirou um pedaço de papel do seu bolso da calça, onde tinha anotado algumas palavras chaves e os nomes dos relatórios que havia visto, anteriormente, com Sara e nos demais lugares.

Verificou todos os trabalhos da primeira caixa, e, logo em seguida, abriu a segunda fazendo o mesmo. Depois de quase uma hora, ainda tinha a esperança de encontrar na última caixa pelo menos um dos nomes anotados, entretanto, ele estranhou a facilidade com que ele entrou na sala de Raed e de deixá-lo procurar o que quisesse sobre Yaacov. Desconfiou de que havia alguma coisa errada. Depois que acabou de procurar os relatórios, ele se levantou do chão e ficou de frente para a mesa de Raed Khalil.

– Professor, todos os trabalhos estão nessas caixas?

Sem responder, Raed olhava pensativo para a tela do seu computador depois de ter checado o seu e-mail.

– Professor?

– Você já terminou de procurar o que queria?! – perguntou Raed, surpreso.

– Eu tenho os nomes anotados aqui, então fica mais fácil.

– Deixa-me dar uma olhada. – Raed estendeu uma das mãos para pegar o pequeno pedaço de papel. – Hum... interessante... – Raed ficou intrigado ao ver que as anotações eram de apenas dois relatórios. – Sinto te dizer, mas esses relatórios foram roubados.

– Roubados? Como assim?! – ele o olhou espantado.

– A minha teoria é que alguém queria muito... especificamente... esses relatórios que você tem anotado. Talvez a pessoa tenha encontrado algum valor naquela pesquisa... o que você acha, Tomaz?! – Raed o olhou fixamente.

– Eu estou surpreso com isso! Por que alguém faria isso?!

– É o que eu gostaria de saber de você.

– De mim?! O que está insinuando, professor Raed? – Tomaz o olhou desconfiado.

– Eu irei descobrir quem foi que me roubou. E essa pessoa irá pagar pelo que fez. – ameaçou.

– Muito bem. Eu nunca tive acesso a eles, se é o que quer saber. – Tomaz se sentiu ofendido e caminhou até a porta. – Professor, eu agradeço por ter me recebido em sua sala. E... eu te desejo sorte para encontrar aqueles relatórios. – respondeu ele, com ironia, ao se lembrar dos homens da IQN. – Até mais professor Raed! – despediu-se fechando a porta da sala.

Preocupado, Tomaz saiu pelo corredor em passos acelerados pensando se o professor havia desconfiado dele, depois de ter dito algo possivelmente errado sobre as pesquisas de Sara. Queria sair daquele prédio o mais rápido possível, antes que Raed tivesse a chance de abordá-lo com mais perguntas.

No momento em que chegou ao estacionamento, ele viu Alex e Sara entrarem no carro; e então, correu em direção aos dois gesticulando com seu braço esquerdo.

– Ei, espere! Ainda bem que encontrei com vocês. – disse ele ofegante, quase debruçando seu corpo sobre o capô do carro.

– Já estávamos de saída. – respondeu Alex, rispidamente, ao volante.

– Espere um minuto, Alex. – pediu Sara. – Diga Tomaz, por que está desesperado?

– Posso entrar aí?

Sara e Alex se entreolharam.

– Entre e seja breve. – respondeu ele, destravando as portas traseiras.

– Bom, irei direto ao assunto. Sara, finalmente consegui ter uma conversa com o professor Raed.

– O quê?! – os dois se espantaram.

– Puxa, há algum problema nisso? – Tomaz não entendeu a reação deles.

– É... bem... claro que não! Eu só achei... achei ótimo ele ter te recebido, não foi?! – Sara tentava se justificar.

– Por um lado sim. Mas por outro...

– O que aconteceu?! – perguntou Alex, curioso.

– Hum... está tudo bem com vocês dois? – Tomaz ficou desconfiado.

– Prossiga Tomaz, está tudo bem. Por que veio correndo tão angustiado? – perguntou ela disfarçando sua curiosidade assim como Alex.

– Sara, por favor, me responda uma coisa. O trabalho que você estava fazendo com o Euclides, era sobre síntese orgânica?

– Era... por quê?

– Ufa!! Lembro que você havia comentado, mas não tinha certeza se era sobre isso mesmo. Raed perguntou se era esse mesmo o assunto que você trabalhava, mas... eu não lembrava ao certo. – ele disfarçou ficando um pouco mais aliviado.

– Mas o que vocês conversaram? – insistiu Alex.

– Raed me deixou olhar todos os trabalhos de Yaacov.

– Jura?! Não... – disse Alex sem acreditar.

– Mas na verdade, os trabalhos que eu precisava ver, não estavam lá. Foram roubados, acredita nisso?!

– Nossa... e ele sabe quem poderia ter sido?! – Sara ficou apreensiva.

– Ele não. Bom... ele pretende ir fundo para saber quem foi.

– Mas ele não disse se há algum suspeito... – Sara foi interrompida por Alex.

– Espere um pouco. O que você quer dizer com “Ele não”. Por acaso você sabe quem roubou?

– Não. Claro que não. Eu... tenho minhas hipóteses.

– Por exemplo...? – Alex queria ouvi-lo.

– Vocês conhecem a Beth? Uma das mulheres que fazem faxina na faculdade.

– A faxineira, Tomaz?! Não acredito que você está suspeitando de uma faxineira! Para quê ela roubaria aquilo? – repreendeu Sara.

– Uau! Cara, nessa você pegou pesado. – disse Alex quase soltando um riso.

– Não... é que...

– Vai me dizer que quando você não encontra algo em sua casa, daí você culpa a pobre empregada? – ele deu uma risada. – Está de brincadeira.

– Eu não quis dizer isso, Alex. – Tomaz começou a se irritar. – Por acaso vocês já conversaram com ela alguma vez?! Eu nunca vi alguém com tanta raiva de Raed como aquela mulher tem.

– Raiva?! – disse Sara sem compreender.

– Desculpe, talvez não seja raiva. De qualquer forma, ela não gostava de como o professor a tratava e acabou descobrindo algumas falcatruas enquanto limpava a sala dele.

– Hum, estou começando a gostar dessa Beth. – disse Alex, puxando um sorriso lateral no rosto.

– Então, ela queria encontrar provas para conseguir denunciá-lo.

– Nossa. Bem que ele merecia isso, aliás, não só ele, mas Euclides também. Eu ainda não consegui entender o que os relatórios que desapareceram tem a ver com isso? – perguntou Alex, pensativo.

– Beth desconfiou do professor e o seguiu até aquela casa que está para ser demolida. Percebeu que ele escondia algo lá. Então...

– ...então se ele esconde algo, é porque tem grande valor a ele. Sendo assim, ela pegou esse “algo” para poder chantageá-lo em alguma ocasião. – completou Sara.

– Sim, foi o que eu pensei. Na verdade, tanto faz para a Beth se o que ela pegou foram os relatórios ou algum outro objeto ou documento. Sendo de valor ou comprometedor é o que realmente importa. Ela quer se vingar. – contou Tomaz.

– Ah, então você não sabe se ela pegou mesmo aqueles relatórios?

– Não Alex, eu não sei. Estou supondo... além disso, eu nunca mais a vi na faculdade.

– Puxa... a faxineira. – disse Alex olhando para Sara.

– Bom, não vou mais tomar o tempo de vocês. Eu só queria tirar aquela dúvida com a Sara, porque imaginei que eu tivesse dito algo errado para Raed. Enfim...obrigado e até mais! – Tomaz se despediu e saiu do carro.

– Ei! Obrigada por me deixar informada! – gritou ela. Tomaz retribuiu com um piscar de olho.

Alguns dias se passaram e os homens da IQN continuavam a monitorar Tomaz e Raed, entretanto, sem conseguirem pistas dos relatórios e de Beatriz. A mídia publicava as notícias do conflito entre os países vizinhos parecendo não haver trégua entre eles, piorando cada vez mais as relações dos dois com o decorrer do tempo.

Ainda que consternado, Raed decidiu ligar para Sharjah. Não podia mais esperar. Ele teria que dar uma satisfação para Amjad Ali, por causa do atraso no envio dos relatórios. Aguardou o início da madrugada, como sempre fazia, devido ao fuso horário entre os países e pegou o telefone.

Mesmo após longas tentativas, ligando e desligando o telefone antes que alguém pudesse atendê-lo, Raed continuava desencorajado em cancelar aquele projeto. De repente, o telefone tocou e ele atendeu. Amjad havia retornado a ligação. Dessa vez, sem poder escapar, ele tentava conversar balbuciando algumas palavras. Minutos depois de ter explicado o que havia acontecido, finalmente, Raed conseguiu entrar em um acordo com seu amigo. Amjad poderia desenvolver a roupa, quando Raed Khalil tivesse com todo o projeto em mãos, sem tempo definido. Contudo, o que começou a angustiá-lo era a palavra que havia dado ao intermediador da Al-Qaeda.

Raed não ligou para Madij. Não havia fechado nenhum acordo antes de se encontrarem, já que ele queria ver a roupa fisicamente. Apesar disso, Madij sabia do poder que uma roupa daquela poderia ter e com certeza não

gostaria que caísse em outras mãos. Mesmo sem tê-la visto, de certa forma, ele a almejava. Todavia, a preocupação de Raed era de uma possível desconfiança que Madij pudesse ter, depois que deu a ele a prioridade da venda da roupa. Sendo assim, a última coisa que Raed Khalil gostaria era de haver mau entendidos com o grupo terrorista islâmico, mas pensava que talvez fosse tarde demais.

Capítulo Dezesete

– O café vai esfria-ar. – cantarolou Alex, observando Sara trabalhando concentradamente no computador.

– Só mais um minuto. Preciso terminar de escrever isto primeiro.

– Você não passou a noite acordada, passou?! – disse ele, receoso com a resposta. Contudo, Sara apenas o olhou de canto de olho, inclinando levemente sua cabeça. – Ok. Já esperava por isso... mas você tem que dormir. Estou preocupado com você.

– Não tem com o que se preocupar, Alex.

– Como não?! Quantos dias que você está sem dormir?! Dois?! Não pode continuar fazendo isso!

– Eu não posso mais é perder tempo. Já estou terminando... – ela respondeu, digitando rapidamente, sem tirar os olhos do monitor.

– Está trabalhando demais. Tenha mais calma! Euclides ainda nem te chamou para conversar.

– Ainda não, mas eu tenho que estar preparada. Graças a você que me ajudou a entender todo esse material que ele me passou.

– Eu fiz isso, mas não imaginei que você surtaria. Anotou tudo o que eu te ensinei?

– Sim. Está aqui! – Sara pegou uns papéis ao lado do monitor e entregou para Alex.

– Isso?! Mas... mas são só duas páginas!? – surpreendeu-se.

– Sim... – respondeu ela ao mesmo tempo em que continuava digitando.

– Tudo que eu te expliquei está aqui? Em apenas duas páginas?!

– Apenas o essencial, Alex.

– Não estou entendendo. Você ficou sem dormir para escrever isso?! – disse ele, espantado. Sara parou por um momento e o olhou, novamente, de canto de olho, sem dizer nada, e voltou a digitar. – Mas... mas que diabos você está fazendo?!

– O que eu fiz foi um resumo do que você me explicou. Ele é suficiente para que eu mostre para Euclides. Agora... isto... – disse ela, ao digitar a última letra do documento. – ... é a ajuda que eu irei te pedir. – virou-se para Alex, com um sutil sorriso no rosto.

– O quê? Terminou? – disse Alex, atônito.

– Hum... não está escutando nenhum barulho?

– Nossa! Você... você terminou! – exclamou ele, festivamente.

– Aqui está, veja. – disse ela, pegando os papéis que acabaram de serem impressos. – Esses são os experimentos. Estão todos detalhados e prontos para serem executados. – entregou para Alex.

– Ops... espere... espere aí. Não temos isso aqui em casa. Teremos que usar os laboratórios da faculdade para fazer isso.

– Por favor, Alex... – pedia, olhando-o diretamente nos olhos e inclinando suavemente sua cabeça.

– Hum... ok, ok... está bem! Eu dou um jeito nisso. E você... vai descansar agora! – ordenou ele.

– Está maluco? Eu preciso dos resultados desses experimentos o mais rápido possível.

– Eu já estou indo fazer para você. Estou saindo agora...

– Não, eu vou com você! – pegou o casaco em cima da mesa.

– De jeito nenhum. – parou em frente à porta, bloqueando a passagem.

– Vai Alex. O tempo está passando. – insistiu a moça.

– Se você sair daqui, eu não irei fazer esses experimentos. – chantageou ele.

– O quê?! – espantou-se.

– Fique aqui. Eu voltarei logo.

– Mas eu estou bem. Eu vou junto com você. Depois disso, eu te prometo que descansarei.

– Hum...

– Eu prometo, Alex. Por favor. – persistiu ela.

– Vamos. – disse ele, contrariado.

– Ótimo!!! – exclamou ela, ao mesmo tempo em que deu um salto de alegria. – Ah! Eu amo você!

– Ok... mas não esqueça que você prometeu...

– Sim, vamos! Espere... espere. Estava esquecendo. – Sara voltou a impressora e pegou a última folha que tinha sido impressa.

– O que é isso?

– O experimento.

– Mas você não disse que estava tudo escrito nestas folhas aqui?! – Alex as balançou com sua mão.

– Sim, está tudo aí. Quando chegarmos ao laboratório eu te explico. – saíram da casa e foram para a universidade.

A manhã estava bem quente e ensolarada para um dia no meio do inverno. Fazia algumas semanas que não chovia, o ar estava seco e a maior parte da arborização do Campus estava sendo prejudicada. A universidade era um dos cartões postais daquela cidade interiorana, por isso, cada faculdade tinha a responsabilidade de cuidar do seu espaço, fazer a manutenção do mesmo, incluindo a preservação da natureza.

A maioria delas pedia financiamento para custear os projetos de preservação ambiental e de assuntos relacionados ao meio ambiente, que eram aprovados pelo governo na maioria das vezes. Com essa forma de incentivo, a universidade ganhava créditos, pois cultivava e transmitia uma boa imagem para a população de dentro e fora do estado. Contudo, os cofres da universidade não viam nem a metade das verbas dos projetos, as quais tinham outro destino. Sendo este, para enriquecer os caixas particulares de pessoas, que deveriam servir de exemplo, como os pesquisadores e os professores doutores que tinham o reconhecimento mundial em determinadas áreas do conhecimento.

Os jardins estavam perdendo as suas cores, as flores estavam mais esparsas e murchas, os arbustos tinham as folhas amareladas, a maioria dos galhos estavam secos, e a grama já não tinha forças para crescer. Essa paisagem, apesar de vir mudando aos poucos, já podia ser claramente notada mesmo por olhos mais desatentos, o que levava a uma preocupação da parte das autoridades competentes em remediar esse problema.

– O que você quer, Euclides? – Raed Khalil, sentado em sua poltrona, tomando um perfumado chá de ervas, perguntou ao ver a larga silhueta do professor entrando lentamente na sala.

- Khalil, preciso falar com você.
- Agora não, Euclides.
- Você abriu o e-mail que te mandei? – perguntou, de frente para Raed.
- Esta dizendo sobre o comprovante de depósito do restante do dinheiro na minha conta na Suíça?!
- Então você sabe que não fui eu que roubei aqueles relatórios. Não iria chantageá-lo sendo que acabei de depositar a sua parte.
- Sente-se aí. – Raed apontou para a poltrona em frente à sua mesa. – O que você veio fazer aqui? – desconfiou.
- Recebi um auditor em minha sala. A faculdade está quase sendo penalizada por que nós deixamos de fazer a manutenção da área de vegetação.
- Nós?! O que eu tenho a ver com isso?! Você que está envolvido no projeto de irrigação da área verde da faculdade. Aliás, você é o coordenador desse projeto!
- Eu... eu já recebi a verba desse projeto e o Roger conseguiu emitir umas notas para mim. Mas eu precisaria de um projeto mais simples, mais barato e que seja mais rápido para ser construído. Conseguiria terminá-lo até a próxima visita do auditor, e justificar as mudanças sem ser questionado pelo órgão de financiamento.
- Hum... e o que eu ganho com isso?
- Eu te ajudaria a encontrar a pessoa que roubou os relatórios do Baum, reforçando a segurança do prédio. Se você conseguir um daqueles projetos de irrigação usado em Sharjah, para que eu substitua o que temos aqui.
- E mais quarenta por cento do lucro que você terá com esse projeto. – completou Raed.
- Está brincando... quarenta, Khalil?! Mas...

– Quer que eu aumente? É isso ou você se vira com o projeto de irrigação.

– Quando vai me entregar o projeto?

– Ligo para Sharjah agora e o terá ainda hoje.

– Está bem. Fico na espera. – disse Euclides andando até a porta.

– E você, descubra quem foi o filho da mãe que pegou os relatórios!

– Você terá os relatórios de volta. – respondeu saindo da sala.

No momento em que Euclides caminhava desengonçadamente pelo corredor, de relance, avistou Sara passar pelo corredor principal, o que lhe fez apressar seus passos até conseguir vê-la novamente, depois disso, chamou-a.

Sara, imediatamente, parou de andar quando ouviu a voz de Euclides. Apertou os olhos e respirou fundo, controlando sua frustração. Com tantas coisas que ela tinha que resolver no laboratório com Alex, definitivamente, aquele não era o momento que ela esperava para conversar com ele. Somente depois de alguns segundos, ela se virou mostrando um enorme sorriso dissimulado no rosto.

– Professor Euclides! – exclamou.

– Sara, venha na minha sala. Você já deve ter lido aquele material que te passei.

– Sim, irei devolvê-lo e logo estarei lá.

– Não, venha agora. – exigiu o professor.

– Agora?! – ela se surpreendeu.

– Sim, algum problema?

– É... não... – disse ela, preocupada em como iria explicar aquilo que Alex tentou ajudá-la a entender.

Sara ainda não estava preparada para ter a conversa com Euclides. A cada passo que dava em direção a ele, mais se desesperava. Além de ter sido pega de surpresa, naquele momento sua cabeça estava concentrada nos experimentos. Não tinha o resumo do trabalho em mãos, que poderia lhe ajudar, e nem Alex estava por perto. Respirou fundo e tentou buscar, rapidamente, em sua memória, aquilo que ele havia lhe explicado.

– Ok. Vamos. – apressou Euclides.

Enquanto Sara conversava com o professor, Alex a esperava em uma antiga sala desativada, longe do prédio da faculdade de química, pertencente ao antigo centro acadêmico estudantil da faculdade de ciências da computação.

Depois da reforma que a faculdade sofreu, o centro acadêmico mudou para um lugar mais amplo, podendo prestar um melhor atendimento aos estudantes. Foi durante essa mudança e por sempre ter frequentando outros centros acadêmicos estudantis que Alex conheceu Túlio, que por sua vez recomendou aquela sala para fazer o experimento.

Sem ser notado, ele havia conseguido pegar de outros laboratórios, todos os equipamentos e materiais necessários para a montagem da bancada de ensaio e para a execução do experimento. Meia hora se passou e ele começou a se preocupar com a demora de Sara e com o risco de descobrirem que algum objeto havia desaparecido. Impaciente, iniciou o experimento sem ela. Pegou as folhas que haviam sido impressas e seguiu o procedimento descrito.

O experimento não era demorado e os resultados eram obtidos em poucos minutos, o que lhe poupava o tempo e, principalmente, sua ansiedade. Entretanto, ele não conseguiu atingir o resultado esperado, tendo que refazê-lo. Olhou para o seu relógio de pulso, notando que fazia uma

hora que Sara estava atrasada. Jogou fora o experimento anterior e fez uma nova tentativa.

Pouco tempo depois, Alex ficou surpreso com o resultado. Não entendia o que havia feito de errado. Seguiu todos os passos e ainda assim não obteve o que queria. Naquele momento, pensou se a preocupação com Sara pudesse ter tirado a sua atenção dos experimentos, assim, verificou as fórmulas, as concentrações, e os compostos que havia usado, mas não encontrou nada de errado. Incomodado com a situação, partiu para uma terceira tentativa, desta vez sendo mais atento e cauteloso.

Minutos depois, quando finalizou o experimento, percebeu que nada havia mudado do anterior, por isso não tinha boas expectativas. Sentou-se num banco de frente para a bancada de teste e deu um suspiro impaciente. Enquanto examinava as folhas pela segunda vez, antes mesmo de terminar de lê-las, a porta da sala bateu abruptamente, fazendo com que Alex desse um salto da cadeira e olhasse pra trás.

– O que você fez, Alex?! – disse Sara, assustada, ao olhar os experimentos na bancada.

– Já era hora. O que aconteceu com você? Eu tenho que entregar esses equipamentos ainda hoje, antes que alguém perceba. Você me disse que era só seguir os procedimentos, mas nada está dando certo. Já é a terceira vez que...

– Terceira vez!? Alex, por que não me esperou? Ainda temos material?
– Sara ficou inquieta e preocupada.

– Sim, temos um pouco mais, mas... está errado Sara. Você deve ter anotado alguma fórmula errada.

– Não está nada errado! – zangou-se. – Você nunca conseguirá sem isto.
– Sara tirou do bolso do seu casaco a última folha dos procedimentos.

– Deixe-me ver. – pegou e a examinou. – Sara, mas isto é ...

– ...a ordem de execução do experimento. – ela completou.

– Por que você mudou?!

– Eu não mudei. Como também nunca disse que aqueles doze procedimentos estavam em ordem.

– Por isso estava dando tudo errado. – disse ele, passando a mão direita em cima da cabeça.

– Nada de lamentações. Testaremos deste jeito agora. – ela pegou sua folha e começou a ler como se fosse uma receita de bolo.

Seguindo a ordem descrita, Alex pode perceber a diferença dos experimentos feitos anteriormente compreendendo a importância daquelas doze etapas realizadas na ordem correta. Algum tempo depois, ele foi verificar o resultado. Pegou um pedaço do material e o examinou. Seu coração palpitava em meio de tanta ansiedade. Virou-se e olhou para ela com os olhos iluminados e um leve sorriso de canto de rosto.

– Conseguimos!

– Sério!? Deixa eu ver! – empurrou-o para o lado, ansiosa. – Meu Deus, Alex!!! Conseguimos!!! – exclamou, dando um forte abraço de felicidade. – Precisamos contar ao Túlio, ligue para ele.

– Olá-á... ouvi alguém chamar meu nooo-meee.

– Túlio! Veja isso! – disse ela, apontando para a bancada de teste.

– Oh! Não acredito! – disse ele, com os olhos arregalados, levando sua mão direita ao peito. Vocês fizeram?

– Sim! – ela disse, inquieta.

– Como!? Como conseguiram? – perguntou impressionado.

– Com isto. – Alex mostrou a folha com as sequências corretas para Túlio.

– Nossa! Venham cá vocês dois! – Túlio abriu os braços e deu um abraço caloroso. – Muito bem! E agora querida?

– Eu vou precisar do resto do material. Mas antes, vocês terão que me ajudar a pegá-los na minha sala. – Sara disse preocupada.

– Você não tinha ido lá para fazer isso? O que aconteceu que você demorou tanto? – Alex perguntou curioso.

– Como você é insensível, Alex! – Túlio o repreendeu. – Querida, nós vamos lá.

– Eu não consegui pegá-los naquela hora. Euclides apareceu e me fez conversar sobre a pesquisa que irei fazer para ele. – justificou.

– Oh não. – Alex disse espantado. – E você entregou aquele resumo para ele?

– Não tive tempo nem de pegá-lo. Ele me chamou de repente e só queria ouvir o que eu tinha a dizer.

– Está brincando comigo!? O que você disse a ele!? – exclamou Alex, preocupado.

– Eu... eu não sabia muito que dizer. Eu não me lembrava direito das coisas que você me explicou sobre aqueles artigos que ele me passou. – disse ela, aflita.

– Minha Santa Madonna! – exclamou Túlio, aflito, levando sua mão esquerda a cabeça. – E o que você fez?!

– Disse a ele que era muita coisa para eu lembrar e que eu lhe entregaria um resumo antes. Por isso, não queria falar absurdos que pudessem comprometer a pesquisa que ele iria investir.

– E ele aceitou ouvir só isso?! – Alex ficou surpreso.

– Não só aceitou como mudou de assunto rapidamente. Ficou me questionando a respeito dos relatórios de Yaacov. Isto sim que tomou todo o

tempo.

– Hum. Ele deve estar ajudando Khalil, não acha? – Alex perguntou pensativo.

– Pensei o mesmo. Mais manobras que aqueles dois estão tramando.

– Queridos, vamos acabar com essa preocupação! Vocês conseguiram fazer o experimento dar certo. Uhu! Agora, partimos para a próxima. – disse Túlio, animando-os. – Vamos Alex, pegaremos o que resta do material de Sara. Querida, nos encontre no carro em meia hora. – Túlio o puxou pela camisa e saíram da sala.

Sara desmontou a bancada e guardou os acessórios, que Alex havia trazido de outros laboratórios, em uma caixa de papelão. Pegou todo o material utilizado e o carregou até o estacionamento. Tendo o cuidado para não chamar muita atenção, ela deu uma volta maior no quarteirão do prédio da faculdade de química, evitando passar pelos lugares mais movimentados. Quando chegou ao lado do carro, colocou a caixa no chão, entre ela e o pneu, na tentativa de escondê-la. Escorou seu corpo no capô dianteiro e aguardou por eles.

Trinta minutos se passaram e ela começou a desconfiar da demora dos dois. Preocupada, pensou que se eles fossem vistos, por Raed ou Euclides, carregando suas coisas, os professores poderiam exigir que lhes entregasse todo o seu material. Além disso, não podia ir até lá para ajudá-los e deixar aquela caixa com todos os equipamentos do lado do carro; muito menos levá-los consigo até lá.

Pouco tempo depois, apareceram no meio das árvores do estacionamento, Alex e Túlio carregando suas coisas, e Tomaz, vindo em sua direção.

– Tomaz?! – espantou-se.

– Oi Sara, que bom revê-la! – ele a cumprimentou com um beijo no rosto. – Você está bem? Parece preocupada.

– Sim, estou bem. – ela olhou para Alex de modo repreensivo. – Acho que entendi a demora de vocês dois.

– Querida, encontramos com o Tom... Tomaz, na frente da sala procurando por você. – disse Túlio colocando o material dentro do carro.

– Sim, eu estava com o jornal que você me emprestou outro dia. Aqui está. – devolveu-o com um sorriso no rosto. – Obrigado. Li umas notícias interessantes nele.

– Sara, aguarde mais um instante até eu resolver isto. – disse Alex levando, junto com Túlio, a caixa que continha os equipamentos de laboratório embora.

– Está mudando de sala? – perguntou Tomaz, ao observar as caixas.

– Não... são apenas algumas coisas que eu tinha deixado na sala. Pretendo dar uma olhada quando eu estiver em casa.

– Sua pesquisa está indo bem? Quando encontrei com Túlio e Alex, eles pareciam bastante alegres e os ouvi comentar sobre um experimento que fizeram.

– Está brincando!?! – disse ela, surpresa.

– Isso é ruim? Desculpe, eu pensei que você fosse ficar animada, assim como eles.

– Ah! Não... não Tomaz. Eu fiquei feliz sim... – respondeu pensando em quem iria matar primeiro, se era Túlio ou Alex.

– Oh, então meus parabéns por ter dado certo! Sobre o que é?

– Ah... o quê?

– O experimento...

– Sim, claro... o experimento... – nervosa, ela deu uma risadinha e um passo para trás, mas seu corpo bateu na porta, que estava aberta, e seu pé entrou no vão do meio fio, fazendo com que perdesse o equilíbrio.

Tomaz, imediatamente, a segurou pelo braço para evitar a queda. Levantou-a, com cuidado, olhando-a em seus olhos, como se eles falassem por si, fez-se um silêncio momentâneo. Seus corpos estavam tão próximos que podiam sentir a respiração um do outro. Ele sentiu um frio percorrer sua espinha. Aproximou ainda mais seu corpo e passou os dedos, levemente, de cima a baixo nos braços dela.

– Você é linda, Sara.

Ela continuou olhando nos olhos dele, como se quisesse dizer algo. Mas instante depois, ela virou seu rosto e ele recuou.

– Desculpe, você se machucou?

– Não se preocupe. Foi só uma pequena torção no tornozelo. – respondeu ela, sentando-se no banco do carro. – Sobre o experimento que você me perguntou, ele é da pesquisa anterior. Mas agora estou na área de Euclides. Só assim poderia permanecer aqui.

– Então você pretende fazer as duas pesquisas ao mesmo tempo? – Tomaz ficou impressionado.

– Eu já tinha feito grande parte da outra e não queria jogar tudo fora. Mas fui pressionada por Euclides. Então aceitei a proposta dele, por isso ele não me mandou de volta para Madri; e assim eu pude continuar o trabalho que tinha iniciado, mas sem ele e nem Raed saber.

– Nossa. Esse professor Euclides, eu nunca vi alguém tão grosseiro. Evitava me atender e não deixava ver os trabalhos do professor Yaacov, da mesma forma com Raed Khalil, que não fica muito atrás. A primeira vez que ele me permitiu entrar na sala, ficou cismado de que eu tivesse roubado

os relatórios. – contou ofendido. – Nunca havia trocado uma dúzia de palavras com ele, é brincadeira?!

Sara não se conteve e caiu na risada.

– E agora você ri! – disse indignado.

– Desculpe Tomaz, não era para se sentir ofendido. Achei engraçado você ser apontado como suspeito, sendo que você tinha comentado da faxineira. Dela eu acho que eles não suspeitaram, não?!

– Não comentou nada dela. Aliás, faz tempo que não a vejo pelo prédio.

– Bom, se é que te consola, Euclides também veio conversar comigo a respeito dos relatórios que sumiram. Parece que eles estão interrogando todos que tiveram contato com eles.

– Hum, se Euclides está ajudando, então Raed deve estar ficando maluco.

– Bom, eles já estão vindo. Eu preciso ir. – Sara observou Alex e Túlio se aproximando.

– Antes de você ir, eu... eu gostaria de convidá-la para jantar. – arriscou.

Sara o olhou fixamente e abriu um breve sorriso, mas não disse uma palavra.

– Podia ser amanhã? – insistiu ele.

– Eu te aviso... – respondeu ela, fechando a porta do carro.

– Tomaz, querido. Você está um arraso com essa jaqueta. – elogiou Túlio entrando no carro.

– Obrigado. – respondeu, sem tirar os olhos de Sara.

– Tchau Tomaz. – Alex se despediu, dando a partida no carro.

Ao vê-los deixando o estacionamento, Tomaz avistou o Q3 preto parado na rua, a aproximadamente cem metros dali. Desconfiado, andou em passos

rápidos até o outro lado da faculdade, virando frequentemente seu rosto para visualizar o Q3. Contudo, quando chegou próximo do seu Veloster, não conseguiu mais vê-lo. A princípio, pensou que estivesse ficando neurótico. Entrou no seu carro com o coração acelerado procurando pelo Q3, mas não o avistou. Preocupado, deu a partida no carro e voltou para o flat.

– O que ele quer com a ruiva? – perguntou Christian ao ter visto os dois ao lado do carro.

– Ela é a Sara. Não se lembra dele ter comentado dela no flat? – respondeu André, seguindo-o.

– Hum. É a ruiva que não sai da cabeça dele. Sim... – disse ele, pensativo.

– Acha que esse é o motivo dele ainda estar aqui? – supôs André. – Não sabemos mais nada de Beatriz; aliás nem ele sabe. E pior, não temos nem os relatórios.

– Talvez ele não espere encontrar mais a garota.

– O quê?!

– Acho que ele não tem esperanças em encontrá-la viva, mas pretende buscar respostas. Todos nós estamos atrás desses relatórios, mas com intenções diferentes.

– Christian, ele está mudando a rota. – alertou. – Virou naquela rua à direita.

– Acha que ele nos viu?

– Estou ficando bem distante. Acho que não.

André seguiu a mesma rota do Veloster, mas quando virou na rua, havia perdido ele de vista. Tomaz entrou em um terreno abandonado e se escondeu até ver o conhecido Q3 passar diante dos seus olhos, dessa

maneira, pode ter a certeza de que não estava ficando maluco. Deu meia volta e foi para o *flat* ainda mais cauteloso.

– Eu ainda não acredito que conseguimos! – Alex brindava segurando uma taça de champagne.

– Um passo foi dado. Agora precisamos desse material. – Sara apontou para as caixas.

– O que é isso? – perguntou Túlio curioso. – Alex não me deixou abri-las na sala.

– Está louco?! Iria abrir isso na frente de Tomaz?! – reprimiu Alex.

– Qual é o problema? – perguntou Túlio, sem entender.

– É o material da pesquisa anterior. Melhor não arriscar. – respondeu ele, preocupado.

– Além desse material, você precisará montar uma bancada. Como o experimento deu certo, vamos fazê-lo aqui em casa, nada de correr mais riscos. Desta vez, partiremos para a próxima etapa. – Sara apontou para mais duas caixas de papelão no canto da sala.

– O que tem nelas?

– O que tem eu não sei ao certo, mas lembro-me do dia que ela fez o pedido de compras. Passou a noite sem dormir. Mas uma coisa eu posso te dizer, Túlio, pouca coisa não é.

– Está bem! – Sara colocou as caixas em cima da mesa. – Eu abrirei agora e acabarei com a angústia de vocês dois.

Ela pegou nas abas de uma das caixas e a abriu de uma só vez.

– Oh meu Deus! – Alex ficou impressionado quando olhou dentro dela.

– Como conseguiu isso?! – Túlio levou sua mão direita ao peito, chocado. – Quer dizer, você comprou isso? Deve ter custado uma fortuna.

– Como? Com a sua pequena ajuda, Túlio. – respondeu ela, com um sorriso peralta.

– Está brincando comigo, Sara!?! – Túlio olhou para Alex, angustiado.

– Lembra-se daquela ajudinha que pedimos a você? Ela usou para comprar todo o material. – respondeu Alex, empolgado. – E deu certo.

Túlio perdeu os sentidos e esmaeceu.

– Espero que seja de felicidade. – disse Alex, ao mesmo tempo em que o pegou ligeiramente impedindo que caísse no chão.

Capítulo Dezoito

Todos nós estávamos animados pelo experimento ter dado certo. Olhei para os olhos de Alex que brilhavam de satisfação, enquanto Túlio compartilhava sua alegria pegando as taças de champagne no armário da cozinha. Há algum tempo que não tínhamos dado um passo como este. Contei com a ajuda de Alex para conseguir os equipamentos do laboratório e materiais para ensaio, mas ele acabou gostando tanto da ideia que também quis ajudar a fazer o experimento. Ele era a única pessoa que eu conhecia e que sabia como era a rotina daquela faculdade, além de conhecer cada canto da universidade como ninguém. Isso contribuiu muito na hora de escolher uma sala, que estivesse inutilizada e longe o suficiente para continuar o trabalho anterior sem que Euclides soubesse. Sem dúvidas, foi dado um passo importante e que também não poderia ter continuado sem o apoio de Túlio.

De repente, entre risadas de felicidade, os dois pararam de conversar e olharam em minha direção. Alex levantou a taça preenchida com o champagne e Túlio balançava a outra taça, chamando-me para a festa. Eu estava na sala, com um pé no degrau da escada que dava para os demais cômodos da casa de Alex, segurando os papéis que tinham a ordem dos

experimentos. Dei um sinal com a mão direita, pedindo para que eles me esperassem guardar aquelas folhas.

Subi a escada que dava para um pequeno *hall* quadrangular, onde havia dois quartos e um banheiro, sendo um deles, uma suíte. A casa de Alex era pequena, era um sobrado não muito alto, onde a sala e a cozinha de estilo americano eram mesclados em tons de bege e branco e ficava na parte de baixo.

Entrei no primeiro quarto ao lado da escada e coloquei as folhas em cima da mesa. Quando dei meia volta para sair, percebi que algo se moveu atrás de mim. Parei e me virei, deparando-me com todas as folhas espalhadas pelo chão. Olhei ao meu redor e não havia ninguém. Abaixei-me e recolhi todas elas, colocando-as de volta em cima da mesa. Andei de costas, lentamente, em direção à porta, sem tirar os olhos daquelas folhas. Passei pela porta e me virei para descer as escadas, e nesse momento, vi de relance uma sombra indistinta.

Meu coração disparou. Imediatamente, olhei para dentro do quarto e encontrei novamente as folhas espalhadas pelo chão. Não havia nada e nem ninguém que pudesse tê-las jogado ali. A janela estava com os vidros fechados e a claridade do quarto começou a diminuir à medida que eu entrava nele.

Enquanto pegava folha por folha, notei o cômodo ficar em penumbra. Estiquei meu braço esquerdo para alcançar a última folha que se escondia por debaixo da mesa, mas apenas a senti deslizar suavemente nas pontas dos meus dedos, escorregando até a porta. Dei dois passos me aproximando dela, quando, de repente, a folha saiu voando como se houvesse uma corrente de vento pela casa.

Corri até a escada e então percebi que não ouvia mais a conversa entre Túlio e Alex. A casa estava silenciosa e a única coisa que eu via era aquela folha de papel plainando levemente como uma pluma, em movimento de zigue-zague, saindo de dentro da casa pela porta da sala. Saltei os degraus, e num piscar de olhos me encontrava em frente para a porta aberta.

Um brilho extremamente forte, vindo da rua, ofuscou a minha vista por alguns segundos fazendo com que eu fechasse os olhos e virasse meu rosto. Lentamente, voltei a olhar para fora e, de repente, o brilho se apagou, mas retornou com uma explosão parecida de uma supernova. Assustei-me e caí sobre o chão de taco de madeira. Olhei ao meu redor e não via nem Túlio e nem Alex, além de não conseguir ouvir nenhum barulho. Levantei-me e saí da casa, observando que a rua estava tomada pelas chamas.

O fogo se alastrou ferozmente atingindo as casas vizinhas, como se ele ganhasse vida. Um círculo de fogo se ergueu em volta da casa de Alex e meu coração bateu em desespero.

Com meus olhos ardendo e a respiração ofegante, sentia o calor das chamas que se aproximavam da casa como se a engolisse aos poucos. Não havia para onde correr. Enquanto procurava uma maneira de fugir, de repente vi, saindo por entre as labaredas, uma mulher de cabelos longos e pretos usando um vestido branco. Andava lentamente em minha direção, sem ser atingida por aquele incêndio. Mas, por um momento, ela parou e estendeu seu braço esquerdo para alto. Nesse instante, toda a fumaça das chamas se convergia acima da mão esquerda dela, formando uma assombrosa nuvem preta. Ela girou o braço num movimento de lançada e a lançou em minha direção, que aos poucos se transformou em um apavorante vulto de um rosto de fumaça.

Corri para dentro da casa, em pânico, mas ela já havia sido toda tomada pelo fogo. Então, a única coisa que me restou foi encará-lo.

Com o coração acelerado, juntei forças e virei meu corpo. Mantive-me forte, esperando que ele viesse até mim. Aquele rosto de fumaça preta se aproximava como um fantasma, abrindo lentamente a boca e semicerrando os olhos negros como se gritasse de sofrimento, que quase podia ouvi-lo. Mas por um instante, desviei meu olhar para aquela mulher que continuava em pé junto ao fogo me encarando e, no instante em que o rosto de fumaça chegou até mim, eu corri.

Corri velozmente e com fúria em direção à mulher que subitamente desapareceu, levando consigo aquele vulto e todo o incêndio.

A rua e as casas vizinhas apareceram intactas como se nada tivesse acontecido. E então notei que não estava mais num completo silêncio. Ouvi um vozerio atrás de mim. Olhei por cima do meu ombro esquerdo e lá estavam os dois, em frente à porta de entrada da casa. Alex levantou a taça preenchida com o champagne e Túlio balançava a outra taça, chamando-me para a festa.

– Você acha que devemos acordá-la? – perguntou Túlio segurando o pacote de torradas em uma mão, e o jornal na outra.

– Hum... não acho, mas para isso que você está aqui. – respondeu Alex segurando uma bandeja de café da manhã. – Você e as geleias também.

– O quê?! Eu?! Alex, eu não... não vou acordá-la! Deixe-a dormir mais um pouco. – sussurrou.

– Ela não ficará brava com você.

– Não podemos esperar mais? Ela ficará sem dormir por mais alguns dias quando souber que...

– Quando eu souber o quê? – perguntou ela, vendo Alex e Túlio a olhando enquanto acordava.

– Sara! Oi... descansou bem? – perguntou Túlio, angustiado.

– Estou bem Túlio, depois de algumas noites sem dormir. Acho que consegui renovar minhas energias, apesar do sonho que eu tive. O que você tem aí, Alex?

– Eu... eu trouxe um café para você! – estendeu a bandeja com um sorriso no rosto.

– Hum... – Sara olhou para os dois que estavam em pé diante da cama, ainda observando-a. – Mas que diabos vocês dois tem hoje?!

Os dois entreolharam-se e Túlio entregou o jornal a ela.

Quando Sara leu a notícia, parou de comer sua torrada com geleia e olhou para os dois.

– Preciso trabalhar! – Levantou-se imediatamente da cama.

– Eu sabia que isso ia acontecer. – falou Túlio. – Acho que nós devíamos tê-la deixado dormir mais.

– Confie. Ela se aborreceria.

– Por que vocês não me avisaram antes?! – gritou ela de dentro do banheiro.

– É, acho que você tem razão.

– Alex, pegue as caixas debaixo da cama e coloque em cima da minha mesa. Túlio, ajuda-me a trazer as coisas que estavam no laboratório. – disse ela apressada, descendo as escadas.

– Sara, você não acha melhor se acalmar um pouco? – Túlio perguntou preocupado com a reação da moça. – Você e Alex conseguiram fazer parte do projeto dar certo ontem. Vocês deram um bom avanço.

– Preciso terminá-lo, Túlio. Preciso fazer isso o quanto antes. Eu preciso...

– Você precisa é descansar um pouco mais, querida. Olhe o seu estado. Sua maquiagem não conseguirá mais cobrir esse rosto cansado. Não saia na rua desse jeito.

– Túlio tem razão. Termine o projeto aqui em casa, não vá à faculdade esses dias. – aconselhou Alex.

– São esses sonhos que estão me matando. – respondeu ela, lamentando.

– Que sonhos? – perguntou Túlio, olhando preocupadamente para Alex.

– Eu vejo muito fogo, vultos de fumaça e uma mulher que não consigo discernir o rosto. Ela esta sempre em meus sonhos, como um fantasma.

– Foi o mesmo sonho da outra vez? – perguntou Alex.

– Nos outros eu me sentia incapaz de fazer alguma coisa. Esse foi diferente. Acordei de alguma maneira, sentindo-me mais forte e revigorada.

– Acho que isso foi um progresso, querida. – Túlio respondeu de maneira pensativa.

– Você acha? Esses sonhos ainda me sufocam.

– Bom, mas como você me passou sua energia na hora que acordou, eu já desempacotei tudo que havia nas caixas que você me pediu. – disse ele, entusiasmado.

– Ótimo Alex! Então tome isto. – entregou-lhe um amontoado de livros.

– Hum?! – surpreendeu-se. – Mas o que...

– O que você vai fazer com isso? Bem... isso é o que você irá fazer hoje! – ela respondeu entregando-o uma lista com nomes e telefones. – Você só terá que ligar e comprar tudo que tem aqui nesta outra lista. – entregou uma folha, dando um sorriso peralta no rosto. – Você sabe o que fazer, certo?!

– Se for o que você fez da outra vez, eu precisarei da ajuda do Túlio. – respondeu ele, desviando seu olhar para o rapaz bem vestido.

– Eu estou aqui-i...! Já entendi. Desta vez, sem desmaios. – respondeu ele, puxando Alex pelo braço e, em seguida, subiram a escada.

Enquanto Sara organizava suas coisas para retomar o projeto, desta vez dentro da casa de Alex, trechos do seu sonho vinham à tona em sua mente misturando-se com a última vez que encontrou Tomaz.

Não conseguia se esquecer do perfume e do calor do corpo dele, que a aqueceu por ficarem tão próximos um do outro; e a protegeu da brisa fria de inverno, que soprava incessantemente naquele estacionamento. Contudo, ao mesmo tempo, pensava que seria um erro se aproximar dele naquele momento.

Depois do desaparecimento dos relatórios, Raed Khalil mudou sua rotina na faculdade. Desconfiava tanto dos professores quanto dos estudantes, por isso ele voltou a dar suas aulas sem colocar substitutos no seu lugar, ao contrário do que fazia antes. Dessa forma, aproximava-se dos alunos para conhecê-los melhor com o intuito de descobrir quem o havia roubado.

Tinha a lábia para retirar as informações que quisesse sem que as pessoas desconfiassem que estivessem sendo analisadas. Assim, ele começou a tratá-las com cordialidade, sendo mais receptivo em sua sala; por outro lado, cobrava Euclides por informações a todo o momento com rispidez. Ainda que aparentasse simpático, comunicativo e ladeado de várias pessoas, sua solidão era imensa.

Sua apreensão aumentava a cada dia que passava sem a posse dos relatórios. Havia iniciado um acordo com Madij que poderia colocar sua vida em risco. Por isso, estava mais precavido já que sabia o tipo de pessoas com quem estava lidando. Ainda que pensasse em Cintia com frequência, ele não queria envolvê-la naquela situação, o que o obrigava a se distanciar dela, tornando-o cada vez mais inquieto.

O telefone tocou no momento em que entrevistava um aluno em sua sala.

– Alô.

– Khalil?

– Cintia... oi... você, você não devia me ligar.

– Como você está? Não pode me impedir de...

– Por favor, querida. Eu não posso falar agora. – Raed virou de costa para o estudante que o olhava. – Não é... não é seguro. – cochichou.

– Do que está falando, Khalil?! – ela se preocupou. – Vamos marcar um jantar e você me conta o que está acontecendo.

– Eu preciso ir.

Raed desligou a chamada e, logo em seguida, o telefone tocou, mas por precaução ele deixou cair a ligação, recusando a chamada dela.

Devido a essas atitudes tomadas por Raed, que André passou a suspeitar de que ele poderia ter visto as câmeras e os microfones colocados na sala.

– Chris, tem alguma coisa de errado com o árabe. – disse André ao vigiá-lo pelas câmeras.

– O que você viu?

– Ele está evitando conversas ao telefone e está agindo de forma diferente. E aquela mulher... ela ligou novamente.

– Pegou o número?

– Julius e Pedro já estão a caminho do local. Ela continua usando telefones públicos diferentes, mas ainda na mesma região. – respondeu André, enquanto observava o mapa da cidade.

– E quanto ao árabe?

– Nos últimos dias ele tem recebido mais pessoas na sala dele, mas tem evitado falar com aquela mulher. Ele disse que não era seguro falar por telefone. – relatou André. – Ele deve ter descoberto que está sendo vigiado.

– Temos de ser mais cautelosos. Mas se você estiver certo disso, não teremos mais alternativa.

– Talvez ele ainda não saiba de nós.

– Descubra isso, antes que ele fuja ou saia do país. Se ele fechou a negociação com algum membro da Al-Qaeda, estaremos todos na merda. Ou é a cabeça dele ou a nossa. Acho que você não tem dúvidas disso, André.

– O telefone está tocando novamente. – alertou.

– Atenda, atenda... vamos...

– Nada, a ligação caiu.

Segundos depois, mais uma tentativa.

– Vai lá, atenda... vamos... – Christian criava expectativas.

– Ele continua rejeitando as chamadas.

E a terceira tentativa foi feita sem a esperança da ligação ser atendida.

– Raed Khalil. – o professor atendeu asperamente o telefone.

– Khalil, você precisa me dizer o que está acontecendo. Por que está me evitando? – insistiu Cintia.

– Eu... eu não posso falar agora. Acredite, eu te explicarei tudo depois. Não me ligue, por favor.

Cintia colocou o telefone no gancho e deu alguns passos adiante, mas parou de andar depois que ouviu os pneus de um carro cantando. Virou-se rapidamente, e assustou-se ao ver as pessoas se afastando da rua para evitarem ser atropeladas pelo Palio preto. Ela se protegeu ao entrar em uma padaria de esquina próxima dali e observou o carro parar bruscamente em frente ao telefone público que havia usado.

De dentro do carro saiu um enorme homem de modos brutos encarando as mulheres que o olhavam ao seu redor. Logo em seguida, pegou o telefone com uma de suas mãos grossas e perguntou para uma mulher, que estava amedrontada ao lado dele, se ela sabia quem havia usado aquele telefone. Quando ela apontou seu dedo em direção à padaria, o rosto daquele homem surgiu por de trás da cabine telefônica com tamanha nitidez que Cintia não teve dúvidas; ele iria atrás dela.

Enquanto Julius andava até a padaria, ela fugia saindo pela outra porta. Correu alguns metros e se escondeu dentro de uma das lojas da rua. Ficou a espreita até ter a certeza de que o Palio havia ido embora. Foi depois de alguns minutos que ela conseguiu respirar mais aliviada. Sentou-se em um dos sofás em exposição pensando no que havia acabado de acontecer, levando-a compreender o que Raed estava tentando lhe dizer. Nesse momento, ela percebeu que precisava encontrar uma maneira de conversar com o professor pessoalmente, entretanto, sem correr o risco de serem vigiados.

Cautelosamente, Cintia deixou a loja de móveis olhando para todas as direções da rua. Andou em passos acelerados, em direção oposta a rua principal, até conseguir pegar um táxi e partir.

– Não conseguimos encontrar a mulher. Antes que um de vocês me pergunte. – Julius entrou no Q3 onde estava Christian e André.

– Sua anta. – respondeu André, inconformado.

– Fica na sua, chucrute! – retrucou Julius provocando André.

– Ei, ei... vocês dois. Parem com isso, imbecis! – exclamou Christian.

– Quando chegamos lá, já não havia mais ninguém no telefone... – dizia Pedro, quando foi bruscamente interrompido.

– Eu não quero saber. Não me interessa. Eu só quero que vocês descubram quem é essa mulher. Por que ela sempre usa números de telefones diferentes para ligar para o árabe e... – Christian parou de falar por alguns instantes e olhou para Pedro e Julius, que ficaram sem entender. – Vocês dois terão de ficar mais atentos quando forem seguir Raed Khalil.

– O que houve? – perguntou Pedro, desconfiado.

– Ele tem agido diferente nos últimos dias e eu estou suspeitando que ele saiba que está sendo vigiado. – respondeu André mostrando algumas fotos no monitor. – Veja como ele tem andado, olhando para todos os lados. Sem contar das ligações que ele se recusa a atender.

– E se André tiver razão, teremos de agir em breve. – completou Christian.

– Entendido.

No momento em que Julius ia sair do Q3, André travou as portas.

– Mas que porra!

– Espere, espere! O cozinheiro está atravessando a rua. – alertou Pedro.

– Ele já conhece este carro... ele sabe que estamos aqui. – disse Christian ao observá-lo. – Quando ele entrar no meio daquelas árvores, vocês dois saiam imediatamente. Utilizem o Palio! – ordenou.

– Esperem... esperem... Vão! – exclamou André.

Pedro e Julius saíam do Q3 e entraram no Pálio preto que ainda era desconhecido para Tomaz. Dessa maneira, os dois vigiavam-no mais de perto sem correrem o risco de serem notados.

Tomaz passou pela praça arborizada e em seguida se dirigiu ao restaurante em que costumava almoçar na maioria das vezes. Fez o pedido no balcão e se sentou em uma das mesas. Enquanto aguardava seu lanche, ele observava o movimento da rua, através das janelas de vidro do lugar.

Por estar situado em frente a maior e a mais bonita praça do campus universitário, além de estar rodeado pelos prédios das três áreas do conhecimento, o restaurante era frequentado não só pelos docentes durante o almoço, como também era bastante utilizado como bar para os jovens estudantes.

Recordou da época em que cursava gastronomia. Ajudava o pai na padaria durante a semana, experimentando novas receitas, e aos finais de semana, costumava passar algumas tardes na casa da tia Giselda ensinando-a os truques de cozinha ao lado de Beatriz.

Por alguns instantes, Tomaz foi atingido pela melancolia. Há quase um mês, ele estava em busca de informações, mas que não o ajudou a sair do lugar. E com os relatórios roubados, piorou ainda mais a situação. Por esse motivo, ele começava a perder as esperanças de encontrar qualquer notícia de Beatriz.

O momento nostálgico foi interrompido quando o seu pedido chegou à mesa. Ele deu uma enorme mordida no seu sanduíche e, assim que voltou a olhar o movimento da rua, avistou Túlio e Alex andando do outro lado da calçada. Tentou acenar com uma das mãos, mas nenhum dos dois o viu. Ele

deu mais uma generosa mordida no sanduíche, mas antes mesmo que pudesse engoli-lo, uma coisa o surpreendeu.

Sentados em um dos bancos da praça, debaixo de uma sombra generosa, Túlio tirava fotos de Alex com sua máquina Polaroid e aos chamegos aproximava-se de Alex até surgir um beijo entre os dois.

Inconformado, ele não entendeu por que Alex teria tomado aquela atitude, enganando uma pessoa como Sara, que ficava ao lado dele o tempo todo. Falsidade e infidelidade eram umas das coisas que iam contra os princípios de Tomaz, que deixou seu lanche no prato e saiu furioso na rua sem raciocinar direito. Andou irritado até a praça cortando o caminho entre os arbustos.

De repente, Túlio o observou saindo das sombras das árvores e vindo em sua direção, o que fez se afastar de Alex. Sem entenderem o motivo dele estar andando e os olhando daquele jeito nocivo, Alex e Túlio se levantaram do banco e aguardaram ele chegar.

Sem se cumprimentarem, Tomaz ficou frente a frente com Alex e lhe deu um soco naquele rosto de deus romano, fazendo-o cair em cima do banco.

– O que você está fazendo?!? Está maluco Tomaz! – interferiu Túlio.

– Por quê?! Me diga! Por que está traindo Sara!? – exclamava ele, irritado.

– Acalme-se Tomaz! – pediu Túlio.

– Você ficava fazendo todo aquele teatro. Não me deixava chegar próximo dela, para que? Você me fez perder muito tempo com esse teatro. E ela era a única pessoa que poderia me ajudar! Diga alguma coisa, traidor!!! – gritou nervosamente.

– Temos que conversar a respeito disso com... – Alex foi interrompido.

– É bom VOCÊ contar a ela a respeito disso! – respondeu, ao olhar Alex com fúria, em seguida, desviou seu olhar para Túlio dizendo, “Ela tem o direito de saber!”

Capítulo Dezenove

– O dossiê publicado pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres caiu em domínio público há algumas horas. Embora a Venezuela tenha negado as acusações colombianas, que mostrava a cooperação do governo venezuelano com os guerrilheiros, além de grande quantidade de dinheiro envolvida e momentos de jogo duplo, as tensões entre os dois países chegaram ao limite. – disse o repórter do jornal noturno em transmissão ao vivo da capital da Colômbia.

– O comunicado vindo de Bogotá hoje de manhã dizia que mais de vinte soldados americanos foram mortos em um ataque dos guerrilheiros. – continuou a âncora do jornal.

– As tropas americanas estão instaladas há mais de uma semana na região da fronteira entre os dois países, em virtude de um acordo para o combate ao narcotráfico. – o jornalista retomou a notícia dada há alguns dias. – Depois dos ataques aos soldados americanos, o presidente dos Estados Unidos fez um pronunciamento lamentando as mortes e declarando que a Venezuela não sairá impune disso.

– Mas que porra é essa?! Chris, liga a TV! – ordenou André, alarmado após ter visto e ouvido as notícias pela escuta vindo do quarto de Tomaz.

– Manifestantes dos dois países saíram às ruas de suas respectivas capitais pedindo paz e protestando contra a intervenção norte-americana em território colombiano. – relatou a âncora do jornal noturno, ao mesmo tempo em que divulgava as imagens do protesto.

– Os armamentos já foram enviados? – perguntou André, preocupado com a situação.

– O Coronel Torres confirmou hoje de manhã que as armas chegaram durante a madrugada. Ele pareceu estar bastante apreensivo, pois estávamos a um passo de fecharmos aquele acordo entre as petrolíferas... e agora as coisas só estão piorando. – respondeu Christian enquanto via as manifestações na televisão.

– Estamos enviando as armas para os soldados venezuelanos, mas que provavelmente serão utilizados pelos guerrilheiros. O Coronel não vai criar uma briga com os norte-americanos, não é?!

– Até o momento, eles não sabem do nosso apoio, André. Mas a Venezuela tem recebido armas de outros parceiros importadores de petróleo também.

– Hum, e como fica aquele acordo com a refinaria do nordeste?

– Enquanto não tivermos a roupa, não haverá acordo. E o que mais me preocupa é que com essa declaração do presidente norte-americano, nosso período de tempo para conseguir aquela roupa voltou a diminuir.

– O que quer dizer?

– Apesar dos governantes estarem com os olhos voltados para a iminência do confronto, não precisa ser um especialista para saber que a Venezuela não conseguirá vencer essa guerra, mesmo com a ajuda dos aliados. – disse Christian, pensativo.

Em resposta ao pronunciamento do presidente norte-americano, que ameaçou entrar com suas tropas em território venezuelano, o presidente da Venezuela não mediu suas palavras. – disse a âncora do jornal noturno, enquanto passava o vídeo do presidente.

– Vão ao caralho, ianques de merda, que aqui há um povo digno. Vão ao caralho, cem vezes. Aqui estão os filhos de Bolívar, os filhos de Guaicaipuro, os filhos de Túpac Amaru e estamos resolvidos a ser livres! – exclamou o presidente venezuelano.

A partir do momento em que a Colômbia fechou um acordo multimilionário com os Estados Unidos, permitindo a instalação do exército norte-americano na fronteira, a relação entre a Venezuela e a Colômbia se acirrou. Além dos ataques verbais entre os dois países e as acusações contra a Venezuela através do dossiê apresentado nos últimos dias, somente agravou a situação. Contudo, o estopim dessa discussão veio ao auge no momento em que soldados norte-americanos foram mortos pelos guerrilheiros, que estavam recebendo ajuda do governo venezuelano. Uma guerra entre Estados Unidos e a Venezuela estava em iminência de começar. Uma guerra pré-planejada, não apenas para vingar os soldados norte-americanos mortos no campo de batalha, mas principalmente, uma guerra pelo domínio do petróleo.

Alguns dias se passaram e a população colombiana e venezuelana faziam mais protestos com pedidos de paz. Enquanto eles estavam tensos com as negociações e discussões que não estavam levando a lugar nenhum, os homens da IQN se preocupavam com a limitação do tempo e com o temperamento de Pedro.

Na maioria do tempo, ficava calado, pensativo e fumava o cigarrilho aromático, mas em alguns momentos, Pedro explodia de raiva. Com seu

cabelo sempre preso num pequeno rabo de cavalo, tinha atitudes enigmáticas, o que se tornava um problema para Christian. Somando isso aos recentes acontecimentos, os homens da IQN ficaram mais atentos com as atitudes de dele.

Depois do incidente na praça central da universidade, Tomaz não viu mais Túlio, Alex e muito menos Sara. Por alguns dias, ele andou pelos corredores da faculdade e conversou com os poucos alunos que ainda restavam durante as férias, na tentativa de colher alguma informação sobre os relatórios de Yaacov Baum. Entretanto, nesse período, notou que o comportamento do professor Raed Khalil com os alunos havia mudado. Desconfiado, ele passou a vigiá-lo. Aguardava os estudantes saírem da sala dele e em seguida, chamava-os para conversar e, assim, tentava saber o que estava acontecendo.

Depois de ter ouvido cinco estudantes e conhecendo a lãbia de Raed Khalil, Tomaz não demorou muito para descobrir que o professor estava os investigando sobre o desaparecimento dos relatórios. Enquanto estava no corredor, percebeu também que câmeras de segurança haviam sido instaladas em vários pontos do prédio.

Devido às mudanças que ocorreram em pouco espaço de tempo, desde colocar mais aparatos de segurança como também fazer com que Raed modificasse sua rotina de trabalho e seu comportamento, ele começou a suspeitar de que o professor tivesse encontrado algo de grande importância naqueles relatórios.

Seja o que fosse de tão valioso para ele, Tomaz precisava saber. Não por ser precioso para o professor, mas por ter sido feito por Yaacov Baum e Beatriz.

Percebeu que as pessoas saíam da sala do professor com um sorriso no rosto, como se tivessem recebido algum tipo de agrado. E então se lembrou das palavras de Beth quando ela dizia que alguma coisa de errado havia nele.

Depois do dia em que Tomaz a seguiu, nunca mais a viu na faculdade, o que o levou a suspeitá-la sobre o desaparecimento dos relatórios. Beth talvez não entendesse o que estava escrito naqueles papéis, mas sabia que eram importantes para Raed Khalil, o que bastava para se vingar contra os maus tratos recebidos por ele e por Euclides.

Enquanto estava sentado em uma das mesas do corredor, analisando os fatos, viu uma jovem faxineira empurrando o carrinho de limpeza passar diante de seus olhos. Correu em direção a ela e saltou bruscamente na frente do carrinho, assustando a moça.

A jovem deu um grito que ecoou no corredor, levando uma de suas mãos ao peito. Mas logo, ao notar a presença do homem que estava diante dela, ela sorriu.

Ele se desculpou rapidamente e foi direto ao assunto perguntando sobre Beth. A moça, ainda admirada com a beleza dele, ficou alguns segundos sem palavras. Tomaz insistiu, e então ela se aborreceu e respondeu com desdém, dizendo que Beth havia se machucado no trabalho e que estava de licença, por isso não apareceu mais. Ele ficou um instante pensativo, mas logo depois largou o carrinho e saiu pelo corredor.

Intrigado com a resposta que a moça lhe deu e conhecendo Euclides e Raed, Tomaz receou que algo pudesse ter acontecido com Beth, pensando que os dois professores fossem capazes de fazer qualquer coisa para encobrir suas falcatruas. Dessa forma, começou a considerar o que a jovem faxineira havia contado a ele.

Mesmo sabendo que possivelmente estaria sendo seguido pelos homens que invadiram seu Café, naquele momento, nada disso importava mais. Se eles estavam querendo Beatriz, ela não estava ali. Se eles estavam à procura dos relatórios, também é outra coisa que não estava com ele.

Tomaz cruzou a rua e arrancou um pedaço do galho com mais de um metro de comprimento de uma árvore. Semicerrou os olhos a procura do Q3, mas não encontrou. Ele começou a andar com ódio pelas ruas à procura do carro, segurando firmemente o pedaço do galho em uma das mãos. Contudo, deparou-se com uma pessoa que fazia dias que não a via.

Enquanto Sara saía de um laboratório do lado de fora do prédio, Tomaz corria até ela.

– Sara!!! Espera! – gritou.

– Oi! Tomaz? Mas... o que você está fazendo com isso na mão?!

– Não é nada. – ele jogou o galho no meio do mato. – Você não tem vindo muito a faculdade, aconteceu alguma coisa?

– Hum... não, eu...

– Olha, eu sinto muito, Sara. – lamentou.

– Sente pelo o quê?

– Sinto muito pelo Alex... você...

– Ah, aquilo não foi nada. Ele já está recuperado da bolada que levou. – respondeu com um sorriso no rosto.

– O quê?! – espantou-se.

– Ele levou uma bolada no rosto jogando futebol. Eu sabia que futebol não era a praia dele.

– BOLADA?!? Está brincando comigo! – respondeu ele, nervoso.

– Qual é o seu problema? Pensei que estivesse perguntando se ele estava bem. Mas pelo jeito...

– Então foi isso? Ele levou uma bolada?! – ainda nervoso.

– Sim! E Túlio estava com ele.

– Olha Sara, desculpa meus modos... eu só estou um pouco nervoso. Mas, eu gostaria de conversar com você... o que você acha de jantar comigo esta noite?

– Tudo bem. Acho que você está precisando mesmo conversar com alguém. – respondeu ela, um pouco preocupada.

– Excelente. Onde você mora?

– Não me leve a mal, eu prefiro que você me encontre no restaurante.

– Mas não terá problema nenhum se eu...

– Por favor, Tomaz.

– Hum, está bem. Tem um restaurante ótimo na rua do *flat*, próximo de onde estou hospedado. Espere um minuto... – ele procurava uma caneta no bolso de sua jaqueta. – Aqui está... este é o endereço. – anotou e lhe passou o cartão.

– Está bem, estarei lá às oito. – disse ela, despedindo-se com um sorriso.

Irritado em saber que Alex mentiu para Sara e ao mesmo tempo ansioso pelo encontro, Tomaz estava inquieto dentro do seu apartamento. Olhava com tanta frequência para o relógio que aparentava estar mais lento do que o normal. Sentou-se na cama e tentou se concentrar pensando se contaria ou não a ela o que realmente havia acontecido com Alex. Sem conseguir ficar parado, levantou-se e ligou o seu *notebook*. As notícias divulgadas em primeira página da maioria dos sites do país eram as mesmas que passavam nos telejornais. Tomaz acompanhava o andamento do conflito entre a

Colômbia e a Venezuela, mas a princípio, não conseguia ligar aqueles acontecimentos com os documentos encontrados na IQN ou se havia algum envolvimento entre ambos.

Olhou mais uma vez para o relógio e deu um salto da cadeira. O pouco tempo que havia se entretido lendo as notícias foi suficiente para se atrasar. Pegou o seu casaco em cima da cama e saiu às pressas para o restaurante.

No período noturno, o restaurante que também funcionava como um bar com música ao vivo tinha o ambiente agradável e era decorado com alguns quadros de marcas famosas de bebidas. Em cima das mesas de madeira, cobertas com toalhas cor de creme, eram sobrepostas pequenas velas acesas, que davam uma iluminação sutil à mesa, além de deixar o lugar com uma atmosfera mais romântica, acompanhado ao som de MPB tocado em violão e voz naquela noite.

Tomaz, um pouco agitado, entrou no restaurante e procurou por Sara, mas não a encontrou. Sentou-se em uma das mesas e pediu um copo d'água enquanto a esperava. Foi o tempo do garçom anotar o pedido, que então ela apareceu ao lado dele, tocando levemente seu ombro esquerdo.

- Sara! Oi... eu não te vi entrar. – disse ele se levantando da mesa.
- Mas eu sim. – sorriu ela.
- Já estava aqui?! Desculpe, eu não a vi.
- Está tudo bem. Posso me sentar?
- Claro que sim. – Tomaz empurrou a cadeira para ela se sentar.
- Obrigada Tomaz. Você sempre foi um cavalheiro. – ela o elogiou.
- Com licença, senhor. A sua água. – serviu o garçom.
- Hum... você gostaria de beber alguma coisa? Eu havia pedido essa água, porque achei que você não estivesse aqui ainda...

– Como sempre, atencioso também. – deu uma breve risada. – Tomaz... está tudo bem? Você me parece um pouco nervoso.

– São as coisas que andei descobrindo por esse período que estive por aqui.

– Lembro de você ter me contado que estava procurando informações sobre um projeto em que o professor Yaacov estava envolvido.

– Erm... sim... tentei conversar com o professor Euclides e com o Raed a respeito disso, mas logo que eu cheguei aqui o Euclides me disse que os trabalhos estavam com você.

– Isso foi bem no período em que o Raed tirou os trabalhos de mim. Aliás, eu soube disso por você. – disse ela, lembrando-se do ocorrido.

– Eu acho que sim...

– E eu nem suspeitava do professor Raed Khalil, até aquele momento. – disse ela, com um olhar esclarecedor. – Nossa, Tomaz! Obrigada!

– Não... não há de quê. Eu só quis te ajudar, Sara.

– Mas, como você descobriu? Como sabia que tinha sido Raed?

– Eu estava na sala de Euclides quando Raed entrou e disse sem pestanejar, que havia pegado todas as coisas do professor Yaacov que estavam com você.

– Ah sim! Agora me lembro disso. Desculpe... acho que estou esquecendo das coisas...

– Imagina, você deve estar se estressando demais com o seu trabalho. Faz dias que não a vejo. Como está indo?

– Bom, tive que mudar de tema e de professor para poder continuar por aqui, mas está indo bem.

– Não deve ser fácil lidar com o professor Euclides. Só o pouco tempo que estive por aqui, vi tantas coisas acontecerem.

– Que tipo de coisas? – ela perguntou curiosa.

– Bem, algumas coisas que fazem sentido e outras não. Por exemplo, esse suposto roubo dos relatórios. Você conheceu uma faxineira chamada Beth?

– Ah não, Tomaz. De novo você com essa história.

– Não Sara, me ouça. Isso é sério!

– Acusar a pobre da faxineira?

– Por favor, me ouça...

– Está bem.

– Eu conversei com a Beth e até a segui uma vez. Ela estava vigiando o professor Raed. Em seguida, ela me contou que estava cansada de ser explorada por eles. Além disso, ela descobriu algumas falcatruas dele e estava atrás de qualquer documento que pudesse incriminá-lo. – contou ele.

– E você está achando que ela pegou esses relatórios para vingá-lo? Que conhecimento ela teria de tudo aquilo?

– Não Sara, você não entendeu. Não importa o que está escrito neles. Na verdade, ela descobriu que aqueles relatórios valiam grande coisa para ele, por isso os pegou.

– E o deixou furioso! – ela completou dando risada.

– Exatamente. Ela queria deixá-lo extremamente irritado, enfurecido, e que pagasse por tudo que aqueles dois haviam feito a ela.

– Mas... o que Raed viu naqueles relatórios? – preocupou-se. – São as mesmas coisas que você está procurando? Que tipo de projeto que o professor Yaacov estava envolvido?

– Hum... na verdade, é uma longa história. Podíamos conversar em outro lugar, sem essa música e todo esse barulho.

– Claro, onde?

– Se você quiser, o *flat* onde estou hospedado fica logo atravessando a rua, eu podia explicar a você...

– Tudo bem. Vamos lá. – disse ela, levantando-se rapidamente da cadeira.

Tomaz pagou a pequena conta no balcão e saiu do restaurante examinando a rua, pois continuava desconfiado de estar sendo seguido pelos homens da IQN. Entretanto, o que ele não suspeitava era de que ele estava sendo vigiado a todo instante por André e Christian, através das câmeras e escutas instaladas em seu apartamento.

– Está tudo bem, Tomaz? Por que está andando assim? – perguntou Sara com estranheza.

– Sim, tudo ótimo. – respondeu ele, tentando disfarçar. – Bom, chegamos. É esse prédio. – os dois subiram até o apartamento.

– Que lugar legal. Está aqui desde quando chegou?

– Sim, na verdade foi o primeiro lugar que eu achei para ficar. Por favor, entre e sinta-se à vontade Sara. – apontou-lhe uma poltrona. – Aceita beber alguma coisa?

– Não, obrigada. Então, o que você ia me contar?

– Bem... é... o que eu tenho para te contar é uma coisa muito importante para mim e que... bem... na verdade, o que eu realmente quero é que você saiba a verdade... a verdade sobre tudo.

– A verdade?! Do que está falando? Você é um sequestrador? – brincou.

– Não, sou um chef de cozinha. – Tomaz disse de uma só vez olhando fixamente nos olhos dela.

– Isso é maravilhoso! Prepara-me uma enorme Paella. – sorriu.

– Sim, posso lhe preparar uma dessas no capricho! Mas antes disso, peço que acredite em mim.

– Continue. – Sara franziu a testa.

– Sou um chef de cozinha, sou dono de um Café na minha cidade e estou aqui à procura de qualquer informação que me leve a encontrar uma amiga de infância, que desapareceu.

– Desapareceu?

– Eu queria muito encontrá-la, mas com tanto tempo que se passou... eu já perdi as esperanças. – contou ele, com a tristeza estampada em seu rosto.

– Ela e o professor Yaacov estavam trabalhando em um projeto para os militares. Um projeto secreto e que envolve líderes de outros países. E eu encontrei algumas partes do relatório desse projeto, mas não entendo nada daquilo.

– E então você foi até a faculdade atrás do professor Yaacov?

– Isso. Mas quando eu cheguei lá, disseram-me que acharam o corpo dele na rodovia. Ele foi morto... e do mesmo jeito eu suponho que a minha amiga também foi.

– Nossa! – surpreendeu-se. – Você descobriu tudo isso sozinho?!

– Sara, eu precisava encontrar mais respostas para entender o projeto e a participação da Beatriz em tudo isso. Eu me matriculei como aluno no curso de férias para poder ter acesso livre à faculdade. E então, naquele momento, o professor Euclides disse que você estava com os relatórios de Yaacov.

– Por isso você me procurava o tempo todo... – disse ela, pensativa.

– Não. Não era só por isso. – Tomaz se aproximou da moça e ela se levantou da poltrona.

– Se não era só por isso, então me diga!

– Sara, você é a única que pode me ajudar. Não pude contar com a ajuda de ninguém. Ninguém! Apenas você, que já tinha acesso aos trabalhos do

Yaacov, poderia me ajudar. Por favor, Sara, entenda. Só assim eu ficarei mais tranquilo!

– É a primeira vez que eu vejo alguém...

– ...largar tudo por alguém?

– Você enfrentou os seus medos, não é grosseiro com ninguém, nem orgulhoso... – dizia Sara aproximando suas mãos, até tocá-las levemente sobre as dele.

– ...fiz o que achava que era certo. Mas por querer fazer o bem... a...

– ...a quem ama. – sussurrou ela.

Nesse momento, em que seus corpos estavam tão próximos e seus lábios estavam na iminência de se tocarem, um toque repentino e contínuo parecido com um sino começou a vir do seu *notebook*, fazendo com que quebrasse a atmosfera entre os dois.

– O que foi isso? – perguntou ela, olhando para a tela do computador.

– É apenas o toque que eu uso para mensagem ou e-mail que...

– Quem é essa?! – Sara ficou admirada ao ver a foto da Luciana.

– Oh... é... uma amiga... – Tomaz ficou sem jeito.

– Sua namorada? Tiraram uma bela foto de vocês se beijando. – enciumou-se.

– Não, ela não é minha namorada. – insistiu.

– Sério?! Acho melhor você ler as mensagens que ela está te enviando. Estou indo embora. – respondeu, chateada com a situação.

– Sara, não vá. Por favor!

– Como pude acreditar em toda essa história de você... de você deixar tudo para procurar alguém... e...

– Beatriz está morta, Sara! Morta! E eu não pude fazer nada!!! – exclamou ele, entristecido, com os olhos marejados. – Como vou encontrá-

la!? Eu não tenho mais nada... não tenho mais pista nenhuma! Não tenho nada!

– Onde está a sua fé, Tomaz?! – disse ela, nervosa.

– Ela se foi... – disse ele, sentando-se na cama com os ombros caídos, olhando para o chão encarpetado.

– Não diga isso!

– ...e mesmo depois de ter visto a tia Giselda... eu tenho certeza de que era a tia Giselda, ali na casa que estava abandonada... mesmo depois disso, Sara, eu percebi que a minha fé se foi... no dia em que Bia desapareceu. – disse ele, com uma lágrima transbordando timidamente de um dos seus olhos da cor do mar.

– Mmm... eu... eu preciso ir! – Sara deixou o apartamento às pressas, correndo pelo corredor do prédio, com os olhos transbordando em lágrimas de lamentações.

– Sara, não vá! – Tomaz se levantou em seguida e correu atrás dela, mas não conseguiu alcançá-la. – Por favor, Sara acredite... acredite em mim!

Capítulo Vinte

Antes de ter convidado Sara para jantar, havia dias que Tomaz não a via. Porém, no momento em que ele finalmente a viu, saindo do laboratório no dia anterior, ele foi atingido por um forte sentimento de felicidade, fazendo-o perceber que não a procurava só para ajudá-la com suas coisas, mas porque de alguma forma, sentia a falta dela.

Depois de ter ouvido as mentiras que Alex havia contado, Tomaz pensava em alguma maneira de falar o que realmente aconteceu. Estava aborrecido e achou que ela tinha o direito de saber o caso entre Alex e Túlio, portanto ele a convidou para jantar, surpreendendo-se com a resposta da moça.

Aquela noite fugiu um pouco do controle daquilo que ele imaginava, fazendo se sentir culpado por não ter sido honesto desde o início com ela. Por isso, precisava a qualquer custo se explicar.

No dia seguinte ao jantar, Tomaz foi à faculdade e ficou a espera de Sara. Quando foi para o estacionamento sem mais esperanças de encontrá-la, ela apareceu andando em sua direção.

– Olá.

– Sara! – um sutil sorriso apareceu em seu rosto. – Desculpe por ontem à noite. Aquilo que aconteceu... bem, não era a minha intenção magoá-la.

– Eu sei Tomaz. Eu... eu não deveria ter falado aquelas coisas.

– Imagina, não é culpa sua. Eu só queria explicar o que está acontecendo e ser honesto com você. Principalmente aquela foto que você viu no computador.

– Tomaz, não precisa... isso não é da minha conta.

– Mas eu preciso... Eu quero deixar claro que aquela moça não é minha namorada. Eu a conheci numa quermesse. Ela se atirou para cima de mim e por infelicidade uma amiga dela tirou a foto.

– Você foi a uma quermesse?

– Sim, quermesse é uma festa feita nas paróquias, onde tem várias barracas de bebidas e comidas típicas caipira, como milho cozido, pamonha, canjica, pinhão, vinho quente e...

– Você costuma ir nessas festas?! – estranhou a moça.

– Não, mas aquele dia eu estava procurando por uma pessoa que eu considero uma mãe para mim, a tia Giselda. Quer dizer, ela não é minha tia. É tia da Bia, mas como fomos criados próximos, acabei me acostumando a chamá-la assim. É a pessoa mais bondosa que já conheci.

– E você a achou?

– Infelizmente não. – disse ele olhando para o chão com a face entristecida. – A última vez que a vi foi quando... – Tomaz interrompeu o que estava dizendo e olhou nos olhos de Sara. – ... você deve me achar maluco, não?!

– Por que está dizendo isso?! – disse ela, apreensiva.

– Não sei, você está aqui... me ouvindo falar essas coisas, além das de ontem. Eu larguei tudo para ir atrás da Bia. A última coisa que ouvi dela foi que a tia Giselda havia morrido, mas depois, na quermesse, uma senhora me contou que a tia estava viajando e...

– Você realmente viu a tia Giselda? A mulher que está morta? – ironizou.

– Parece loucura, mas sim... e foi no dia que nós estávamos na lanchonete, junto com aqueles dois enganadores. Foi a última vez que a vi.

– Não fale assim de Alex e Túlio. – Sara franziu a testa. – Você não sabe a força que eles estão me dando...

– Desculpe, mas você está sendo enganada, aliás, nós dois fomos enganados! – Tomaz começou a se exaltar. – Eles mentiram para a gente, Sara.

– Não vamos falar sobre isso. – disse ela, preocupada.

– Escute...

– Não, não Tomaz! – exclamou ela, apreensiva.

– Alex é gay!

– O quê?! – Sara ficou surpresa, mas ao mesmo tempo sentindo-se aliviada.

– Sinto muito...

– É isso que você ia dizer? De estarmos sendo enganados porque Alex e Túlio são gays?

– Desculpe se te magoei com essa informação, mas você precisava saber isso... – disse Tomaz, com medo da reação da moça, que começou a dar risada. – Do que está rindo?

– Tomaz... é claro que Alex é gay! – afirmou ela, como se tivesse tirado um peso das costas.

– Como assim?! Você sabia disso?! – Tomaz se surpreendeu.

– Sim, ele e Túlio são gays.

– O Túlio eu já desconfiava, mas... o Alex... o Alex é seu namorado, Sara.

– Meu o quê!? – deu um sorriso.

– Não é?

– Tomaz... Ele e Túlio sim são namorados.

– Nossa... eu... não sei o que dizer. – Tomaz respondeu com a face corada de vergonha. – Eu devo ter entendido tudo errado mesmo.

– Com certeza sim.

– Oh não! Depois disso... eu devo muitas desculpas ao Alex. – disse ele, se sentindo mal.

– Desculpas pelo o quê?! – disse ela, sem entender.

– Ora Sara, você não acreditou mesmo que ele havia levado uma bolada na cara, não é?! – zombou.

– Não acredito que você... – Sara analisava os fatos. – Não... você não faria isso... – pensava ela.

– Bem, eu terei que me desculpar de qualquer forma. Eu não os vi mais por aqui... o que aconteceu com eles dois?

– Hum... acho que você os assustou. – sorriu.

– Mas eu não sabia de nada... – Tomaz parou de falar por alguns instantes quando viu de longe uma mulher atravessando a rua e depois andando rapidamente em direção à faculdade.

Tinha estatura mediana, os cabelos escuros um pouco abaixo dos ombros e estava usando botas pretas até a altura da canela, mas o que definitivamente chamou a atenção dele foi o vestido com listras espessas verticais, em preto e vermelho acamurçado, que o fez recordar do presente que seu pai havia trazido de Portugal e dado a Giselda alguns anos atrás.

– Não é possível, é coincidência demais! – disse ele sem tirar os olhos daquela mulher.

– O que é coincidência demais? – perguntou Sara de costas para a mulher.

– Duas pessoas terem aquele mesmo vestido... – respondeu ele estreitando seus olhos, desconfiado. – Espere um momento, Sara. – deu dois passos em direção aquela mulher e acenou. – Ei!!!

A mulher parou de andar subitamente, e ao mesmo tempo, seu olhar se encontrou com o de Tomaz ao longe. Nesse momento, os dois deram um sobressalto. Ela, assustada, abaixou a cabeça como se quisesse disfarçar seu rosto e andou o mais depressa que podia, enquanto ele, correu em direção dela.

– Giselda!!! Espere! – ele gritou em desespero.

Assim que o ouviu, Sara se virou e viu aquela mulher. Ficou estática por alguns segundos observando-o correr e gritando ao mesmo tempo pelo nome de Giselda. Não demorou muito para que ela notasse as duas portas de um Palio preto estacionado próximo dali, abrirem em sincronia e logo depois saindo dois homens com seus físicos e fisionomias impossíveis de serem esquecidos.

Julius e Pedro, após terem escutado os gritos de Tomaz, também foram atrás da mulher e então Sara, assustada ao ver aquela perseguição, entrou as pressas no prédio da faculdade.

Tomaz parou de correr por um instante e viu a mulher entrar no edifício. Antes que ele a seguisse lá dentro, virou-se para avistar Sara, mas ela não estava mais no estacionamento. Deu um suspiro ressentido e entrou.

Enquanto isso, Julius e Pedro os seguiram até próximo da porta de entrada, mas Julius foi impedido por Pedro de entrar lá naquele momento.

– O que está fazendo?! Temos que segui-lo! – disse Julius irritado com atitude de Pedro.

– Está louco?! Vamos ser barrados assim que o segurança ver nossas armas. E teríamos que render todo mundo. Ia causar um caos no momento errado e poderíamos perder a oportunidade de... Esquece Julius! Comunique o Christian, agora.

Julius ligou para os outros dois e explicou o que estava acontecendo, levando Christian escolher a única alternativa que conseguia pensar naquele momento.

– Ok, prepare-se para invadir! Eu subirei com André pelo lado de fora. Vocês dois ficarão rodeando o prédio, a espreita. Se algo sair errado, bem... vocês saberão o que fazer. Vamos pegar aqueles três sem causar alarme! – ordenou Christian.

– Afirmativo. – respondeu Julius e Pedro.

– Vamos! Temos apenas alguns minutos antes que ela chegue na sala do árabe! – disse André cronometrando o tempo em seu relógio de pulso.

Apesar de estar no início da noite, a escuridão causada pelo tempo encoberto de inverno e as sombras deixadas pelas árvores na parede do edifício ajudaram André e Christian chegarem à janela da sala de Raed Khalil sem serem notados. Além disso, naquele horário em que havia poucos estudantes na faculdade, ele se encontrava sozinho na sala, o que facilitava a captura do mesmo.

Sentado de costas para a janela em sua cadeira branca estofada, Raed estava mexendo em seu computador quando, abruptamente, André o abordou. Laçou o braço no pescoço fazendo um mata leão e, com a outra mão, tapou firmemente a boca do professor para que o impedisse de gritar. Enquanto isso, Christian trancou a porta da sala rapidamente e envolveu as pernas do professor com uma corda, apertando-a até que ele não pudesse mais movimentá-las. Em seguida amarraram os braços juntos à cadeira e,

por último, colocaram uma fita adesiva em sua boca. Dessa forma, Raed Khalil ficou completamente rendido pelos homens da IQN.

Enquanto isso, Tomaz procurava a mulher por todo o prédio. Entrou nas salas que estavam abertas e chegou a examinar até os banheiros femininos. Quando foi para o último andar, inesperadamente, viu ao longe Beth empurrando o carrinho de limpeza e virando o corredor de costas para ele.

Espantado e com o coração acelerado, Tomaz correu para tentar alcançar a faxineira, que ia em direção à sala dos professores. Nesse momento, distante há alguns metros, Beth viu a mulher de vestido listrado bater na porta de Raed Khalil.

– Não grite, senão seus miolos irão fazer parte da decoração da sua sala, árabe! – ameaçou André, tirando a fita adesiva da boca do professor.

– Ainda não abra a porta, André. Vai, pergunte quem é! – Christian ordenou para Raed.

– Quem... quem está aí? – titubeou o árabe.

– Sou eu Khalil, por favor, deixa-me entrar. – insistiu a mulher.

– Não! – gritou Raed.

– Faça-a entra. – Christian ordenou para André.

– Não! O que ela tem a ver com isso?! Deixa-a ir! – resistiu o árabe.

– Acho que você ainda não me entendeu. – Christian sacou sua SIG P226 da cintura e apontou para Raed.

– Khalil? Está tudo bem? Deixa-me entrar, precisamos conversar. – insistiu a mulher.

– André, abra a porta. – Christian sussurrou e, logo em seguida, fez um sinal.

Escondendo-se atrás da porta, André seguiu as ordens de Christian. A mulher, lentamente, deu alguns passos adiante que foram suficientes para

André fechar a porta e apontar sua .22 TCM para a cabeça dela.

– Cintia... eu... me desculpe. – lamentou Raed.

– Cintia, Cintia, Cintia... então você que é a mulher dos encontros do professorzinho aqui, hein!? Há quanto tempo estávamos atrás de você... Cintia... ou seria senhora Giselda? – disse Christian em tom ameaçador. – Também estava atrás dos relatórios, Giselda?

– Responda! – André cutucou as costas dela com a arma.

– O que você quer? Você já tem os relatórios. Deixa-nos ir! – respondeu ela.

– Giselda? Como assim?! Cintia, você sabia dos relatórios?! – Raed ficou surpreso.

– Ora, ora, ora... Ah! O que temos aqui... – Christian sentou em cima da mesa de Raed. – Parece que o nosso árabe não tem ideia com quem ele saía. Mas... eu irei lhe contar... o senhor foi enganado.

– Christian! O que você quer?! – disse Giselda, irritada.

– Eu quero os relatórios e...

– Você já está com eles! – ela se exaltou.

– Não querida, não estão comigo. E eu posso apostar que eles estão com você.

– O quê?! – Raed tentava entender o que estava acontecendo. – Você... você pegou os meus relatórios?

– Seus? Seus relatórios? – perguntou Christian, dando risada junto com André. – O senhor é muito cara de pau mesmo, né?! – zombou.

– Sente-se aqui, querida. – Christian fez um sinal para André que a levou até a poltrona próxima do estante bar. – Onde estão os relatórios?

– Eles não estão comigo. – respondeu ela de maneira seca.

– Giselda, olha bem para a minha cara. – Christian a encarou. – Você realmente acha que pode mentir para mim? Responda!!!

– Eu sinto muito Christian. – sussurrou. – Eu não estou com eles.

– Tem mais uma coisa que eu quero... onde está a sua sobrinha?

– O quê?! – Giselda ficou aflita.

– Por que você veio atrás desses malditos relatórios se você não sabe fazer a roupa?! Onde é que está a porra da tua sobrinha?!

– Eu não sei! Eu não sei!! – disse ela desesperada.

– Acho que isso não está ajudando. – comentou André.

– Bom, se ninguém aqui sabe onde é que estão os relatórios e nem a garota... acho que não precisamos mais de vocês. Chris, quem vai ser o primeiro? – perguntou André balançando sua arma.

– Espere! – interferiu Raed. – Vocês querem dinheiro? Eu lhe dou a quantia que pedirem. Qualquer coisa.

Christian e André se entreolharam.

Nesse momento, todos ouviram três batidas na porta e em seguida ela se abriu.

Empurrando o carrinho de limpeza, a faxineira entrou na sala e se espantou quando viu a senhora de vestido listrado ao lado de André. Estática ao lado da porta, ela olhou para Raed Khalil e, percebendo que ele estava amarrado na cadeira, aproximou-se do carrinho na tentativa de se proteger. Mas, de repente, ela foi atingida por um solavanco da porta que a fez perder o equilíbrio. Seu corpo empurrou o carrinho contra a enorme estante cheia de livros derrubando as pesadas prateleiras em cima dela e de André, que perdeu a arma e o celular no meio dos livros.

– Beth, não!! – exclamou Tomaz logo que abriu a porta, preocupado com o que poderia acontecer depois de tê-la visto esconder uma arma por

dentro da roupa, momentos antes de entrar na sala.

– Ora... se não é o cozinheiro! Que dia maravilhoso. – Christian deu um sorriso.

– Vocês dois! – Tomaz olhou furioso para Christian e para André que continuava no chão. – Professor... – observou Raed sem poder se mexer. – ...tia... – Tomaz sentiu-se impotente em vê-la naquela situação. – e... Beth... Beth! – tentou abaixar-se para poder ajudar a moça, mas foi repreendido por Christian.

– Nem pense nisso, cozinheiro! Fique onde está.

Tomaz ergueu os dois braços e continuou olhando para Beth que começou a se mover juntamente com André. Ela foi retirando lentamente os livros e as prateleiras que a encobria e, aos poucos, conseguia sair debaixo de tudo aquilo.

A camisa estava parcialmente aberta, a calça havia rasgado e sujado com o sangue de sua perna, depois da queda das prateleiras terem provocado um corte; além disso, o cabelo ficou todo bagunçado, de forma que Tomaz percebeu que algo estava errado. Não só os fios de cabelo acinzentados, pretos e marrons se misturavam junto à cabeça, como também os tons da pele da testa e da bochecha estavam diferentes, e com texturas diferentes, parecendo uma pele sobreposta à outra.

Ainda com a cabeça baixa, a faxineira removia a última tábua de madeira que estava em cima de seus ombros, mas logo que ergueu seu corpo, todos puderam ver o corte em seu rosto.

Um rasgo transversal que ia da parte superior direita da testa, cortava a sobrancelha, metade do olho direito, o nariz, e finalizava na face inferior esquerda abaixo da orelha. O corte, que não sangrava, definitivamente

revelou a metade de um rosto que tinha a cor, textura e cabelos diferentes, fazendo o coração de Tomaz explodir de emoção, ansiedade e medo.

– Beth?!? Mas que diabos está acontecendo... – impressionou-se Raed Khalil ao ver o rosto da moça.

– Mas que porra é essa! – exclamou Christian também impressionado.

Ela tateou o seu rosto percebendo que a pele falsa sobreposta a sua havia se rasgado. Olhou para todos a sua volta e, de uma só vez, arrancou a outra metade do rosto falso.

– Bia?! – exclamaram espantados, Tomaz e tia Giselda em uníssono.

Com o corpo abaixado, ela olhou para Christian e seus olhares se cruzaram. Em segundos, ele se deu conta de quem era e apontou sua arma, imediatamente, para Tomaz e atirou. Foi o tempo suficiente para que Beatriz reagisse. Saltou com toda a força na direção de Tomaz, empurrando-o na altura da cintura e derrubando-o para perto da mesa de madeira de Raed Khalil, onde ele pode se proteger.

Beatriz correu em direção à mesa onde estava o professor, mas não conseguiu chegar até lá. Então, tentou se proteger dos tiros dados por Christian escondendo-se atrás de um armário de aço. Mas, logo em seguida, ela contra-atacou atirando de uma pistola M&P9.

Giselda aproveitou o momento em que André ainda estava no chão procurando sua arma para lhe dar um chute na cabeça, deixando-o desacordado. Em seguida, pegou algumas garrafas de bebidas no estante bar e as atirou contra Christian, que se protegia atrás do sofá derrubado por ele mesmo, usando-o como uma barreira.

Percebendo que Giselda ia ser alvo da P226, Beatriz imediatamente correu para perto dela atirando freneticamente contra Christian, que recuou por alguns segundos. Contudo, não foi tempo suficiente para que Beatriz

conseguisse chegar, então, mirou em uma das pernas de sua tia e puxou o gatilho.

– Bia!!! Nãooooo...! – gritou Tomaz, atônito, ao vê-la atirar.

Giselda caiu no chão com sua perna esquerda sangrando e se manteve deitada por alguns instantes, o que fez Christian acreditar que tinha a pegado em cheio.

O grito de Tomaz chamou a atenção de Christian, que se virou e o viu ajudando Raed a se soltar das cordas. Percebendo que haveria uma reação dele, Beatriz começou a atirar, não permitindo que ele encontrasse um ângulo para poder revidar. Entretanto, por um segundo, bastou Christian ouvir o barulho do gatilho e perceber que a munição dela havia acabado. Então, ele saiu detrás do sofá e atirou contra Beatriz, que se jogou no chão atrás do carrinho; e contra a mesa do professor, atingindo Raed Khalil na cabeça.

Imediatamente, Beatriz pegou um isqueiro e um frasco de produto de limpeza, que foi preparado como coquetel molotov antes de entrar na sala. Colocou fogo no pedaço de pano que estava no gargalo do frasco e o lançou contra Christian. Assustado em ver o explosivo, ele se jogou no chão.

O frasco explodiu fazendo com que alguns livros da estante e do chão começassem a pegar fogo e sua fumaça liberasse o alarme contra incêndio.

Beatriz espiou pela lateral do carrinho e viu André se levantar. Olhou em direção ao estante bar, onde estava sua tia, mas ela não estava mais lá. Antes que ela entrasse em desespero, sentiu algo bater contra o seu pé. Era a .22 TCM que sua tia havia lhe jogado rente ao chão. Apressadamente, ela pegou a arma e olhou André a poucos passos de Giselda, que rastejava vagorosamente em direção à porta sem ter notado a presença dele atrás dela.

No momento em que ele foi pegá-la, Beatriz atirou e André caiu no chão gemendo de dor.

No meio da fumaça, proveniente da queima dos livros, e da água, vindo do dispositivo do alarme contra incêndio, ela tinha dificuldades em enxergar o outro lado da sala onde estava seu amigo.

Ainda recuada atrás do carrinho, Beatriz notou que mesmo depois dela ter atirado em André, Christian não revidou. Assim, ela se levantou devagar e começou a andar, atentamente, segurando com as duas mãos a arma apontada para frente.

Chegou próximo ao sofá e Christian não estava mais lá. Preocupada, correu em direção à mesa de Raed Khalil confirmando o que ela já havia suspeitado. Deu mais alguns passos até a janela e viu Christian levar Tomaz como refém.

Ela se virou e andou em direção ao André, que continuava no chão. Pegou o celular que havia caído do bolso da jaqueta dele e, em seguida, correu em direção à Giselda, ajudando-a se levantar. Beatriz envolveu o braço direito da tia em seu pescoço, utilizando seu ombro como um apoio, e assim andaram apressadamente pelos corredores que estavam vazios.

Até chegarem à saída do edifício, elas notaram os estilhaços de vidros espalhados pelos corredores, provenientes das câmeras de segurança que haviam sido todas quebradas por Julius e Pedro, além disso, encontraram os seguranças amordaçados e amarrados no chão ao lado do balcão de recepção. Contudo, sem poderem fazer nada para ajudá-los naquele momento, elas saíram da faculdade e entraram no carro, que as aguardava a poucos metros dali.

De repente, o celular de André tocou e Beatriz atendeu.

– Beatriz.

– Bia, Bia...eu não estava imaginado que o nosso encontro fosse tão explosivo. – zombou Christian.

– O que você vai fazer com ele?! – perguntou ela, angustiada.

– Se você não me der tudo o que eu quero... acho que eu não precisarei responder, não é?!

– Não faça nada com ele! – exclamou ela.

– Fica tranquila, querida. Não iremos começar um tiroteio aqui fora. Eu vou dar um tempo para você conseguir tudo o que eu quero.

– Diga logo. – ela disse irritada.

– Eu quero você...

– Ótimo, eu estou aqui. Agora deixe ele ir. Faremos a troca agora!

– Calma... eu ainda não terminei. Eu quero você e os relatórios. Quando me der isso, eu devolvo o seu amigo. – chantageou.

– Vivo! Eu o quero vivo, Christian. Não faça nada com ele! – exigiu ela.

– Nada de alarmes, ok? Odeio fazer tratos com policiais incompetentes.

– deu-lhe uma indireta. – Eu entrarei em contato para lhe dar outros procedimentos. – Christian finalizou a conversa.

Beatriz deu três socos enfurecidos no painel do carro.

– Eles o pegaram, tia. Eles... eles podem fazer qualquer coisa com Tomaz. Eu me sinto tão culpada por isso! – ela disse com os olhos marejados. – Da mesma forma que eles raptaram a senhora. Eu pensava que... pensava que nunca mais iria vê-la. – lágrimas de tristeza transbordavam pelos olhos da moça.

– Querida, eu estou aqui. Fique calma. Vamos esperar o próximo contato dele. – disse Giselda tentando confortá-la.

– Não posso perdê-lo, tia. Não posso perdê-lo como quase te perdi. – disse ela, nervosa.

– Não vamos perdê-lo, querida. Pensaremos em algo! – respondeu Giselda, com otimismo.

– Ela já pensou, tia. Ela já pensou... – complementou Alex, que dirigia o carro.

Capítulo Vinte e Um

Christian aproveitou o momento em que André chamou a atenção de Beatriz, quando foi atrás de Giselda, para que pudesse sequestrar Tomaz. Depois de tê-lo forçado a descer pela janela utilizando as cordas, os dois entraram no carro, estacionado ao lado do prédio, onde Julius os aguardava pronto para partir.

Nesse ínterim, o fogo na sala do professor já havia ficado mais ameno com a ajuda da água que era irrigada do dispositivo de alarme contra incêndio; e André, mesmo com o ombro esquerdo machucado pelo tiro, estava se preparando para descer. Entretanto, logo que olhou para baixo, viu Pedro subindo com um galão de gasolina preso na cintura.

Em pouco tempo, ele escalou o prédio e entrou na sala do professor. Pegou o galão e retirou a tampa, dispersando a gasolina por toda a sala, inclusive sobre o corpo de Raed Khalil. Em seguida, lançou o galão de qualquer maneira e se juntou a André, que o observava preso pelas cordas do lado de fora da janela. Pedro retirou um zippo do bolso e deu uma breve olhada na sala, e depois disso, o jogou. Imediatamente, os dois desceram do prédio e correram para o carro enquanto a sala incendiava.

A faculdade era pouco frequentada pelos alunos no período de férias de inverno e durante a noite já não havia mais quase ninguém, principalmente

pelo fato das aulas serem todas no período da manhã e vespertino. Contudo, a maioria das pessoas só se deu conta do incêndio quando estavam próximas do edifício, conseguindo ver claridade que se evidenciava ao longo do anoitecer.

Minutos depois, um caminhão de bombeiro atendeu a chamada, que chegou junto com duas viaturas da polícia. Enquanto os bombeiros conseguiam controlar o fogo, um policial entrou no prédio encontrando os seguranças amarrados. Após socorrê-los, dois policiais começaram a interrogá-los para apurar o que havia acontecido. Contudo, nenhum dos seguranças do prédio conseguiu dar muitas informações sobre as pessoas que fizeram isso, em virtude de que Pedro e Julius haviam entrado encapuzados e renderam todos eles, além de terem destruído todas as câmeras de segurança. Outros policiais que estavam do lado de fora faziam perguntas para as pessoas paradas ao redor do edifício. Mas elas, alarmadas, também não conseguiam ajudar, principalmente depois de terem ouvido, de um dos bombeiros, que um corpo carbonizado havia sido encontrado dentro da sala.

Por um breve momento, um dos seguranças do prédio se lembrou de ter visto duas mulheres saírem, sendo que uma delas estava armada e, então, mesmo se sentindo cansado e abalado, ele quis ir até a delegacia e fazer um retrato falado de Beatriz e Giselda.

- Como está a perna, Giselda? – perguntou Alex, preocupado.
- Está tudo bem...

– Ainda está sangrando, Alex... bastante! Não tem como ir mais rápido? – perguntou Beatriz, nervosa em ver a parte lateral da coxa esquerda com a pele rasgada e inchada escorrendo sangue.

– Não exagere Beatriz! Eu estou bem. Foi só um arranhão, a bala não ficou alojada.

– Já estamos chegando. Eu estou indo o mais rápido que posso, Bia. Só não me peça para ir pela calçada e atropelar os pedestres.

– Não se preocupe comigo, vamos pensar em como resgatar Tomaz. – respondeu Giselda.

– Eu não sei... eu não sei!! O que eu irei fazer agora?! Eles terem sequestrado Tomaz não estava nos meus planos! – disse ela, angustiada.

– Não lamente! Nós pensaremos em algo! – motivou Alex. – Chegamos!

Alex saiu rapidamente do carro e abriu a porta de trás, ajudando Beatriz a retirar a tia de lá de dentro. Segundos depois, a porta da casa se abriu e Túlio correu para ajudá-los.

– Vocês estão bem??? Sara? Alex? – perguntou Túlio, ofegante e com o coração disparado, indo em direção ao carro.

– Sim... estamos bem... – respondeu Alex, com o braço esquerdo da tia apoiado em seu ombro.

– Oh meu Deus!!! Minha Santa Madonna!!! O que que é isso?!?! – espantou-se Túlio, levando sua mão direita ao peito e a outra na cabeça, à beira de um desmaio quando viu a perna de Giselda vermelha de sangue.

– Saia da frente, Túlio. Se não veio para ajudar, ao menos não atrapalhe. Não vá desmaiar agora! – disse Alex, embravecido. – Vamos tia, acho que eu consigo te levantar. – Ele ajeitou seu corpo para erguê-la do banco de trás. Colocou seus dois braços por debaixo do corpo dela e com bastante

esforço, ele a retirou do carro. Cambaleou nos primeiros passos, mas depois conseguiu carregá-la andando, pausadamente, até a sala. Em seguida, deitou-a no sofá.

– Deixa-me cuidar desse ferimento! – chegou Beatriz carregando uma maleta de primeiros socorros em uma das mãos; em seguida, ajoelhou-se no chão ao lado da tia.

– Sara, eu acompanhei tudo pelas câmeras, mas não vi que havia acontecido isso com ela. – disse Túlio, sentado em um das poltronas da sala, observando o ferimento na perna daquela senhora.

– Túlio... preciso te dizer duas coisas. – disse Alex, um pouco impaciente. – Primeiro, não precisa mais chamá-la de Sara. Não está vendo que ela está sem a máscara? Segundo, essa senhora é a Giselda, tia de Beatriz. – Alex os apresentou.

– Oh!!! Estou CHO-CA-DO. – levou uma das mãos aos lábios. – Tia Giselda!? – Túlio olhou para Alex como se ainda pedisse uma confirmação com o olhar. – Nossa, mas o que foi que aconteceu?! Eu não pude ver nitidamente. Tinha muita fumaça e a imagem na câmera estava muito embaçada.

– Aaaahh! Está bem!! Eu sei que a culpa foi minha, certo!? Túlio, a culpa foi toda minha!! – Beatriz se exaltou.

– Não, não foi isso que eu quis dizer...Bia... – disse Túlio, desculpando-se.

– Você não estava lá. – ela disse aborrecida. – Foi eu que atirei na perna dela e não o Christian.

– Mas... mas por que você fez isso? – perguntou Túlio, sem entender.

– Tia... me desculpe, mas era a única maneira de salvá-la. O Christian estava prestes a atirar em você... e quando eu vi, eu atirei na sua perna para

que a senhora caísse no chão e ele a perdesse de mira. Com isso eu aproveitei para atirar nele, mas não consegui atingi-lo. – explicou ela, com o rosto entristecido.

– Beatriz... – Giselda agarrou sua sobrinha, puxando-a para perto de si, dando-lhe um abraço bem forte e, em seguida, começou a chorar de felicidade. – Querida... quando eu a vi... debaixo daquele amontoado de livros... eu fiquei tão feliz! Eu não estava acreditando que... que você havia escapado. Eu pensei que nunca mais ia vê-la. Deus te abençoe, minha querida!

– Eu também tia... eu também pensei.

– Bem, então agora... não quero que você abaixe a cabeça. – Giselda passava as pontas de seus dedos no rosto da sobrinha, enxugando as lágrimas. – Pare de se lamentar, porque eu estou bem. Você fez aquilo que deveria ter feito.

– Obrigada tia... – Beatriz voltou a se ajoelhar ao lado dela e continuou a cuidar do ferimento. – Vou precisar costurar isso. Túlio, pegue a minha maleta lá no quarto, por favor.

– Nossa, agora que o ferimento está lavado eu posso ver... a bala não pegou tanto de raspão assim. Foi um corte um pouco profundo, bem na lateral... – disse Alex, impressionado. – Ainda bem que não foi pego em cheio.

– Alex!!! – exclamou Beatriz, repreendendo-o. – Pare de falar isso!

– Hum... desculpe...

– Aqui está a sua maleta. – disse Túlio, entregando-a.

– Tia, aguenta firme! – encorajou-a.

Giselda deu alguns gritos de dor enquanto Beatriz limpava a ferida, mas logo depois foi lhe aplicado um anestésico, que permitiu com que ela

suportasse os pontos que seriam dados no ferimento. Alex a ajudou desinfetando uma agulha e laçou a linha. Em seguida, Beatriz olhou para a sua tia, que estava deitada no sofá com o braço esquerdo sobre os olhos evitando olhar a ferida e pressentindo a dor. Inspirou o ar profundamente e então começou a costurar a pele, que tinha um rasgo de aproximadamente três centímetros na lateral da coxa esquerda próximo do joelho, por onde a bala passou.

Alguns minutos depois, enquanto Beatriz finalizava o curativo, flashes de memória passavam pela sua mente, lembrando-se de cada instante do que havia acontecido naquele dia. O seu encontro com Tomaz próximo ao estacionamento que a fez ver sua tia pela primeira vez depois de muito tempo. Sua máscara ter rasgado no meio da confusão, deixando todos surpresos. E por fim o tiroteio que levou Raed Khalil à morte, André e Giselda a se ferirem e Tomaz a ser sequestrado por Christian. Mas, depois de tudo isso, uma pergunta não queria se calar na mente dela e que persistia desde quando encontrou sua tia na sala de Raed Khalil.

– Tia, eu já terminei. Mas... não se levante. Fique deitada um pouco. – disse ela, guardando suas coisas.

– Giselda, aqui está um copo d'água. – ofereceu Túlio, atenciosamente.

Giselda levantou apenas a parte de cima do seu corpo, apoiando suas costas sobre três almofadas que foram colocadas no braço do sofá com a ajuda de Beatriz e Alex. Aceitou a gentileza de Túlio ao tomar o copo com água.

– Meninos, eu queria conversar com a minha tia... por um instante. – pediu ela, olhando para os dois que estavam de pé ao redor do sofá. Logo em seguida, eles saíram da sala.

– Diga, querida... o que está te afligindo? – perguntou Giselda, ao ver sua sobrinha de cabeça baixa e com a face serena.

– Eu estou tentando entender, tia. Há tantas dúvidas na minha cabeça... que eu não estou conseguindo juntar esse quebra-cabeças. Uma das coisas, eu acho que a principal delas... é que eu não sei como a senhora veio parar aqui. Aparecer naquela faculdade, e ainda mais, na sala do professor Raed Khalil.

– Beatriz, levante desse chão e sente nessa poltrona. Será uma longa conversa...

A sobrinha, rapidamente, fez o que a tia lhe pediu e sentou-se na poltrona com os olhos e ouvidos atentos aguardando ansiosamente por respostas.

– Lembra-se do último dia que estávamos presos na IQN, naquele subsolo cheio de armas e munições? Você estava na frente do Coronel Torres, segurando a roupa em uma das mãos, enquanto eu estava próxima à sala, onde o Yaacov montou um pequeno laboratório. No momento em que você incendiou aquela roupa e a jogou, aquilo lá virou uma bomba-relógio. Alguns móveis e objetos começaram a pegar fogo e aquilo se alastrou rapidamente, indo em direção a uma das caixas com explosivos que estava bem ao lado da sala de Yaacov. Quando eu vi que ela ia explodir, eu gritei pelo seu nome e me joguei no chão para o lado da parede de concreto. Em seguida, não vi mais nada. Meu ouvido estava com um zumbido agudo e não conseguia enxergar de tanta fumaça. Levantei rapidamente do chão e a procurei, mas você havia desaparecido. Olhei para dentro da sala de Yaacov e o encontrei caído no chão, com ferimento em todo o corpo.

– Ferido como? Conseguia se levantar?

– Não querida... ele... Beatriz, por que você quer saber disso?

– Por favor, tia. Conte-me como o viu? As informações que eu tenho, é que o corpo dele foi encontrado com seis tiros no peito.

– Bem... quando eu o encontrei, ele estava com a pele cortada e esfolada, mas além dos fragmentos da explosão terem causado isso, ela também fez com que a prateleira de ferro de seis metros de altura caísse derrubando os caixotes de armas que estavam em cima dela. Parte da prateleira de ferro destruiu a parede de *mdf*, atravessando-a como se fosse uma folha de papel, caindo sobre uma das pernas de Yaacov. – contou Giselda, com a face entristecida.

– Deus do céu, tia! Ele ficou preso! – espantou-se.

– Corri para tentar tirá-lo de lá. Fiz toda a força que pude, mas estava ficando com pouco fôlego. A fumaça estava me asfixiando. Além disso, houve mais explosões e uma delas fez com que desabasse uma parte do teto por onde parte da fumaça conseguiu sair, mas mesmo assim não foi suficiente para exaurir tudo aquilo. De repente, por um instante, Yaacov pegou em minha mão e a apertou com força. Olhou dentro dos meus olhos e falou com dificuldade: “Saia daqui... e destrua todos aqueles relatórios.”

– Nossa, então você sabia onde eles estavam!?

– Eu estava desesperada e segurando a mão dele, então eu perguntei, “Mas como??? Eu não sei onde eles estão!”. Então ele me disse, “Os relatórios estão na faculdade, na minha sala, mas eles não valerão nada sem o código que eu criei para eles. Vá até a minha casa e pegue-o dentro do mezuzá. Destrua tudo Giselda!”. Eu larguei a mão dele e tentei mais uma vez tirá-lo de lá. E foi a última vez. Ele pegou no meu braço esquerdo e pediu para que eu saísse de lá imediatamente, logo em seguida, ele desmaiou. Então eu o olhei com muito sofrimento e corri em direção aos

destroços caídos do teto, que formaram um barranco, por onde eu consegui escalar e sair. – contou ela com os olhos marejados.

– Eu lamento muito, tia! – Beatriz se levantou e lhe deu um abraço de conforto. – Eu a vi nesse momento. – ela recordava. – Eu estava do outro lado da sala e mesmo com toda a fumaça, quando eu vi você sair correndo eu gritei, mas a senhora não me ouviu. Gritei várias vezes, mas em seguida teve outra explosão próximo de onde você estava. E esse foi o momento em que pensei que nunca mais iria vê-la. Eu me levantei do chão para ir à sua direção, mas logo apareceram os homens da IQN usando máscaras e chegando cada vez mais perto de mim. Utilizei a fumaça a meu favor para me esconder, porém meus olhos estavam ardendo demais e fiquei com dificuldade em saber onde eles estavam. Contudo, por minha sorte, o buraco no teto permitiu que parte da fumaça escapasse, tornando o ambiente ligeiramente mais visível. Então, eu peguei a arma, que vi ao meu lado, e as munições que estavam dentro da caixa na minha frente; em seguida, escalei os destroços para sair de lá. Consegui respirar um pouco melhor, entretanto, Julius me aguardava pelo lado de fora. Quando ele veio em minha direção, eu comecei a atirar e correr ao mesmo tempo. Isso fez com que ele se escondesse atrás do muro na rua e eu conseguisse escapar. Corri até uma rua mais movimentada e parei um carro, ameaçando o motorista com a arma na mão. Ele cedeu. Fiquei com tanto remorso que eu poderia pagá-lo um carro novo se o visse novamente. – contou Beatriz, angustiada em relembrar a situação.

– Querida, mas se você não tivesse feito isso... aqueles homens iriam te alcançar. Não tinha como. E nós duas sabemos que você não ia fazer mal aquele sujeito. Você não ia atirar nele. – tentou reconfortá-la.

– Não, tia... eles me alcançaram. Depois que eu peguei o carro, eu fui direto para o chalé. Pensei que eles nunca iriam me achar lá.

– O chalé! Nossa! Como eles... como eles te encontraram lá? Ninguém mais sabia daquele chalé, Bia! – exclamou Giselda. – Temos a nossa casa lá em Campos, a minha outra casa no interior... mas aquele chalé, só nós duas sabíamos.

– Eu não sei, tia. Eles me encontraram lá, mas eu consegui fugir. Depois disso, tentei avisar Tomaz sobre o que estava acontecendo... e... e acabei dizendo que você havia morrido. Pouco tempo depois, os homens da IQN apareceram no Tradicional Café e então eu tive que fugir. Desaparecer da vida de todos, porque eu sabia que eles iriam fazer mal para as pessoas mais importantes para mim. Eles tinham sequestrado a senhora... e eu não queria que eles machucassem mais ninguém. – ela contou com o rosto de aparência lúgubre.

– Deus, Bia! Imagina agora como Tomaz deve ter ficado? E o pai dele?!

– O que adiantou, tia?! Eu tive todo o cuidado para que ele ficasse longe de mim. Fui rude com ele, Alex me ajudou a afastá-lo fingindo ser meu namorado... fiz ele sofrer, acreditar em mentiras, e mesmo assim, ele continuou procurando pistas a meu respeito. Eu só queria protegê-lo! Queria que ele ficasse longe de tudo isso. E agora... ele está com Christian. Para que tudo isso adiantou?! – chateou-se. – De alguma forma, Tomaz sabia dos relatórios de Yaacov. E ele achava que eles trariam mais informações sobre mim. Por isso ele ficou todo esse tempo frequentando a faculdade.

– Bia, ele tinha fé em encontrá-la. Não foi só por causa dos relatórios que ele estava aqui. A Sara que passou a ele essa conexão, mesmo que intencionalmente, qualquer gesto sutil, ele podia de alguma forma senti-lo.

– Tentamos afastá-lo. Alex levou até um soco por causa disso. – lembrou-se do olho roxo.

– Bem... querida... mas mesmo que ele tivesse os relatórios em mãos, ele não iria entender nada.

– Por isso ele estava atrás de mim, quer dizer, de Sara. Para que ela o ajudasse a entender tudo aquilo. Mas, voltando o que Yaacov tinha dito a você... quer dizer que ele escondeu o código na casa dele!? Isso foi muito arriscado, tia. Podia ter colocado a família dele em risco.

– Ninguém sabia disso, querida. Ele não falaria para ninguém, e também, ele conhecia toda a sequência dos processos químicos, não precisava do código. Ele escreveu para... para...

– Para mim?! – completou Beatriz.

– Por que está dizendo isso? – Giselda ficou preocupada.

– Quando estávamos trabalhando juntos no desenvolvimento da roupa, lá na IQN, ele pedia para que eu o ajudasse a fazer a mistura dos componentes químicos, entretanto, eu errava sempre, pois existia uma ordem certa. Lembro de que eu nunca conseguia guardá-la. Então, teve um dia que ele pegou e me puxou pelo braço, para dentro de um corredor, sussurrando que se caso acontecesse algo com ele... era pra eu continuar com o projeto para salvar a minha vida. Disse que havia escrito as etapas do procedimento, como se fosse um código, mas não deu tempo dele me dizer onde estava guardado.

– Ele nunca cederia em contar. – afirmou Giselda, lembrando-se da personalidade do professor Yaacov.

– Mas ele contou para você, tia. Eu sei que vocês eram amigos, convidava-nos para algumas festas, mas... era só isso, não?! – disse, pensativa.

– Eu o vi sendo sufocado pela fumaça, Bia. Ele faleceu quase em meus braços.

– Não tia, ele não estava morto ainda. Se o corpo dele foi encontrado com seis tiros no peito, então aqueles homens da IQN conseguiram tirá-lo com vida e depois o mataram. Malditos! – exclamou ela, irritada. – Depois você conseguiu ir até a casa dele?

– Logo que eu consegui fugir da IQN, voltei rapidamente para casa, peguei algumas roupas e passei na igreja. Eu não poderia partir sem antes fazer uma oração pela alma dele e pedir proteção à sua. Quando estava saindo, a dona Joana veio até mim, deu-me um abraço, perguntou de você e contou sobre a festa que ia ter. Mas eu estava tão abalada que não conseguia prestar atenção em que ela dizia. Respondi qualquer coisa para ela e saí de lá em seguida.

– Tia... acho que Tomaz esteve nessa festa. Lembro-me dele contar que havia conhecido uma moça na quermesse. Ele nunca foi nessas festas de igreja. Disse que estava atrás de você... e... tia! Tomaz realmente te viu ao lado de uma casa abandonada?! – de repente veio um flash de memória daquela noite.

– Eu me lembro dessa noite. A princípio, tê-lo encontrado naquele lugar foi uma surpresa para mim. Levei um susto com o grito que ele deu. Depois eu corri e me escondi entre as árvores, eu não queria que ele fizesse parte desse jogo de intrigas.

– Então era verdade! – as coisas estavam se esclarecendo na cabeça de Beatriz. – Ele realmente te viu, tia! Eu... eu nunca acreditei nisso! Estava cega... o tempo todo pensei que você não havia resistido ao incêndio na IQN. Como fui idiota! – resmungava.

– Você não tem culpa, Bia.

– E... o que você foi fazer naquele lugar? – ela perguntou ainda analisando os fatos em sua cabeça.

– Eu fui atrás dos relatórios.

– Naquele lugar? Então você... você sabia que estava com Raed Khalil?! Mas como!?! – espantou-se.

– Bom, depois da morte de Yaacov, eu não compareci no velório e nem no enterro com receio de encontrar aqueles bandidos fazendo vigia por lá. Deixei passar alguns dias. A família dele, tradicionalmente judaica, entrou nos sete dias de shivá, e eu, como uma amiga de Yaacov, tinha que dar minhas condolências e solidariedade a eles. Apareci na casa dele no terceiro dia após o enterro. Para a minha surpresa, um árabe estava na casa, como um representante da instituição onde ele lecionava.

– Raed Khalil! – exclamou.

– Sim, querida. Mas até aquele momento, só sabia alguns rumores daquele professor. Yaacov havia me contado sobre a reputação dele, coisas absurdas... sobre corrupção, estelionato e até extorsão! Além disso, ele dizia que não se davam bem na faculdade. Viviam entrando em discussão tanto nas reuniões internas, quanto na frente dos alunos. Ele não o suportava. Fiquei intrigada ao vê-lo visitar a família.

– Aquilo não eram rumores, tia... eu o vi fazendo aquilo.

– Enquanto eu estava dentro da casa conversando com os parentes de Yaacov, fiquei atenta com Raed e passei a vigiá-lo de longe em todos os lugares que ele ia. Eu o vi entrar no escritório e vasculhar as gavetas, encontrando o mezuzá dentro dela. No primeiro momento, eu estranhei dele ter encontrado dentro da gaveta, pois deveria estar pendurado ao lado da porta, mas depois eu percebi que talvez fosse aquele mezuzá que Yaacov se referia. Não demorou muito para que Raed o abrisse, retirando um

pergaminho de dentro dele. Ele desenrolou a pequena folha de papel, dando uma rápida olhada, logo depois, colocou-a dentro do bolso do seu paletó. Naquele momento, meu coração disparou. Pensei em algo rápido e, nesse meio tempo, Raed já se caminhava para sair da sala.

– Nossa tia! Isso é roubo. Você gritou? Chamou a polícia?! – Beatriz disse angustiada.

– Quando ele saiu da sala, eu joguei meu corpo em cima dele, dissimulando um desmaio. Então ele se assustou e me segurou imediatamente, impedindo com que eu caísse no chão. Colocou o meu braço ao redor do pescoço dele ajudando-me a caminhar até o sofá. Em seguida, vieram os parentes de Yaacov trazendo-me um copo d’água e começaram a fazer elogios pela rapidez e ajuda de Khalil. Ficamos por algum tempo conversando no sofá e em nenhum momento ele pareceu ser a pessoa que Yaacov dizia. Foi atencioso, prestativo e bastante carismático. Ele ficou esperando que eu me recuperasse, depois disso, ofereceu uma carona.

– Mas...?!

– Calma Bia... eu recusei a carona. Ninguém poderia saber onde eu estava me hospedando, ainda mais Khalil. Depois dele ter insistido várias vezes, eu pude perceber que eu o atraí de alguma forma. Assim, aproveitei essa situação para me aproximar dele e pegar o código.

– Ele ficou no seu pé... como a senhora saiu de lá? – ela perguntou, curiosa.

– Bom, eu recusei a carona, mas não o jantar. – disse Giselda, dando um sorriso.

– Não acredito! Você teve um encontro com Raed Khalil!? – exclamou Beatriz com os olhos arregalados.

– Além do jantar, ele me convidou várias vezes para sair. Só assim, conquistando a confiança dele, que eu poderia conseguir o que queria.

– E você conseguiu, tia. Você sabia onde estavam os relatórios e o código!

– Não, ele nunca me disse nada sobre isso. Mas teve uma vez... uma única vez, em que eu insisti para que ele me levasse até a faculdade. Nesse dia, demos uma caminhada até a praça central. Já era final de tarde, estava escurecendo e de repente, o celular dele tocou. Khalil fechou o seu semblante e depois desligou a chamada perguntando se eu poderia acompanhá-lo até um lugar próximo de onde estávamos. Fomos até uma casa, que estava para ser demolida, e em seguida ele pediu para que eu esperasse do lado de fora, dando a justificativa de que seria perigoso se algo desmoronasse lá dentro. Alguns minutos depois, ele saiu com um envelope na mão.

– Esse era o lugar em que Tomaz a viu, certo?!

– Sim, mas foram dias diferentes. Até então eu não sabia onde ele escondia as coisas. Perguntei o que havia no envelope e ele disse que era apenas um projeto que o professor Euclides ia desenvolver.

– Guardado ali!? – Beatriz desconfiou. – Por que ele guarda os projetos naquela casa cheia de pó?

– Foi exatamente isso que eu perguntei. Khalil respondeu que era para salvar de olhares interesseiros de outros professores, e complementou dizendo que tinha muitos projetos vindos de Sharjah, por isso achava mais seguro guardá-los ali do que em sua sala.

– Por isso que a senhora suspeitou que os relatórios e os códigos estivessem lá? E então, aquele dia que Tomaz a viu... você... você ia verificar isso! – deduziu ela, mais esclarecida sobre os fatos.

– Exatamente, querida.

– Bom... agora eu sei como ele conseguiu pegar o código, mas só não entendo como ele sabia que havia uma ordem nos relatórios.

– No dia em que conheci Khalil, eu perguntei para ele o que seria feito com as coisas do professor Yaacov, que estavam dentro da faculdade. Então ele me contou que, exceto os pertences pessoais que voltaram para a família, alguns dos trabalhos do professor iam ser distribuídos pelos laboratórios, alguns iriam para a biblioteca e outros ele ia pegá-los, porque havia autoria dele em conjunto.

– Mentira!!! Isso é uma mentira. Yaacov nunca faria um trabalho com esse estelionatário! – irritou-se.

– Eu também não acreditei. Mas se ele foi até a casa de Yaacov para pegar o código, é porque antes disso, ele já sabia do que se tratava.

– Hum... – Beatriz ficou pensativa por alguns segundos. – Acho que eu sei, tia.

– O quê?

– Espere um segundo. Meninos... desçam aqui! – ela os chamou. – Túlio, traga o seu computador, por favor.

Alex sentou-se no sofá ao lado da tia, enquanto Túlio se sentou no chão colocando o seu *notebook* em cima da mesinha da sala, com a tela virada para Giselda e Beatriz.

– Túlio, abra a pasta que contém todos os documentos de Raed Khalil. – ela pediu, sem tirar os olhos da tela. – Agora tente achar para mim algo que tenha o valor de milhões de reais.

– O que é isso, Bia?

– Espere tia... logo você irá entender.

– Aqui está... achei um documento remetente a uma empresa... IQN, é isso Bia? – perguntou Túlio, concentrado no documento.

– Sim, o que tem mais? – perguntou, ansiosa.

– Hum... tem aqui... a descrição do projeto... – disse ele, examinando o documento. – ...descreve a proposta e enfatiza o valor.

– Tem a data?

– Raed Khalil escaneou esses documentos faz... mais ou menos... – Túlio verificou no calendário do seu computador. – Nossa, tem quase um mês.

– É isso. Ele sabia! – concluiu Beatriz.

– Querida, eu não estou entendendo... como vocês temesses documentos? – perguntou Giselda, admirada.

– Tia, você esteve na casa de Yaacov alguns dias depois do enterro e o professor Raed escaneou esses documentos no mesmo período.

– Mas que documentos são esses?

– Referem-se à proposta que Yaacov recebeu da IQN para desenvolver a roupa e o valor a ser pago. – respondeu a sobrinha.

– Sim, está tudo descrito aqui. – confirmou Túlio.

– Quer dizer que... aparentemente, Khalil sabia do que se tratava aquela roupa. – disse Giselda, pensativa.

– Não tia, aparentemente não, ele sabia! – afirmou Alex. – Mostra aqueles outros arquivos para ela, Túlio.

– Hum... deixa-me ver aqui... – procurava ele. – ...extrato de transação do dinheiro roubado da faculdade depositado na conta da Suíça, notas fiscais frias de compra de equipamentos para o laboratório, lista de nomes de compradores de armas... hum... aqui está! E-mails!

– Tia, leia esses e-mails trocados por Raed. – disse ela, segurando o *notebook* próximo do corpo da tia.

Durante alguns minutos, todos ficaram em silêncio até que Giselda terminasse de ler.

– Então... Raed também era um mercador?! – disse Giselda, quebrando o silêncio da sala. – Aqui diz: “Conforme conversamos por telefone, Madij, pela irmandade muçulmana, vender a roupa para você é prioridade”. Ele realmente sabia do projeto.

– E ele soube que havia um código através disso aqui. – Túlio mostrou a foto de um papel parcialmente rasgado e amassado com anotações de nomes e equações mostrados em uma sequência ordenada.

– Essa é a letra de Yaacov! – confirmou a tia.

– Ele deve ter escrito essas anotações antes de ir para a IQN. – comentou Alex.

– E quando percebeu que era uma espécie de código, ele foi atrás do papel na casa do Yaacov. – deduziu Túlio.

– Mas como ele sabia que estava dentro do mezuzá?! – Beatriz ficou intrigada.

– Não querida, Raed não sabia. Quando eu estava vigiando-o, eu o vi entrar em vários lugares da casa. Ele vasculhava tudo, mas ninguém estava notando e nem com cabeça para isso. Abria as portas das estantes, folheava os livros, olhava até dentro de umas caixinhas de madeira. Ele ter encontrado os códigos dentro do mezuzá foi uma infeliz coincidência. – respondeu Giselda, lembrando-se daquele dia.

– Depois de ter pegado o código, Raed fez com que Euclides pressionasse Beatriz para que ela lhe entregasse os relatórios imediatamente. Com o código em mãos e os relatórios relacionados, ele

conseguiu separá-los para poder enviar o projeto da roupa para Amjad, em Sharjah. – esclareceu Alex.

– Ele não podia mandar aquilo para os Emirados Árabes! – exclamou a sobrinha.

– Mas... mas... como vocês conseguiram tudo isso?! – disse Giselda, admirada com tanta informação.

– Túlio, que é cientista da computação...

– E hacker nos tempos livres... – ele completou, colocando as duas mãos no peito se gabando.

– ...bem... ele instalou duas microcâmeras na sala de Raed e colocou um vírus no computador dele. Daí nós tínhamos as imagens... e acesso em tempo real sobre tudo que o professor fazia. – explicou ela.

– Estou realmente surpresa com tudo isso!

– Tia Giselda, o pior de tudo isso, para mim, foi instalar essas câmeras. Ai, ninguém merece. Quase morri! – disse Túlio ao se lembrar do dia em que Raed pensou que seu carro estava sendo roubado.

– Não exagera, Túlio. – disse Beatriz dando um sorriso. – Alex furou os pneus do carro de Raed naquela noite, e então, esperamos que ele e Euclides saíssem da sala para que Túlio pudesse fazer o trabalho.

– Meu coração fica acelerado só de lembrar, veja! – Túlio pegou na mão de Alex e a colocou em cima do seu peito.

– Então através de uma cópia da chave da sala dele e usando o meu disfarce de faxineira, eu descobri onde ele guardava a chave daquela casa abandonada. Depois disso, fui procurar os relatórios no meio de toda aquela poeira. – contou ela.

– Quer dizer que você está com os relatórios e o código, Beatriz?! Temos que destruir isso!! – Giselda exclamou de felicidade, agonia e

desespero.

– Não é só isso, tia... – disse Alex olhando para Túlio e Beatriz. – Eu já venho. – ele subiu a escada rapidamente.

– Querida, você é maravilhosa! Eu estou tão orgulhosa de você! Venha cá! – Giselda abriu os braços para dar um abraço na sobrinha. – Vem aqui você também, querido! – ela abraçou os dois ao mesmo tempo. – Todos vocês são maravilhosos! Eu... eu estou tão feliz por minha sobrinha estar viva... – emocionou-se. – e ...por vocês tê-la ajudado, envolvendo-se a esse ponto nessa confusão toda... eu... não sei o que dizer, eu... – ela parou de falar ao ver Alex descendo a escada trazendo uma imensa sacola em um das mãos.

– Aqui está. – disse ele, colocando a sacola em cima da mesa da sala. – Como havia dito, tia... não é só aquilo que nós temos.

– O que é isso? Um presente para mim? – brincou.

Enquanto Túlio ajudava abrindo a sacola, Alex retirava cuidadosamente algo de lá de dentro.

– Aí está tia... – apontou Beatriz.

– Oh meu Deus!!! – Giselda ficou pasma.

Colocou as duas mãos na frente da boca, arregalou os olhos e seu rosto empalideceu.

– Agora... nós temos A Roupa! – completou a sobrinha.

Capítulo Vinte e Dois

Já era tarde da noite quando Julius, Christian e Tomaz chegaram à IQN. Mesmo naquele horário, ainda havia algumas pessoas lá dentro; alguns pesquisadores, que trabalhavam sozinhos em seus laboratórios, os sentinelas fazendo a vigia do lado de fora, e o Coronel Torres que aguardava seus homens, excepcionalmente, naquela noite.

Para que eles pudessem entrar na IQN sem que os soldados percebessem que estavam com um refém, Julius entrou com o carro na comunidade a alguns quarteirões próximos da empresa e parou o carro de frente para o casebre, por onde tinha acesso ao túnel que os levava direto ao subsolo do prédio.

Julius foi o primeiro a sair do carro. Abriu a porta traseira e puxou Tomaz brutalmente pelo braço; em seguida, desceu Christian com sua arma em punho. Logo que entraram no casebre, Julius, à frente de todos, abria as portas que davam acesso ao túnel, enquanto Tomaz, com uma mordaca entre os dentes e os braços amarrados para trás, seguia-o ao lado de Christian, que apontava a arma para a sua cabeça. Depois de poucos minutos caminhando, eles chegaram à IQN.

O lugar estava bem escuro, havia apenas uma luminária industrial ligada, fazendo com que o restante daquele enorme espaço ficasse à

penumbra.

Julius pegou Tomaz pelo braço forçando-o a se sentar em uma cadeira de aço inox, que estava debaixo daquela luminária. Em seguida, enquanto lhe amarrava as pernas e os braços junto à cadeira, eles ouviram alguém se aproximar.

Antes mesmo que ele pudesse reconhecer o homem com a silhueta larga e de altura mediana, no meio da luz que ofuscava sua vista, Christian o apresentou:

– Coronel! Esse é o homem que estávamos vigiando.

– Eu não costumo me esquecer de nenhum rosto. – respondeu, aproximando-se do foco de luz. – Você esteve em minha sala. – lembrou-se. – Enganou a segurança, vasculhou minhas coisas... mas desta vez, você é o nosso convidado. – disse ele com sarcasmo.

Ao ver os olhos profundos, o corpo forte, o cabelo preto com alguns fios brancos e ouvir a grossa e intimidadora voz, Tomaz pode se recordar da última vez que ficou frente a frente com o Coronel Torres.

– Então... Beatriz estava na faculdade o tempo todo... E vocês só foram perceber isso hoje. – disse ele, incrédulo, depois de Christian ter passado as informações pelo telefone.

– Senhor, ela estava disfarçada. Não era a Beatriz que conhecemos... era outra pessoa... – explicava Julius.

– Outra pessoa...? Que diabos você está me dizendo?! – irritou-se.

– Coronel, ela usava uma máscara, de silicone, talvez. Ela estava irreconhecível. Ela se disfarçou como uma faxineira da faculdade. – explicou Christian.

– Você se comunicava com ela o tempo todo... – dizia Torres olhando para Tomaz. Em seguida, dirigiu-se para Julius e Christian. – ...E vocês só

descobriram isso agora, seus incompetentes!!! – gritou furiosamente.

– Senhor, nós... – Julius foi interrompido.

– Não quero ouvir mais nada! Ligue para ela agora. Quero os relatórios e ela aqui amanhã, senão estourem a cabeça dele. – ordenou Torres.

Christian ligou no celular de André e, segundos depois, ela atendeu.

– Beatriz.

– Se você se preocupa com o bonitão aqui, acho melhor você ficar com esse celular na sua cintura! – Christian ameaçou-a.

– Quero falar com ele! – exigiu ela.

– Querida, você não está em condições de querer nada.

– Deixa-me falar com ele! – irritou-se.

– Bia... por favor.. fique calma. – sussurrou Túlio.

– É o seguinte, vou ser breve. Você deverá estar na IQN amanhã de manhã às nove horas. Entrará pelo portão principal.

– Primeiro quero saber se ele está bem. – disse ela, angustiada.

– Fale com ela. – Christian sinalizou para Julius tirar a mordação da boca de Tomaz e segurou o telefone próximo ao ouvido dele.

– Bia? Bia... eu estou bem. Eu... – Christian lhe tirou o telefone sem deixá-lo continuar. – Não venha aqui!!! – gritou ele, um segundo antes de Julius interceptá-lo com um soco no rosto.

– O que você quer que eu fale para os seguranças da portaria quando eu chegar aí? – perguntou ela, enraivada.

– Não precisará dizer nada, querida. Eu mesmo irei ter a honra de recebê-la. – respondeu Christian com sarcasmo. – Coloque os relatórios dentro de um envelope. – exigiu. – Ah! E não faça nenhuma gracinha, senão seu amiguinho morre! Entendeu bem?!

– Eu estarei aí. – respondeu ela, prontamente.

– Ótimo. Estarei te aguardando. – Christian desligou a chamada.

No quarto de Beatriz estava Alex, Túlio e Giselda com os olhares curiosos e os corações acelerados esperando ela desligar o celular.

– O que ele disse? – perguntou Giselda, angustiada.

– Eu tenho que estar na IQN com os relatórios amanhã de manhã. – respondeu ela, pensativa.

– E o Tom? Ele está bem? – perguntou Túlio, preocupado.

– Eu ouvi a voz dele... eu... eu não sei. – disse Beatriz com a expressão amargurada em seu rosto.

– Precisamos chamar a polícia! – disse Giselda, alarmada.

– Não! Nada de polícia! Eu preciso ir até lá sozinha.

– Mas Bia, eles estão armados. Como vai enfrentar aqueles caras sozinha!? – disse Alex, sem saber o que fazer.

– Eles me querem... porque não sabem como fazer a roupa. Provavelmente, vão querer que eu faça para eles e...

– E depois eles vão te matar! O que adianta você ir sozinha!? Chame a polícia, Bia. – insistiu Alex.

– Alex tem razão, querida. Eles poderão matá-lo quando você chegar lá e depois... sabe lá o que estão planejando. – disse sua tia, apoiando Alex.

Todos ficaram alguns minutos em completo silêncio. Beatriz se sentou na cama com um olhar pensativo, analisando os conselhos de Alex e de Giselda. Depois de tantos acontecimentos, tinha muito medo de tomar a decisão errada e acabar ferindo a pessoa que largou tudo para ir atrás dela. Ela não poderia deixar que mais nada acontecesse com Tomaz, mesmo presumindo que seu amigo e sua tia estivessem certos em suas opiniões. Pensou em outras possibilidades e, pouco depois, o silêncio foi quebrado ao ouvirem o timbre da voz decidida de Beatriz:

– Eu farei o que eu havia pensado antes, Alex!

– Está brincado?!

– O quê? O que é?! – Giselda ficou preocupada.

– Ela irá usar a roupa. – respondeu Alex, tentando entender o plano dela.

– Não Bia! Você não vai fazer isso! É muito arriscado. A roupa nunca foi testada antes. – alertou Giselda.

– Então esta será a primeira vez! – respondeu com convicção.

– Mas você estará sozinha... a roupa poderá falhar e... Oh! Não quero nem pensar. – disse ela, fechando os olhos e levando uma das mãos à cabeça.

– Eu não estarei sozinha.

– Não?! – disseram em uníssono, espantados.

– Ai, graças a Deus... você resolveu chamar a polícia. – falou Giselda, um pouco mais aliviada.

– Não, eu não disse isso. Eu não vou chamar a polícia! – respondeu olhando para a tia que perdeu o alento. – Túlio irá me ajudar. Irá fazer a coisa que ele mais sabe fazer.

– Eu... eu sei?! – respondeu ele, sem saber do que se tratava.

Beatriz pegou a roupa em cima da cama e a esticou em cima da mesa. Chamou Túlio para lhe mostrar onde estavam as posições das câmeras acopladas no tecido.

– Veja Túlio, tem câmeras espalhadas por toda a roupa, mas em pontos estratégicos. O tecido foi alterado por aqueles processos físico-químicos descritos nos relatórios, tornando-o mais resistente e mais sensível a geração da camuflagem. As câmeras capturam a imagem do ambiente externo e depois a transmitem para o tecido que funciona como uma tela.

Temos aqui um pequeno hardware e um software que organiza as imagens, como um mosaico. – mostrou-lhe uma pequena placa costurada na parte interna da roupa. – E então para colocá-la em funcionamento... é só acionar este botão. – ela empurrou o botão com o formato de um mini-interruptor e, quase que instantaneamente, apareceu a imagem da superfície da mesa.

– Uau!!! – exclamaram todos, atônitos. – Oh, e agora!? – disse Túlio, com os olhos arregalados.

Beatriz, ainda com a mão em cima do botão, empurrou-o de volta desligando a roupa, fazendo com que ela voltasse aparecer em cima da mesa.

– Funciona. – disse ela, olhando para sua tia com um sorriso.

– Bem, o que eu tenho que fazer? - perguntou ele, ainda atônito.

– Túlio, nós vamos fazer umas pequenas modificações. Acoplaremos uma nova câmera e... preciso que você transmita a filmagem em tempo real! Consegue fazer essas mudanças?

– Hum... – ficou pensativo por alguns instantes. – Acho que vou usar uma conexão 4G... e mais algumas coisas... mas... – ele interrompeu o que dizia e examinou o microcomputador e a bateria acoplados na roupa. – Vocês poderiam me dar um minuto? – perguntou concentrado na ideia. – Preciso levar essa roupa até o outro quarto.

Túlio a pegou e se trancou no quarto. Meia hora se passou quando Beatriz foi bater na porta, mas ele pediu mais alguns minutos. Ela se sentou no chão e Alex foi buscar uma cadeira para Giselda se juntar a eles. Aproximadamente uma hora e meia depois, Túlio finalmente abriu a porta.

– E aí? – Alex perguntou curioso.

– Deu certo? – perguntou Beatriz, receosa.

– Aqui está a roupa, Bia. Segure-a. Agora venham todos aqui. – chamou para dentro do quarto. – Olhem para o monitor. Bia, ligue a roupa!

Beatriz fez o que Túlio lhe pediu e, em poucos segundos, a imagem do quarto aparecia na tela do *notebook*. Todos ficaram surpresos e felizes com o que viram.

– Você conseguiu!!! – Alex exclamou de felicidade.

– Bom... agora vem a parte mais complicada. – disse, receosa.

– Como assim? – perguntou Alex, e logo depois olhou para Túlio sem entender.

– Agora que ele conseguiu fazer as mudanças necessárias na roupa, precisamos fazer a transmissão da imagem em tempo real. – explicou ela.

– Mas está em tempo real. Olhe, mexa a roupa. Estou vendo a cama, a janela... – dizia Alex enquanto olhava para a tela.

– Não é bem isso. – respondeu ela. – Eu quero dizer em mandar as imagens para todas as emissoras de televisão.

– O quê?! – Alex se espantou.

– Túlio, entre no sistema deles e faça a transmissão!

– Beatriz! – repreendeu sua tia. – Esta colocando muita responsabilidade nos ombros dele. Está deixando-o nervoso. – disse, preocupando-se com o rapaz. – Querido, você acha que consegue fazer isso?

– Tia... como sua sobrinha disse, isso é o que eu mais sei fazer. – respondeu ele, olhando-a com um sorriso torto.

– Excelente! – exclamou Beatriz, animada.

– Ok, vou fazer isso agora! – disse Túlio pegando seu *notebook*.

– Eu irei pegar os relatórios lá em baixo, Bia. – disse Alex, descendo as escadas.

– Tia... por favor... não fique me olhando desse jeito...

– Beatriz, você sabe quão perigosos são aqueles homens. Sabe com quem está lidando. Tenho tanto receio de que aconteça algo com você... eu não me perdoaria. Nunca. – disse Giselda, entristecida e agoniada.

– Eu preciso me trocar. Tenho que estar na IQN antes do amanhecer. Tentarei entrar no mesmo horário dos funcionários. – disse, auxiliando sua tia a se levantar da cadeira. – Procure descansar um pouco e não seja teimosa em querer andar com a perna desse jeito.

Beatriz ajudou Giselda a andar até sua cama enquanto a convencia a se deitar e descansar. Em seguida, pegou a roupa para se vestir.

No formato de um macacão com pernas e mangas longas, a roupa era feita de um tecido branco e fosco que era capaz de se ajustar a qualquer tamanho de corpo. Suas fibras tinham a textura de um micromosaico hexagonal quase imperceptível e eram ativadas com o calor humano, podendo se contrair ou se esticar. Além disso, possuía um capuz que cobria toda a cabeça sem prejudicar a visão para o ambiente externo e nem a respiração do usuário. Ela vestiu o traje escondendo a arma e o envelope com os relatórios dentro dela. Logo depois, bateu duas vezes na porta do quarto onde Túlio estava.

– Estou pronta. Vamos testá-la novamente?

– Pode ligar. – respondeu ele, olhando a tela do seu computador.

– Isso é incrível. Você... você está imperceptível, Bia! – disse Alex, sem ter se acostumado ainda com a novidade.

– É um bom sinal. Vou ligar e desligar mais algumas vezes.

– Hum... dê uma volta pela casa. – sugeriu Túlio.

Com a roupa ligada, Beatriz passou por todos os cômodos. Mas ainda não totalmente satisfeita, abriu a porta da casa e andou pela vizinhança.

Tocou a campainha, várias vezes, de uma das casas até que um homem apareceu na janela e olhou em sua direção. Com receio, fez sua última prova e tocou novamente a campainha com o senhor olhando para o seu portão.

– Mas que diabos!!! – resmungou ele. – Quem está aí!? – gritou.

– O que está acontecendo? – perguntou sua esposa que também acordou com o barulho.

– Essa campainha, ela deve estar com defeito! – exclamou ele, irritado.

– Volte a dormir, não tem ninguém no portão.

Feliz com o resultado, Beatriz voltou para o quarto de Alex.

– Você foi acordar aquele senhor!? Logo aquele que vive reclamando de tudo aqui na rua. – disse Alex, depois de ter visto o que aconteceu através do computador de Túlio.

– Eu tinha que ter certeza. – respondeu ela, bem animada e dando de ombros.

– Ótimo! Está tudo certo, querida. Eu cuidarei das coisas aqui. – disse Túlio, dando-lhe um beijo de despedida no meio da testa.

– Cuide da minha tia, Alex. – pediu ela.

– Nós ficaremos bem, querida. – respondeu ele, dando-lhe um abraço.

Beatriz entrou no seu quarto e deu um beijo no rosto de sua tia, que havia pegado no sono de tão exausta.

– Eu te amo, tia. Eu voltarei em breve. – despediu-se.

Beatriz partiu para a IQN dirigindo o carro de Alex. A estrada que ligava o interior com a capital estava com o trânsito livre. Ainda era de madrugada e não havia carretas no meio da rodovia. Ela se sentia tão ansiosa e apreensiva que não teve problemas com o sono. Estava mais

acordada do que nunca e precisava estar ainda mais atenta quando chegasse à empresa.

Durante o caminho, Beatriz tinha fé que ainda poderia salvar a vida de Tomaz, mesmo que as chances fossem pequenas. Horas depois de viagem, ela avistou o prédio da IQN.

Com cautela, estacionou o carro distante o suficiente para que ficasse à espreita sem ser notada pelos sentinelas. Não demorou muito tempo até que um ônibus fretado chegou e parou em frente ao portão principal, em seguida, alguns carros passaram por ela e entraram na IQN. Quando viu as pessoas saírem do ônibus, percebeu que era o momento de agir. Acionou a roupa e saiu do carro.

Enquanto andava sorrateiramente, evitando que esbarrassem com seu corpo, Beatriz observou que os empregados passavam pelo portão principal, continuamente, o que a fez pensar em outra forma de entrar. Se alguém a tocasse, seria o fim. Olhou o portão de aço por onde os carros entravam e concluiu que essa seria a melhor maneira de se infiltrar no local. Correu e aguardou mais um carro chegar. O soldado verificou a credencial do empregado e depois liberou a entrada. No momento em que o portão foi aberto, ela entrou no estacionamento da empresa e correu para dentro do edifício.

Por se tratar de um projeto secreto que envolvia apenas o grupo do Coronel Torres, Beatriz desconfiou que Tomaz havia sido levado para o subsolo da empresa, para que assim não levantassem suspeitas. Desse modo, logo que entrou, foi em direção ao subsolo.

O tempo em que trabalhou forçada para o Coronel Torres foi suficiente para conhecer os corredores do edifício. Apesar de saber do túnel, Beatriz achou que seria mais fácil de suspeitarem de sua presença se o utilizasse, já

que teria que arrombar a porta para poder acessar o prédio. Logo, preferiu fazer o que a maioria deles faziam: acessavam o subsolo por dentro da IQN.

Andando em passos rápidos, mas com cautela para não esbarrar nas pessoas, Beatriz chegou ao corredor da sala de reuniões e, de repente, se deparou com André e Pedro entrando em sua frente. Apavorada, imediatamente ela parou de andar e seu coração disparou, sentindo seu corpo estremecer. Respirou fundo e se encostou na parede deixando o caminho livre para eles passarem. Ficou observando-os por alguns segundos e, pouco depois, ela os seguiu até a sala de reuniões.

André abriu o alçapão que ficava encoberto pelo tapete no canto da sala e desceram a escada. Para a sorte dela, Pedro acendeu as luzes do subsolo, fazendo com que clareasse parcialmente o salão e, principalmente, facilitasse a procura por Tomaz. Enquanto estava descendo a escada, ela podia vê-lo de longe, preso na cadeira de aço. Correu até ele.

– Pensei que vocês dois tivessem morrido naquele lugar. – disse Christian, ao ver André e Pedro.

– Nós fomos buscar todo o material no *flat*. Câmeras, escutas, computadores... está tudo aqui. – disse Pedro, colocando duas mochilas na frente de Christian.

– E o teu ombro?

– Está melhor, Chris. – respondeu André com o ombro enfaixado.

Beatriz chegou ao lado de Tomaz e se abaixou para desamarrá-lo. Ele sentiu algo em seus pés e em seguida, sentiu que algo tocava suas mãos que estavam amarradas para trás, mas não conseguia ver o que era. Quando Beatriz acabou de desatá-lo completamente, ela sussurrou em seu ouvido:

– Tom... Tom... fique como está. Sou eu, Bia. Não se mexa agora. Você está com as cordas, mas elas estão frouxas.

– O que você...

– Shhh... não diga nada! Ouça-me! Não tem como sairmos daqui ainda, eles vão notar. Espere quando eu mandar.

Percebendo que os quatro homens estavam conversando, ela aproveitou para se aproximar e filmar o que diziam.

– O que vocês fizeram com o corpo de Raed? – Christian estava curioso.

– Pedro espalhou gasolina na sala toda... e... incendiou tudo.

– Hum... assim ia camuflar o crânio do árabe estourado. – disse Christian, pensativo. – Não pude fazer o mesmo com o Yaacov.

– E ainda teve algumas explosões depois que saímos de lá, acho que o corpo do árabe não ficou inteiro. – Pedro completou.

– E o que faremos com ele? – perguntou André, dirigindo-se até Tomaz.

– Estamos aguardando a garota. Depois que tivermos tudo em mãos... você dê um fim nele. – ordenou.

– Acho que o seu tempo está acabando, cozinheiro. – zombou Julius.

– O que vocês vão fazer com ela!? – perguntou Tomaz, exaltado.

– Você tem dúvidas? – Julius respondeu com sarcasmo. – Ei pessoal! O cozinheiro está nervosinho aqui, querendo saber o que vamos fazer com a amiguinha dele.

– Por que vocês precisam dela?? – perguntou ele, enfurecido, depois de ter ouvido as risadas de deboche ao longe. – Pegue os relatórios e a deixe em paz!

– Depois que não precisarmos mais dela... ela terá o mesmo fim que você. – Julius se curvou ficando cara a cara com Tomaz. Os narizes, a poucos milímetros de distância, estavam quase se encostando.

Tomaz, totalmente enfurecido, aproveitou o momento para lhe dar uma cabeçada no nariz de Julius, fazendo-o sangrar. Mas quase de imediato, Julius virou seu corpo e deu um soco no rosto de Tomaz, fazendo-o tombar da cadeira.

– Se encostar em mim de novo... – dizia Tomaz com dificuldade, que logo foi surpreendido com um chute no estômago, tirando-lhe o fôlego.

– *Cof... cof, cof, cof!!* – Enquanto estava caído de lado no chão conseguiu se soltar totalmente das amarras. Olhou Julius com muita raiva e quando ele se preparou para lhe dar mais um chute, Tomaz se esquivou saltando para o lado, fazendo com que o pé de Julius acertasse a cadeira em cheio.

O barulho do chute ecoou por todo o salão, chamando a atenção dos outros homens que correram em direção ao colega. Tomaz, observando-o recuar por causa da dor, aproveitou e deu mais dois socos no rosto dele, acompanhados de chutes em todo o corpo. Neste instante, os outros homens chegaram e viram a briga entre os dois. Quando Pedro colocou a mão em sua arma, Beatriz pegou uma cadeira e a bateu contra a cabeça dele.

– Tomaz! Não!!! – gritou ela.

Pedro caiu desacordado no chão e os outros dois homens então perceberam o que estava acontecendo. André colocou os óculos de visão infravermelha, enquanto Christian sacou a arma e apontou para Tomaz:

– Pare vocês dois, senão eu atiro.

Tomaz o olhou com a mira apontada para sua cabeça e levantou as mãos.

– Amarre-o! – ordenou Christian.

Enquanto Julius pegava as cordas, Beatriz, atrás de Christian, segurava a pistola.

– Tsc... tsc... tsc... nem pense nisso. – disse André apontando a arma para a cabeça dela. – Jogue a arma no chão!

Christian virou a cabeça para o lado, mas não via nada, apenas André com a arma apontada em sua direção.

– Que porra é essa que você está fazendo?! – exclamou Julius sem entender.

– Apareça agora, Beatriz! Senão ele morre. – disse Christian, sem tirar sua arma da cabeça de Tomaz.

Beatriz, sem alternativas, jogou sua arma e desligou a roupa tornando-se visível a todos.

– Ora, ora... então você fez a roupa sozinha! Tire-a agora! – ordenou.

– Não Bia, fuja daqui! – gritou Tomaz.

– Cale a boca, cozinheiro! – Julius deu outro soco no rosto.

– Pare com isso! Eu tiro... – disse ela, não suportando mais ver seu amigo ser espancado.

Ela tirou a roupa e a passou para André.

– Agora me dê os relatórios. – ordenou Christian.

Ela pegou o envelope e lhe passou.

– Amarre-a! Coloque-a junto com o cozinheiro! – ordenou. – André, avise o coronel que nós estamos prontos.

Christian pegou a roupa e a vestiu. Depois de alguns minutos, Torres chegou ao subsolo com um cientista.

– Muito bem, onde estão os relatórios? – perguntou Torres ao André.

– Christian? Christian?! – André deu uma olhada e não o viu. Colocou novamente os óculos infravermelhos e então, conseguiu vê-lo onde estava.

– Coronel, vamos até o laboratório.

Torres e o cientista acompanharam-no, e quando eles entraram no laboratório, Christian desligou a roupa, tornando-se visível a eles.

– Inacreditável! – disse o cientista surpreso, arregalando os olhos.

– Onde estão os relatórios? – exigiu Torres.

– Aqui está, Coronel. – passou-lhe.

– Cadê a garota?

Christian respondeu apenas apontando para ela.

– Hum... vamos ver se esses relatórios são verdadeiros. – disse Torres, passando-os para as mãos do cientista ao seu lado. – Faça o seu trabalho!

Um homem branco, calvo, com estatura próxima de um metro e sessenta, e um pouco acima do peso, usava um óculos de armação preta quadrada, calça jeans, camisa azul de botão e um avental branco. Tinha sido contratado, primeiramente, a contragosto do Coronel León, que o recusou por ser um cientista brasileiro. Contudo, devido aos recentes acontecimentos na Venezuela, e das mudanças de prioridades, o Coronel León liberou a contratação do cientista em troca de envio de armamentos urgente para suas tropas. Dessa forma, o doutor Maxwell Dapper, também conhecido como Max D, foi chamado pelo Coronel Torres para desenvolver a roupa.

Ele pegou os papéis e os examinou. Demorou alguns minutos antes de iniciar a preparação dos compostos. Enquanto isso, Christian desaparecia algumas vezes, mostrando o funcionamento da roupa para o Coronel.

Beatriz e Tomaz, mesmo estando um pouco longe do laboratório, conseguiam ver a movimentação através das janelas de vidro montadas sobre as divisórias de até um metro setenta de altura feitas de *mdf*.

– Christian tem que deixar aquela roupa ligada. – sussurrou ela, preocupada.

– Por que você veio, Bia? Você não deveria estar aqui. – lamentou.

– Está doido?! Essa briga é minha, Tom. Só minha.

Beatriz viu Max se virar para o Coronel e dizer algumas palavras e logo depois, todos eles se voltaram para ela. Saíram do laboratório e foram em sua direção.

– Mas que diabos! E agora?! – sussurrou Tomaz, preocupado.

– Solte-a! – ordenou o Coronel.

Julius desatou as cordas e André a puxou pelo braço.

– Onde estão os verdadeiros relatórios?!?! – gritou o Coronel, irritado.

– São aqueles! – enfrentou-o.

– Garota imbecil! – André lhe deu uma bofetada no rosto.

– Ei!!! Não faça isso! – gritou Tomaz.

– Vou perguntar mais uma vez... onde estão a porra dos relatórios?

– Não existem outros! São aqueles! – repetiu ela.

Coronel pegou a arma da cintura de André e a mirou para a cabeça de Tomaz.

– Vou matá-lo.

– Nãããooo!!!! – gritou ela. – Eles têm uma ordem!

– O quê?! – disse Max, surpreso.

– Existe uma ordem para se misturar os componentes e deixar o tecido com as propriedades certas. – respondeu ela, em desespero.

– Mostre-me AGORA! – ordenou Torres.

André pegou fortemente Beatriz pelo braço, deixando-a marcada, e a levou ao laboratório.

– Onde está o Christian? – perguntou ela.

– Está do lado de fora, acompanhando tudo, por isso não banque a experta. – respondeu André ainda utilizando os óculos. – Agora faça o que

o coronel mandou! – exclamou.

Beatriz, com as mãos trêmulas, retirou de dentro do bolso de sua calça o papel que indicava a sequência certa. Torres, bruscamente, tomou o papel da mão dela e o passou para o pesquisador.

– Max, verifique isso! – ordenou.

Com os relatórios e a sequência dos procedimentos em mãos, Max D analisava todas as formulações com extrema atenção. A cada etapa do procedimento que ele lia, seus olhos estalavam de ansiedade.

Alguns minutos depois, Max, boquiaberto, olhou surpreso para o coronel e falou, quebrando todo o silêncio e expectativa:

– Eles são verdadeiros... Estão corretos!

– Essa roupa é uma arma de guerra. Por que você obrigou o professor Yaacov e a mim para desenvolvê-la?

– Yaacov Baum era a pessoa mais capacitada para fazer esse trabalho. Pesquisamos várias outras, mas ele foi imbatível. – respondeu Torres.

– Ele nunca quis trabalhar para vocês! Canalhas! Ele era uma boa pessoa. – disse Beatriz, furiosa.

– Você acha que ele teria alguma chance de escolher? Aqui, nós selecionamos e mandamos buscar. – Torres deu uma pequena risada.

– Por que me escolheram?

– Baum era um gênio, tinha uma experiência de projetos de armas há anos. Mas você... você tem um dom. Além da sua inteligência e sagacidade, a mesma de seu pai, você tem um talento extraordinário em manipular os tecidos e uma habilidade peculiar de conseguir se disfarçar.

– Se vocês só queriam a mim e ao Yaacov, por que vocês sequestraram minha tia? Por que não a deixaram em paz?

– Giselda foi só uma garantia de que vocês dois iam aceitar a nossa proposta. Assim como o seu amiguinho ali. – Torres apontou para Tomaz.

– Vocês não prestam! O que vão fazer com essa roupa?

– Bom... com essa roupa finalizada, podemos então firmar o nosso acordo com a Venezuela.

– Eu avisei o Coronel León. Ele já pegou o avião em Caracas e logo estará aqui. – comunicou Pedro ao Torres. – Com os nossos homens usando essa roupa, a Venezuela subirá no seu poderio militar.

– Vocês são os nossos irmãos. Nossos vizinhos, irmãos! Estaremos apoiando o governo do seu presidente. – respondeu Torres, com orgulho.

– Há quantos outros brasileiros apoiando isso?! – perguntou ela, com indignação.

– Autoridades espalhadas por todo o Brasil estão apoiando o governo venezuelano. Claro, mas com acordos distintos. – respondeu Pedro. – Agora que temos o verdadeiro projeto e a roupa, estaremos prontos para fechar o acordo entre as petrolíferas.

– Como assim!? Estão trocando uma arma de guerra por petróleo?!

– A Venezuela é altamente dependente das receitas petrolíferas. O petróleo disponível excedente é exportado para realização de investimentos bélicos. Contudo, esse confronto declarado com os norte-americanos coloca algumas restrições em relação à entrada e saída de materiais bélicos para o meu país. Por isso, pedimos ajuda aos nossos vizinhos para desenvolver um material... uma arma... como essa que você acabou de fazer.

– Vocês me forçaram a fazer isso! Sequestraram a minha tia e... e vocês fizeram o mesmo com o professor Yaacov! Nós não tivemos escolha.

– Vamos acabar logo com isso. Você sabe demais. – disse o Coronel Torres. – André, leve-a até o cozinheiro!

Beatriz deu alguns passos para trás até se encostar contra a bancada, por onde passou uma das mãos, de costas, e alcançou o maçarico atrás dela. Em seguida, apontou-o para André e Pedro, que estavam na sua frente, e apertou o gatilho. O maçarico produziu uma chama comprida e de coloração azulada que pode atingi-los facilmente, fazendo com que Pedro deixasse cair sua arma e André queimasse todo o seu braço direito.

Ela pegou a HK45 rapidamente do chão enquanto usava o maçarico para afastar os outros homens. Colocou a arma na cabeça do Coronel e o ameaçou. Mesmo assim, eles ainda andavam lentamente em sua direção, até o momento em que ela deu dois tiros para o lado.

Beatriz, fazendo o Coronel como refém, conseguiu chegar até Tomaz. Mas antes mesmo dele conseguir se soltar depois que ela queimou as cordas, inesperadamente, todos ouviram uma voz alta e clara vinda de um megafone de dentro do subsolo:

– Polícia! Larguem as armas!

Pedro pegou a arma de André que não podia se movimentar com seu braço queimado e começou a atirar nos policiais. Torres, aproveitando o momento em que Beatriz ficou desatenta, deu um golpe no seu estômago e pegou sua arma para revidar contra a polícia. Beatriz, sentindo muita dor, baixou seu corpo até o chão e encontrou ao seu lado um dos óculos de visão infravermelha. Colocou-o em seu rosto permitindo que visualizasse a localização de Christian.

Depois de ter atirado a queima roupa em alguns policiais, Christian cruzou a sua frente sem perceber. Imediatamente, ela o seguiu e se escondeu atrás dos caixotes espalhados pelo salão. Christian parou de andar e mirou sua P226 para Tomaz há alguns metros de distância. Quando

Beatriz viu onde seu amigo estava, ela correu em direção a ele e se jogou, colocando-se entre os dois.

Beatriz caiu nos braços de Tomaz, baleada. Desesperado, ele não sabia para onde correr no meio daquele fogo cruzado e nem como socorrer sua amiga. Enquanto a colocava no chão para proteger dos tiros, Beatriz levantou seu braço direito com a arma ainda em punho e a mirou entre a cabeça e o peito de Tomaz. Sem entender, ele ficou totalmente parado e um segundo depois, ela atirou em uma distância quase a queima roupa.

Christian, que estava atrás dele, caiu no chão depois de ser atingido com uma bala na cabeça.

– Pegue... pegue o meu óculos...e... – dizia ela, quase sem voz e depois desmaiou.

Tomaz fez o que ela pediu e em seguida pegou a arma que estava na mão dela. Mas quando se levantou do chão, notou que a polícia havia invadido e rendido aqueles homens.

Logo depois entraram os paramédicos. Tomaz gritou ao mesmo tempo em que gesticulava seus braços, chamando por socorro.

Dois paramédicos chegaram a eles rapidamente, carregando uma maca. E então, habilidosamente, socorreram Beatriz, levando-a para fora do prédio.

Aproveitando toda a confusão, Tomaz colocou os óculos infravermelhos e arrastou o corpo de Christian, que estava parcialmente invisível, para trás de grandes caixotes onde pudesse se esconder. Rapidamente, retirou a roupa de Christian, amarrotou-a colocando por debaixo de suas próprias roupas, e saiu correndo de lá utilizando a passagem subterrânea.

Havia helicópteros da polícia e de reportagem, além de viaturas policiais, carros de resgate e ambulância cercando a IQN. De longe, Tomaz

via os paramédicos colocando Beatriz na ambulância e deixando o local em seguida. Ele estava tão preocupado que não podia pensar em mais nada naquele momento, e se sentia culpado pelo o que havia acontecido.

Capítulo Vinte e Três

Beatriz perdeu bastante sangue com o ferimento e foi encaminhada para uma cirurgia de emergência. Pouco tempo depois, Tomaz apareceu no hospital com profundos ferimentos no rosto, chamando a atenção dos enfermeiros, e logo foi atendido. Em seguida, um enfermeiro o levou até uma sala, onde ele podia aguardar notícias da sua amiga. Entretanto, a sua preocupação o deixava bastante inquieto. Saía da sala frequentemente e andava de um lado a outro no corredor tentando, várias vezes, pedir informações para qualquer médico que passava; até que um deles se irritou e ordenou que uma enfermeira lhe desse um calmante. Ele o tomou sem hesitar e, após alguns minutos, sentiu-se mais relaxado. Sentou-se no sofá da sala de espera e, quando estava quase pegando no sono, viu Alex, Túlio e Giselda vindo em sua direção.

– Deus do céu, Tomaz! Você está bem?! Onde está minha sobrinha?! Como ela está?! – perguntou Giselda, apavorada.

– Eu estou bem. Eles me deram um calmante... e... eu ainda não tenho notícias dela. – respondeu ele, sentindo-se um pouco zozno.

– Será que a cirurgia já terminou? – perguntava Giselda, enquanto ia até um balcão onde havia alguns enfermeiros reunidos.

Tomaz, ainda sentado no sofá e se sentindo entorpecido, observou a angústia da tia por querer informações sobre a sobrinha. Virou a cabeça para o lado e viu Alex e Túlio sentados na outra ponta do sofá, com os semblantes cheios de preocupação e sem dizerem uma palavra.

– O que vocês dois estão fazendo aqui? – perguntou Tomaz, estranhando em vê-los no mesmo lugar.

Túlio olhou imediatamente para Alex, sem entender a pergunta.

– Ele ainda não sabe. – disse Alex, em resposta à expressão de Túlio.

– Sara também está aqui?! O que aconteceu com ela? – perguntou pensativo, em seguida, olhou para a porta quando Giselda entrou.

– Beatriz está bem! Vamos! O médico nos deixou entrar! – avisou ela, com um sorriso de felicidade.

Ao mesmo tempo, os três se levantaram do sofá e então Tomaz desconfiou do que estava acontecendo. Seguiram Giselda até o quarto onde Beatriz estava e entraram todos de uma vez, exceto Tomaz que foi barrado na porta pelo médico.

– Antes de você entrar lá... eu gostaria muito de te cumprimentar. – o médico estendeu sua mão. – Você teve muita coragem de lutar com aquele homem, mesmo depois dele ter te espancado. Mas acima de tudo... quero cumprimentá-los pela intrepidez em desvendar toda aquela falcatura.

Apenas ouvindo o que o médico dizia, ainda sem entender muito bem, Tomaz o cumprimentou e em seguida entrou no quarto.

Beatriz estava deitada na cama, com um curativo na altura da costela e recebendo medicamento intravenoso, enquanto conversava com Giselda, Túlio e Alex. Os três estavam com os olhos cheios d'água, sorrindo de felicidade e, ao mesmo tempo, de tranquilidade.

– Bia... – disse Tomaz ao entrar lentamente no quarto.

Nesse momento, os olhos dela brilharam, acompanhando um imenso e contagiante sorriso que se formou em seu rosto. Imediatamente, ele quis abraçá-la, mas foi limitado pelas condições dela, que tinha dificuldades em movimentar seu corpo. Abaixou-se e deu um suave beijo nas costas da mão dela.

– Tom... eu nunca te agradei... – dizia, com a voz baixa.

– Shhh... Bia, não é hora de você se preocupar com isso.

– Você... nossa... sua cara está horrível! – ela debochou, segurando a risada por causa da dor.

– Ela não viu a sua luta com o gigante. – disse Alex, lembrando-se da cena. – Que por sinal... foi muito boa. Quer dizer, você apanhou... mas, a sua cabeçada no nariz dele foi muito boa.

– Como assim... ela não viu a minha luta? E vocês viram?! Eu não entendo. De repente, todo mundo passou a me olhar diferente, a me encarar como se me conhecessem. Agora mesmo, o médico me cumprimentou e sabia dessa briga. O que está acontecendo?!?

Nesse momento, Túlio pegou o controle da televisão do quarto e a ligou.

– Todos viram! É notícia em todos os canais. – respondeu Túlio ao mostrar as imagens para Tomaz.

– Nossa! Mas como que... como isso... – Tomaz ficou admirado.

– Acho que nós devemos explicações a você, querido. Melhor se sentar aqui. – Giselda lhe ofereceu uma cadeira.

– Tia... por favor, conte para ele. – pediu Beatriz com a voz fraca.

– Bem, Tomaz... acho que você deve ter ficado bastante assustado com o incidente ocorrido na sala do professor Raed Khalil. Eu sinto muito por você ter passado por aquilo.

– Eu pensei que aquele incidente tivesse esclarecido metade das coisas que estavam na minha cabeça, mas... eu acho que me enganei. – disse ele, olhando para Alex e Túlio que estavam em pé do outro lado do quarto. – Eu nunca imaginei que a Bia estivesse tão perto de mim... usando um disfarce e se chamando Beth. Depois que a vi retirando a máscara, eu comecei a entender porque a Beth perseguia tanto o professor. Ele estava com os relatórios nos quais Bia e Yaacov trabalharam. Encontrei algo sobre eles quando eu entrei na IQN.

– Você entrou na IQN?! Como?! – Alex ficou surpreso.

– Peguei um uniforme militar no guarda-roupa do porão do seu chalé, Bia. Espero que não fique brava. Guardei-o como um troféu. – Tomaz deu uma breve risada. – Eu coloquei aquele uniforme e tentei me infiltrar na IQN. Mas, na verdade, aqueles homens me usaram como isca, porque achavam que eu saberia onde você estava. Consegui chegar até aquele salão, onde eles fazem as negociações secretas. Lá eu encontrei alguns documentos relativos ao projeto da roupa, além de contratos entre as autoridades militares do nosso governo com o venezuelano.

– Nossa, Tomaz! Ainda bem que eles não fizeram nada com você. – disse Giselda, admirada.

– Eu não sabia muito bem do que se tratava o projeto, mas quando eu li que era sobre uma roupa que tinha capacidade de produzir o efeito do camaleão, eu comecei a me preocupar. Uma roupa dessa... é uma arma, certo?! Uma pessoa usando aquilo... bem... eu pensei que fosse usada para fazer espionagem.

– Bom, até aí você entendeu, Tomaz. É uma roupa que deixa a pessoa invisível a olho nu. – respondeu Alex, sentando-se na cadeira que estava do

seu lado. – Mas... essa roupa pode ter várias finalidades. Na verdade, o acordo que existia era entre os militares do Brasil e da Venezuela.

– O documento assinado que você encontrou na IQN estava relacionado a um acordo entre a petrolífera venezuelana e a brasileira. Em que a Venezuela, além de se tornar o maior exportador de petróleo para o Brasil, entraria com financiamento para a construção da refinaria do nordeste, com participação nos lucros de refino maiores do que a petrolífera brasileira ganharia. – explicou Giselda. – Mas esse acordo não entrou em vigor, até que eles tivessem o protótipo da roupa em mãos.

– Quer dizer que... a roupa era para espionar os acordos entre as estatais petrolíferas?!

– Na verdade, eles iriam usar o dinheiro proveniente do acordo entre as petrolíferas para fechar uma parceria militar e conseguir fabricar esta roupa de alta tecnologia para o exército venezuelano. – concluiu Giselda.

– Hum... eu estou me lembrando de que aquele homem cabeludo da IQN disse algo sobre utilizar o petróleo excedente para investir em armamentos. – disse Tomaz, de cabeça baixa e com o olhar pensativo.

– Exatamente, mas há uma restrição no fluxo de materiais bélicos que foi imposta pelos americanos. Por isso, os militares venezuelanos fizeram um acordo com aqueles que apoiassem o seu governo, ou seja, aqueles canalhas da IQN, e que pudessem fabricar um tipo de armamento sem que houvesse aquela intervenção. – contou Alex.

– Uau! Eles não poderiam ter feito isso. – disse Tomaz, indignado.

– Por isso que Bia, quando teve a oportunidade, queimou a roupa e falsificou os relatórios da IQN. Mas ainda existia a versão original, que Raed Khalil encontrou ao mexer nas coisas de Yaacov. – contou Giselda. – E então, a Bia e eu fomos atrás do original, mas de maneiras diferentes. Ela

estava sendo perseguida por aqueles homens, por isso, disfarçou-se para entrar na faculdade. E eu estava tentando buscar os relatórios através de Khalil.

– Sabia que eu não havia ficado maluco! – disse Tomaz dando uma breve risada. – Tia... não precisava ter corrido de mim!

– Tomaz, querido. Não queríamos tê-lo envolvido nisso. – lamentou Giselda.

– E a Beth... era você o tempo todo, Bia. Quando disse para mim que havia pegado os documentos para denunciar Khalil... você estava se referindo aos relatórios, certo?! E então... você... – Tomaz parou de falar, olhando-a ainda pensativo. – Sara. A aluna de intercâmbio do professor Yaacov Baum. Qual era mesmo o projeto que você fazia com ele, era sobre... síntese orgânica?! Tem certeza?! – perguntou com sarcasmo e deu um sorriso torto.

Beatriz sorriu balançando a cabeça confirmando e todos caíram na risada.

– Como você fez isso? Com que dinheiro? – perguntou ele, tentando entender.

– Foi com o dinheiro desviado da conta da Suíça de Raed Khalil. – Túlio respondeu orgulhoso.

– Como assim!?! – espantou-se.

– Túlio é hacker, Tom. – respondeu Alex.

– Nossa... eu estou surpreso! – disse ele, com os olhos arregalados.

– Eu também. Por essa eu não esperava. – disse Giselda, impressionada com o rapaz.

– Mas... depois disso, porque você fez a roupa, Bia?! Não era só dar um fim naqueles relatórios? – perguntou com certa angústia.

– Eu... eu tinha que me proteger de alguma forma e denunciá-los também. Senão eu não teria sossego. Na verdade, não estava nos meus planos usar aquela roupa para resgatá-lo. – sorriu. – Eu a fiz como uma prova e ia levá-la até a mídia para desmascarar todos eles. Mas você... como sempre... apareceu no meio do meu caminho, não é?! – Beatriz deu uma piscada de olho. – Com a ajuda de Túlio, que entrou nos meios de comunicações, ele pode transmitir ao vivo tudo o que estava acontecendo dentro da IQN. Inclusive a briga entre você e Julius.

– Hum... então é isso. Bom... eu fui espancado, mas eu também tive meus momentos, hein!?

– A briga foi boa. Não precisarei devolver o soco que me deu na praça. – brincou Alex.

– De qualquer forma, nós conseguimos denunciá-los. – disse ela, otimista.

– Veja o noticiário! Agora estão dizendo que a roupa seria vendida para as FARC pelos venezuelanos para combater os americanos! – alertou Túlio olhando para a televisão.

– Iiih... essa briga não vai acabar tão cedo. – opinou Giselda.

– Eu estava acompanhando esse conflito pelos jornais. Pensei que teria alguma relação com o que eu tinha visto na IQN, mas estava tão confuso, nada fazia sentido. – disse Tomaz, lembrando-se de quando pediu o jornal emprestado a Sara. – Por falar nisso... nossa! Agora que eu me toquei! A Sara, ou melhor... Você... tinha um armário cheio de jornais e sempre com o recorte desse tipo de assunto.

– Desculpa Tom... eu não podia falar a verdade para você... quer dizer, não naquele momento. – ela torceu os lábios. – De acordo com o dossiê, o governo venezuelano via nas FARC um aliado nos conflitos com a

Colômbia e, assim, a guerrilha teve oportunidade de obter armas por meio de acordos triangulares com os parceiros comerciais da Venezuela, utilizando as exportações venezuelanas de petróleo.

– Ei! Olha lá você, Bia! Fizeram... fizeram um...retrato falado?! – disse Túlio aumentando o volume da televisão.

– Estamos aqui, ao lado de um dos seguranças da faculdade de química que foi resgatado depois de ter sido amarrado por um dos supostos bandidos da IQN. Ele está insistindo em querer dar um recado para a mulher que viu sair do prédio naquele dia. – disse a repórter.

– Posso? Já posso falar? Tá funcionando? – perguntou ele.

– Sim... fale.

– É... Eu... em primeiro lugar, eu gostaria de pedir desculpas a essa mulher... é... Beatriz, né?! – olhou para a repórter que segurava o microfone. – Pois bem, eu quero dizer que foi um engano meu. Eu fui à polícia para fazer o retrato falado dela, mas eu me enganei, viu! Por favor, moça, você me perdoa? Eu vi tudo o que você fez para denunciar aqueles canalhas. Eles mereciam mesmo. Bom... é isso. Desculpa, viu... é... obrigado... tchau.

– Deus do céu! – Giselda ficou surpresa.

– Que repercussão! Bia... querida, vai sair daqui famosa! – disse Túlio dando um rodopio. – Vou trazer umas roupinhas novas para você se vestir melhor antes de deixar o hospital.

Todos deram uma risada em coro.

– Pessoal... eu poderia conversar com a Bia, por um minuto? – pediu Tomaz.

Enquanto eles deixavam o quarto, Tomaz puxou sua cadeira para perto da cama e se sentou, colocando sua mão direita suavemente em cima da

mão esquerda dela.

– Bia...você foi muito corajosa. Sempre foi. Quando éramos crianças... quem era a primeira pessoa a escalar a parede de seis metros, cheio de roseiras na casa da tia Giselda? – perguntou ele, vendo-a sorrindo. – Lembra-se da vez em que você chegou a dar um pontapé na canela de um menino que estava me azucrinando na escola?! Ele era bem maior do que você. Depois ele veio correndo para te bater e ao invés de você fugir... você deu outro chutão na canela dele. – Tomaz caiu na gargalhada.

– Aquele menino era malvado. Antes dele ter te aborrecido, ele já havia puxado o cabelo de algumas meninas. – contou ela.

– E você tinha que fazer alguma coisa sobre isso, não é!?

– Hum... talvez... só fazia para quem merecia... ou eu gostava... – piscou ela, sorrindo.

– Você e a Giselda sempre fizeram parte da minha família. A Giselda é quase como uma mãe. Ela deu grande apoio a mim e ao meu pai depois que minha mãe faleceu.

– Éramos muito pequenos, mas lembro de que você se trancou por uma semana dentro do quarto. Você não queria falar com ninguém. Seu pai ficou tão preocupado com você, ligou lá em casa, desesperado. Então eu e a tia Giselda fomos até sua casa, mas só algum tempo depois que eu consegui fazê-lo sair de dentro do quarto.

– Sim... me lembro disso. Acho que eu devorei todos os meus doces e biscoitos que estavam escondidos lá dentro. – ele sorriu.

Ficaram alguns segundos em silêncio lembrando-se de alguns momentos da infância.

– Bia... quando a vi, pela última vez no Tradicional Café... toda desesperada, triste, chorando... sem falar coisa com coisa... eu... não sabia

como ajudá-la. Sentia-me muito mal com isso e pensei até que você havia enlouquecido quando disse que a Giselda estava morta. Depois disso você... você desapareceu! Eu tinha que saber o que estava acontecendo.

– Você não podia ter se arriscado assim, Tom!

– Na verdade... você estava perto de mim o tempo todo. Seus disfarces são surpreendentes! Eu nunca imaginei que Beth...ou Sara... ou... você foi mais alguém?! Você mentia para mim o tempo todo...

– Era para te proteger! Mas você também contou umas mentirinhas.

– Como assim?!

– Vai dizer que aquela mulher na foto que eu vi no seu computador... não era nada? – desconfiou.

– Bia! Ela não é minha namorada. E nem vai ser. Aquela foto foi um erro. Mas... e você com Alex?

– Tom... Alex é gay! Sempre foi.

– Eu sei... quer dizer... como assim, “sempre foi”?! Como você o conheceu?

– Ele era meu modelo. Quando eu trabalhava com desfiles para algumas grifes... eu sempre o contratava. Ele é um excelente modelo. Na verdade, o melhor que já conheci. Tornamos amigos e até hoje ele ainda me pede conselhos sobre o que está em alta no mundo *fashion*. Bom, depois disso, ele largou a carreira de modelo e se dedicou aos estudos. Formou-se em química naquela universidade e foi lá que ele conheceu o Túlio. – contou. – Quando você deu um soco nele... fiquei com tanta dó. Ele é forte, tem um corpo escultural, é bonito... mas, Tom... ele não mata nem um inseto. – sorriu. – Mas... você me perguntou de Alex, então... e quanto a Sara?

– Do que está falando?!

– Você gostava dela e não... e não da Beatriz.

– Escute. A Sara... ela tinha um brilho especial, que nunca foi escondido ou reduzido por nenhuma máscara. E foi por esse brilho que eu me apaixonei. Você poderia ser a Sara, a Beth... ser branca, negra, indígena, parda, mulata, cabocla, cafuza. E digo mais, poderia ser árabe, chinesa, egípcia, inglesa, italiana, espanhola, portuguesa, americana, japonesa, mexicana, colombiana... ufa... bem, eu passaria o dia todo aqui dizendo as nacionalidades e etnias de todas as mulheres deste mundo. – brincou.

– Não... por favor. Não faça isso... – segurou em sua mão.

– Um dia você está loira, outro dia está morena... um ano está com o cabelo longo, no outro está com ele curto... uma hora você deixa sua pele mais bronzeada, um dia seu olho é verde como a de Sara, no outro é preto como a de Beth. No final... você é linda por ser quem você é. É linda por querer fazer o bem e lutar por justiça e por aquilo que é o correto. É por essa pessoa que eu tenho tanto afeto e sou apaixonado há anos. – Tomaz se levantou da cadeira e aproximou seu rosto com o dela e, suavemente, seus lábios se tocaram.

– Acho que até hoje você está me devendo um chocolate quente. – disse ela, sorrindo.

– Farei todos os dias, se quiser!

– Hum... com panquecas e geleias? – incrementou.

– ...e tudo que tiver direito.

– Excelente! – exclamou ela. – Tom... estou pensando em umas coisas aqui. Eu preciso conversar um instante com a minha tia. Você poderia chamá-la?

– Claro... não fique tão pensativa assim, Bia. Você está ótima! Eu preciso resolver umas coisas, mas... não se preocupe, estarei de volta

quando tiver alta. – Tomaz lhe deu mais um beijo e saiu do quarto.

Minutos depois, Giselda abriu a porta vagorosamente e sentou-se ao lado da sobrinha.

– Querida, está acordada?

– Tudo o que aconteceu está me tirando o sono. – respondeu ela, pensativa.

– Procure descansar, Bia. O médico informou que se tudo ocorrer bem, em dois dias você sairá daqui.

– Hum... tia...eu preciso te perguntar uma coisa.

– Sim.

– É... sobre o meu pai.

Giselda ficou sem jeito ao mesmo tempo em que seu rosto empalidecia.

– Acho que agora não é o momento, querida. Você está cansada e...

– Tia, por favor! Você sabe que eu não irei sossegar.

Giselda puxou a cadeira para perto da cama, inspirou o ar profundamente e se sentou.

– Diga, Bia. O que gostaria de saber sobre seu pai?

– O que meu pai fazia?

– Tanto sua mãe quanto seu pai eram instrutores de montanhismo, pensei que você soubesse disso. – respondeu ela sem entender a pergunta da sobrinha.

– Sim tia, disso eu sei. O que meu pai fazia, além disso?

– Todos nós, sua mãe, seu pai e eu, administrávamos a empresa de tecidos. Mas logo depois do acidente, eu preferi fechá-la.

– Hum...

– Bom, acho melhor você descansar. Vou apagar a luz deste abajur.

– Espere tia! O Coronel Torres... ele... ele conhecia meu pai! Como?!

– Do que está falando, Beatriz!?

– Como que o Coronel conhecia meu pai?

– Não diga bobagens. Impossível isso ter...

– Não estou dizendo bobagens, tia! O Coronel foi muito claro ao citar o meu pai.

Giselda perdeu a cor completamente.

– Tia... está tudo bem? Tia?! – Beatriz a chamava com preocupação.

– Estou...sim...

Percebendo que sua tia não estava bem, ela apertou o botão ao seu lado e em pouco tempo apareceu uma enfermeira de plantão. Fez os primeiros socorros com Giselda e em seguida chamou o médico para poder examiná-la e medicá-la. Minutos depois, exausta e com o efeito do medicamento, Giselda caiu no sono na poltrona do quarto um pouco antes de Beatriz.

Capítulo Vinte e Quatro

Dois dias se passaram.

O sol ainda estava tímido de manhã, mas isso não tirou as energias de Alex e Túlio que preferiram ficar perto de sua amiga. Logo que estavam chegando próximo ao hospital, Túlio arregalou os olhos.

– Olha isso!

Havia carros e mais carros, de várias emissoras de televisão e de rádio, parados em frente ao hospital, além de algumas pessoas que começaram a se aglomerar junto aos repórteres.

– Ainda bem que eu vim preparado. – disse Túlio mostrando a mochila de Beatriz cheia de roupas. – Ela vai me agradecer por isso.

Depois de um longo período de espera, os dois foram liberados para entrar. Sabendo que ela ia ter alta naquela tarde, Túlio se prontificou em ajeitar o cabelo e lhe maquiar, enquanto Alex escolhia a roupa. Apesar de ser relutante no início, ela não resistiu aos bons gostos dos amigos e acabou deixando-os fazer o que queriam.

Usando um vestido branco com delicadas flores bordadas e uma sandália entrelaçada, Beatriz andou pelo corredor do hospital com o auxílio de Alex até chegar à saída. Com os cabelos soltos, levemente ondulados nas

pontas e cuidadosamente arrumados por Túlio, ela deu o primeiro passo para fora do hospital.

Beatriz estava simples, porém deslumbrante. Repórteres corriam em direção a ela com seus microfones em punho como se fosse uma arma, metralhando-a de perguntas. Havia tantas pessoas ao redor deles, que a polícia teve que ajudá-los a sair de lá. Sem dar nenhum depoimento, ela apenas sorria e sinalizava de forma agradecida. Logo depois, conseguiram chegar até o carro e partiram.

Havia mais de um mês que Giselda não pisava em sua casa. Algumas janelas quebradas e os cômodos bagunçados foram as marcas deixadas pela última vez que estivera lá, antes de ter sido sequestrada pelos homens da IQN.

Enquanto Alex e Túlio levavam Beatriz para o quarto, Giselda andava lentamente pelos cômodos. Entrou no escritório, onde havia a maior desordem, e viu as manchas de sangue na mesa e no chão, tendo lembranças que gostaria de tê-las apagado de sua memória. A briga que ela e Christian tiveram dentro daquele lugar, também a fez recordar do corte no braço após ter usado o castiçal que foi lançado pela janela. Infelizmente, aquelas memórias pareciam ainda mais frescas depois de ter visto várias fotos familiares e inclusive de Yaacov espalhadas pelo chão.

– Dona Giselda, com licença. A Bia está lhe chamando. – disse Alex, batendo duas vezes na porta do escritório.

Ela pegou uma foto que estava escondida na estante e a colocou no bolso de seu casaco, em seguida, subiu as escadas. Quando entrou no

quarto, viu Túlio e sua sobrinha entretidos numa conversa, que para ela não tinha pé nem cabeça.

– ...e então aparecia para mim como se fosse um fantasma. Tinha vez que eu não conseguia me mexer, era como se algo me segurasse. – contava Beatriz.

– Do que é que vocês estão falando? – perguntou Giselda, sem entender.

– Beatriz andou tendo uns sonhos ultimamente e eu, como gosto muito de coisas esotéricas, comecei a analisá-los. – respondeu Túlio, sentando na cama.

– Como eram esses sonhos? – Giselda ficou curiosa.

– Geralmente eu não conseguia movimentar meu corpo direito, sempre tinha algo que me segurava. Depois aparecia um fantasma e todo o lugar que eu estava era incendiado. Eu não tinha forças para fugir e vinha uma espécie de rosto enfumaçado, voando em minha direção como se quisesse me engolir. E então, eu acordava me sentindo cansada, com o coração acelerado... não me sentia bem. – contou ela.

– Nossa Bia! Fantasmas?! – Giselda arregalou os olhos.

– É... quer dizer, era uma mulher. Sempre havia uma mulher de cabelos longos, preto, usando um vestido branco e vindo em minha direção. Vinha no meio das chamas...

– Hum... – Túlio ficou pensativo.

– Diga! – disse ela, curiosa.

– Bem... primeiro, eu... estou com vergonha disso que irei falar. Bia, você me desculpa, mas eu ouvi a conversa que você teve com sua tia aquele dia na sala. – o rosto de Túlio ficou roxo pelo constrangimento. – Depois de tudo isso que vocês duas passaram, acho que estou compreendendo seus sonhos. Você não sabia que a sua tia estava viva, até encontrá-la na sala de

Raed Khalil. Então, até lá, acredito que você se sentiu muito responsável pela morte dela na IQN... e o salão que vocês estavam havia sido incendiado por você mesmo.

– Então... está me dizendo que aquela mulher que eu via nos meus sonhos era a minha tia? Mas... não se parecia com ela.

– Talvez se parecesse com a Angelina, sua mãe, querida.

– Minha mãe? Você me mostrou as fotos dela, tia. Eu não sei... acho que não. – pensou.

– Bom, a sua tia te criou como uma filha, né Bia. E ela, de fato, esteve no incêndio da IQN junto com você. – opinou Alex.

– E também, você disse que no seu sonho, essa mulher vinha em sua direção e você se sentia como se não houvesse forças para mover o seu corpo. Acho que é porque você não tinha mais esperanças em vê-la. – disse Túlio, lembrando-se.

– Hum... mas porque ela lançava aquela fumaça preta, que se transformava em um rosto apavorante em minha direção?

– Isso era o seu medo, Bia. – respondeu Túlio.

– Acho que faz sentido. – disse Alex, ao se lembrar dos sonhos que ela havia contado para ele. – A última vez que você sonhou com isso, você disse que acordou se sentindo mais forte.

– É verdade... – ela disse de maneira pensativa. – Lembro que... neste sonho, quando eu encarei aquele rosto de fumaça, imediatamente, ele sumiu. Aliás... tudo voltou ao normal! – exclamou ela, enxergando mais claramente os eventos. – E... aquela mulher nunca quis me machucar... ela... parecia querer me incentivar!

– Sim... acho que quando Tomaz começou a dizer que havia visto Giselda, você começou a acreditar que sua tia ainda estava viva. – disse

Túlio, dando um breve sorriso.

– Nossa Bia! Que bom que você não desistiu! – brincou Giselda. – Eu ainda estou aqui, viu!? Vivinha. – todos deram uma risada.

– Por falar em Tomaz, onde ele foi parar? – perguntou Túlio, curioso.

– Depois daquele dia no hospital, ele não apareceu mais. – disse Giselda, intrigada.

– Ele me disse que tinha que resolver algumas coisas. Deve ser sobre o Tradicional. – contou Beatriz. – Bem... Desculpe rapazes, mas eu poderia conversar com a minha tia?

Alex e Túlio se entreolharam e saíram do quarto.

– Tia, pode parecer loucura tudo aquilo que Túlio deduziu sobre os sonhos que eu estava tendo, mas de certa forma faz algum sentido. – sorriu.

– Não era para você ter passado por tudo isso. – lamentou.

– Mas aquela mulher... não se parecia nem com você e nem com a minha mãe. – Beatriz persistia na lembrança.

– Esqueça isso, querida. Foi só um sonho.

– Hum... pode ser. Mas uma coisa não foi sonho... o Torres saber sobre meu pai.

– De novo, Bia?!

– O que está acontecendo, tia? Você passou muito mal no hospital depois que contei essa história. – insistiu ela.

Giselda se afligiu. Os olhos começaram a ficar vermelhos e cheios de lágrimas.

– O que há de errado, tia?! Por favor, me conte!

– Querida... eu... – ela começou a enxugar as lágrimas.

– O professor Yaacov não contaria para ninguém e nem por nada nesse mundo onde aqueles relatórios estavam escondidos. Como ele pode confiar

tanto em você, tia? Eu sei que vocês eram amigos, mas acho que não chegava a tal ponto.

– Bia... desde a primeira vez que sua mãe a carregou nos braços, eu nunca a havia visto tão feliz. Seus pais cuidaram e fizeram o melhor que puderam até o dia do acidente nas montanhas. Depois dessa tragédia, eu a segurei em meus braços e jurei a mim mesmo que cuidaria de você como minha filha. Você cresceu e se tornou essa pessoa com o coração de ouro, inteligente, esperta, valente e linda. Eu... nunca pensei que... depois de tanto tempo, uma coisa dessas iria acontecer.

– Que coisa!?

– Os homens da IQN coagiram Yaacov a aceitar o projeto.

– Por quê?! Por que ele!?

– Ele fez isso para... para te proteger.

– Como assim!?

– Eles não sabiam o potencial que você tinha com confecção de roupa, mas quando descobriram, ao invés de te matar... eles a aproveitaram. Eles te encontraram e depois me sequestraram. Ameaçaram tirar a minha vida se você não fizesse o que eles queriam.

– Sim, mas... como eles chegaram até mim pelo Yaacov?!

Giselda retirou a foto do seu bolso e a mostrou.

– Veja...

– Nossa... o professor Yaacov ainda tinha cabelo nessa época.

– Sim... e veja o que ele tem nos braços. – apontou.

– Hum... é o filho dele? – deduziu, ao vê-lo de pé com um bebê nos braços, ao lado de mais cinco pessoas, posando para foto.

– Não, é a filha dele. É você, Beatriz! – desabafou Giselda.

– O... o... o que? – ela ficou chocada.

– E... esta mulher... que está do lado direito dele. É a sua mãe.

– Está me dizendo que... – Beatriz pegou a foto e a trouxe para perto dos seus olhos, tentando enxergar melhor. – Ela... ela sim se parece com a mulher que aparecia em meus sonhos.

– Todos nós, Bia... só queríamos protegê-la, amá-la e fazê-la feliz!

– Por que eles fizeram isso, tia? Por que eles não cuidaram de mim?! – perguntou angustiada.

– Por causa do trabalho do Yaacov.

– O que ele era!?

– Eu não sei, Bia...

– E a minha mãe?!

– Eu não sei muito sobre eles, querida. Quando você chegou para adoção, Yaacov contou que a mulher dele havia morrido e implorou para que nós cuidássemos de você, porque receava que pudesse acontecer o mesmo. Ele nunca entrou em detalhes sobre isso, mas sempre acompanhou o seu crescimento... ele nunca te deixou, Bia.

– Mas e os meus pais... Angelina e Marco...

– Querida, eles te amaram assim que te viram. Angelina não podia ter filhos... e você veio como um anjo na vida de todos nós.

– Tia! – Beatriz tentou abraçar Giselda aos choros.

– Me perdoa, querida. Por te contar tudo isso só agora... me desculpe! Ainda quando estávamos na IQN, no momento em que aconteceu todo aquele incêndio e Yaacov não podia se mover...

– Sim... diga...

– ...Eu nunca irei esquecer as últimas palavras dele, “Cuide da minha querida... já está na hora dela saber a verdade. Diga a ela que sempre a amei!”.

Beatriz abraçou sua tia com força e desabou a chorar.

– Eu te amo, querida.

– Também te amo, tia!

Toc... toc... toc...

– Meniiinas... olha quem apareceu! – disse Túlio, depois de ter batido na porta.

Giselda e Beatriz se viraram e seus olhos brilharam de felicidade.

– Tom!!! – gritou Beatriz.

– Hum... desculpe atrapalhar... cheguei em hora errada?!

– Não, querido... sente-se aqui. – Giselda se levantou da cama. – Acho que vocês dois tem muito que conversarem.

Tomaz deu um grande abraço em Beatriz e perguntou com apreensão:

– Bia, como você está? Por que está toda chorona?

– Estou bem. Está tudo bem...eu... fiquei preocupada com você.

– Bia, eu disse que tinha que resolver algumas coisas...

– Sim, eu sei... mas... – ela parou de falar quando Tomaz lhe mostrou uma pequena caixinha de presente.

– O que é isso? – perguntou curiosa.

– Abra!

– Só tem cinzas aqui... e... esses pedacinhos de pano... ei!! Você... você queimou a roupa?!

– Sim... essa é a prova. Agora ninguém mais vai brigar por isso!

– Obrigada... acho que esse foi o melhor presente que me deu. – brincou ela. – Então quer dizer que ‘resolver algumas coisas’ significa... – Beatriz parou de falar e olhou profundamente nos olhos de Tomaz.

– ...Eu tinha que acabar com aquela roupa, Bia. Você precisava ficar longe daquilo de uma vez por todas! Fiz o que achava que era certo. Por

querer fazer o bem...

– ...a quem se ama. – completou ela, dando-lhe um beijo doce.

Glossário

A

Alaikum Assalaam – Que a paz esteja com você também

Allahu Akbar – Deus é o Maior

Assalámu Alaikum Warahmatulláh – A paz e a misericórdia de Deus estejam convosco

B

Bismi Lahi Ararmani Rahim – Em nome de Deus Clemente
Misericordioso

D

Dishdasha – túnica árabe vestida pelos homens

F

FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

G

Gallo que no canta, algo tiene en la garganta – Galo que não canta, tem algo na garganta

M

Ma'a salama – Adeus

N

Nauaitu ân uçalli fardas'fajr, uájeb qôrbatan ilal'Láh Taála – Tenciono rezar a Oração da Manhã, sendo ela uma obrigação diante de Deus

S

Salaam Aleikum – Que a paz esteja com você

Salat Fajr – Oração da Manhã

Semialarru liman ramidar – Deus ouve àquele que o glorifica

Serveur, mon chocolat chaud – Garçom, meu chocolate quente

Si no puedes vencerlo, únete a él – Se você não pode vencê-lo, junte-se a ele

Subhana Rabbi Alá ua be-ramider – Glorificado é meu Supremo Senhor e em Seu louvor

Subhana Rabbi'l Azím ua be-ramider – Glorificado é meu Magnificante Senhor

Surat Al-Fátiha – Surata de Abertura

T

Tirofijo – em tradução literal, tiro certo. Referente ao guerrilheiro mais velho do mundo, fundador e comandante das FARC, Manuel Marulanda Vélez

Sobre Carolina Matsuo

Carolina Matsuo nasceu na cidade de Mogi das Cruzes em 29 de Agosto e, atualmente, mora em São Paulo. Formou-se em engenharia mecânica pela Unesp e possui mestrado em aerodinâmica e projeto de aeronave não tripulada (VANT) pela Unicamp. *O Sumiço de Beatriz* é a sua obra de estreia.